



**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
NÍVEL DE MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

FERNANDA CRISTINA HISTHER

**O SILÊNCIO CONSTITUTIVO DE SENTIDOS:**  
Uma análise discursiva da série *8 em Istambul*

CASCADEL  
2023

FERNANDA CRISTINA HISTHER

**O SILÊNCIO CONSTITUTIVO DE SENTIDOS:**

Uma análise discursiva da série *8 em Istambul*

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado – área de concentração Linguagem e Sociedade.

Orientador: Profa. Dra Dantielli  
Assumpção Garcia

CASCADEL  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Histher, Fernanda Cristina

O SILÊNCIO CONSTITUTIVO DE SENTIDOS: uma análise discursiva da série 8 em Istambul / Fernanda Cristina Histher; orientadora Dantielli Assumpção Garcia ; coorientador Alexandre Ferrari . -- Cascavel, 2023. 192 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Cascavel ) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

1. Análise de Discurso. 2. Psicanálise . 3. Silenciamento. 4. feminino . I. Garcia , Dantielli Assumpção , orient. II. Ferrari , Alexandre , coorient. III. Título.

FERNANDA CRISTINA HISTHER

**O SILÊNCIO CONSTITUTIVO DE SENTIDOS:**  
*Uma análise discursiva da série 8 em Istambul*

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras - nível de Mestrado - área de concentração Linguagem e Sociedade.

Cascavel, 20 de março de 2023

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Profa. Dra Dantielli Assumpção Garcia  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE  
Cascavel – PR

---

Banca: Profa Dra Lucília Maria Abrahão e Sousa  
Universidade de São Paulo – USP  
Ribeirão Preto - SP

---

Banca: Prof. Dr. Alexandre Ferrari  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE  
Cascavel – PR

## DEDICATÓRIA

*Aos meus amores  
Amanda, Clara, Luigi e Theo  
por ampliarem meu glossário afetivo,  
que entre desdobramentos, palavras e sorrisos nos olhos,  
fazem-me habitar melhor.*

## AGRADECIMENTOS

Devo a escrita desta dissertação aos meus pacientes, esses homens e mulheres que, ao depositarem a confiança em sua análise pessoal e compartilharem comigo seus silêncios, apontaram o caminho de minha pesquisa e o percurso dos meus avanços.

A Dantielli Assumpção Garcia pela amizade e acolhimento, pela coragem em aceitar me conduzir nessa travessia. Agradeço os inúmeros deslocamentos proporcionados pelas suas orientações. Seu apoio e confiança tornaram possível que eu fosse um pouco adiante nos meus limites.

Às amigas:

Thayz Athayde, pelo sotaque mais doce, pela disponibilidade em me auxiliar quando tudo ainda era um projeto!

Neusa Pitta, pelas profundas interlocuções, com quem compartilho meus inúmeros desafios, não só profissionais! Você me inspira!

Cleusa Matos, pelo encontro, pelas inúmeras palavras, por acreditar desde sempre, por me ver e apoiar!

A minha família, por todo amor e paciência nos dias em que a vida pesou. Obrigada por estarem lá quando eu mais precisava, inclusive quando eu não podia estar.

Aos membros da Banca Examinadora:

A Lucília Maria Abrahão e Sousa, por suas pontuações sempre autorais no debate sobre o que pode a Análise de Discurso e a Psicanálise diante de discursos totalitários, pelas observações feitas a esta pesquisa no Exame de Qualificação e pelas tantas outras contribuições que o seu generoso trabalho trouxe para o tema.

A Alexandre Ferrari, minha admiração e agradecimento ao cuidado e atenção em ler meu trabalho e fazer as devidas ponderações com tanta assertividade, sobre o que ainda era possível avançar.

Aos meus pais *in memoriam*, que sempre sorriam ao admirar minha ousadia.

*Que a força do medo que tenho, não me impeça de ver o que anseio. Que a morte de tudo em que acredito não me tape os ouvidos e a boca. Porque metade de mim é o que eu grito, mas outra metade é silêncio...*

*(Oswaldo Montenegro)*

## LISTA DE ABREVIACÕES

**AD** - ANÁLISE DE DISCURSO

**AIE** - APARELHO IDEOLÓGICO DE ESTADO

**AIR** - APARELHO IDEOLÓGICO RELIGIOSO

**ARE** - APARELHO REPRESSOR DE ESTADO

**FD** - FORMAÇÃO DISCURSIVA

**FDs** - FORMAOES DISCURSIVAS

**FI** - FORMAÇÃO IDEOLÓGICA

**GRACIAS** - GRUPO DE ANTROPOLOGIA EM CONTEXTOS ISLÂMICOS

HISTHER, Fernanda Cristina. **O SILÊNCIO CONSTITUTIVO DE SENTIDOS:** uma análise discursiva da série *8 em Istambul*. 2023. 192f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Sociedade). Pós-Graduação em Letras, nível de Mestrado Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2023.

## RESUMO

Esta pesquisa está voltada às formas e significações do silêncio e aos modos como se manifestam o silenciamento nos discursos femininos presente na série muçulmana *8 em Istambul*. O *corpus* compreende recortes de diálogos da referida série, exibida na plataforma Netflix no ano de 2020. O objetivo é identificar e apontar a visibilidade patriarcal nas instituições familiar, religiosa e, cultural predominante em toda a narrativa, bem como descrever o modo que o silenciamento constrói sentidos e efeitos velados de sujeição ao discurso materializado na cultura. Os pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD) fundamentam as concepções abordadas nessa investigação, sob estudos pautados em Orlandi (2007, 2012) e Pêcheux (1997). As contribuições de Althusser (1980) também apoiaram nossa pesquisa, bem como as Freud (1905) e de Lacan (1953), trazendo o inconsciente silenciado a integrar a singularidade dos sujeitos como uma *alteridade* simbólica. No decorrer de nossas análises observamos que a voz feminina é silenciada e sedimentada por discursos já ditos e instituídos socialmente em maior ou menor medida, independentemente da cultura, nesse estudo especificamente, nos dedicamos a ouvir a voz da protagonista da série, Meryem, inserida na cultura muçulmana.

**Palavras-chave:** Silêncio; Análise de Discurso; Psicanálise; Mulher; *8 em Istambul*.

## ABSTRACT

HISTHER, Fernanda Cristina. **THE SILENCE CONSTITUTIVE OF SENSES:** a discursive analysis of the series *8 in Istanbul*. 2023. 121f. Dissertation (Master in Language and society). Graduate in letters, Master's level State University of Western Paraná. 2023.

This research is focused the forms and meanings of silence and to the ways in which silencing is manifested in female discourses present in the Muslim series *8 in Istanbul*. The *corpus* comprises dialogue clippings from the referred series, shown on the Netflix platform in the year 2020. The goal is to identify and point the patriarchal visibility in family, religious, and cultural institutions predominant throughout the narrative, as well as to describe the way that silencing constructs meanings and veiled effects of subjection to the discourse materialized in culture. The theoretical assumptions of Discourse Analysis (DA) underlie the concepts addressed in this research, under studies based on Orlandi (2007, 2012) and Pêcheux (1997). The contributions of Althusser (1980) also supported our research, as well as Freud (1905) and Lacan (1953), bringing the unconscious silenced to integrate the singularity of the subjects as a *otherness* symbolic. In the course of our analyzes we observed that the female voice is silenced and sedimented by discourses already said and socially instituted to a greater or lesser extent, regardless of culture, in this study specifically, we dedicated ourselves to listening to the voice of the protagonist of the series, Meryem, inserted in the Muslim culture.

**Keywords:** Silence. Discourse analysis. Psychoanalysis. Woman. *8 in Istanbul*.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
1 O SILÊNCIO E O SILENCIAMENTO: TEORIAS .....	15
1.1 O SILÊNCIO NO PERCURSO DA ANÁLISE DE DISCURSO.....	15
1.2 O SILÊNCIO NO PERCURSO DA PSICANÁLISE .....	22
<b>2 PISTAS E TRAÇOS DO SILÊNCIO INEXISTENTE .....</b>	<b>28</b>
<b>3 O ESPAÇO FEMININO SILENCIADO PELA MOLDURA DAS FORMAÇÕES SOCIAIS NA CULTURA MUÇULMANA.....</b>	<b>36</b>
<b>4 GESTOS DE INTERPRETAÇÃO DO SILÊNCIO .....</b>	<b>48</b>
<b>5 A MEMÓRIA DISCURSIVA (IN)VALIDA O SILENCIAMENTO.....</b>	<b>55</b>
<b>6 VOZES CULTURAIS E O ASSUJEITAMENTO: ATRAVESSAMENTOS ..</b>	<b>59</b>
<b>7 AO FALHARMOS, NÃO FALHAMOS. AO SILENCIAR, NÃO SILENCIAMOS .....</b>	<b>65</b>
<b>8 A REALIDADE PERMEADA PELA METÁFORA.....</b>	<b>74</b>
<b>9 O APARELHO REPRESSIVO DE ESTADO AUTORIZA A IDEOLOGIA RELIGIOSA.....</b>	<b>79</b>
<b>10 UM CAMINHO PELA AUTONOMIA DISCURSIVA .....</b>	<b>84</b>
<b>11 IRONIA: PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO .....</b>	<b>96</b>
<b>ABRINDO AS CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>110</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>114</b>
Anexo A - Episódio I.....	114
Anexo B - Episódio II .....	124
Anexo C - Episódio III.....	134
Anexo D - Episódio IV .....	145
Anexo E - Episódio V .....	154
Anexo F - Episódio VI.....	162
Anexo G - Episódio VII .....	173
Anexo H - Episódio VIII .....	184

## INTRODUÇÃO

Existe o silêncio. Existem vários silêncios. Existem silenciados e silenciadores. Ouço silêncios em minha atuação clínica diariamente como psicanalista, o que me traz certa inquietude com relação ao silenciamento das palavras, ao silenciamento e aprisionamento de sentimentos. Tenho observado atentamente que, muitas vezes, as palavras ouvidas nas sessões de análise soam como ecos de outras já silenciadas. Percebo que, no contexto clínico, o silenciamento surge como uma amostra de algo muito maior que acontece nas diferentes culturas, quer seja ocidental ou oriental. O não saber como falar ou silenciar em uma sessão de análise diz de um não poder dizer.

Assim, trazer a Psicanálise para o campo epistemológico da Análise de Discurso significa permitir outra concepção de sujeito, um sujeito assujeitado, submetido tanto ao seu próprio inconsciente, quanto às circunstâncias histórico-sociais que o envolvem.

Pensar o silêncio como materialidade discursiva não é tarefa simples, pois, apesar do não dizer em palavras, existe um dizer do silêncio no sentido — podemos, ao tentar descrever os vastos sentidos que o silêncio possui, na busca de um dizer sobre ele, um tanto perder. Neste estudo, pretendemos trazer a luz dois movimentos distintos permeados pelo silêncio. O primeiro, o silêncio existente durante uma sessão de análise que favorece uma escuta clínica, a qual o sujeito ao ocultar palavras revela uma escolha inconsciente na forma de um dizer e, conseqüentemente, deixa a mostra sua singularidade. A Análise de Discurso, doravante AD, por sua vez, revela a dimensão do contexto histórico, como segundo movimento, traduzindo o silêncio como manifestação do sujeito no sentido do submeter, do revelar, do transgredir ou não um dizer. O silêncio, na maioria das vezes, assume o lugar da palavra coibida pelo indizível, mas que está latente nas entrelinhas do discurso, nos seus intervalos e pausas. Assim, vale advertir que, muitas vezes, as palavras empregadas para analisar sobre temas ou questões, abordadas nesta pesquisa, podem assumir múltiplos sentidos, ou ainda, conduzir o leitor para leituras não previsíveis em nosso olhar dissertativo.

Ciente do fenômeno investigativo da pesquisa em linguística que implica um compromisso ético e reflexivo, ancorado no aporte teórico da AD, refletiremos

sobre temas inquietantes como o silêncio e suas significações representado por Meryem (Öykü Karayel), uma personagem fictícia, protagonista de “8 em Istambul” série exibida e produzida pela Netflix em 2020, na cidade de Istambul, Turquia. A escolha do *corpus* desta pesquisa está intrinsecamente voltada à percepção e compreensão da forma como a voz feminina é silenciada em toda a narrativa da série, que totaliza oito episódios, onde o silêncio é retratado, nos diálogos ao longo das cenas e das imagens bucólicas de poucas cores, com personagens despretensiosamente poéticos. Com esse pano de fundo, a série vai construindo um mosaico psicológico e cultural do país. Mesmo sem adentrar diretamente nas demandas sociais de Istambul, as cenas são marcadas por um clima instável, protegido pelo silêncio, nas quais oito personagens principais vivenciam essas emoções de maneira singular. Dentre estes personagens, cinco são mulheres com idade entre 25 e 35 anos e três são homens com idade entre 30 e 40 anos. Selecionamos a personagem principal Meryem nas cenas que envolvem outros personagens, nas quais os diálogos constituem a voz silenciada em meio aos desafios que a personagem encontra em se posicionar como mulher.

Esta pesquisa justifica-se pela sua importância social e ética. Por meio da perspectiva discursiva, desejamos apresentar o silêncio como constitutivo de sentido, possibilitando um olhar para além do sujeito inconsciente dito pela psicanálise, trazendo também o sujeito dito por seu discurso, numa tentativa de apontar que as manifestações evidenciadas em forma do silêncio apresentadas na série *8 em Istambul* (2020) constituem o feminino silenciado predominante em toda a narrativa. Assim, a problematização se dá sob à luz dos pressupostos teóricos da AD de linha francesa com base fundamentada em Pêcheux (1997); Orlandi (2007) e Freud (1905) e Lacan (1953), os quais servem de preâmbulo à visibilidade do silêncio e suas manifestações presente na sociedade contemporânea, e nesta pesquisa essencialmente, a censura da fala. Althusser (1980), em *Aparelhos Ideológicos do Estado*, também aponta direcionamentos específicos aos aparelhos ideológicos religiosos e familiar.

Algumas das questões que abordaremos no decorrer desta pesquisa trazem interrogações sobre as formas e significações do silêncio em recortes delimitados da personagem principal Meryem, e como se manifestam diante das

formações religiosa, social e cultural, favorecendo a produção de um silenciamento feminino, principalmente daquelas cujo desejo se contrapõem aos costumes emoldurados no contexto social. Esse silêncio, presente em toda série, pode ser entendido como forma de resistência e/ou também como uma forma de elaboração psíquica discursiva utilizada pela protagonista?

O objetivo geral, a partir dos pressupostos teóricos da AD, consiste em: identificar a predominância do silêncio na voz feminina existente na série *8 em Istambul* (2020) e apontar a relação entre o silenciamento e o pertencimento religioso e cultural predominante na série. Nesse aspecto, se constituem como objetivos específicos: analisar recortes da série *8 em Istambul* que exemplificam o silenciamento vivenciado pela personagem principal, Meryem, e descrever o modo como este silenciamento constrói sentidos e efeitos velados de sujeição ao seu discurso materializado.

Tendo em vista esse ponto de partida conceitual e introdutório, a metodologia aplicada e seu percurso baseiam-se na reflexão sobre o silêncio e suas significações. A etimologia da palavra *metodologia* reforça a ideia da importância do percurso selecionado. É um neologismo composto por três vocábulos grego: *metà* — “para além de”; *odos* — “caminho”; e *logo* “estudo”. Portanto, compreendendo que metodologia é o conjunto de métodos e procedimentos que norteiam nossa pesquisa.

Assim, o presente texto apresenta-se estruturado por esta introdução procedida por 11 capítulos que trazem transcrições de diálogos selecionados da série *8 em Istambul* e as possíveis interpretações dos recortes selecionados, contextualizando teoricamente o olhar sob a perspectiva teórica da AD e da Psicanálise. Apresentaremos os conceitos de silêncio e silenciamento, gestos de interpretação do silêncio, sujeito, discurso, formação discursiva e formação ideológica. Ou seja, o lugar social que o sujeito ocupa para silenciar, ou discursar, seu deslocamento dos discursos já-ditos e de seus lugares estabelecidos, ou ainda de sua reprodução, trazendo de forma cuidadosa o cenário da cultura muçulmana, que costuma parecer de profundo estranhamento às mulheres de cultura ocidental.

E, ao tecer as considerações finais, sintetizaremos nossas observações sobre as questões propostas e pretensiosamente desenvolvidas, ao mesmo

tempo em que nos propomos a provocar novos olhares em estudiosos ou pesquisadores de outras instâncias clínicas, uma vez que este tema é amplo e não se encerra brevemente em apenas um estudo. Pretendemos também colaborar à pesquisa e à produção científica, cujos objetivos integram o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), bem como provocar outras discussões mais abrangentes no universo acadêmico.

*Ouve-me, ouve o meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa. Capta essa outra coisa de que na verdade falo porque eu mesma não posso.*

*(Clarice Lispector)<sup>1</sup>*

## **1 O SILÊNCIO E O SILENCIAMENTO: TEORIAS**

### **1.1 O SILÊNCIO NO PERCURSO DA ANÁLISE DE DISCURSO**

A Análise de Discurso (AD) nasceu por volta dos anos 1960, na grande área da Linguística, uma disciplina que se faz no entremeio, como um trabalho a ser produzido sobre a noção de ideologia. Uma disciplina não positiva, pois não acumula conhecimentos, uma vez que discute seus pressupostos continuamente. Orlandi (2007b) adverte que o fato delas não acumularem positivamente é parte da forma de sua estruturação: elas se fazem no espaço das relações entre disciplinas, por isso entremeio em relação a outras áreas das Ciências Humanas, como a História, a Sociologia, a Filosofia e a Psicanálise. As concepções da AD de linha francesa, fundamentadas na proposta do pensador francês Pêcheux (1997), desenvolvem questões relacionadas ao marxismo e à psicanálise e centralizam o estudo do discurso em questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito. A AD busca definir o seu campo de atuação e alcançar sua especificidade em um quadro que articula o linguístico e o social. Delimita a linguagem não como um fenômeno estudado em relação a seu sistema interno, mas como discurso, tomando este como prática que provém da formação discursiva, da formação ideológica e das condições de produção de discursos permeados pelo contexto histórico-social.

Eu diria, antes, que a AD é uma espécie de antidisciplina, uma desdisciplina, que vai colocar questões da linguística no campo de sua constituição, interpelando-a pela historicidade que ela

---

<sup>1</sup> Nota: Trecho incompleto do livro "*gua Viva*", de Clarice Lispector.

apaga do mesmo modo que coloca questões para as ciências sociais em seus fundamentos, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam (ORLANDI, 2007b, p. 25).

É Orlandi (2007) que, por meio de sua sólida produção à frente da pesquisa sobre o silêncio na perspectiva do discurso, contribui imensuravelmente para os avanços teóricos no Brasil e no exterior. Inicialmente pretendemos abordar a complexidade da temática do silêncio que se evidencia, inclusive, pelas inúmeras acepções nas quais esse se manifesta. Adentramos no campo da linguística e da psicanálise para olhar o silêncio, em que nos deparamos com a impossibilidade de abarcar a vasta contribuição de autores e suas áreas de atuação. Optamos por iniciar abordando o silêncio como um modo de estar “em silêncio” que segue em paralelo a um modo de “estar no sentido”, na medida em que a significação se forja a partir do contraponto entre significantes e destes com o silêncio. O silêncio aí atribuído se dá a partir de palavras entremeadas de espaços, unidades de significação que somente desenham a ideia por serem cercadas pelo branco do espaço vazio, que nos permite um “respirar”, pausa fundante do campo semântico.

Orlandi (2007) ressalta que é essencialmente a língua e sua relação com a ideologia no domínio do interdiscurso que proporciona à AD conceber o que é e como funciona a ideologia, diferenciando-a da análise de conteúdo e da análise linguística. Pensar o silêncio como materialidade na AD é partir do contraditório. Como coloca Orlandi,

O funcionamento do silêncio atesta o movimento do discurso que se faz na contradição entre “um” e o “múltiplo”, o mesmo e o diferente, entre paráfrase e polissemia. Esse movimento, por sua vez, mostra o movimento contraditório, tanto do sujeito quanto do sentido, fazendo-se no entremeio entre a ilusão de um sentido só (efeito da relação com o interdiscurso) e o equívoco de todos os sentidos (efeitos da relação com a *Lalangue*) (ORLANDI, 2007, p. 17).

Pensar o silêncio como significação, a partir de uma personagem tocante como Meryem, é mergulhar em nuances inconscientes e correr o risco de interpretar a partir do afeto de quem necessita ser aqui cientificamente imparcial. Deste modo, propomos falar do silêncio que significa *em si mesmo*, que produz movimento na produção do sentido, o silêncio como um espaço diferencial que

permite à linguagem significar. No silêncio, o sentido se faz em movimento, permitindo que o sujeito cumpra a relação de sua identidade assim como sua diferença, a palavra segue seu percurso (ORLANDI, 2007, p. 13).

Para Orlandi (2007), o silêncio permite ao sujeito que ele descole do dizer, seguindo diferentes vias sem, no entanto, se desprender de seus sentidos. É o silêncio que permite a experiência sensível da polaridade sujeito/sentido, para que o sujeito se mova nas significações e percorra seus sentidos, sem perder a unidade do sujeito que diz.

É assim que podemos entender o mecanismo da incompletude como constitutiva do sentido e do sujeito. O lugar em que o sujeito “se” significa para significar. O silêncio torna possível esse gesto de interpretação mínimo (e nem por isso pequeno), aquele que nos instala na origem de nós mesmos e de nossos sentidos. Imaginariamente. Aí não interessa se a interpretação fixa ou não fixa, se é engano ou não é. O que importa é saber o que torna possível o gesto da interpretação, o que lhe dá “origem” (ORLANDI, 2007, p. 156).

Nessa esteira, o silêncio apresenta-se como o lugar de sentidos que se fazem fora da representação da palavra, mas estão no imaginário humano, nas tramas do que o sujeito aprende e transforma em fantasia, em imaginação. Orlandi (2007, p. 31) afirma que “o silêncio, mediando as relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem”. O silêncio significa e ressignifica de outras formas, pois não é transparência; ele atua na passagem entre pensamento-palavra-coisa.

Há ainda um outro prisma no qual o silêncio se alia ao silenciamento (ORLANDI, 2007), numa operação que exerce um calar ou uma subtração de sentido. Tal manifestação pode ser identificada em duas camadas: aquilo que não pode ser dito, censurado pelo interdito, aquilo que se supõe dito, implícito. Ressaltamos, que discutir o silêncio por meio dos implícitos não configura em nossa pesquisa como objeto de pesquisa, uma vez que consideramos o direcionamento do silêncio para as políticas do silêncio e do silêncio fundante.

Nessa perspectiva, opera-se, então, com a ideia do que é posto em silêncio ou pressuposto pelo silêncio, o que permite uma aproximação da noção freudiana de recalque, assim como a de uma alienação de base. Adentrando aí

no campo da política do dizer, assim como no da construção da ideologia e da história, inevitáveis a toda formação e produção de sentido.

Nos parece inevitável avançar sobre essas acepções, sem abordar a dimensão do silêncio na qual se move para o campo da impossibilidade de um dizer todo, pleno, o que nos remete à estrutura da incompletude da linguagem. Simultaneamente, *topos da possibilidade* que inaugura o *ser* no dizer de Heidegger (2003). Mesmo que não nos debruçemos com a profundidade merecida sobre sua teoria ontológica, é relevante mencionar que o autor pensa a linguagem como insuficiente para dizer o ser humano, mas o mostrar (dizendo) é o momento em que o mundo do humano se desvela.

A palavra para dizer a palavra não se deixa encontrar em nenhum lugar em que o destino dá aos entes o presente da linguagem nomeadora e inaugural, essa que nomeia que o *ente* é e como o ente brilha e brota (HEIDGGER, 2003, p. 150).

É num estado de suspensão do que ele nomeia de “falatório”, a linguagem normativa, que se torna possível ecoar o apelo da linguagem ela mesma, “a casa do ser” (*ibid.*, 2003, p. 127). É nesse sentido que o autor trabalhará com a dimensão poética da linguagem, aquela que se contrapõe à “norma cinzenta” (*ibid.*, 2003, p. 131), de um dizer que só ouve aquilo que compreende.

A psicanálise como método de análise e interpretação favorece a compreensão das relações humanas, assim como a AD. Pondo em foco o lugar do silêncio na psicanálise bem como na AD, pode-se afirmar que ele não possui um sentido próprio, mas aponta para os múltiplos sentidos. Como destaca Lacan (1953, p. 322), “o silêncio toma todo o seu valor de silêncio, não é simplesmente negativo, mas vale como além da palavra”. O silêncio é um dizer que faz surgir um sentido, a saber, na pausa, nos intervalos, nas reticências. O sentido que se revela no silêncio diz respeito a um contexto, o qual atualiza a história do sujeito. Para a psicanálise, esse contexto é o da análise, no qual o silêncio anuncia o discurso do inconsciente. Freud (1923) realça em suas conferências e ensaios que ele segue um método, cuja metodologia está presente não somente em seus escritos, como também em sua clínica fundada na escuta e nas intervenções junto ao analisando, particularmente quanto à interpretação:

Constituiu um triunfo para a arte interpretativa da psicanálise, conseguir demonstrar que certos atos psíquicos comuns de pessoas normais, para os quais ninguém havia até então buscado apresentar explicação psicológica, deveriam ser considerados sob o mesmo ângulo que os sintomas dos neuróticos, isto é, que tinham um significado, desconhecido do sujeito, mas capaz de ser facilmente descoberto pelos meios analíticos (FREUD, 1920 - 1923, p. 257).

O silêncio é marcante, de maneira tal que a protagonista da série, Meryem, não revela seus sentidos e adoece por silenciá-los. Outra personagem, sua cunhada, Ruhiye (Funda Eryiğit), apresenta sintomas depressivos por se sentir reprimida emocionalmente. Apesar de sua relevância ao tema, Ruhiye não será objeto de estudo nesta pesquisa, não porque sua atuação seja desimportante, mas por questões de delimitação de espaço e tempo em nosso trabalho.

O enredo espelha o clima emocional decorrente da situação cultural que se passa numa Turquia polarizada culturalmente, marcada por uma dualidade entre a tradição religiosa conservadora e as contemporâneas, a qual tenta trazer mudanças em diversos contextos, principalmente nas questões femininas. A série desliza por um drama lento e tocante que deve ser apreciado aos poucos, sentindo as nuances femininas que vão aparecendo na condução de todas as cenas. A trama convoca a reflexão sobre a inscrição do desejo feminino e o lugar de silenciamento instituído à mulher diante a imposições predominantemente patriarcais que na série são representadas pela cultura Islâmica. Atentos aqui, a nos distanciar de qualquer conotação que suponha um julgamento à cultura Islâmica, uma vez que compreendemos a cultura como uma construção histórica, religiosa, ideológica assim como existente em qualquer outro país, inclusive ocidentais. Entendemos que Meryem é uma mulher silenciada na série, no entanto, percebemos que há muitas “Meryems” também silenciadas, quer seja em países ocidentais ou não. Na maioria das vezes, as personagens femininas ficam expostas à angustiante impossibilidade de se inscrever enquanto sujeito de desejo, permeadas pelo não poder dizer, um calar-se constantemente diante do que desejam, contudo, fora da linguagem não é o mesmo que fora do sentido (ORLANDI, 2007, p. 12).

Na série *8 em Istanbul* também é possível observar que personagens masculinos — por exemplo Hodja e Yasin — não são hostilizados por

pertencimento de classe ou gênero. O recente estudo realizado por um grupo de pesquisadores no Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos (Gracias), coordenado pela docente da USP Francirosy C. Barbosa (2022) no Departamento de Psicologia de Ribeirão Preto, colabora com esta pesquisa. Neste estudo, o primeiro Relatório sobre Islamofobia no Brasil, salienta-se que:

Os dados deixam entrever, as violências sofridas por homens nascidos e revertidos acontecem em sua maioria na rua, muitas vezes devido à roupa que usam, seguido do ambiente de trabalho, universidade e em sua casa após a reversão. Essas violências são em sua maioria verbal e moral. Chama atenção que muçulmanos revertidos sofrem algum tipo de constrangimento em sua residência por conta da sua aceitação ao Islam, o que demonstra desde o desconhecimento da religião por parte da família até um conhecimento enviesado que encara nos muçulmanos um Outro com o qual não há espaço para contemporização, cabendo apenas a recusa e, em casos extremos, a eliminação (BARBOSA, 2022, p. 29).

Barbosa (2022) reitera que, no Brasil, os homens muçulmanos passaram a ser vistos com olhares inadequados por parte da população, seja pela religião ou pela vestimenta característica. Carregam estigmas construídos a partir dos episódios terroristas de 11 de setembro de 2001, ocorridos em Nova Iorque, nos Estados Unidos, e, de alguma forma, as populações muçulmanas se tornaram passíveis de serem ofendidas independentemente do ambiente onde estejam. Tais violências são feitas de forma verbal, principalmente, mas também de forma física e moral. A autora lista alguns comentários de homens muçulmanos, sejam eles nascidos, sejam eles revertidos, que sofreram algum tipo de violência decorrente da religião, os lugares onde ocorram a violência e também a relação que o preconceito tem com o indivíduo de acordo com a sua percepção. Alguns tópicos listados são:

I) Agressões que remetem à agressão verbal: que envolvem comentários preconceituosos de implícita e explícita, seja pela própria família em algum evento festivo, seja em lugares públicos com pessoas desconhecidas; II) Reversão: violência a todos aqueles que antes não eram muçulmanos e, por decisão própria, decidiram se reverter ao Islam; III) Ser árabe: que remetem às dificuldades de ter aparência árabe em um país majoritariamente cristão; IV) Terrorismo/alteridade: relação do indivíduo ao terrorismo e o não respeito à natureza do outro; V) Hijab/taqiya: violência com a vestimenta característica das populações muçulmanas; VI) Espaço público: toda violência

exercida em lugares públicos; VII) Discriminação no trabalho: dificuldades encontradas no mercado de trabalho e nas áreas profissionais por parte dos praticantes do Islam; VIII) Academia/universidade: diferentes tipos de violências nos espaços acadêmicos ou relacionados à universidade (BARBOSA, 2022, p. 29).

Ressaltamos que as ofensas apontadas no I Relatório de Islamofobia, sob coordenação da pesquisadora Barbosa (2022), não são observadas na série *8 em Istanbul*, e não constituem objeto neste estudo, no entanto, considero relevante apontar que os homens muçulmanos também sofrem algum tipo de preconceito ou silenciamento. De acordo com o relatório, é interessante observar que quando se trata de violência de gênero, as interpretações estão sempre atreladas à religião e não necessariamente ao machismo estrutural, ao patriarcado que há em todas as sociedades, independentemente da religião ou da cultura, etc.

Barbosa (2022) ressalta que no Brasil, tudo aquilo que se difere dos padrões europeus e norte-americanos é visto com olhares inadequados por parte da população, quer seja pela religião, quer seja pela vestimenta característica (*ibid.*). De modo geral, as mulheres são o principal alvo de discriminações, principalmente se estas fazem uso hijab, ou qualquer outra vestimenta que as identifique como muçulmanas, ou ainda, o sobrenome de origem árabe. O relatório aponta que a maioria das mulheres preferem fazer uso das vestimentas islâmicas somente em rituais religiosos, como ir à mesquita, ou durante as orações, uma vez que temem sofrer discriminações e/ou ataques preconceituosos, tanto em locais públicos, como privados.

As mulheres muçulmanas relatam que passam pelas seguintes agressões:

I) Agressões implícitas/disfarçadas: onde encontram-se principalmente agressões encobertas, como piadas e questionamentos sobre a religião, invalidando-a; II) Agressões verbais: que envolvem ofensas e xingamentos proferidos à pessoa muçulmana; III) Ameaças e agressões físicas: em que as pessoas relataram terem sido agredidas, em lugares públicos, devido à religião; IV) Assédio sexual: em que as mulheres relatam terem sido fetichizadas pelo uso do lenço (hijab), por exemplo; V) Agressões relacionadas ao uso do véu: onde são relatadas violências relacionadas às vestimentas das mulheres muçulmanas, muitas delas ocorrendo em espaços

públicos; VI) Agressões por parte da família: que versa sobre as experiências das muçulmanas no seio familiar, havendo relatos principalmente de mulheres revertidas contando que, em muitos casos, seus familiares não aceitam sua reversão; VII) Agressões no ambiente de trabalho e/ou ambiente acadêmico: em que as mulheres relatam violências vividas nesses ambientes, sendo estas de diversos tipos; VIII) Xenofobia: em que as mulheres muçulmanas foram tratadas como estrangeiras, mesmo aquelas nascidas no Brasil; e IX) Experiências na religião: em que as mulheres falam de modo geral como se sentem sendo muçulmanas em um país como o Brasil (BARBOSA, 2022, p. 65).

Algumas mulheres alegaram que na época em que a situação aconteceu não fizeram nada a respeito judicialmente, porque se sentiam com receio de sofrer represálias, de serem demitidas, de serem expostas demais, medo de não “dar em nada” (*ibid.*, 2022, p. 76) e também a falta de confiança na justiça brasileira, alegando que o custo envolvido no processo seria muito superior aos possíveis ganhos. As mulheres afirmam que o processo costuma ser muito longo e trabalhoso, sendo esse um dentre outros motivos pelos quais não denunciam as violências sofridas.

Finalizando o Relatório, Barbosa (2022) entende que a islamofobia resulta da desinformação alimentada pela grande mídia, devendo ser tratada não no micro, mas em dimensão macrossocial. A autora, todavia, considera fundamental o enfrentamento da islamofobia no Brasil, o qual perpassa vários pontos, não sendo suficiente apenas a realização de uma pesquisa que contextualize essas violências sofridas. No entanto, ressalta que, sem o incentivo à pesquisa acadêmica, não há dados suficientes para saber o que e onde intervir. Para tanto, é necessário que parte da comunidade (islâmica) se sensibilize com o tema, deixando de ter uma relação de negação quanto à islamofobia no Brasil, e que toda ela passe a ajudar de forma mais propositiva, principalmente, as pessoas que passam por situações de preconceito.

## 1.2 O SILÊNCIO NO PERCURSO DA PSICANÁLISE

Pensar o silêncio pelo viés psicanalítico é compreender o legado deixado por Freud, consistindo conceitualmente em que o “*eu não é senhor de sua própria casa*” (FREUD, 1917, p. 186). Essa afirmativa freudiana não apenas lança a ideia da existência do inconsciente como o concebe como a principal

instância psíquica, sempre em conflito com a consciência, por conta das escassas informações e do difícil acesso ao que acontece inconscientemente na mente humana.

É mediante a noção da existência do inconsciente que Freud (1917), com os avanços de seus estudos, vem demonstrar que por trás dos pensamentos conscientes existem marcas inconscientes que motivam escolhas cotidianas e justificam nossas ações. É possível que o que fora reprimido seja acessado, por meio da análise pessoal num *setting* analítico, quando os conteúdos inconscientes surgirem nos sonhos, nos chistes, nos atos falhos e também na associação livre da fala do paciente.

Essas aparições que “surgem” de forma inconsciente no cotidiano das pessoas perdem seu aspecto patológico quando lemos em *Das Unheimlich* — tradução mais literal *O infamiliar* (FREUD, 2019) — que uma espécie de estranho-familiar nos habita. Esse *infamiliar* não cessa de (não) traduzir diz respeito ao “aterrorizante, ao que suscita angústia e horror” (*ibid.*, 2019, p. 45), passando o inconsciente silenciado a integrar a singularidade dos sujeitos como uma *alteridade* simbólica, que se torna parte do próprio psiquismo.

Por seu turno, “inquietante” tem a vantagem de conter o aspecto linguístico da oposição “quieto-inquieto”, que remete ao “apaziguador” em oposição ao que é “perturbador da paz”. Contudo, a questão da “aquiescência versus excitação” não parece ser a tônica da oposição *unheimlich/heimlich*. Nessa palavra escapa-nos também a remissão à ambiguidade entre o que é próprio ou alheio, doméstico ou exterior. Além disso, o texto de Freud tende a destacar como o que produz a maior inquietação ser justamente o *heimlich* (íntimo-secreto), linguisticamente, o aparente oposto de *unheimlich*. Afinal, como escreve Marguerite Duras, “é numa casa que a gente se sente só. Não do lado de fora, mas dentro” (FREUD, 2019, p. 8).

Passamos a partir deste ponto, questionar se seria o aterrorizante estranho aquilo que faz calar? Aquilo que antecede o silêncio, que o faz silêncio, que silencia? Freud (2019) aponta como alteridade radical o silêncio posto em *Das Unheimlich*, uma angústia infantil do estado de desamparo primordial, a estranheza do silêncio conhecido, uma vez que no início é o silêncio e o final também o é. E questiona-se:

[...] de onde vem a *infamiliaridade* do silêncio, do estar sozinho, da escuridão? Esses fatores não sinalizam o papel do perigo da emergência do *infamiliar*, mesmo que se trate das mesmas condições, pelas quais vemos crianças sentirem medo, com a maior frequência? Podemos realmente desprezar por inteiro o fator da incerteza intelectual, ainda que admitamos seu significado para o *infamiliar* na morte? (FREUD, 2019, p. 66).

A resposta a esse estranho-familiar silêncio, segundo Freud (2019), é ligado à angústia infantil, pois esse estranho é o familiar. O estranho é o que toca e revive os resíduos, ainda presentes em nós, de complexos infantis e crenças primitivas (conforme observado historicamente, a angústia infantil ocupa um lugar central na psicanálise). Ele não desaparece por completo na idade adulta, fica latente Freud (1977). Essa “voz do inconsciente é sutil, mas ela não descansa até ser ouvida” (FREUD, 1926-1929 p. 238), vai surgindo ao longo do viver do sujeito.

Diante dessa conceptualização do silêncio feita até aqui, nosso olhar se volta agora para a personagem Meryem e seus desmaios, sintoma que surge sem uma razão fisiológica que justifique, sempre que se depara com o significante “casamento”. Essa resposta que ela apresenta em forma de desmaio é fruto de seu inconsciente, que traz um dizer, um sentido como eco de algo que ela não consegue colocar em palavras.

Lacan, (1953-1954) importante psicanalista que se dedicou a releitura da obra Freudiana, ao longo de seus seminários, vai desenvolvendo seu ensino, trazendo ao longo de um percurso o “silêncio” como sendo algo fundante. É na abertura do *Seminário Livro 1 – Os escritos Técnicos de Freud, 1953-1954* - que Lacan, já no primeiro parágrafo, descreve como necessária a interrupção do silêncio para dar voz ao sentido, citando como exemplo um mestre budista que, segundo a técnica zen, exerce por meio do silêncio uma resistência à presença do outro, na contramão do sistema de ensino (LACAN, 1953-1954, p. 9).

O que inaugura o silêncio, segundo Lacan (1964, p. 31), é justamente a existência do seu oposto. “Onde está o fundo? Será a ausência? Não. A ruptura, a fenda, o traço da abertura faz surgir a ausência — como o grito não se perfila sobre o fundo de silêncio, mas, ao contrário, o faz surgir como silêncio”. É desse modo que o autor desenvolve progressivamente seu pensamento sobre o inconsciente do sujeito, como sendo algo que emerge na presença da palavra.

Se guardarem na mão esta estrutura inicial, vocês se conterão de se livrar a tal ou tal aspecto parcial do que se trata no que concerne ao inconsciente — como, por exemplo, de que é o sujeito, enquanto alienado na sua história, no nível em que a síncope do discurso se conjuga com seu desejo. Vocês verão que, mais radicalmente, é na dimensão de uma sincronia que vocês devem situar o inconsciente — no nível de um ser, mas enquanto pode se portar sobre tudo, isto é, no nível do sujeito da enunciação, enquanto segundo as frases, segundo os modos, se perdendo como se encontrando, e que, numa interjeição, num imperativo, numa invocação, mesmo num desfalecimento, é sempre ele que nos põe seu enigma, e que fala, em suma no nível em que tudo que se expande no inconsciente se difunde, tal o micélium, como diz Freud a propósito do sonho, em torno de um ponto central. Trata-se sempre é do sujeito enquanto que indeterminado (LACAN, 1964, p. 31).

Assim é possível conjecturar a partir do ensino de Lacan que o inconsciente está no silêncio, como uma estrutura primordial, estruturante, sendo que o sujeito assim designado pelo silêncio é “*o sujeito um fato DA linguagem*” (LACAN, 1966-1967, p. 290) seminário 14, um sujeito ao qual é atribuída a função da palavra. Aqui Lacan faz uma distinção entre o calar-se (*tacere*) e o silenciar sobre alguma coisa (*silere*), advertindo, no entanto, que o ato de se calar não libera o sujeito da linguagem, apesar de que a essência do sujeito culmine nesse ato.

Este modo é o ato em que ele se cala. *Tacere* não é *silere*, e, no entanto, se recobrem em uma fronteira obscura. Escrever, como se tem feito, que é vão procurar em meus Escritos qualquer alusão ao silêncio, é uma bobagem. Quando inscrevi a fórmula da pulsão, no alto, à direita do grafo, como S' barrado punção D (a demanda), \$ D, é quando a demanda se cala que a pulsão começa. Mas se eu nada tenho falado do silêncio, é que, justamente, *silere* não é *taceo* (LACAN, 1966-1967, p. 290).

Desta forma, Lacan traça uma crítica a ciência que, segundo ele, “*expulsa*” o sujeito da linguagem, pois, mesmo levando em conta o sujeito, ela o esvazia da linguagem ao criar “suas fórmulas com uma linguagem vazia de sujeito” (LACAN, 1966-1967, p. 291). Sendo justamente, que o sujeito diante do efeito de vazio, no mais espontâneo de sua essência, surge como pura estrutura de linguagem, “*e aí está o sentido da descoberta do inconsciente*” (LACAN, 1966-1967, p. 291). O autor prossegue:

O inconsciente, seu estatuto, que se pode bem dizer científico, já que ele se origina em consequência da ciência, é o sujeito que, rejeitado do simbólico, reaparece no real, aí presentificando o que agora é fato na história da ciência — quero dizer, consumado — aí presentificando seu único suporte, a linguagem mesma. E o sentido da aparição, na ciência, da nova linguística. De que fala a linguagem, ela mesma, quando é assim desarrimada do sujeito, mas, por isto, o representando em seu vazio estrutural, radicalizado? Isto, nós o sabemos. Grosso modo, ela fala (LACAN, 1966-1967, p. 291).

É no tropeço da palavra, na rachadura, no desfalecimento de uma frase pronunciada ou escrita que “*alguma coisa se estatela*”, sai do silêncio, trazendo notícias de que alguma outra coisa quer se realizar, num tempo lógico, de forma intencional. Freud fica encantado por esses fenômenos e, assim, a exploração freudiana encontra o que se passa no inconsciente (LACAN, 1964, p. 30).

Meryem nos seus silêncios traz dizeres em forma de desmaios. Há algo ali, um dizer sobre o que lhe atravessa e faz ecoar um sentido. A busca por entender o sintoma a leva até a doutora Peri (Defne Kayalar), e nessa relação analítica vão surgindo possibilidades de elaboração, de falas, de descobertas sobre seu inconsciente.

O *setting* analítico é um lugar privilegiado onde o analisante poderá entrar em contato com seus conteúdos silenciados de forma inconsciente. Meryem, nossa protagonista, vai se deparando ao longo das sessões de análise com sua consciência delimitada, instituída como princípio não só de idealização, mas de desconhecimento. O trabalho se dá a partir do momento em que ela passa a se centrar, falando nas lacunas daquilo em que, à primeira vista, ela se apresenta como falante

Eu sou aquele que fala, é assim que em análise o sujeito virá a nomear-se. A palavra, em sua função de objeto, faz-se emblema, suporte do jogo identificatório instalado assim desde a primeira sessão. Palavra e escuta, cada termo fazendo-se para o Outro o emblema graças ao qual pode-se, ou acredita-se, reconhecer-se, é por aí que se inicia a partida e que a análise encontra aí seu prazer (LACAN, 1964-1965, p. 317).

É mais adiante no seminário 16 — *De um Outro ao outro* — que Lacan (1968-1969) vai trazendo o silêncio como grito internalizado na dor de quem sofre. É no próprio silêncio que se centra esse “*grito no vazio*” que Freud, segundo Lacan, não consegue caracterizá-lo senão como alguma coisa

absolutamente primária, que ele chama de grito, reconhecido apenas do lado de fora. “É por isso que tal grito não precisa ser emitido para ser um grito”, podendo ser reconhecido no vazio, no silêncio (LACAN, 1968-1969, p. 219).

Meryem, no decorrer de sua narrativa em toda a série, internaliza dizeres, sofre, se angustia, traz sintomas em seu corpo; enfim, não emite nenhum grito, não verbaliza sua dor, não sabe dizer o que dói e por que dói, mas não é capaz de esconder sua angústia e seu desejo de si mesma. Foi com mulheres assim, marcadas por uma sintomatologia de conversão, que Breuer e Freud (1893-1895) se depararam no consultório, e que levou Freud a lançar a pedra fundamental do método e do pensamento psicanalítico, em seus *Estudos sobre a Histeria* (1996). O confronto com o desejo dessas mulheres indicava uma sexualidade que punha em questão o pressuposto de uma essência feminina passiva.

Considerando a vertente científica, Freud foi um dos primeiros a perceber, ou melhor, a escutar a crise ainda inominada que suas pacientes vinham atravessando. A recusa das histéricas em aceitar esta “feminilidade” como modelo de subjetivação e de sexuação o levou a passar grande parte de sua existência imerso em pesquisas que lhe possibilitassem desvendar o mistério da constituição da feminilidade. A protagonista Meryem, representa com seu silenciamento um conjunto de circunstâncias sociais a que as mulheres estão inseridas e subjugadas a uma posição de “feminilidade”, forjada pelo discurso masculino, independentemente da sua constituição cultural. Esta mesma “feminilidade”, que entrou em crise, ainda no século XIX, produziu a histeria como modo dominante de expressão de um sofrimento psíquico. Diante da coerção ao corpo, à sexualidade e à vida, de modo geral, as mulheres encontraram, nos sintomas histéricos, uma forma de dramatizar insatisfações e protestos.

“A histeria é a salvação das mulheres justamente porque é a expressão (possível) da experiência das mulheres” (KEHL, 2008, p.182), é a expressão de um desejo silenciado que não cansa até se fazer ouvir, que não tem parada e que se sustenta no enigma, desde a pergunta inicial de Freud sobre o que quer uma mulher, a psicanálise pôde teorizar sobre o desejo do sujeito.

*Sou mestre na arte de falar em silêncio.  
Toda a minha vida falei calando-me e  
vivi em mim mesmo tragédias inteiras  
sem pronunciar uma palavra.*

*(Fiódor Dotoiévski)*

## 2 PISTAS E TRAÇOS DO SILÊNCIO INEXISTENTE

Orlandi (2007, p. 12) inicia a sua obra sobre as formas do silêncio trazendo as dificuldades de se saber dizer e não-dizer. Para a autora, é interessante saber no primeiro momento que o silêncio possui um determinado sentido de estar, e que nessa concepção até as palavras costumam exalar o silêncio. Assim, historicamente, o silêncio foi posto em uma posição de superveniência como um resíduo de linguagem, com um sentido negativo e passivo. A autora ressalta ainda:

Que o silêncio é uma espécie de “fôlego da significação”. Onde o transmissor da mensagem, tem como foco, fazer um recuo notado de sentidos, e como um uso horizontal da linguagem, desse modo [...] quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio “fala” por elas; elas silenciam (ORLANDI, 2007, p. 14).

Orlandi (2007) explica que, etimologicamente, a palavra silêncio deriva do latim, *silentium*, que significa silêncio, descanso, repouso e quietude. Observa que, “primitivamente, *sileo* não designava propriamente ‘silêncio’, mas ‘tranquilidade’, ausência de movimento ou ruído”. Para os latinos, “emprega-se *sileo* para falar de coisas, de pessoas, e, especialmente, da noite, dos ventos e do mar. *Silentium*, mar profundo. E aí, deparamos com o aspecto fluído e líquido do silêncio” (ORLANDI, 2007, p. 33). À vista disso, vê-se que o silêncio, em nenhuma dessas designações, remete à ausência de som ou à mudez, em vez disso, o silêncio é interpretado como um estado.

Para pensar o silêncio é necessário compreender que “no início é o silêncio, a linguagem vem depois”, como afirma Orlandi (2007, p. 27), e ainda

ela nos revela que “quando o homem, em sua história, percebeu o silêncio como significação, criou a linguagem para retê-lo” consagrando-o como linguagem.

Em Orlandi (2007, p. 12), o sentido do silêncio se abstém de uma diretriz de forma de sentidos, na qual a autora compreende, pautada em uma fala analítica, que o silêncio em si é parte componente do discurso. Nessa fala, a significação ou as significações ofertadas pelo silêncio são capazes de denotar um existencialismo secundário de linguagem que assume um importante papel esférico durante a apresentação discursiva.

No início da série, no episódio I, podemos observar nas primeiras cenas que sons e ruídos falam por si e completam a narrativa, os quais se envolvem com o silêncio preexistente:

*[som do piado, dos pássaros e dos latidos do cachorro]*  
*[som do tráfego da cidade e do transporte público]*  
*[som do elevador e da música ambiente]*  
*[som de passos, de chaves e do barulho da fechadura]*  
*[som de água do chuveiro]*  
*[som mais intenso da água do chuveiro e de um leve zumbido]*  
*[som de louça sendo lavada]*  
*[som de papel]*  
*[som de suspiro, respiração pesada e da personagem desmaiando]*

Em toda a série *8 em Istambul*, o silêncio pode ser explorado de diversas formas, no entanto, não há necessariamente ausência de sons. Muitos ruídos e sons se preservam, como, por exemplo, o som do vento sibilante, sons de animais e aves, som da água em movimento, ruído de carros em trânsito, ruído de porta batendo, vozes de crianças brincando evitando que o silêncio se estabeleça de fato. Assim, o silêncio é dado por meio de um sentido. A sonoplastia enriquece as cenas, no entanto, confunde os seus silêncios ruidosos.

Murray Schafer (2001) — compositor e educador canadense que desde o final da década de 1960 desenvolve pesquisas e ações em torno da temática da paisagem sonora — explica que a sonoplastia enriquece as cenas, no entanto, pode confundir os silêncios ruidosos. De acordo com o autor, a sonoplastia está associada ao desenvolvimento dos sons compatíveis com as ações nas imagens em movimento, por exemplo, sons de passos, de copos tilintando, de portas batendo, do vento nas árvores e assim por diante. A

sonoplastia é responsável por completar as ações dos elementos visuais mostrados nas imagens com os sons correspondentes a estas ações, criando um sincronismo entre imagem e som. O pesquisador chama ainda a atenção para os sons que falam por si ou que complementam a narrativa de filmes ou peças teatrais, os quais denominou de:

Paisagem sonora é um conceito com origem na palavra inglesa “soundscape” e que se caracteriza pelo estudo e análise do universo sonoro que nos rodeia. Uma paisagem sonora é composta pelos diferentes sons que compõem um determinado ambiente, sejam esses sons de origem natural, humana, industrial ou tecnológica (SCHAFFER, 2001, p. 23).

Na maioria das vezes, dependendo do contexto e do decorrer da história, a paisagem sonora é vista como elemento contextualizado culturalmente. A música, por exemplo, pode ser indicadora de uma época, um sintoma de uma sociedade. Da mesma maneira, são as paisagens sonoras. Então, Schafer (2001) ressalta algumas perguntas em seu trabalho: a paisagem sonora é utilizada como recurso narrativo? Ela funciona como recurso expressivo na narrativa? Como ela contribui para o entendimento da história ou para a expressividade da cena? A paisagem sonora fala? O autor responde-as em uma sistematização simplificada. Ele entende que as paisagens sonoras são formadas por sons fundamentais, sinais sonoros e marcas sonoras:

Os sons fundamentais são conformados pela ambientação sonora como um todo, são entendidos como uma massa sonora que preenche o espaço. A ambientação sonora influencia o nosso estado de espírito e está presente em qualquer produção audiovisual narrativa, estejamos cômicos ou não da sua existência. Podem estar associados ao clima e à geografia: água, vento, insetos e animais e preenchem a ambiência. Já os sinais sonoros se apresentam de uma maneira evidente, pois são destacados conscientemente, funcionando como um aviso acústico — um elemento sonoro que sinaliza sobre algo. A marca sonora ou som “arquetípico” se constitui como um som que seja único, singular, peculiar na comunidade, que marque o significado do lugar e o seu contexto (SCHAFFER, 2001, p. 239).

Schafer (2001), ainda complementa e procura esclarecer que o ruído das motos e dos carros passando, o som do rádio, o barulho de crianças brincando na rua, ou na escola, os latidos de cães, os passos de alguém apressado no asfalto, as vozes ouvidas ao longe dos transeuntes, entre outros, são elementos

que giram em torno da história, legitimam e sinalizam o espaço urbano ou rural reconhecível a partir do nosso conhecimento prévio sobre os sons desse tipo de ambiente.

É possível, desta forma, compreender o que afirma Orlandi (2007, p. 27) quando a autora diz, primeiro, que “no início é o silêncio, a linguagem vem depois”, e, na sequência, que “quando o homem, em sua história, percebeu o silêncio como significação, criou a linguagem para retê-lo” consagrando-o como linguagem. Lentamente, somos introduzidos no sentido do silêncio em toda série. Observamos que, nos recortes selecionados para nossas análises, a paisagem sonora completa o silêncio estabelecido momentaneamente, como veremos nas análises subsequentes. Meryem, a personagem a qual aprofundamos nosso olhar sensível e inquietante, destaca-se pelo desejo em ter voz e ser ouvida, mesmo respeitando as normas da cultura muçulmana, ela percebe que a voz feminina é silenciada.

Na coxia, por trás das cortinas, o silêncio inexistente. Múltiplos ruídos e sons se manifestam para sinalizar que o silêncio emite muitos sentidos, quando ouvidos em sua sonoridade. No recorte a seguir, podemos observar a dificuldade de Meryem em compreender o que deveria fazer durante a sessão de psicoterapia. Uma vez que a permissão do falar, culturalmente silenciada, não é algo fácil ou natural, é necessário um esforço para que sua presença diante da doutora Peri faça sentido, sentido esse que, inicialmente, envolve silenciamento. Partiremos da suposição de que a doutora Peri é uma psicóloga-psicanalista, ao considerarmos sua prática clínica não medicamentosa, de escuta do paciente e supervisão do atendimento.

Um outro ponto que será tratado também nesse percurso teórico, se refere à postura em que se tem um prévio contrato ou acordo social, que costumeiramente define como certo o silêncio para alguns, como ocorre também na cultura muçulmana, na qual as mulheres convivem com uma série de restrições de cunho ético e moral.

O nosso imaginário social destinou um lugar subalterno para o silêncio. Há uma ideologia da comunicação, do apagamento do silêncio, muito pronunciada nas sociedades contemporâneas. Isso se expressa pela urgência do dizer e pela multidão de

linguagens a que estamos submetidos no cotidiano (ORLANDI, 2007, p. 35).

Orlandi (2007) pensa na hipótese de que há, na relação com a linguagem, uma progressão histórica do silêncio para a verbalização, o que se reflete não só na prática geral da linguagem como no discurso da ciência. No entanto, o que se quer nesse primeiro momento é aproximar a literatura consultada para as significações do silêncio presente nos estudos da autora.

A seleção desse diálogo inicial entre Meryem e a doutora Peri é de fundamental importância para perceber traços do silêncio. Em sua primeira sessão de atendimento na clínica, ela se sente desconfortável, e a psicanalista procura desconstrair o ambiente para deixá-la confortável. Nessa cena, é evidente que a insegurança de Meryem provoca certa inquietude na doutora Peri, pois a psicanalista observa atentamente os gestos e, principalmente, a vestimenta e o hijab de Maryem.

É importante contextualizar a utilização do hijab (lenço utilizado na cabeça somente por mulheres) na Turquia. Segundo Camara (2007), apesar de fazer parte de um projeto nacional de modernização e “ocidentalização” da Turquia, a não utilização do hijab, na construção de uma nova identidade da mulher turca moderna, educada, política e socialmente ativa, cuja religião não ficasse exposta na esfera pública, e que não deixe de lado os papéis de esposa e mãe, tem encontrado uma resistência insistente. As mudanças implementadas na Nova República ficaram, em sua totalidade, restritas ao meio urbano — no meio rural, os costumes e tradições ligados à religiosidade e ao patriarcado islâmico se mantiveram na vida dos camponeses. Isso explica o fato de Meryem usar hijab, enquanto doutora Peri a olha com certo estranhamento, podendo ser considerado um olhar islamofóbico.

Na sociedade contemporânea turca, como a série mostra, existe uma divisão entre as mulheres: as que usam maquiagem e as que não usam, as que usam hijab e as que não usam, as que usam roupas modernas e as que usam casacos ou roupas longas para cobrir o corpo. Essa inquietude da doutora Peri se justifica, uma vez que ela se considera uma mulher feminista, moderna e contemporânea. Nesse aspecto, tomamos algumas discussões desenvolvidas no decorrer dessa pesquisa estudadas por Ferreira (2007) ao relatar que o corpo

islâmico apresenta certas distinções que podem ser observadas em famílias conservadoras, tais como os modos de rezar, comer, vestir e até mesmo andar. As mulheres muçulmanas, especificamente, devem refinar hábitos e comportamentos em consonância com os princípios religiosos e culturais.

Observaremos o diálogo inicial, na primeira sessão de terapia, entre a doutora Peri e Meryem:

*[Silêncio]*

Meryem — *Eu tenho que fazer alguma coisa?*

Dra. Peri — *Podemos conversar, se quiser... Você quer conversar?*

Meryem — *Sobre o quê?*

Dra. Peri — *Sobre o que você quiser. Pode me falar sobre o que você quiser.*

Meryem — *Até quando?*

Dra. Peri — *Como é que é?*

Meryem — *Eu vou buscar a filha do meu irmão na escola. O 24 passa por aqui?*

Dra. Peri — *O 24?*

Meryem — *O ônibus.*

Dra. Peri — *Eu não sei. Mas, quando você sair do prédio, tem um ponto de ônibus na praça.*

Meryem — *É... eu saltei lá, mas não perguntei. Se o 24 não passar lá, vou ter que ir andando até o Mecidiyeköy.*

*[silêncio]*

Dra. Peri — *É... Ainda tem meia hora até o final da sua sessão. Se você quiser, podemos conversar.*

Meryem — *Sobre o quê?*

Dra. Peri — *Sobre o que quiser, qualquer coisa que lhe venha à cabeça que queira me contar.*

Meryem — *A senhora Nuray lá da emergência lá da Policlínica me examinou, ela é médica. Ela disse que os meus exames estavam muito bons, mas que queria que eu viesse aqui, sabe? Ela me mandou aqui para falar com a senhora, por isso eu vim.*

Dra. Peri — *Ok. Fico feliz que tenha vindo.*

A personagem principal, Meryem, interpreta uma faxineira muçulmana, que, acometida por repetidos desmaios, vai em busca de ajuda médica. Uma vez constatada ausência de causas fisiológicas para os sintomas, ela é encaminhada a uma psicanalista, que propõe uma escuta.

Meryem se sente desconfortável ao vivenciar essa nova experiência de “ter que falar”. No entanto, aos poucos, ela vai se posicionando em palavras soltas, pronunciando-as monossilabicamente, e ao mesmo tempo ouvindo-as. Entre palavras e frases desconexas, consegue estabelecer um curto diálogo,

mas sem vínculo terapêutico. Meryem se movimenta de forma sutil entre o silêncio e as palavras, de maneira crescente e perceptível. Mudança essa, a qual descreveremos no decorrer de diálogos e análises neste estudo. Esse comportamento evolutivo será observado rapidamente, pois terá reflexo em seu convívio familiar, principalmente por seu irmão, Yasin.

Orlandi (2007, p. 26) questiona se o silêncio tem aspecto cultural, e conclui que esse não é o único fator que evidencia o silêncio. As determinações políticas e históricas também são marcantes em sua existência. Meryem deixa transparecer sua fidelidade e compromisso com a tradição muçulmana, a cultura e a religião, enfim, com sua história. Observamos algumas características presentes nesse diálogo inicial. Ela não estava preparada para falar de si, dos desmaios, da vida cotidiana ou até mesmo de suas perspectivas. Suas palavras denotam uma vontade de calar-se, e manter-se passiva diante de tal situação. Consideramos Orlandi (2007) ao afirmar que o silêncio, ou a falta dele, neste recorte específico, tem relação com a origem e a causa da personagem. A autora afirma que, “quando se trata de silêncio, nós não temos marcas formais, temos pistas, traços” (ORLANDI, 2007, p. 30). Podemos dizer que Meryem apresenta muitos traços desse silêncio quando deixa transparecer sua inquietude ao perceber que há espaço para ouvir seu próprio silêncio.

Nesse recorte, a doutora Peri convida-a ao diálogo por duas vezes, em curto espaço de tempo. Insiste que Meryem diga de si, que se coloque em palavras e ouça a si mesma. No entanto, nas duas vezes escuta a mesma frase: “*Falar sobre o quê?*”. Ela transfere sua voz para a doutora Peri, num gesto de ausência de si que, ao mesmo tempo, lhe autoriza a falar por ela. Orlandi (2007, p. 14) explica que o silêncio muda e altera seu percurso, sendo ele um elemento integrado ao discurso. Assim, a psicanalista observa atentamente o olhar disperso de Meryem, respostas e perguntas evasivas, o silêncio sobre seus desmaios, a devolutiva das perguntas, e, obtém como resposta a essa situação um “nada”. Orlandi (2007, p. 31) explica “que esse ‘nada’ se multiplica em sentidos”. Dizendo de outro modo, quanto mais a falta de palavras se instala no discurso de Meryem, mais sentidos se apresentam. Sentidos outros que discutiremos no decorrer de nossas análises na série *8 em Istambul*. Assim sendo, as palavras audíveis preenchem um vazio envolto em palavras outras. O

silêncio insiste , mesmo na tentativa de lhe ocultar por meio da linguagem oral, facial ou corporal. Palavras soltas ou sequenciadas em cadeia sonora deixam transparecer a sutileza do silêncio e, na maioria das vezes, ecoam como traição a quem as profere e revelação para quem as ouve. Meryem deixa transparecer, desde a primeira sessão, que o silêncio inexistente, ele se manifesta, se traduz, se desnuda sob diferentes pistas e traços.

*Nós não somos silenciosas! Nós fomos  
silenciadas*

*(Ministra Cármen Lúcia)*

### **3 O ESPAÇO FEMININO SILENCIADO PELA MOLDURA DAS FORMAÇÕES SOCIAIS NA CULTURA MUÇULMANA**

Istambul, cidade situada na Turquia, é uma grande metrópole moderna que apresenta-se em constante movimento para com suas demandas culturais, acolhendo politicamente movimentos feministas que envolvem a liberdade das mulheres — o direito de estudar, a prevenção de violência, o enfrentamento à discriminação por gênero, a participação na política —, dialogando sobre questões religiosas ao modo de se vestir, por exemplo, usar ou não o hijab, símbolo da defesa da fé, da integridade familiar e da identidade islâmica, assim como sobre certas crenças religiosas.

Há uma dualidade entre pertencer ao mundo contemporâneo e preservar a tradição muçulmana. Nesse aspecto, podemos apontar os trabalhos de Monshipouri (2004), o qual ressalta a preocupação entre mulheres muçulmanas que lutam em manter a integridade de sua cultura, ao mesmo tempo em que se mantêm receptivas a valores, ideias e instituições contemporâneas. O autor destaca que, durante a maior parte do século XX, a questão da identidade islâmica dos países muçulmanos moldou o debate sobre o papel e o status das mulheres. Afirma também que “as mulheres muçulmanas enfrentaram o grande desafio de promover a ‘modernidade’ e de ‘se tornar moderno’, sem no entanto, perder a integridade de sua cultura” (MONSHIPOURI, 2004, p. 195), o que as faz servirem como verdadeiros celeiros de uma memória cultural. Por muito tempo, elas lutaram para manter sua identidade de uma maneira moderna, e o autor considera que entre os “símbolos dessa identidade estão, principalmente, o ‘modo de vestir’ islâmico e uma alternativa ‘ordem social/moral islâmica” (MONSHIPOURI, 2004, p.195).

Ressaltamos que, ao olharmos para Meryem, consideramos sua cultura e suas condições de produção, haja vista que nosso gesto interpretativo provém de uma cultura distinta, de uma cultura ocidental, bem como condição de produção diferente e não nos é coerente julgá-la por pertencimento a sua

identidade muçulmana. Neste sentido, nos aproximamos do olhar de Said (2007) em seus estudos na obra *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, que busca compreender as distintas questões culturais existentes na esfera Ocidental e Oriental. Segundo o autor, o termo nos remete a um “estilo de pensamento baseado numa distinção fundamental feita entre o Oriente e o Ocidente” (SAID, 2007, p. 29). O autor se dedicou a explicar o que significa o orientalismo, não só geográfica, mas também culturalmente. Sua obra não estuda a relação entre o Orientalismo e o Oriente, mas as “visões que o ocidente tem do oriente” (SAID, 2007, p. 31). Assim sendo, compreender e explorar melhor tais concepções no decorrer de nossa pesquisa e análises será de grande valia para evitar produzir um discurso permeado por estereótipos.

Em *Corpos que se entregam: os sentidos de ser muçumano*, Ferreira (2007, p. 311) estuda os hábitos incorporados nessa cultura, os quais apontam que “os sentidos são a porta de entrada para o mundo”. Nessa leitura, a postura apontada pela posição corporal distingue a cultura muçumana das demais, tendo em vista a sensação do corpo, e como ele dentro do silêncio exala a sua real essência.

O corpo islâmico apresenta peculiaridades que devem ser observadas, tais como os modos de rezar, comer e andar moldando o comportamento. Nesse sentido, o universo etnográfico nesta fase permite-me agora, fazer uma reflexão restrita ao corpo e aos sentidos, observando, ainda, que essas elaborações ou transformações modificam as performances (FERREIRA, 2007, p. 316).

Corroborando para esse fato, é possível salientar que, nas comunidades muçulmanas, assim como em diversas comunidades ocidentais, existe uma fluente preponderância de movimento voltado para a submissão de gênero, que coloca a mulher em um cenário privativo da própria liberdade do seu corpo.

Nesse aspecto, podemos apontar os trabalhos de Monshipouri (2004) quando explica:

Nas duas últimas décadas, a tensão entre os regimes políticos e a identidade islâmica tem se intensificado. Na base dessa tensão está o debate sobre o papel e o status das mulheres, que vêm não apenas para fazer exigências, mas também para representar as vastas mudanças sociais que transpiram no mundo muçulmano. Cada vez mais, o lugar das mulheres na

sociedade e na família tem sido o foco principal de potencial mudança nas sociedades muçulmanas. Muito do progresso alcançado pelas mulheres tem ocorrido nos âmbitos legal e político, embora o status individual no direito de família ainda resista à mudança. Isto se dá porque a “família” continua a ocupar um lugar central nas sociedades muçulmanas, tanto cultural como historicamente. A forma de reconciliar a família com o direito das mulheres de agirem contra seus maridos — especialmente em casos de herança, casamento, divórcio, sustento de filhos e direito à reprodução — permanece como uma questão aberta (MONSHIPOURI, 2004, p. 190).

Essa orientação pauta-se principalmente na religiosidade que estigmatiza a autonomia das mulheres, apresentando uma cultura que polemiza o costume do uso da burca, que impõe a vestimenta como algo puro e adequado moralmente. Para Monshipouri (2004, p. 185), a compreensão desse processo implica a liberdade e o “empoderamento” de mulheres, que, ainda presas ao costume do mundo islâmico, se deparam com a impossibilidade política e religiosa de ser livre, bem como com a notoriedade da submissão atribuída ao silêncio.

Em *Corpos em protesto: análise discursiva do movimento FEMEN*, Pereira (2017, p. 97) especifica também que “a crença de que as mulheres são fracas e precisam ser ensinadas pelos homens é o que circula na sociedade”. Nesse intuito, a representação discursiva da mulher muçulmana também é silenciada pela predominância do pensamento patriarcal no país. Assim, a generalização da cultura muçulmana aderente ao silêncio como algo comum representa um caráter ilimitado às suas escolhas, desejos, direitos civis e políticos que simplesmente são considerados apenas para os homens. Daí, tem-se um futuro de incertezas, de aprisionamento da autonomia da liberdade do gênero feminino, em que a mulher é nula para exercer direitos básicos. Algumas regiões, comunidades e famílias se mantêm mais interligadas à religiosidade e às tradições muçulmanas, o que impede a mulher de se colocar de um modo mais autônomo diante da existência do patriarcado. Assim, elas aprendem desde cedo a lidar com o silêncio, entendendo que a cultura do seu país deve prevalecer em todos os sentidos para que ela não seja considerada como impura.

Partindo desse pressuposto, é preciso revelar ao longo de nosso estudo as diferenças interculturais e de que maneira a mulher muçulmana discursa

estando em silêncio. Movimentos do silêncio exercido por elas podem ser observados na análise da série *8 em Istambul* quando, em diversos pontos da narrativa, é possível descrever correlativamente o entendimento de Orlandi (2007) e a comparação da cultura muçulmana, que determina a mulher como um ser limitado às ações do outro.

Importante ressaltar os estudos de Said (2007), quando ele se dedica a explicar que o conceito de Orientalismo surgiu quando se tenta mostrar que a “cultura europeia ganhou força e identidade ao se contrapor com o Oriente, já que as limitações a que se propõe investigar valorizavam as diferenças em detrimentos da semelhanças entre ocidentais e orientais” (SAID, 2007, p. 29). O autor complementa:

Tanto o Oriente como o Ocidente são criações humanas; são entidades geográficas, mas, sobretudo histórico-culturais. Neste sentido, tanto quanto o próprio Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhes deram realidade e presença no e para o Ocidente. Com isso desnatura tanto a ideia de Oriente como também a de Ocidente, apontando-as como construções forjadas socialmente. As representações do Orientalismo na cultura europeia importam no que posso chamar uma consistência discursiva, que não tem apenas história, mas uma presença material (institucional) para mostrar por si mesma. (SAID, 2007, p. 30).

Em suma, Said (2007) explica que há uma ideia Ocidental sobre sistema que opera como as representações, em geral, fazem para determinado fim, segundo uma tendência, num específico cenário histórico, intelectual e até econômico. Para o autor, essas representações têm propósitos, são efetivas a maior parte do tempo, realizam uma ou muitas tarefas, ou seja, as representações são formações ou, como Roland Barthes disse que todas as operações de linguagem, são deformações (SAID, 2007, p. 365). Ressaltamos que, muitas vezes, quer seja em documentos oficiais ou pesquisas científicas, quer seja em posicionamentos pessoais ou comentários no dia a dia de fatos ocorridos em todo o Oriente, nós, ocidentais, podemos ser envolvidos nesses posicionamentos deformados, equivocados e, diante disso, promovermos má interpretação, ou ainda corroborarmos a posições distorcidas da real situação da

mulher muçulmana e de seu posicionamento religioso, familiar e social, desrespeitando-a em sua cultura, de modo geral.

Conforme já citamos, o estudo de Barbosa (2022) trata do Primeiro Relatório sobre Islamofobia no Brasil. A autora constatou a existência de islamofobia, que se configura como “medo do Islam”. Mulheres e homens de diversas idades responderam a um questionário sobre discriminação racial, preconceito religioso e diferenças marcantes entre direitos e deveres entre mulheres e homens muçulmanos.

Barbosa (2022), por ser antropóloga e pesquisadora, pondera que a islamofobia ocorre quando alguém profere em tom de anedota sobre mulher-bomba, sobre ser terrorista por carregar uma mochila sem que saibamos o que há dentro, as vestimentas e o estilo de roupas que as mulheres usam, bem como ao uso da barba dos homens. As atitudes negativas indiscriminadas, as emoções dirigidas ao Islam ou aos muçulmanos são elementos que, se indicados pelos sujeitos que sofrem essas agressões, são sim islamofobia. A autora reitera também que:

Islamofobia acarreta um sentimento de ódio e/ou repúdio em relação aos muçulmanos e à religião islâmica, mas também traz reflexões que estão na base desse sentimento de repúdio; temas que muitas vezes são incluídos em uma perspectiva que projeta tão e simplesmente a “intolerância religiosa”. [...] demonstra com precisão outros pontos que se inter cruzam: questões de classe, raça e gênero, além de proposições que envolvem posicionamentos políticos de direita conservadora e tradicionalista (BARBOSA, 2022, p. 5).

Consideramos importante ressaltar que nesta pesquisa, de maneira geral, não abordamos questões específicas sobre islamofobia, uma vez que Meryem não evidencia sinais de que se sente constrangida, ou discriminada pelo uso de sua vestimenta, pelo hijab em especial, ou ainda por sua religião islâmica. Pelo contrário, ela respeita a cultura e a religião, no entanto, manifesta certa inquietude com relação ao sistema patriarcal e às relações de dominância que o sistema atribui às mulheres muçulmanas. Essa forma de viver não lhe causa estranhamento, esta naturalizado, no entanto o silenciamento a que é acometido seu desejo, lhe trazem sintomas.

Observamos que os desmaios de Meryem podem desvelar uma insatisfação quanto ao seu estado civil, bem como o desejo de encontrar um amor correspondido e legitimar o papel de mulher casada com um marido provedor que lhe assegure proteção. Proteção esta que sua cultura atribui às mulheres casadas, porque enquanto solteiras elas não correspondem ao papel primordial que lhes é reservado: cuidar da família e ter filhos.

Abu-Lughod (2012) nos traz um ponto de vista interessante sobre questões feministas muçulmanas, divergente da visão preconizada pelos não muçulmanos. Ela traça algumas questões com discernimento e enfatiza que:

Quando eu falo em aceitar a diferença, eu não estou supondo que deveríamos nos resignar a ser relativistas culturais que respeitam o que quer que aconteça em outros lugares como sendo “apenas a cultura deles”. Eu já discuti os perigos das explicações “culturais”; as culturas “deles” fazem tanto parte da história e de um mundo interconectado quanto a nossa faz. O que advogo é o trabalho duro envolvido em reconhecer e respeitar as diferenças — precisamente como produtos de diferentes histórias, como expressões de diferentes circunstâncias e como manifestações de desejos diferentemente estruturados. Nós podemos querer a justiça para as mulheres, mas podemos aceitar que pode haver ideias diferentes sobre a justiça e que mulheres diferentes podem querer, ou escolher, futuros diferentes daqueles que vislumbramos como sendo melhores? Nós precisamos considerar que eles possam ser trazidos para a individualidade, por assim dizer, em uma linguagem diferente. (ABU-LUGHOD, 2012, p. 460)

Concomitante a essa ideia, direcionamos nossas análises sobre o silenciamento de Meryem na série *8 em Istambul*. Esse recorte de diálogo entre a doutora Peri e Meryem é a sequência do diálogo anterior (Anexos p. 33) desenvolvido ainda na primeira sessão de análise. Como podemos evidenciar, a doutora Peri continua insistindo em promover uma conversa e tentar traçar o diagnóstico inicial da paciente. A causa pela qual Meryem procurou ajuda decorreu do desconforto de ter passado por alguns desmaios, com causa aparentemente desconhecida. Considerando os resultados satisfatórios de exames fisiológicos, a médica da Policlínica, local em que ela foi atendida inicialmente, sugeriu que Meryem procurasse atendimento psicológico para melhor investigação de seu estado de saúde.

A proposição para descrever esse diálogo está pautada em formações sociais e formações discursivas apresentadas por Pêcheux e Fuchs (1995), bem como a apropriação do espaço feminino, discutida por Beauvoir (1967). Ao considerarmos o contexto social e histórico da cultura muçulmana, percebemos que Meryem sentia-se sufocada por questões emocionais relacionadas às questões matrimoniais. Mulher solteira, e, de acordo com a cultura patriarcal muçulmana, o casamento é condição primordial para as mulheres, ou seja, ela precisava arrumar um marido e se integrar nas normas estabelecidas. Vejamos:

Dra. Peri — *Por que procurou a senhora Nuray na Policlínica? Qual é o problema?*

Meryem — *Por causa desses desmaios.*

Dra. Peri — *Pode me falar um pouco mais sobre isso?*

Meryem — *Bom, eu desmaiei.*

Dra. Peri — *Quando?*

Meryem — *Fomos a Erzincan com os filhos do meu irmão mais velho para o casamento da minha prima. Essa foi a primeira vez que eu desmaiei.*

Dra. Peri — *E quando foi isso?*

Meryem — *Depois do Ramadã<sup>2</sup>.*

Dra. Peri — *Nesse ano?*

Meryem — *Aconteceu outra vez esse ano, na festa de noivado do nosso vizinho. E, uma vez, desmaiei em casa enquanto via TV.*

Dra. Peri — *Lembra o que estava assistindo?*

Meryem — *Estava assistindo Esra Erol.*

Dra. Peri — *O programa sobre casamentos.*

Pêcheux (1997) afirma, ao longo de seus estudos, que o discurso é determinado historicamente, a partir do que chamou de condições de produção determinadas pelos lugares ocupados pelos sujeitos nas diversas formações sociais. Isso quer dizer que, conforme proposto pelo autor, as condições de produção se constituem como relações de força, isto é, o discurso adquire determinado valor conforme o lugar que o sujeito ocupa. Meryem assume a posição de mulher muçulmana, ou seja, a família ocupa um lugar central nas sociedades muçulmanas, tanto cultural como historicamente. A mulher, na grande maioria, assume o papel simbólico de mãe, reprodutora física da nação

---

2. O Ramadã é realizado no novo mês do calendário islâmico, o qual é lunar; por isso, não é celebrado todos os anos em uma mesma data. A duração da cerimônia é de 30 dias aproximadamente, e é obrigatória a todos aqueles que já chegaram à puberdade, com exceção de enfermos, lactantes, gestantes, idosos e mulheres em período menstrual.

e transmissora da cultura, assim, culturalmente, tem papel previsível numa determinada formação discursiva. Raramente lhe é concedido espaço para falar e quando lhe é permitido não se sente confortável, como um “não sabe como fazer/falar” Ela ocupa um lugar social estabelecido na cultura muçulmana. Veladamente, sabe que há uma espécie de hierarquia do discurso, no sentido de que um determinado discurso “vale mais” ou “vale menos” de acordo com o lugar que o sujeito discursa. A personagem da doutora Peri ocupa um lugar estabelecido social e historicamente, a qual conquistou espaço para falar e ouvir, enfim se posicionar numa conjuntura social, também patriarcal. Ela deixa transparecer que é feminista, estudou na Europa, viajou e conhece muitos países e culturas diferentes da sua.

Nesse aspecto, as condições de produção também podem ser entendidas como o contexto em que o discurso é produzido, uma vez que as posições ocupadas por ambas são determinadas historicamente. As mulheres feministas são diferentes em suas posições, dada a sua cultura X ou Y. Abu-Lughod (2012) considera que ao pensarmos nas “feministas” é prudente considerar que “uma das coisas ao pensar nas feministas do Terceiro Mundo e no feminismo em diferentes partes do mundo muçulmano é não cair em polarizações que colocam o feminismo do lado do Ocidente” (ABU-LUGHOD, 2012, p. 463).

Pêcheux e Fuchs (1995) definem formação social como o modo que a sociedade se organiza e como produz em determinada época. A formação social está diretamente ligada às formações ideológicas e discursivas, assim:

As relações de produção são operadas a partir de como os indivíduos são interpelados em sujeitos em uma determinada formação social, haja vista que é nela que vão se materializar as relações de poder, bem como é nela que estão abrigadas as diferentes formações ideológicas. O conflito de forças dentro de uma formação social, em determinado momento, constitui a formação ideológica, que é um “conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras”, ou seja, é um conjunto de ideias, materializadas pela linguagem, que uma classe apresenta sobre o mundo (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 166).

Ressaltamos que à mulher muçulmana, assim como às mulheres ocidentais — mesmo em tempos contemporâneos em que já ocorreram transformações sociais, históricas, políticas e econômicas —, ainda há muitos espaços a conquistar. O acesso ao mercado de trabalho, às universidades, a apropriação de seu corpo e da sua sexualidade ainda são questões polêmicas e, muitas vezes, pouco discutidas em ambientes familiares e religiosos. O feminino e suas novas figurações circulam com intensidade nas produções culturais dessa época, nas obras literárias, no cinema, no campo das artes plásticas, traduzindo todo um movimento que está longe de seu estado final. Beauvoir (1970), em seu livro *O segundo sexo*, traz a mulher como uma construção de si, não devendo ser pré-determinada pela biologia, pela economia, religião ou outras formas de dominação. Segundo a autora:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1970, p. 9).

Beauvoir (1970) analisa fatos sobre a mulher a partir de diversas perspectivas teóricas, como a biológica, a psicanalítica e a histórica, demonstrando como estas áreas, mesmo que não possam definir o que é a mulher, contribuíram para o discurso desta como ser inferior, o negativo do masculino, o outro nas relações. Assim, a mulher foi submetida pelo patriarcado e pela dominação masculina, limitando-a em suas vivências, reduzindo-a a posição de servir ao homem, como mãe e esposa exemplar. E é justamente nesse ponto que o movimento feminista intervém, no sentido de abrir à mulher outras posições na sociedade, aquelas que ela quiser ocupar. Meryem é solteira e ocupa uma posição a qual lhe é atribuída culturalmente pela sociedade muçulmana. Aparentemente, na série *8 em Istambul*, ela apresenta certo desconforto emocional manifestado pelos desmaios, o que pode sugerir que sua posição na estrutura patriarcal está dissonante de seus desejos enquanto mulher.

Reconhecemos que a cultura muçulmana preserva o corpo da mulher, o qual não pode ser exposto. As roupas são basicamente saias longas, casacos

longos cobrindo o corpo, e o hijab cobrindo o pescoço e os cabelos, ou seja, o corpo e a sensualidade feminina são resguardados para preservar a respeitabilidade da mulher. A mulher muçulmana adota essas vestimentas como forma corporal de cultivar a virtude e assegurar sua proteção na esfera pública do assédio de homens estranhos. Meryem precisa encontrar espaço para romper esse aprisionamento emocional, o qual está provocando seu adoecimento, a considerar que os desmaios estão relacionados a causas afetivas, ou melhor dizendo, sentimentais.

Ao relatar para doutora Peri as situações em que os desmaios ocorreram, observa-se que eles estão relacionados a ocasiões que envolveram relacionamento afetivo, ou seja, noivado, casamento e programa televisivo sobre matrimônios. Assim, estabelecemos algumas referências para tentar reconstruir os sentidos possíveis desse cenário.

Segundo Pêcheux e Fuchs (1975), a formação discursiva (FD) indica tudo aquilo que pode e deve ser dito de acordo com o lugar e a posição social, histórica e ideológica ocupada pelo sujeito. As FDs estão em constante diálogo umas com as outras, visto que podem ser aliadas para fortalecer determinados posicionamentos ou contestar o que é defendido por outras. Um mesmo enunciado pode fazer parte de mais de uma FD, mas os sentidos não são necessariamente os mesmos, justamente por depender dos fatores já citados. As palavras “noivado” e “casamento”, para Meryem, podem ecoar como cobrança de um status social “solteira” e “casada”, no entanto, para a doutora Peri é indício de desequilíbrio emocional, mediante os relatos de sua paciente. Neste sentido:

Se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes — todos igualmente “evidentes” — conforme se referam a esta ou aquela formação discursiva, é porque — vamos repetir — uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. De modo correlato, se se admite que as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a uma outra, é necessário também admitir que palavras, expressões e proposições literalmente diferentes podem, no interior de uma formação

discursiva dada, “ter o mesmo sentido” (PÊCHEUX, 1975, p. 161).

Meryem, inserida em uma determinada FD, compreende que alguns sentimentos estão vazios em relação aos eventos sobre noivado e casamento, que ocorreram recentemente em sua vida pessoal. Dizendo de outro modo, não só a situação imediata e recente dos eventos, mas também dos discursos sócio-históricos preservados na cultura patriarcal muçulmana sobre o papel da mulher: encontrar um marido e assumir os compromissos idealizados para o matrimônio, cumprindo assim uma posição preservada pela cultura muçulmana.

Destacamos outra cena de diálogo:

*Dra. Peri — É... Ainda tem meia hora até o final da sua sessão. Se você quiser, podemos conversar.*  
*Meryem — Sobre o quê?*  
*Dra. Peri — Sobre o que quiser, qualquer coisa que lhe venha à cabeça que queira me contar.*  
*Meryem — A senhora Nuray lá da emergência lá da Policlínica me examinou, ela é médica. Ela disse que os meus exames estavam muito bons, mas que queria que eu viesse aqui, sabe? Ela me mandou aqui para falar com a senhora, por isso eu vim.*  
*Dra. Peri — Ok. Fico feliz que tenha vindo.*  
*Meryem? — É um prazer estar aqui.*  
*Dra. Peri — Meryem... É um belo nome.*  
*Meryem — É a mãe de Jesus, da Virgem Maria. Significa “verdadeira crente”.*  
*Dra. Peri — É um nome muito bonito.*  
*Meryem — É claro. Se o 24 não passar, posso pegar o micro-ônibus na rua de baixo.*  
 (//)  
 [Silêncio].

Observa-se nesse recorte de diálogo o resultado do assujeitamento que Meryem vive, ela não se sente autorizada a falar, mesmo quando convidada a expressar sentimentos, ela muda de assunto e quer encerrar o diálogo.

O discurso também é determinado historicamente, segundo Pêcheux (1975), a partir do que chamou de condições de produção. A noção de condições de produção, conforme Gadet, Pêcheux. (2010), foi emprestada da teoria de Althusser que, por sua vez, a importou do âmbito dos estudos sobre economia. As condições de produção são determinadas pelos lugares ocupados pelos sujeitos nas diversas formações sociais.

Isso quer dizer que, conforme o proposto por Pêcheux (1975), as condições de produção se constituem como relações de força, isto é, o discurso adquire determinado valor conforme o lugar que o sujeito ocupa. Meryem assume sua posição de dependência numa determinada formação discursiva e imaginária. A voz raramente lhe é concedida e quando lhe é permitido falar não se sente confortável. Intimamente, ela considera que há uma espécie de hierarquia do discurso, no sentido de que um determinado discurso “vale mais” ou “vale menos”, de acordo com o lugar de onde o sujeito o enuncia. A doutora Peri ocupa um lugar estabelecido social e cultural, o qual lhe autoriza falar e ouvir. Nesse aspecto, as condições de produção também podem ser entendidas como o contexto em que o discurso é produzido, uma vez que as posições ocupadas por ambas foram determinadas historicamente.

O contexto cultural reservado ao espaço feminino que Meryem vive pode ser considerado resultado das formações sociais advindas de muitas outras formações: família, religião, ideologia e todas essas formações convergem para um ponto central: apropriar a voz e o corpo para silenciá-los e manter a integridade da mulher muçulmana em consonância com a cultura de seu país. O silêncio não emoldura silêncios outros, ele é a própria obra prima a ser valorizada e interpretada.

*Não espere que explique os meus  
silêncios após tanto ignorar a minha voz.*

*(Saulo Pessato)*

#### **4 GESTOS DE INTERPRETAÇÃO DO SILÊNCIO**

A linguagem tem relação necessária com a produção de sentidos e a interpretação que dispensamos a esses sentidos, pois não há sentido sem interpretação. Orlandi (2007b, p. 10) afirma que não podemos evitar a interpretação ou mesmo desprezá-la, uma vez que este é um gesto contínuo e tem relação com o simbólico. A autora afirma que:

Há inúmeras direções, em múltiplos planos significantes. Diferentes versões de um texto, diferentes formulações constituem novos produtos significativos. Nossa questão é então: o que muda nas diferentes versões? É só uma explicitação do que lá já estava? São os seus possíveis? O que é uma outra formulação? O que é colocar-se em um final outro? Ou outra direção? (ORLANDI, 2007b, p.14).

Orlandi (2007b) explica também que a materialidade pode caracterizar-se em diferentes tipos de textos: midiático, televisivo, artístico, impresso, entre outros, e corresponde a diferentes gestos de interpretação, compromisso com diferentes posições do sujeito com diferentes formações discursivas, distintos recortes de memória e distintas relações com a exterioridade. No entanto, a autora reforça que o gesto de interpretação não pode se realizar fora do contexto social e histórico. E complementa:

O gesto de interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. É o lugar próprio da ideologia e é materializada pela história. Esta, finalmente, é uma característica importante da interpretação. Ela sempre se dá de algum lugar da história e da sociedade e tem uma direção, que é o que chamamos de política (ORLANDI, 2007b, p. 18).

A partir dessas considerações, Orlandi (2007b) insiste, ao dizer que o gesto interpretativo — perceptivo ou não para o sujeito e/ou para seus interlocutores — decide a direção dos sentidos, bem como a dos sujeitos. Em meio a essas discussões, a autora reflete sobre a possibilidade de “a

interpretação encontrar o espaço da possível falha, do deslize, da ambiguidade, da ideologia, uma vez que não dá para regulamentar o uso dos sentidos, mas pelo menos se tenta” (ORLANDI, 2007b, p. 97). A autora explica que esses “diferentes gestos de interpretação são resultados da inscrição do sujeito em diferentes formações discursivas, e que não é algo preciso e delimitado, ao contrário, é tenso e contraditório” (*ibid.*, 2007b, p. 123).

Ampliando esses conceitos, a autora discute ainda outra questão relevante que diz respeito às instituições aparelhadas pela ideologia para ler, falar e escrever, bem como dividir em intérpretes e autores dos gestos repetitivos que impõem aos sujeitos seu apagamento — ou seja, sujeitos que repetem incansavelmente gestos de interpretação que os inviabilizam diante da institucionalização. Instituições essas representadas pelo poder da igreja, do estado, da empresa, da escola, da família, no qual encontramos a divisão do trabalho de interpretação distribuído pelas diferentes posições dos sujeitos: o padre, o pastor, o professor, o gerente, o médico, o marido etc. Dizendo de outro modo, “os sentidos não estão soltos, eles são administrados” (ORLANDI, 2007b, p. 96).

Direcionaremos nossas discussões no recorte a seguir e discorreremos um pouco mais sobre as possibilidades dos gestos de interpretação que ocorrem entre a psicanalista Dra Peri e Meryem. Orlandi (2007b, p. 135) explica, a partir de uma citação do trabalho de Rodrigues (1994), que no pensamento religioso a interpretação está fora da constituição do sentido. Exemplificando melhor: no pensamento religioso, os sentidos são dados por Deus, por meio de revelações a sujeitos autorizados (papa, padre, pastores e, particularmente em nossa pesquisa, ao hodja) que devem representar fielmente a palavra divina (Deus; aqui, especificamente, Alá). A instituição religiosa administra os sentidos e estabelece dogmas aos quais os sujeitos devem se assujeitar, de modo que uma “interpretação com sentidos outros é heresia” (ORLANDI, 2007b, p. 135).

O diálogo entre a Dra Peri e Meryem ocorre no episódio I, e procuramos conduzir nossa análise aos gestos interpretativos de cada uma delas. Ambas apresentam olhares distintos para o ato de interpretar e compreender a linguagem e sua relação com o silêncio. Orlandi (2007b), em sua obra *Interpretação*, discorre sobre os diferentes gestos de interpretação, uma vez que

há diferentes formas de linguagem, bem como distintas instituições reguladoras que autorizam ou desautorizam os sentidos interpretados.

Vejamos:

Dra. Peri — *Meryem, por acaso você já falou com seu hodja sobre seus desmaios?*

Meryem — *Claro, foi a primeira coisa que fizemos. Nós o procuramos. Meu irmão me levou quando eu desmaiei na festa de noivado do nosso vizinho, ele ficou preocupado. O hodja disse pra ele me levar ao médico. Então, fomos a um hospital estadual.*

[...]

Meryem — *Que horas são? O meu celular tá com pouca bateria e eu não quero me atrasar. Tenho que buscar a filha do meu irmão na escola, não posso deixar a criança esperando no portão.*

Dra. Peri — *Ainda temos tempo, Meryem... Mas, se você quiser, pode sair mais cedo. Podemos conversar semana que vem.*

Meryem — *Como assim semana que vem?*

Dra. Peri — *Vamos nos reencontrar semana que vem, ok? Por enquanto, eu não vejo necessidade pra prescrever um remédio, mas gostaria que continuasse a terapia. Pode vir toda terça nesse horário, se você quiser.*

Meryem — *[suspiro surpreso] Bom, por enquanto, eu não posso garantir nada, agora é com o destino.*

Dra. Peri — *É claro, primeiro você vai falar com o seu hodja, não é?*

Meryem — *Sim, eu vou falar com ele.*

Dra. Peri — *Hmm... Escuta, Meryem, você sabe o que é melhor pra você e deve fazer o que lhe deixa à vontade, mas... eu tenho um pedido a fazer.*

Meryem — *É claro, sim, senhora, eu faço o que pedir.*

Dra. Peri — *Quando falar com seu hodja... Eu te perguntei algumas vezes quem era o senhor Sinan, mas... parece que você não fica à vontade ao falar sobre isso, mas não tem pressa. Espero que venha semana que vem, gostaria muito de conversar com você de novo, ouvi-la de novo. Mas, se você quiser, antes de discutirmos esse assunto, não fale nada com seu hodja, o que você acha?*

Meryem — *Que assunto?*

Dra. Peri — *Estou pedindo para não falar com seu hodja sobre o senhor Sinan. Como eu disse, nós não temos pressa, mas, quando quiser falar sobre isso, falaremos. Fica entre nós duas, por enquanto. Hã? O que você acha?*

Meryem — *Não... É que... Não tem assunto, a senhora entendeu errado. Quando a senhora bebeu café, me veio à mente... e eu mencionei. Não tem nada para falar com meu hodja. A senhora entendeu errado. Em nome de Alá, o que é isso? Me diga a senhora. Eu só tenho o primário, sou ignorante, somos de uma área rural, nosso lugar não é aqui. Mas a senhora é bem educada e experiente. [...] Eu sei o que dizer pro nosso hodja, a senhora não se preocupe. Só porque mencionei o senhor Sinan,*

*a senhora me perguntou várias vezes, me deixando constrangida.*

Orlandi (2007b, p. 51), ao discutir sobre os gestos de interpretação, faz alguns questionamentos: gestos de interpretação? Que formações discursivas estão aí em jogo? Mesmo sem o saber, por que o sujeito imprime esta e não aquela direção à argumentação? De que natureza são seus argumentos? A autora provoca esses questionamentos para que todo pesquisador, de modo abrangente, não se mantenha reducionista aos seus valores, a sua própria ideologia e a sua própria memória discursiva. Ela convida todo pesquisador a se distanciar de seus paradigmas e até mesmo romper com eles, procurando novos olhares para as mesmas questões. Nesse recorte observamos que a doutora Peri não compactua com as regras normalizadas em seu país quanto a posição social e familiar ocupada pelas mulheres muçulmanas, bem como seus hábitos e crenças, no entanto, Meryem aceita todas essas normas com certa tranquilidade. Ela demonstra respeito aos dogmas religiosos representados pelo hodja, aceita também sua condição de mulher subserviente aos padrões muçulmanos. A doutora Peri e Meryem estão inscritas em diferentes memórias discursivas.

Destacamos que a psicanalista procura desestabilizar Meryem de um lugar que lhe foi instituído historicamente, ou seja, numa cultura tradicional patriarcal e religiosa, a qual a mulher se mantém comprometida aos dogmas inquestionáveis. Nesse aspecto, Abu-Lughod (2012) considera relevante destacar que

Nós podemos querer a justiça para as mulheres, mas podemos aceitar que pode haver ideias diferentes sobre a justiça e que mulheres diferentes podem querer, ou escolher, futuros diferentes daqueles que vislumbramos como sendo melhores? Nós precisamos considerar que eles possam ser trazidos para a individualidade, por assim dizer, em uma linguagem diferente (ABU-LUGHOD, 2012, p. 463).

Entendemos que a doutora Peri reconhece que a religião islâmica e a cultura muçulmana atuam como instituições que atenuam o silenciamento de vozes femininas, que as dominam, de forma tal que Meryem precisa obter permissão para garantir o direito de ir e vir. A doutora Peri está pautada em suas

ideias feministas e julga conduzir a terapia da melhor forma possível, pois acredita que seu próprio modo de vida é mais satisfatório que o de sua paciente. Concordamos, de certo modo, com os trabalhos de pensamento de Abu-Lughod (2012), uma vez que podemos encontrar mulheres em todos os países que também são violentadas em sua cultura de diversas formas. São silenciadas por movimentos opressivos, como misoginia, discriminação racial e social, entre outros. Podemos citar por exemplo, mulheres que são silenciadas dentro de seu ambiente de trabalho por questões de raça, gênero ou credo. Mulheres silenciadas em seu próprio contexto familiar, coibidas de trabalhar fora de casa e exercer uma profissão, ou até mesmo escolher as próprias roupas.

Nesse diálogo, destacamos o “consentimento” para Meryem fazer um tratamento de saúde. Observamos que há uma determinada ordem que rege as instituições e define quem tem o direito de falar e quem tem a premissa de calar, e, na maioria das vezes, mulheres, negros, pobres, imigrantes e assalariados de baixa renda são os que mais são silenciados. O modo como a religião, aqui representada pela figura do hodja, regula os gestos de interpretação, controla sobre o que se interpreta, como se interpreta, quem interpreta e em que condições se interpreta (ORLANDI, 2007b, p.10), pode ser constatado mediante a pergunta da doutora Peri para Meryem: se o hodja sabia de seus desmaios. Ela prontamente respondeu: “*Claro, foi a primeira coisa que fizemos. Nós o procuramos*”. A linguagem natural materializada pela expressão “*Claro*” também evidencia as palavras de Orlandi (2007b) sobre a regulação dos gestos. Ou seja, antes de qualquer iniciativa de tratamento, antes de qualquer avaliação sobre as possíveis causas dos desmaios, é o hodja o responsável para considerar apropriado, ou não, buscar tratamento médico ou tratamentos alternativos. Meryem também reconhece o posicionamento do hodja, e avalia sua apreensão e cuidados para com ela, com certo mérito, pois afirma que ele ficou preocupado. E finaliza: “*O hodja disse pra ele me levar ao médico*”. Esses posicionamentos são considerados naturais e absolutamente normais por Meryem, uma vez que antecedem qualquer tipo de questionamento crítico.

Orlandi (2007b) cita o trabalho final de uma estudante, Andrea Sobrino, produzido em 1994. Andrea tece considerações sobre o papel do clínico ao ouvir o paciente sob a perspectiva discursiva, e compreende que o papel de

interpretar, enquanto gesto clínico, “é deslocar sentidos que vão além da materialidade discursiva, é desconstruir os efeitos do já dito, em direção a outra significação” (ORLANDI, 2007b, p. 20).

Ao observarmos o gesto interpretativo da doutora Peri quando provoca Meryem — *É claro, primeiro você vai falar com o seu hodja, não é?* — que, seguramente, é confirmado com a resposta vinculada ao contexto histórico — *Sim, eu vou falar com ele* —, ratifica que Meryem não tem autonomia para decidir sobre a própria vida. Em outras palavras, parece natural na cultura dela que seja assim, inicialmente, parece que se sente protegida, mas no decorrer das sessões de terapias observamos que ela passa a desenvolver uma postura mais ousada — talvez, menos contida —, conforme apontaremos no decorrer do estudo.

Durante essa primeira sessão de terapia, a doutora Peri procura direcionar o diálogo para compreender um pouco a situação e a queixa sobre os desmaios. No entanto, Meryem sente-se inquieta e suas respostas são evasivas, incompletas. A doutora Peri insiste para que ela fale — *Eu te perguntei algumas vezes quem era o senhor Sinan, mas... parece que você não fica à vontade ao falar sobre isso, mas não tem pressa* — A psicóloga tenta encontrar os sentidos do silêncio de Meryem quando a instiga a falar. E nesse gesto de interpretação ela busca sentidos que não estão soltos, estão apenas protegidos. Desse modo, ela consegue provocar Meryem a se manifestar, e os resultados são os almejados pela psicanalista. Meryem contesta as “insinuações” — *A senhora entendeu errado. Em nome de Alá, o que é isso? Me diga a senhora.* — E assim, ela manifesta sentidos em sua linguagem e começa a significar-se. — *Eu só tenho o primário, sou ignorante, somos de uma área rural, nosso lugar não é aqui. Mas a senhora é bem-educada e experiente* —. Orlandi (2007b, p. 89) afirma que “a submissão do homem a Deus cede lugar à sua submissão ao Estado” e, nesse aspecto, Meryem reconhece que é uma pessoa humilde, reconhece sua posição histórico-social, assim como também reconhece a posição discursiva da especialista. Momentaneamente, Meryem percebe que os gestos de interpretação e os sentidos que a doutora Peri atribui ao seu discurso, ou mesmo a falta dele, estão equivocados. Quando Orlandi (2007b, p. 95) afirma que os gestos de interpretação “não se dão no vazio” e que todo gesto de interpretação é caracterizado pela inscrição do sujeito e de seu dizer em uma

posição ideológica, ele explica, de alguma maneira, que a posição ideológica da doutora Peri é de mulher contemporânea, que não cultua a posição ideológica de Meryem, a qual em poucas palavras deixou claro que a religião e o hodja são indissociáveis, e que servindo um certamente está servindo ao outro.

E para concluirmos esse recorte de diálogo, destacamos as palavras finais de Meryem: *“Eu sei o que dizer pro nosso hodja, a senhora não se preocupe. Só porque mencionei o senhor Sinan, a senhora me perguntou várias vezes, me deixando constrangida”*. Observamos o gesto interpretativo de ambas. Meryem é o sujeito comum que interpreta em sua prática discursiva e estaciona com a interpretação não atingindo o movimento da compreensão (ORLANDI, 2007b, p. 151). Já a doutora Peri é o sujeito “que realiza o movimento descrição/interpretação, compreende e, aí sim, interpreta o resultado de sua análise à luz da teoria e do método que pratica” (ORLANDI, 2007b, p. 151). A autora ainda afirma que, para o analista, não há neutralidade de um sentido puro ou verdadeiro, o que ocorre é o deslocamento de sua escuta apreendendo gestos de interpretação possíveis. Dizendo de outra maneira: Meryem assumiu sua posição de sujeito que fala de um lugar social, histórico e ideológico, portanto, sua interpretação é constituída por essa posição. Já a doutora Peri, em posição distinta, compreende que pode explorar outros modos de pensar em Meryem, portanto, ela não pode ser neutra em seus gestos interpretativos. Assim sendo, ajustar a lupa para que os gestos interpretativos de ambas sejam nítidos e transparentes empreende movimentos assertivos. A lente da lupa não deve ser opaca, uma vez que pode ofuscar e confundir os gestos da interpretação do silenciamento e da escuta.

*Só entende o valor do silêncio quem tem  
necessidade de calar para não ferir  
alguém.*

*(Jean-Jacques Rousseau)*

## **5 A MEMÓRIA DISCURSIVA (IN)VALIDA O SILENCIAMENTO**

Na obra *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*, Althusser (1980, p. 43) explica que a classe dominante gera mecanismos de reprodução e perpetuação de condições ideológicas. O autor afirma que os discursos são associados a um grande edifício que garante a distribuição dos sujeitos que falam em diferentes formações discursivas. Esses sujeitos se apropriam das FDs e se sujeitam aos procedimentos desse discurso. O autor apresenta-nos, ainda, uma forma mais superficial que se constitui pelo ritual, o agente definidor da qualificação dos indivíduos que falam, seus gestos, seus comportamentos e as circunstâncias que acompanham o discurso. Nesse contexto é interessante trazer as considerações de Orlandi (2007) quando a autora afirma que o discurso é histórico, é ideológico, e produzido social e culturalmente. Por isso, o discurso tem uma memória, já que nasce de outro discurso pelo processo de repetição ou de modificação.

O recorte de diálogo a seguir ocorre entre o hodja e Meryem, ainda no episódio I, quando ela o procura para lhe contar que já está indo a uma clínica e conversando com uma psicanalista. É relevante contextualizar que Nasrudin Hodja é uma figura mítica da tradição *sufi* e muito popular no Médio Oriente. Hodja, como é conhecido popularmente na Turquia, surgiu de uma lenda do folclore, mas ainda hoje tem sua significação como mestre, aquele que tem “*sabedoria*”, tem o “*conhecimento*”. Considerado um sábio porque aponta as coisas de um ponto de vista diferente do que a maioria das pessoas conseguem observar, e o título demonstra a ideia de um homem com quem as pessoas sempre tinham algo novo a aprender. No decorrer da série, principalmente nos episódios iniciais, ele assume um papel enigmático e de fundamental importância em toda trama, pela influência que exerce com palavras ao orientar

decisões de Meryem e seu irmão, Yasin, personagens de referência para nosso estudo.

[Som de pássaros]

Hodja — *Segure isso aqui com a sua outra mão, Meryem. Agora, pode cheirar.*

Meryem — [inspira uma flor] *É muito cheirosa, hodja!*

Hodja — *Arranque uma pétala.*

Meryem — *É muito cheirosa, hodja.*

Hodja — *Não, não, não, não. Veja se consegue arrancar uma pétala.*

Meryem — *Ah. [som da pétala sendo arrancada]*

[...]

Hodja — *E este é o mundo que Alá criou na Terra. Apodrece, vira adubo e retorna à terra. É muito cheiroso, mas tem espinhos também. É frágil, não tem como consertar. Envelhece, apodrece. Depois que você corta do galho, fica bravo com você. Se você tenta fazer carinho, quebra. Esta flor somos nós, igual a nós. Como você ou eu, seu irmão e a esposa dele. Viemos da terra e para ela voltaremos. Quem aceitar isso... viverá como esta flor abençoada. Saberá ser humilde, vai murchar, vai definhar. Mas os que são enganados pela outra, pensando que criaram um paraíso na Terra, irão para o inferno, na outra vida. [...]*

Meryem — *Louvado seja Alá mil vezes pela sua ajuda, hodja, que Alá sempre esteja ao nosso lado.*

Hodja — *É...*

Meryem — *Amém. Eu tenho que ir, hodja, está tarde. [...] Tenha uma boa noite, hodja.*

Hodja — *Igualmente, minha filha, Meryem!*

Meryem — *Sim, hodja.*

Hodja — *Você ia ver uma psicóloga. Como é que foi?*

Meryem — *Ainda não fui, hodja. Mas assim que for, Inshallah, venho falar com o senhor.*

Hodja — *Inshallah.*

Observarmos o discurso do hodja. Ao dizer à Meryem que a flor que ela segura na mão é muito cheirosa, mas que possui espinhos também, ele recorre ao recurso da metáfora (discutiremos com maior propriedade este tema no decorrer do texto) para dizer que há situações na vida que nos parecem ser prazerosas e nos trazem um bem-estar momentâneo. O hodja mobiliza sua ideologia por meio da memória discursiva quando diz:

— *Viemos da terra e para ela voltaremos. Quem aceitar isso... viverá como esta flor abençoada.*

Ou seja, o quão perigoso é desviar-se do caminho proposto por Alá e àqueles que se distanciam de seus ensinamentos não alcançarão o paraíso. O hodja invoca figurativamente o céu e o inferno para defender a eficácia de suas

palavras e manter seus seguidores fidedignos. Se apropria de um discurso que acredita ser seu, ao enfatizar a valoração das crenças e a coerção para as infrações. O hodja não constrói esse discurso ao acaso, ele já está inscrito em outros discursos religiosos, quer seja no Alcorão ou outros livros sagrados da religião Islâmica.

Diante do exposto, Pêcheux (2010) afirma que a memória discursiva possibilita retomar os discursos já ditos em outro momento, em uma dada circunstância social, histórica e cultural, e em uma situação discursiva atualizada.

A memória discursiva funciona como uma espécie de retomada de discursos já utilizados em outros acontecimentos anteriores. A memória serve como uma forma de sustentação das forças ideológicas que apresentam como propósito a retomada dos pré-construídos (PÊCHEUX, 2010, p. 53).

Assim, vemos que o hodja faz uma retomada da fala de um outro discurso, uma vez que a voz que enuncia está intrinsecamente ligada à voz da religião Islâmica, do Alcorão. Outra fala também nos encaminha para a memória enunciativa, quando ele diz:

— *E este é o mundo que Alá criou na Terra.*

Subtende-se que não há outro mundo fora desta criação, o qual não seja o de Alá. O mundo que convida aos desvios das escrituras sagradas é o mundo de pecados, dos erros e, conseqüentemente, das punições. O hodja procura poetizar seu discurso também quando diz:

— *Esta flor somos nós, igual a nós.*

E nessa perspectiva também visualizamos o discurso sendo deslocado, retomado através da memória discursiva, um discurso feminino que é o do conhecimento coletivo, quando associamos uma mulher a uma flor. De alguma forma, percebemos na estrutura discursiva do hodja, discursos outros que se relacionam a posições pré-determinadas do conceito de que a mulher é delicada, frágil e dependente de cuidados. Cuidados estes que nos remetem nesta discussão, primeiramente, divinos, e, posteriormente, aos cuidados do homem, cuja cultura o institui provedor e protetor de sua família. Assim, a liderança religiosa se sente representante de Alá e o faz com a legitimidade que lhe é conferida pela tradição muçulmana, para intervir, ou mesmo reforçar em seus

fiéis, especificamente Meryem, o modelo ideal de vida, de acordo com a memória discursiva que lhe autoriza a fazê-lo.

Podemos observar ao final do diálogo que Meryem muda de opinião e não conta ao hodja que já tinha ido conversar com a psicóloga. E ele a indaga assertivamente, pois tem autonomia para saber de tudo e de todos ao seu redor e ao se despedirem:

— *Você ia ver uma psicóloga. Como é que foi?*

Ela silencia e lhe e responde:

— *Ainda não fui, hodja. Mas assim que for, Inshallah, venho falar com o senhor.*

Entendemos que Meryem não disse o que poderia dizer ao hodja, ou deveria dizer. De acordo com a memória discursiva, o hodja é um mentor religioso, aquele que orienta seus discípulos sobre atitudes e pensamentos. Importante retomar o diálogo anterior (p. 50) e observar que a doutora Peri pede a Meryem que não comente com o hodja sobre a conversa que tiveram naquela sessão, ou seja, que ela silencie. E ela assim o faz. Nesse sentido, Orlandi (2007) afirma que o silêncio é parte da significação de um discurso, visto que aquilo que um discurso silencia também significa. Ou seja, Meryem rompe pela primeira vez, na série *8 em Istambul*, com a previsibilidade das atitudes de mulher fidedigna aos padrões culturais e religiosos. Ao silenciar, ela percebe que pode desenvolver sua autonomia, e, ao mesmo tempo, desvelar outros sentidos — a liberdade, por exemplo. Para a autora, “o não-um (os muitos sentidos), o efeito do um (o sentido literal) e o (in)definir-se na relação das muitas formações discursivas têm no silêncio o seu ponto de sustentação” (ORLANDI, 2007, p. 15). Assim sendo, a memória discursiva tenta validar o silenciamento, no entanto, ao fazê-lo pode provocar uma erupção de sentimentos, questionamentos e tomada de atitudes que se desprendem dos já ditos e deslocam para um novo dizer e um novo olhar para si próprio. Dessa maneira, Meryem começa inaugurar para si, um novo posicionamento discursivo.

*Afinal, não era a palavra que lhe faltava.  
Era a vida que ele, nele, desconhecia.*

*(Mia Couto)*

## **6 VOZES CULTURAIS E O ASSUJEITAMENTO: ATRAVESSAMENTOS**

Para Pêcheux (1997), em *O discurso: estrutura ou acontecimento*, se tem elevado uma premissa favorável a um dispositivo político que sobrevive à manifestação de linguagem e poder. Nessa perspectiva, o estabelecimento simbólico entre os objetivos do discurso e as reflexões do autor exalam uma notória filosofia empírica capaz de transformar a emissão da linguagem dos interlocutores e o recebimento pelos receptores.

É a FD que determina, por meio do assujeitamento ideológico do sujeito, o sentido do discurso (PÊCHEUX, 1997). Nos discursos sobre a mulher, sobre o feminino e sobre a maternidade podemos identificar diversas FDs funcionando e produzindo sentidos, como a FD religiosa, FD feminista, FD patriarcal, entre outras. A identificação das FDs é um importante instrumento para apontar para os sentidos que estão em funcionamento e em tensão no corpus desta pesquisa.

O sujeito, a partir disso, se insere em determinadas FDs para dar sentido ao que diz, pois, no entendimento de Pêcheux (1997), ele é duplamente constituído e assujeitado — pelo inconsciente e pela ideologia — para produzir discurso. Esse duplo assujeitamento produz o que se chama de efeito sujeito, no qual o sujeito acredita ser a fonte de seu dizer, a origem do enunciado que produz. Assim, a determinação ideológica é apagada para que o sujeito enuncie e naturalize o discurso como seu.

Pêcheux (1997) também ressalta que o pertencimento a uma ou outra FD muda o sentido de uma palavra. Na análise desenvolvida nesse recorte de diálogo entre Meryem e o irmão, Yasin, procuramos apontar que há prevalência de uma FD em detrimento da formação ideológica presente na série *8 em Istambul*. Essa alternância da qual o autor se refere é inscrita no espaço da luta de classes e o posicionamento se define no interior de um campo discursivo. Ele ainda assegura que

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, as expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

É o que Pêcheux (1997) chama de jogo de imagens de um discurso. Esse jogo de imagens, ou seja, aquilo que o sujeito pode/deve dizer, a partir do lugar que ocupa e das representações que faz ao enunciar, não é preestabelecido antes que o sujeito enuncie seu discurso. Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, pois a própria opção do que dizer já é, em si, determinada pelo lugar que ocupa no interior da formação ideológica à qual está submetido, mas as imagens que o sujeito constrói, ao enunciar, só se constituem no próprio processo discursivo. O discurso do sujeito-personagem não está constituído a priori, mas vai se delineando a partir das representações e das imagens que faz do que lhe é dito.

Orlandi (2007) explica que há um “efeito de sentidos” nos discursos proferidos e para entendê-lo necessitamos compreender a ideologia constituinte dos sentidos e dos sujeitos, pois é da relação regulada historicamente entre as muitas formações discursivas que compreendemos os diferentes efeitos de sentidos entre falantes, e esses também são produzidos por esses mesmos efeitos, uma vez que uma mesma coisa pode ter diferentes sentidos para os sujeitos efeito de uma relação contraditória da materialidade da língua e a da história (ORLANDI, 2007, p. 21).

Haroche, Henry e Pêcheux (2007) definem FD fazendo uma referência explícita à teoria das ideologias de Althusser, a qual discutimos no decorrer da pesquisa, quando trataremos da obra *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Os autores relembram que uma formação social, num dado momento histórico, é caracterizada por um modo de produção dominante e por um Estado determinado pelas relações das classes que o constituem. Este, por sua vez, desdobra-se em aparelhos: o aparelho repressivo e os aparelhos ideológicos.

Nos aparelhos ideológicos realizam-se as Formações Ideológicas (FI), concebidas como

Um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” e nem “universais”, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2007, p. 26).

Pêcheux (1997) explica que a FI para a AD “compõe uma formação social em dado momento, demarcando seus conflitos e também a classe que será dominante e a que será dominada” (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 166). Dessa forma, surge a relação entre ideologia e discurso e entre sujeito e discurso, isto é, a partir da FI, que se constitui pelas FDs, que, por sua vez, são determinadas pelas condições de produção.

Procuramos descrever os recortes de diálogos a seguir e aproximá-los do arcabouço teórico apontado, sem, no entanto, esgotar as múltiplas possibilidades de interpretações. Meryem e seu irmão, Yasin, estavam sempre conversando sobre assuntos do dia a dia familiar, uma vez que moravam na mesma casa. Esta cena entre eles acontece no episódio III, após algumas sessões de Meryem na terapia. Observamos que Yasin evidencia seu assujeitamento de acordo com sua formação ideológica e religiosa. Mediante outras cenas narrativas durante a série *8 em Istambul*, temos visibilidade do posicionamento de Yasin, e consideramos esse recorte relevante, uma vez que as discussões entre eles são centradas no silenciamento da voz feminina, especificamente em Meryem.

Yasin — *Meryem, quando você vai ao médico?*

Meryem — *Eu já fui. Já fui várias vezes.*

Yasin — *Já foi? Você contou ao hodja. Hein, Meryem? Eu te fiz uma pergunta.*

Meryem — *Ainda não contei.*

Yasin — *Ele perguntou?*

Meryem — *Perguntou sim.*

Yasin — *E o que você disse?*

Meryem — *Eu não disse nada.*

Yasin — *Você mentiu pro hodja?*

Meryem — *Meu irmão...*

Yasin — *Você mentiu pro hodja?*

Meryem — *Ah, irmão, é que...*

Yasin — *Para de falar “irmão”. Eu te fiz uma pergunta! Você mentiu pro hodja? Meryem, responde!*

Meryem — *Por favor, não diga nada pro hodja. Eu imploro! Eu ia contar pra ele, mas não tive chance.*

[...] [Yasin liga para Hodja e obriga Meryem a lhe contar a verdade]

Meryem — *Hodja, eu fui a uma psicóloga e... não tive a chance de lhe contar. E como eu não contei, o meu irmão... ele... pediu para ligar pra contarmos.*

Hodja — *E...?*

Meryem — *É só isso, hodja.*

Hodja — *E, então, Meryem, me conta. Como foi? Você ficou satisfeita?*

Meryem — *Foi muito bom, hodja.*

Hodja — *Como assim?*

Meryem — *Eu parei de desmaiar.*

Hodja — *Ela te deu remédios?*

Meryem — *Não, hodja, só conversamos.*

Hodja — *Sobre o quê?*

Meryem — *Hodja, podemos conversar quando o senhor voltar, Inshallah? Não quero tomar o seu tempo, durante a sua viagem.*

[...] (Hodja estava em viagem nessa circunstância)

Meryem — *Vou conversar com o hodja quando ele voltar. Eu disse a ele que foi bom pra mim ver essa mulher. Não contei a ele porque achei que fosse ficar com raiva e fosse dizer para eu não ir. Juro por Alá que eu não podia contar a ele.*

Ao longo da história da humanidade, a religião assumiu, e atualmente ainda assume, diversos posicionamentos quanto ao modo das pessoas e/ou seguidores se comportarem, falarem e de viverem, evidenciando a relação entre Igreja e poder. Um certo discurso religioso não pode perder frente a outro discurso religioso, e a demonstração de poder em relação aos seus seguidores precisa ser efetivada. É importante contextualizar o sujeito hodja e a sua representação no espaço instituição religiosa, como demonstrado em nossas análises. A noção de sujeito histórico e ideológico, é o sujeito de fala recortada composta por representações temporais, apresentada por Orlandi (2007), é o sujeito ao mesmo tempo assujeitado e interpelado pela ideologia, o qual ocupa um lugar determinado na formação discursiva. Yasin enquadra-se neste conceito.

Pêcheux (1997) também explica que cada sujeito é assujeitado no âmbito universal, tanto quanto no singular, e é insubstituível, e que o sujeito (nesse momento Yasin) não é um dado a priori, mas é constituído no discurso.

Afirma também, como já apresentamos no capítulo I, que o sentido de uma palavra, expressão ou proposição não existe em sua relação transparente com a literalidade do significante, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que são reproduzidas. Neste sentido, observamos as reações descontroladas de Yasin, ao saber que Meryem já tinha ido conversar com a psicóloga sem comunicar ao hodja. Esbraveja repetidas vezes:

— *Você mentiu pro Hodja?*

Primeiramente, sentiu-se ludibriado por sua irmã, e, posteriormente, julgou que ambos, ele e hodja tinham sido traídos, considerando que o respeito à religião e às tradições muçulmanas devem estar em primeiro plano, mantendo assim a integridade de todos. Meryem ocultou um fato, fato este que rompeu algumas fronteiras estabelecidas dentro de sua cultura, pois conforme estamos descrevendo ao longo da pesquisa, sua voz, até então, fora silenciada. Para Yasin, este fato se configura mentira e desrespeito para com todas as “verdades” ideológicas que ele acredita.

Retomamos a noção de sujeito apresentada por Pêcheux (1997), ao afirmar que o lugar e a posição que o sujeito ocupa são determinantes para entender sua formação discursiva, a qual é regulada por sua formação ideológica. Yasin é um sujeito assujeitado porque se submete a regras específicas da religião, representada pela figura do hodja. Seu discurso diante de Meryem deriva de discursos outros que o antecederam, ao considerar que a mulher na cultura muçulmana precisa ter permissão para tomar qualquer atitude, sua liberdade é cerceada e seus desejos silenciados. Ou seja, Meryem infringiu uma regra básica: a obediência ao hodja. Outra questão evidenciada neste recorte é compreender as práticas instituídas pela reprodução da ideologia, primeiro servimos a Alá, e certamente todas as coisas resultarão em decorrência da fé e da crença a Ele.

A imposição de Yasin para obter a aprovação do hodja e permitir que Meryem faça um tratamento psicológico é mais importante do que a própria saúde da irmã. Sua indignação é tamanha e o seu comportamento descontrolado resulta em ações abusivas e constrangedoras a Meryem. E para corrigir a desobediência dela ao mentir, ele imediatamente faz uma ligação para o hodja

e determina que ela lhe conte a verdade. Ele assume a posição do sujeito religioso e da própria religião, a qual prescreve que mentir configura descumprimento das leis aos cultos religiosos. Meryem não mentiu, apenas ocultou um fato. Constrangida ela diz:

— *Hodja, eu fui a uma psicóloga e... não tive a chance de lhe contar. E como eu não contei, o meu irmão... ele... pediu para ligar pra contarmos.*

Neste diálogo, é importante retomar as discussões desenvolvidas no recorte anterior (p. 56) quando ela vai visitar o hodja para lhe contar sobre a visita a psicóloga, mas não o faz, uma vez que ela estava se sentindo melhor e temia que fosse proibida de continuar as sessões de terapia. Dizendo de outro modo: que ela fosse silenciada. Meryem apresenta as justificativas pelo seu silenciamento, e diz que está gostando da terapia, que não precisa tomar remédios e que seus desmaios cessaram. Ou seja, o que ela está fazendo não é nada proibido diante das leis religiosas, é apenas um tratamento de saúde. Finalizando, ela procura acalmar seu irmão, e num gesto de conciliação com ele diz:

— *Vou conversar com o hodja quando ele voltar. Eu disse a ele que foi bom pra mim ver essa mulher. Não contei a ele porque achei que fosse ficar com raiva e fosse dizer para eu não ir. Juro por Alá que eu não podia contar a ele.*

Observamos que, mesmo diante de toda humilhação a que foi submetida pelo irmão, Meryem percebe que pode romper, cuidadosamente, com seu silêncio ao afirmar que se sentiu melhor e que tinha gostado do atendimento da psicóloga. Ela descobre que há um outro modo de trabalhar algumas questões e promover alguma liberdade, sem desrespeitar hábitos e crenças de sua cultura, bem como se manter fiel aos seus princípios muçulmanos. Sua percepção é um grande avanço, uma vez ela poderia desculpar-se e aceitar as punições sem contestar.

*Por um mundo onde sejamos  
socialmente iguais, humanamente  
diferentes e totalmente livres.*

*(Rosa Luxemburgo)*

## **7 AO FALHARMOS, NÃO FALHAMOS. AO SILENCIAR, NÃO SILENCIAMOS**

Há silêncio nas palavras, afirma Orlandi (2007) e, muitas vezes, ao silenciar, o indivíduo usa de muitos sentidos de linguagem. E ao afirmar que há silêncio nas palavras, ela explica que as palavras são atravessadas de silêncios; elas produzem silêncio; o silêncio “fala” por elas; elas silenciam (ORLANDI, 2007, p. 14). Para autora, a sociedade possui uma espécie de contrato social pautado por uma construção do discurso veementemente envolto de costumes e tradições. Nessa perspectiva, a compreensão de que o silêncio pode exclamar uma reação de censura permite ao sujeito dono da fala realizar um exame de uma série de sentidos. Afinal, as palavras podem estar repletas de um não dizer e, além disso, colocamos no silêncio muitas delas.

Um conceito importante é descrito por Orlandi (2007) quando ela se refere ao silêncio como “fundante”, ou seja, como algo que está diante dos diferentes modos de sua existência, como ao atravessar palavras, ou entre elas, ou ainda aquilo que é essencial nunca se diz.

Desse modo, nesta nossa reflexão, procuramos indicar as várias pistas pelas quais alcançamos esse princípio da significação: o silêncio como fundador. Paralelamente, aprofundamos a análise dos modos de apagar sentidos, de silenciar e de produzir o não-sentido onde ele mostra algo que é ameaça (ORLANDI, 2007, p. 14).

Orlandi (2007) também se refere ao silêncio fundador, por meio da censura imposta por forças políticas culturais, como:

[...] um dado que tem sua sede na consciência que um indivíduo tem de um sentido (proibido), mas como um fato produzido pela história. Pensada através da noção de silêncio, como veremos, a própria noção de censura se alarga para compreender qualquer processo de silenciamento que limite o sujeito no percurso de sentidos (ORLANDI, 2007, p. 13).

Em suas formulações, Orlandi (2007, p. 23) explica que a linguagem implica silêncio. Este, por sua vez, é o não-dito visto do interior da linguagem. Silêncio não é o nada, nem ausência de história, ele é significante denso, com isso, toda a complexidade de o silêncio não ser mero complemento da linguagem. Assim, encontramos o silêncio, mediando as relações entre a linguagem, o mundo e o pensamento, resiste à pressão de controle pela urgência da linguagem e significando de outras e muitas maneiras. Nesse sentido, Orlandi (2007) afirma:

O silêncio significa de múltiplas maneiras e é objeto de reflexão de muitos estudos distintos: filósofos, psicanalistas, linguistas entre outros, se interessam pelos silêncios múltiplos, ora o silêncio das emoções, ora o místico, ora o das contemplações, ou da revolta, ou da resistência, ou ainda do poder do exercício ou da disciplina (ORLANDI, 2007, p. 28).

De acordo com Orlandi (2007), o silêncio não é apenas complemento da linguagem ou o abismo dos sentidos. Ela explica que o silêncio tem significado próprio, ou seja, fundador, no entanto, não significa sentido absoluto. A autora estabelece a distinção entre o silêncio fundante e a política do silêncio. “A política do silêncio fundador não estabelece nenhuma divisão, ou seja, ele significa (por) si mesmo, e a política do silêncio produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz” (ORLANDI, 2007, p. 48). Dessa forma, ela categoriza os silêncios:

Distinguimos entre a) o silêncio fundador, aquele que existe nas palavras, que significa o não dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar e b) a política do silêncio que se subdivide em: b1) silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não dizer (uma palavra apaga necessariamente as outras palavras) e b2) o silêncio local, que se refere à censura propriamente (aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura) (ORLANDI, 2007, p. 16).

Dizendo de outro modo, é notório observar que há duas formas de silêncio definidas: o silêncio fundador, ou fundante, tido como o princípio de toda significação; a política do silêncio, que, por sua vez, se subdivide em silêncio constitutivo, que diz respeito à ordem da produção de sentido e da linguagem e o silêncio local. O silêncio local, por sua vez, refere-se à interdição do dizer, por exemplo, a censura e a repressão. A política do silêncio está ligada ao esquema “dizer x para não dizer y” e descarta a necessidade de excluir outros sentidos

possíveis (ORLANDI, 2007, p. 48). E se fosse possível dizer tudo, não se diria nada.

Orlandi (2007) faz inúmeras análises sobre os diversos processos que indicam modos de funcionamento de silêncio, no entanto, procuramos elucidar neste contexto questões relacionadas à política do silêncio. A autora ressalta que o silêncio constitutivo indica que para dizer é preciso não-dizer, e que é a inserção dos sujeitos discursivos nas formações discursivas historicamente determinadas que dão sentidos ao dizer. Ao dizer algo, apagamos outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada. É esse silêncio constitutivo que trabalha os limites e a constituição das formações discursivas, determinando os limites do dizer. Isso mostra que o dizer e o silenciamento são inseparáveis. Se no silêncio constitutivo, os sentidos são formados pela inserção do sujeito em determinadas formações discursivas, no silêncio local o sujeito é impedido pela censura de dizer o que pode ser dito, produzindo sentidos, permanente entre processos parafrásticos e polissêmicos. A censura, como silêncio imposto por um grupo dominante, intervém na formação e no movimento dos sentidos. O silenciamento produzido pela censura leva a um processo de produção de sentidos silenciados. É um processo que trabalha a divisão entre o não-dizer e o dizer, ações que impedem o sujeito e a sociedade de trabalharem o movimento de identidade e de elaborarem historicamente os sentidos. O silêncio intervém, portanto, na formação e no movimento dos sentidos e disso decorre, também, a ligação do não-dizer à história e à ideologia

Consideramos que essas discussões sobre as diferentes tipologias das formas de silêncio, propostas por Orlandi (2007), demandam outros estudos, de modo que não seria possível discorrer todas essas considerações nesta pesquisa. Dessa forma, daremos maior ênfase à política do silêncio, com recorte específico ao silêncio local, o qual se manifesta de maneira mais visível em forma de interdição do dizer. Um exemplo desse silêncio é:

A censura é o silêncio de forma fraca, isto é, uma estratégia política circunstanciada em relação a política dos sentidos: é a produção do interdito, do proibido, do que é proibido, do que se pode ou não dizer. A censura deve ser considerada em sua materialidade linguística e histórica, isto é, discursivamente. A

censura não é um fato circunscrito à consciência daquele que fala, mas um fato discursivo que se produz nos limites das diferentes formações discursivas que estão em relação (ORLANDI, 2007, p. 49).

Orlandi (2007) afirma que a censura impede a circulação dos sentidos localmente. É o silenciamento num sentido menos estrutural e mais relativo ao contexto histórico e social. A autora explica que, no silêncio local, a censura é a proibição do formulável, mas o que determina o silenciamento e o dizer é o interdito. O interdito coloca certos sentidos em silêncio para que outros possam ser ditos. O interdito seria, portanto, um operador fundante, constitutivo estruturante e universal da linguagem. Como elemento estruturante universal, ele se manifesta localmente na produção da censura.

De acordo com Orlandi (2007), o silêncio constitutivo indica que para dizer é preciso não-dizer, e que é a inserção dos sujeitos discursivos nas formações discursivas historicamente determinadas que dão sentidos ao dizer. Ao dizer algo, apagamos outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada. É esse silêncio constitutivo que trabalha os limites e a constituição das formações discursivas, determinando os limites do dizer. Isso mostra que o dizer e o silenciamento são inseparáveis. Se no silêncio constitutivo os sentidos são formados pela inserção do sujeito em determinadas formações discursivas, no silêncio local o sujeito é impedido pela censura de dizer o que pode ser dito, produzindo um enfraquecimento de sentidos. A censura, produzindo efeitos de falar e silenciar, tem materialidade linguística e histórica. A reflexão feita por Orlandi (2007) sobre a censura objetiva permite compreendê-la como fato de linguagem, como política da palavra. A censura, como silêncio imposto por um grupo dominante, intervém na formação e no movimento dos sentidos. O silenciamento produzido pela censura leva a um processo de produção de sentidos silenciados.

Nesse recorte selecionado, o diálogo transcorre entre Yasin e Meryem logo após ele receber uma ligação do hodja. O objetivo da ligação era pedir ajuda a Yasin, pois o hodja estava em viagem quando seu carro quebrou, o que o fez precisar de um electricista. Analisamos e descrevemos questões relacionadas à ideologia na perspectiva de Althusser (1980), bem como as discussões que Orlandi (2007) tece sobre silêncio local, a censura, ou seja, o silêncio imposto

ideologicamente. A autora considera que, para se dizer algo, é relativamente necessário que outros dizeres possíveis sejam silenciados. Trazemos também na perspectiva freudiana (1913) a importância de interpretar o ato falho, o qual é observado no discurso de Meryem, quando percebe que ultrapassou as regras definidas numa conjuntura social, aqui referenciada como aparelho ideológico religioso.

O recorte dessa cena de *8 em Istambul* se dá no episódio III. Vejamos:

Yasin — *Shh. Para de chorar, garota! Por que você tá chorando? Ele não disse nada de você. O carro dele quebrou, e ele precisa de um eletricista. Eles pararam no caminho e ele lembrou de Nihat.* [um eletricista conhecido da família]

Meryem — *Ele não falou nada de mim?*

Yasin — *Fica calma. Isso não tem nada a ver com você.*

[...] [Yasin tenta ligar para Hodja]

Yasin — *Tá desligado. E agora? Como é que eu vou fazer para encontrá-lo?*

Meryem — [sai apressada da sala murmurando]. *Teve o que merecia. Agora vai procurar o Nihat.*

Yasin — *O que você disse?*

Meryem — *Irmão.*

Yasin — *Meryem!*

[som de passos]

Yasin — *O que você disse?*

Meryem — *Irmão, eu estava estressada, saiu sem querer.*

Yasin — *Pro Inferno com seu estresse! Toma vergonha!*

Meryem — *Eu sinto muito.*

Yasin — *O quê?*

Meryem — *Eu sinto muito, irmão.*

Yasin — *Ah, claro. Continue e peça desculpas quantas vezes for. Quantas vezes isso aconteceu, hein? Há quantas semanas está agindo assim? Desde que começou a ver essa mulher [doutora Peri], Meryem! Sempre irritada, de cara fechada e essa linguagem chula.*

Meryem — *Irmão. Alá, me perdoe. Deixa pra lá.*

Yasin — *Não. Agora acabou. Não vai ver mais essa mulher de novo.*

Meryem — [suspiro]

Yasin — *Não sei o que tá aprontando. Você começou a agir de uma maneira diferente, Meryem. Tudo depois dessa mulher.*

Meryem — *Não tem nada a ver com ela.*

Yasin — *Tem. Tem tudo a ver com ela. Tá decidido. Acabou o assunto. Você vai parar de vê-la. E, se tiver que desmaiar, que desmaie.*

Na perspectiva althusseriana, ideologia não é fundamentalmente uma questão de ideias, é uma estrutura que se impõe a nós, sem necessariamente

ter que passar pela consciência. Quando Meryem murmura para si “*Teve o que merecia*” se referindo ao incidente envolvendo o hodja, inconscientemente ela já manifesta certa insatisfação com a ideologia e algumas questões culturais de dependência aos dogmas religiosos, os quais subjagam as mulheres. Nesse aspecto Althusser salienta:

As ideias desaparecem enquanto tais (enquanto dotadas de uma existência ideal, espiritual), na medida em que ficou claro que a existência destas se inscrevia nos atos das práticas reguladas pelos rituais definidos em última instância por um aparelho ideológico. Surge assim que o sujeito age enquanto é agido pelo seguinte sistema (enunciado na sua ordem de determinação real): ideologia existindo num aparelho ideológico material, prescrevendo práticas materiais, reguladas por um ritual material, as quais existem nos atos materiais de um sujeito agindo em consciência sua a sua crença (ALTHUSSER, 1980, p. 90).

Consideramos que Meryem revela um comportamento que transcende as práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos religiosos, até então, admissíveis por ela. Entendemos que ela passa a perceber que existem outros conceitos e outros valores, diferentes dos que conhecia até então, e materializa-os murmurando palavras que expressam liberdade, conhecimento, ou seja, sentidos outros. Logo em seguida, ela é imediatamente censurada pelo irmão, Yasin, o qual foi surpreendido pelas palavras ofensivas de Meryem. Considera a linguagem da irmã inapropriada e o julgamento sobre o hodja repulsivo. Outra razão para Yasin repreendê-la também está relacionada ao fato de Meryem desrespeitar o hodja, ou seja, a figura mais autorizada a falar em nome de Alá, o qual deve ser incontestavelmente estimado. Ele a repreende e a proíbe de continuar as sessões de terapia com a doutora Peri, chamando-a de “mulher” e não de doutora. Demonstra preconceito pela qualificação e posição que a psicóloga exerce na conjuntura social, ou seja, as mulheres não poderiam ter direitos, pensar ou agir diferente da ideologia religiosa proposta, bem como exercer atividade fora dos afazeres domésticos.

Podemos observar também que Meryem começa a questionar algumas ideias relacionadas às suas crenças e, segundo Althusser (1980, p. 81), isso acontece na medida em que o indivíduo que crê em algo se revela como possuidor de uma consciência, na qual estão contidas as ideias da sua crença,

estabelecido pelo próprio sujeito, o qual se desdobra na materialidade um determinado comportamento. Após Meryem proferir algumas palavras, antes silenciadas, percebe que cometeu um ato falho e se justifica dizendo que não deveria ter tido o que disse, e que anda muito estressada. Certamente, ela disse o que disse porque, desde que começou a fazer terapia, sua voz deixou de ser silenciada. Ela percebeu que poderia falar sem passar por certos julgamentos. Observamos que ela tem visibilidade de outra realidade e percebe que pode expressar sentimentos sem, no entanto, romper com sua formação cultural e ideológica, mas, ainda tem a voz censurada por Yasin.

Ao dizermos que sua voz é censurada, retomamos Orlandi (2007, p. 79), quando a autora afirma que “a censura estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, não deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala”. A censura é um simulacro de silêncio, ela o objetifica impedindo que ele exerça sua força desorganizadora. A autora esclarece que a censura, como silêncio imposto por um grupo dominante, intervém na formação e no movimento dos sentidos. O silenciamento produzido pela censura leva a um processo de produção de sentidos silenciados.

Meryem, num lapso, deixa escapar de forma lampejante, numa tonalidade de voz próxima ao sussurro, que o hodja teve “*o que merecia*”, depois se desculpa e tenta desdizer o dito. Freud (1916; 2014) traz estudos sobre fenômenos ligados à expressão da linguagem a qual denomina de *ato falho*.

Há um grande número de fenômenos ligados à expressão corporal e à linguagem, e também processos de pensamento — tanto em pessoas normais como doentes —, que até agora não foram objeto da psicologia, porque foram vistos apenas como resultados de transtorno orgânico ou de anormal deficiência nas funções do aparelho psíquico. Refiro-me aos atos falhos (lapsos verbais e de escrita, esquecimentos etc.), às ações casuais e sonhos dos indivíduos normais e aos ataques convulsivos, delírios, visões, ideias e ações obsessivas dos neuróticos (FREUD, 1916, 2014, p. 241).

Assim, podemos compreender o lapso verbal de Meryem como algo que escapa, da ordem do guardar, esquecer, lembrar, recordar, revelar, recalcar, repetir, expressar. Inequívoco relacionar tais expressões ao conceito de ato falho. A indexação de afetos por meio das experiências vividas, imagens e palavras ao cotidiano psíquico, sem limitantes, é um fato. Ainda que tais

limitantes sejam impostos ou almeçados em contextos de realidade social ou religiosa, estes afetos não se submetem aos grilhões das tentativas conscientes de reprimir o que se sente. A linguagem se apresenta não como barreira intransponível. Pelo contrário, o expressar do ser flui por brechas e fendas da linguagem. O ato falho não é assim denominado por ausência de essência ou coisa que o valha nem tampouco por incoerência do erro em si. Lacan (1953) explica:

Em a Psicopatologia da vida cotidiana, um campo consagrado por uma outra obra de Freud, está claro que todo ato falho é um discurso bem-sucedido, ou até formulado com graça, e que, no lapso, é a mordada que gira em torno da fala, e justamente pelo quadrante necessário para que um bom entendedor encontre ali sua meia palavra (LACAN, 1953, p. 32).

A falha existe, porém, precede da parte que reprime. Ao ato falho, cabe o papel do cinzel<sup>3</sup>, que trinca e talha as fendas por onde flui a linguagem. Dá passagem àquilo que não se pode conter ou guardar, que se mostra e se revela pela repetição, gota a gota derrama vestígios do inconsciente que servem para matar a sede daqueles que buscam compreender um pouco mais do sujeito inconsciente. Então, ao falharmos não falhamos. Ao silenciar não silenciemos, uma vez que não aprisionamos as palavras, mas nos aprisionamos a elas, quando há confronto entre o que desejamos (de fato) e o que falamos amordaçados.

O ato falho comprime o hiato entre a intenção consciente do sujeito e o desejo do inconsciente. Como exposto nas *Conferências Introdutórias* de Freud (1916, 2014), a fachada psíquica do analisando não se mantém — seja por atos falhos, sonhos, chistes ou sintomas, é possível seguir os rastros do inconsciente. Mesmo ante um hábil selecionar da palavra a ser usada no determinado instante verbal, o inconsciente trai o sujeito para que aflore o que realmente se deseja dizer. “A repressão da intenção de dizer algo é condição imprescindível para que o lapso verbal ocorra” (FREUD, 1916/2014, p. 87). O autor também adverte “o motivo mais frequente para suprimir uma intenção, que então é obrigada a

---

<sup>3</sup> Cinzel é um instrumento manual que tem numa extremidade uma lâmina de metal resistente muito aguçada em bisel, e que é utilizada para entalhar e esculpir, cortar ou gravar materiais duros (madeira, ferro, pedra, etc.) geralmente com auxílio de um martelo ou abridor. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cinzel>. Acesso em: 2 ago. 2022.

contentar-se com a expressão mediante um ato falho, é a evitação do desprazer”, temática muito apreciada e abordada na psicanálise, a qual discutiremos futuramente com maior ênfase no decorrer de nossa pesquisa.

*A partir desta data,  
Aquele mágoa sem remédio.  
É considerada nula  
E sobre ela, silêncio perpétuo.*

*(Paulo Leminski)*

## **8 A REALIDADE PERMEADA PELA METÁFORA**

Althusser (1980) foi um dos pensadores do século XX que procurou contribuir e ultrapassar determinadas análises políticas em direção ao diálogo com a psicanálise e outras tendências da filosofia contemporânea. Na obra *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* (1980), discute não apenas questões como Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) ou Aparelhos Repressivos de Estado (ARE), mas também questões que envolvem ideologia em geral, bem como ideologias particulares. Inicialmente, o autor relembra noções fundamentais do marxismo e, dentre elas, explica que uma formação social precisa reproduzir suas condições de produção para conseguir sobreviver, resumindo-a em: 1) reproduzir as forças produtivas; e 2) reproduzir as relações de produção existentes (ALTHUSSER, 1980, p. 9). Ou seja:

Enunciando este facto numa linguagem mais científica, diremos que a reprodução da força de trabalho exige não só uma reprodução da qualificação desta, mas, ao mesmo tempo, uma reprodução da submissão desta às regras da ordem estabelecida, isto é, uma reprodução da submissão desta à ideologia dominante para os operários e uma reprodução da capacidade para manejar bem a ideologia dominante para os agentes da exploração e da repressão, a fim de que possam assegurar também, “pela palavra”, a dominação da classe dominante (*ibid.*, 1980, p. 22).

Para esclarecer como se dá a reprodução das relações de produção, Althusser (1980) cita Marx e recorre à metáfora espacial do edifício para representar a estrutura social. Marx concebe dois níveis para explicá-la, sendo um deles a infraestrutura, e outro a superestrutura. A primeira compreende a base econômica (forças produtivas e relações de produção) e a segunda,

envolve o jurídico-político, os AIEs e os AREs. Acima delas está a ideologia, ou o aparelho de Estado, que engloba as instituições ideológicas e repressoras. De acordo com Althusser (1980), a metáfora do edifício tem um funcionamento perfeito quando imaginada com a base do edifício sendo a infraestrutura e a parte superior sendo a superestrutura. Ela representa a “determinação em última instância do que se passa nos ‘andares’ (da superestrutura) pelo que se passa na base econômica” (ALTHUSSER, 1980, p. 27).

Os recortes de diálogos selecionados ocorrem entre Meryem e o irmão dela, Yasin, em duas situações distintas. Ambos, contudo, trazem metáforas recorrentes no uso comum da linguagem. Metáforas essas que assumem significados depreciativos com relação ao discurso dirigido à mulher. Buscamos compreender inicialmente como Althusser (1980) apresenta a concepção da metáfora do edifício e como Gadet e Pêcheux (2010) descrevem as expressões metafóricas.

Destacamos, inicialmente, uma cena exibida no episódio III:

Yasin — *Tá fazendo o quê?*

Meryem — *Nada! Eu estou fazendo torta salgada.*

Yasin — *Pra que duas bandejas? Agora de manhã. [silêncio] Meryem!*

Meryem — *Por que está tão nervoso hoje de manhã de novo?*

Yasin — *Eu não tô nervoso.*

Meryem — *Você está gritando!*

Yasin — *Eu não tô gritando. Você que não responde. Você não diz nada. Fiz uma pergunta, Meryem. Perguntei o que tá fazendo, e você ficou olhando pra mim! Dorme com cães e acorda com pulgas. E aí vem a Ruhiye... e diz que sonhou comigo. Eu vou comprar pão. Põe a mesa.*

Yasin — *Eu vou dormir.*

Meryem — *Tenha uma boa noite.*

[som de passos]

[som da chuva]

Consideramos que Yasin, em ambos os recortes de diálogos (episódios III e V), reproduz a ordem da submissão da ideologia dominante na cultura e na religião islâmica: mulheres não precisam expressar pensamentos e opiniões e, muito menos, contestar qualquer decisão que os homens ou instituições tomam. Yasin torna-se o representante do Aparelho Ideológico Familiar para garantir a condição de superioridade de sua classe dominante (patriarcal) e não admite contrariedades nessa ordem estabelecida. Nesse caso, estamos descrevendo

que Meryem silencia diante de algumas perguntas de seu irmão porque quer ocultar a verdade, uma vez que será hostilizada se responder aos questionamentos. Em outras situações familiares, ela questionou atitudes corriqueiras de Yasin e emitiu opinião, o que provocou desconforto no irmão.

Pela ideologia da dominação (ALTHUSSER, 1980), Yasin precisa obter respostas assertivas diante das perguntas feitas, bem como aprovação incontestável de suas atitudes. Caso contrariado, recorre à repressão, quer seja por meio de humilhações verbais ou coerção em atitudes — são exemplos: “vá dormir e desligue a TV”, “prepare a mesa agora”, ou ainda, “prepare um chá”. Podemos também observar que na metáfora proposta pelo autor, Yasin representa a base do edifício, ou seja, a infraestrutura. A ideologia religiosa e cultural representa a parte superior, a superestrutura.

Ao discutirmos sobre metáfora buscamos referências em Gadet e Pêcheux (2010), os quais não definem a metáfora como uma figura de linguagem, um modo pelo qual se pode gerar determinados sentidos literários ou imaginativos para uma palavra proferida. A metáfora se configura como o mecanismo que possibilita dar sentido ao mundo cotidiano, ou seja, não há literalidade, pois, se cada palavra assumisse a característica de totalidade, não poderíamos ter a compreensão de uma palavra por outra ou de uma expressão por outra. Os autores afirmam que a transferência de sentidos está relacionada com as FDs, as quais possuem fronteiras fluidas e permeáveis, de maneira tal que a metáfora funciona no deslizamento entre FDs. É o efeito metafórico como deslizamento de sentido, produzindo uma deriva que, segundo Orlandi (2007b), deve ser pensada em relação com sua historicidade. Yasin, de um lugar social histórico, confere a si mesmo uma FD apoiada na ideologia que lhe permite tratar Meryem com desprezo.

Gadet e Pêcheux (2010) afirmam que a língua domina o pensamento, impondo-lhe a ordem do negativo, do absurdo, da metáfora. E explicam:

Chamaremos efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse deslizamento de sentido entre x e y é constitutivo do “‘sentido’ designado por x e y”. Logo, é na relação do não-dito com o dito, do *non-sens* com o sentido, que o real significa e é percebido pelos sujeitos. Nesse viés, sujeito e metáfora emergem juntos e mantêm entre si fronteiras tênues e fluidas, na medida em que

pensamento, língua e metáfora se entrelaçam em um dado acontecimento discursivo, o qual irrompe no/pelo encontro entre uma atualidade e uma memória (GADET; PÊCHEUX, 2010, p. 96).

Yasin recorre a expressões metafóricas e não apenas no uso metafórico de uma palavra, “*dorme com cães e acorda com pulgas*”, para menosprezar Meryem. As palavras, em síntese, foram retiradas do seu estado dicionarizado, na qual “cão e pulgas” assumem significados pejorativos. O que isso quer dizer? Que o sentido de uma metáfora depende das relações que são estabelecidas entre as palavras da frase, pois o discurso está no todo do contexto, e não nas palavras de forma isolada. Se analisarmos essa expressão metafórica ao nível da palavra, teremos que analisar os sentidos possíveis dos termos “cão” e “pulgas”, respectivamente, o animal doméstico e o inseto nocivo que vive como parasita. No entanto, se analisarmos ao nível do diálogo, encontramos sentidos outros. Meryem tem ideias, pensamentos nocivos, aquilo que faz mal, prejudica onde se instala.

Nesse outro diálogo ocorrido no episódio V, evidenciamos outra expressão metafórica utilizada por Yasin para se referir à Meryem, no intuito de repreendê-la.

Meryem — *Por que enfrenta essas dificuldades?*

Yasin — *Não me responda. Não me responda. Fica calada, Meryem.*

[...]

Meryem — *Olha, tudo bem, irmão. Calma. Eu não devia ter aberto a minha boca.*

Yasin — *Mas você abriu, Meryem. Você abriu. Você ficou aí tagarelado com seu cérebro de passarinho e depois disse: “Eu não devia ter dito nada”. Antes não tivesse.*

[som da chuva]

Quando Yasin verbaliza “*Você ficou aí tagarelado com seu cérebro de passarinho*”, nos remete à personificação, que, de modo geral, se associa a uma enorme gama de metáforas, cada uma selecionando aspectos diferentes de uma pessoa ou modos diferentes de considerá-la. A personificação apresenta-se como extensão das metáforas ou expressões metafóricas e nos permite dar sentido a fenômenos de mundo em termos humanos tomando por base motivações objetivos, ações e características específicas. No recorte em questão, observamos que o valor metafórico se amplia na expressão citada,

quando refletimos sobre o oposto de “tagarelar”, que seria “calar” e/ou “silenciar”. É importante salientar que Yasin e Meryem compartilham as mesmas heranças culturais, os mesmos valores religiosos, sociais etc. e estão inseridos numa cultura cristalizada na qual a mulher não exerce os mesmos direitos que o homem, os quais são culturalmente determinados pelas relações de produção e reforçados por ideologia familiar e religiosa.

A expressão metafórica “*cérebro de passarinho*” remete ao tamanho, relativamente pequeno, do órgão. Ressalta, portanto, que o cérebro de Meryem é demasiadamente pequeno, o que a impede de ter condições de entender problemas, conflitos e situações complexas do dia a dia da família ou do mundo. Dizendo de outra forma, ao afirmar que ela “tagarela”, também remete ao papagaio, ave que repete sons e imita a fala humana, o que reforça a ideia de que ela não pensa para falar. Suas tarefas diárias de mulher solteira é cuidar dos afazeres domésticos (cuidar de seus sobrinhos, fazer chá, preparar refeições, entre outros) e servir-lhe sempre que solicitada. O contexto social é interpretado por meio de uma metáfora. Meryem atua e encena uma vida que não é sua de fato, mas sim o modelo de mulher exaltado para seguir, em consonância ao sistema patriarcal. Ela desempenha papéis de subordinação, enquanto valores afetivos e psicológicos são negligenciados. Percebemos que a conjuntura familiar de Yasin funciona como Aparelho Ideológico de Estado, e as relações de domínio sobre as mulheres, ora com Meryem, ora com a esposa (os diálogos entre Yasin e a esposa não serão objeto de análise) são evidenciadas. A reprodução do lugar de classe, da família e seus ideais, se presentificam neste contexto. Ao analisarmos os diálogos pelo viés teórico de Althusser, constatamos que todo indivíduo tem um lugar social. No entanto, vive sob diretrizes que necessariamente precisam ser seguidas, para que não tenha suas ações interditas pelas organizações socialmente soberanas, neste caso, a religião. Na análise em questão, podemos perceber as ideias difundidas por Althusser (1980) no que tange tanto à ideologia quanto às constituições da superestrutura e da infraestrutura são marcantes nas atitudes de Yasin em relação à família, a qual reflete parte da realidade que se passa nas instituições comuns em todas as sociedades, ou ainda, a força ideológica que possuem a família, a escola, a cultura e a religião.

*Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão*

*(Paulo Freire)*

## **9 O APARELHO REPRESSIVO DE ESTADO AUTORIZA A IDEOLOGIA RELIGIOSA**

O filósofo Althusser, em *Aparelhos Ideológicos do Estado* (1980), faz uma releitura da teoria das ideologias particulares e das ideologias em geral de Marx e elabora o projeto para apreender o funcionamento de todas as ideologias particulares por meio das práticas e dos discursos. O autor inicialmente discute que:

[...] é indispensável ter em conta não somente a distinção entre poder de Estado e aparelho de Estado, mas também outra realidade que se manifesta junto ao aparelho repressivo do Estado, mas que não se confunde com ele. Chamaremos esta realidade pelo seu conceito: os aparelhos ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1980, p. 42).

O filósofo francês distingue então os “aparelhos repressivos de Estado”, que operam via violência para garantir a dominação de classe, dos aparelhos ideológicos de Estado, que garantem essa dominação de outro modo, pois “funcionam através da ideologia” (ALTHUSSER, 1980, p. 42).

Aparelho (repressivo) de Estado: contém o governo, os ministérios, a polícia, os tribunais, os presídios, etc. — funciona pela violência (que não necessariamente precisa ser física: práticas administrativas). Aparelhos Ideológicos de Estado: “[...] certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas (ALTHUSSER, 1980, p. 46).

Considerando em aspectos gerais, não menos importante ao tema que discutiremos adiante, Althusser (1980) constata que enquanto o aparelho (repressivo) de Estado, unificado, pertence inteiramente ao domínio público, a maioria dos Aparelhos Ideológicos de Estado (na sua dispersão aparente)

condiz, pelo contrário, com o domínio privado. “Privadas são as Igrejas, os partidos, os sindicatos, as famílias, algumas escolas, a maioria dos jornais, as empresas culturais, etc.” (ALTHUSSER, 1980, p. 46).

Para Althusser (1980), a ideologia não seria apenas um simples conjunto de discursos ou um sistema de representações imaginárias, mas a ideologia dominante é um poder organizado num conjunto de instituições. Portanto, o caráter dos aparelhos ideológicos de Estado não é determinado apenas pelo seu lugar jurídico na sociedade, mas pelo seu funcionamento enquanto prática. Conforme dito acima, entre os vários aparelhos existentes (igreja, família, sindicatos, partidos e outros) daremos maior visibilidade nesta pesquisa ao aparelho ideológico religioso, aquele que assumiu posição dominante nos discursos da série *8 em Istambul*.

Enquanto o Estado é entendido por Althusser (1980) como aparelho repressivo de Estado, na medida em que se utiliza principalmente da violência para valer seus desígnios, há instituições que não se enquadram nesta categoria: a religião não funciona majoritariamente pela repressão violenta, mas sim via reprodução da ideologia religiosa a partir da reprodução do sistema das diferentes igrejas que, numa situação de conflito suprimido, tende a reproduzir as relações de produção vigentes.

Desta forma, entende-se que a igreja, aqui nominada de religião islâmica, considerada instituição privada e categorizada enquanto aparelho estatal, na medida em que o aparelho não se limita à característica de instituição, mas sim à própria institucionalidade que se realiza dentro do aparelho. Dizendo de outra forma, a religião é uma realidade distinta dos outros aparelhos, um local de luta, um espaço de disputas em que a classe dominante visa a reproduzir as relações de produção vigentes.

Nessa seleção de recortes, o hodja ficou sabendo que Ruhiye, esposa de Yasin, havia desaparecido/fugido de casa com seu filho caçula. Yasin estava muito desesperado sem saber ao certo como buscar ajuda. Meryem não sabia como ajudá-lo também. Consideramos pertinente retomarmos as discussões de Althusser (1980) sobre ideologia, especificamente a ideologia religiosa, bem como conceito de FDs desenvolvido por Pêcheux (1997), uma vez que constituem o objeto de estudo proposto inicialmente em nosso trabalho.

Selecionamos dois recortes sequenciais entre o hodja, Yasin e Meryem no episódio VI para compor a discussão:

Hodja — *Quando Hilmi [filha do hodja] me contou, pedi à minha filha que me trouxesse aqui para saber como vocês estavam.*

Meryem — *Louvado seja Alá, hodja.*

[silêncio]

Yasin — *Hodja, muito obrigado por vir aqui. Sabemos que é um momento muito difícil para o senhor [o líder religioso havia acabado de ficar viúvo]. Não queremos lhe dar trabalho.*

Meryem — *Hodja, posso fazer um pouco café para o senhor.*

Hodja — *Não, fique aqui, não há necessidade. O chá está ótimo. Então, me diga, o que aconteceu? Ela saiu ontem à noite? Levando seu filho?*

Meryem — *Inshallah*

[...]

Segundo diálogo entre Yasin e Meryem sobre a visita do hodja:

Yasin — *Olha o que o hodja fez.*

Meryem — *O quê?*

Yasin — *Como ele... veio nos ver ontem depois de saber. Pessoas sagradas são assim.*

Meryem — *Certamente, que Alá olhe por esses homens santos.*

Yasin — *Somos servos amados do grande Alá, Meryem. Veja, esse homem... veio aqui quando ainda está de luto pela sua esposa, que morreu há menos de uma semana, para perguntar pela Ruhiye. Sabe o que ele me disse? Ele colocou a mão aqui, e meu ombro começou a tremer. Eu juro por Alá. Eu... eu não sei. Havia essa energia. Eu me senti muito aliviado. Tão confortado. E ele só me tocou. [silêncio] E disse pra manter meu coração forte, não deixar de orar. E eu ia dizer que estava disposto a fazer qualquer coisa por ele. [silêncio]*

O Estado é entendido por Althusser (1980) como aparelho repressivo, na medida em que se utiliza principalmente da violência para valer seus desígnios, no entanto, há instituições que não se enquadram nessa categoria: a religião não funciona majoritariamente pela repressão violenta, mas sim através da reprodução da ideologia religiosa. O autor reitera ainda que a ideologia não é apenas um simples conjunto de discursos ou um sistema de representações imaginárias. A ideologia dominante é um poder organizado num conjunto de instituições, especificamente nesse recorte de diálogo, descrevemos a ideologia presente na instituição religião, e pode ser materializada pelo seu funcionamento enquanto prática. Nesse aspecto o autor reitera:

[...] se considerarmos que a ideologia religiosa realmente se dirige aos indivíduos a fim de “transformá-los em sujeitos”, interpelando o indivíduo Pedro para fazer dele um sujeito, livre para obedecer ou desobedecer ao apelo, isto é, aos mandamentos de Deus [...] Depreende-se, pois, que a interpelação dos indivíduos como sujeitos pressupõe a existência de um Outro Sujeito, Único e Central, em cujo nome a ideologia religiosa interpela todos os indivíduos como sujeitos (ALTHUSSER, 1980, p. 136).

Consideramos que Meryem em diversos diálogos apresentados no decorrer de *8 em Istambul* é interpelada pela ideologia religiosa para seguir as crenças, valores e condutas da religião muçulmana (dicotomia certo *versus* errado; abençoado *versus* amaldiçoado; permitido *versus* proibido; homem *versus* mulher), bem como renovar os votos de fidelidade ao representante de sua religião. Yasin reforça a presença e a importância do hodja em suas vidas, deixando transparecer que ele é sagrado, ou seja, o próprio Alá personificado. Reafirma também a oportunidade e a relevância de ser agraciado pelos dons espirituais do hodja ao visitá-lo em casa e tocar-lhe com as mãos em sinal de bênçãos. Para Althusser (1980), o aparelho religioso não cria uma realidade inexistente, que seria a realidade da religião, mas atua por meio de diferentes lideranças religiosas, o que podemos observar por meios subjetivos de assujeitamento descritos no diálogo entre Meryem e Yasin. Meryem se sujeita aos julgamentos do irmão, que, por sua vez, se sujeita aos princípios da liderança espiritual, o qual se segue os princípios sagrados de Alá. Muitas vezes, sob a forma de instituição distinta e especializada, a família também desempenha claramente a ideologia religiosa e assume suas funções, reproduzindo a formação social vigente a partir da ideologia religiosa existente.

Althusser (1980) também afirma que o sujeito único e absoluto (neste estudo representado por Alá) é distinto dos sujeitos interpelados e que o discurso religioso é aquele em que fala a voz divina (Alá), ou seja, a voz do hodja é a voz representante de Alá entre os seus seguidores. É possível encontrar na formação discursiva religiosa de Meryem e Yasin quando pronunciam palavras que promovem o efeito de sentido desejado, neste contexto as palavras “homem santo”, ou ainda “servos amados”, uma vez que podem ser reconhecidas por parte do ouvinte, a existência de um poder superior ao qual se submetem. Esse poder, reconhecido por Yasin, situa-se na formação discursiva religiosa, no lado

do plano espiritual e ambos reconhecem o enunciador (Alá) como aquele que os nomeou devotos para o qual devem se submeter. Dizendo de outro modo, o discurso religioso é aquele em que o efeito é a total submissão do sujeito devoto às forças que lhe são superiores. Meryem também deixa transparecer que reconhece seu lugar e o lugar da divindade (Alá), pois percebemos que em diversos diálogos ela utiliza a expressão *inshalla*, que significa “Se Alá quiser”, ou seja, estamos submissos à ordem divina.

Althusser (1980) também afirma que “tudo se passa como se os homens tivessem a necessidade, para poder existir como seres sociais conscientes e ativos na sociedade de dispor de uma certa representação do mundo em que vivem” (ALTHUSSER, 1980, p. 49). Yasin exerce essa representação diante de Meryem. Ressaltamos a representação ideológica religiosa, uma vez que sendo tocado pelo hodja, homem tido como sagrado, ele também se sente sagrado e por meio de sua conduta familiar e social, reproduz a ideologia. “A ideologia está presente em todos os atos e gestos dos indivíduos até o ponto que se torna indiscernível” (*ibid.*, 1980 p. 49). Assim sendo, o estado nutre a ideologia.

Outro aspecto que elegemos nesse recorte está relacionado às proposições de Pêcheux (1997) de que todo discurso (ou que todo dizer) tem suas condições de produção. Essas condições são tratadas pela via da história e/ou da historicidade, porque é ela quem provê o sentido do discurso. Podemos afirmar que a história intervém na medida em que o que está disponível (e o que não está) para o discurso, também está disponibilizado pelas formações discursivas. Nesse sentido, Pêcheux afirma que “uma ou várias formações discursivas interligadas determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura [...]. Então, toda formação discursiva deriva condições de produção específicas e identificáveis (PÊCHEUX, 1997, p. 166). Yasin, historicamente, está inserido na cultura muçulmana interligada com outras FDs: a FD religiosa que lhe provê o lugar de servo de Alá e a formação discursiva do homem provedor da casa, advindo de uma cultura machista que lhe autoriza a falar ou obter o silêncio conforme lhe convém.

*Aqui jaz um grande poeta.  
Nada deixou escrito.  
Este silêncio, acredito,  
são suas obras completas.*

*(Paulo Leminski)*

## **10 UM CAMINHO PELA AUTONOMIA DISCURSIVA**

Muitas análises sobre os modos de silenciamento dos recortes de diálogos selecionados poderiam ser feitas, no entanto, não pretendemos a exaustividade em relação ao nosso objeto de pesquisa, uma vez que tem caráter inesgotável. Nenhuma análise está fechada em si e todas permitem que os recortes estabeleçam relação entre língua, história e ideologia, tomando esta como “função da relação necessária entre a linguagem e o mundo” (ORLANDI, 2002, p. 31).

Consideramos relevante trazer as considerações de Pêcheux (1997) discutidas na obra *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* para que possamos avançar em nossas análises. O autor reitera que por meio da ideologia os indivíduos tornam-se sujeitos assujeitados e, na maioria das vezes, esse sujeito não se dá conta do seu assujeitamento, por pensar que é origem do seu dizer e tem domínio sobre o sentido produzido. O sujeito é atravessado pelo inconsciente e pela ideologia, viabilizada pela língua, materialidade discursiva. Assim sendo, os indivíduos são interpelados pela FD que os dominam e que são representadas na linguagem. Essa identificação entre o sujeito e a forma-sujeito da FD regula o que pode e deve ser dito numa determinada FD, resultando na noção de posição-sujeito. Pêcheux (1997b) chama de posição-sujeito a relação de identificação entre o sujeito enunciador e o sujeito do saber (forma-sujeito). O sujeito do discurso, ao se inscrever em um determinado lugar discursivo, vai se relacionar tanto com a forma-sujeito histórica e os saberes que ela abriga quanto com a posição-sujeito. O autor discute três modalidades de identificação do sujeito com a FD. A saber:

a. A identificação plena (o bom sujeito): Há uma identificação plena entre o sujeito enunciador e o sujeito universal da formação discursiva, a forma-sujeito, havendo uma superposição entre eles. “O sujeito sofre cegamente essa determinação”. b. A contra-identificação (o mau sujeito): ocorre quando o sujeito da enunciação se volta contra o sujeito universal. Nessa tomada de posição, há um questionamento, distanciamento, com a formação discursiva que lhe é determinada pelo interdiscurso. [...] c. A desidentificação: nesta tomada de posição, o sujeito desidentifica-se com a FD que estava inscrito para identificar-se com outra FD. Não há desassujeitamento, pois não há fim das ideologias (PÊCHEUX, 1997b, p. 215).

Pecheux (1997b) explica que a desidentificação, nessa tomada de posição, o sujeito desidentifica-se com a FD que estava inscrito para identificar-se com outra FD. Ele afirma também que não há desassujeitamento, pois não há “fim das ideologias” (PÊCHEUX, 1997b, p. 215). De acordo com o autor, a desidentificação, por sua vez, representa o funcionamento “às avessas” da ideologia, e que nessa modalidade, o sujeito se desidentifica com a forma-sujeito da FD a ponto de promover a transformação do “Sujeito” da FD em questão. (PÊCHEUX, 1997b, p. 271). Ele denomina essa modalidade de posição não-subjetiva, contudo, ressalta que a ideologia não desaparece, ocorre um “desarranjo/rearranjo” do complexo da formação discursiva com as respectivas FDs (PÊCHEUX, 1997b, p. 278). Segundo o filósofo, “o sentido não ‘morre’, o sujeito não ‘desaparece’”. A repercussão consiste num trabalho na e sobre a forma-sujeito, em particular na e sobre a forma-sujeito do discurso (PÊCHEUX, 1997b, p. 269).

Nesse mesmo sentido, Indursky (2008) ressalta que quando ocorre a desidentificação, não há desassujeitamento, liberdade total, já que a ideologia ainda domina o sujeito e, ao desidentificar-se, de forma inconsciente, já ocorreu uma identificação do sujeito com outro domínio de saber, isto é, com outra FD (INDURSKY, 2008, p. 14). A autora reitera que:

No processo de desidentificação, o sujeito vai além da divergência com os saberes de uma FD, ele rompe com a formação discursiva em que se inscreve e, por via de consequência, com a forma-sujeito que organiza os saberes da referida formação discursiva para novamente se identificar com outra FD e seu sujeito universal; ou seja, o sujeito não se torna livre, há um deslizamento de uma forma de subjetivação para outra (INDURSKY, 2008, p. 74).

A partir das considerações de Pêcheux (1997) e Indursky (2008) podemos inferir que na inscrição em uma mesma FD pode haver diferentes posições-sujeito, o qual, no processo de subjetivação do indivíduo, pode ser atravessado e desidentificado em relação a uma FD, dependendo da posição-sujeito que ocupa em determinadas condições de produção do discurso. Isso é possível, como atesta Indursky (2008), por serem porosas as fronteiras das FDs.

Consideramos importante apontar os pressupostos de Pêcheux (1997b) quando afirma que toda prática discursiva está inscrita na FD que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas e de que não existe prática sem sujeito (PÊCHEUX, 1997b, p. 213). O autor afirma que o lugar do sujeito não é vazio, sendo preenchido por aquilo que ele designa de forma-sujeito, ou sujeito do saber de uma determinada FD. É, então, pela *forma-sujeito* que o sujeito do discurso se inscreve em uma determinada FD, com a qual ele se identifica e que o constitui enquanto sujeito. E confirma esse caráter ilusório da forma-sujeito, ao dizer que “a forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o *non-sens* da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira (PÊCHEUX, 1997b, p. 266). Essa afirmação nos direciona aos pressupostos teóricos, tão bem explorados e conceituados na AD: o sentido só se produz pela relação do sujeito com a forma-sujeito do saber e, conseqüentemente, pela identificação do sujeito com uma determinada FD.

Nessa análise, abordaremos apenas a terceira modalidade — trata-se da desidentificação. Discutimos nesse recorte apenas o movimento de desidentificação e a forma-sujeito, apontando esse funcionamento no modo como a personagem Meryem desliza entre a posição discursiva da formação religiosa e patriarcal e a posição de outro domínio de saber, ou seja, a posição contemporânea, interpelada por discurso libertários, ora da doutora Peri, ora de Hilmi. Para exemplificar esse funcionamento, vejamos parte do diálogo da sessão terapêutica entre a doutora Peri e Meryem, ocorrida no episódio IV. Meryem apresenta-se mais desenvolvida ao se expressar, demonstra confiança e certa intimidade para dialogar. Ela questiona alguns fatos e avalia as respostas obtidas:

*Meryem — Quantos pacientes você atende, irmã?*

*Dra. Peri — Depende. Por que a pergunta?*

*Meryem — Você atende uns dez, por exemplo.*

*Dra. Peri — Na verdade não.*

*Meryem — Sei... Você ouviu... e depois fala. [...] Você se lembra de tudo, né?*

*Dra. Peri — O máximo possível, mas é claro que é difícil se lembrar de tudo.*

*[...]*

*Meryem — Eu ia perguntar uma coisa, irmã. Na... semana passada, eu... saí daqui... e, no dia seguinte, foi dia de limpeza no senhor Sinan.*

*Dra. Peri — Me lembro.*

*Meryem — Não sei, eu me senti um pouco estranha.*

*Dra. Peri — Estranha, como?*

*Meryem — Foi diferente. Eu me senti estranha. Poderia ser porque conversamos?*

*Dra. Peri — Sim, é possível. Você discutiu esse assunto com mais alguém?*

*Dra. Peri — Como se sentiu? Quer me contar mais sobre isso?*

*Meryem — [Hesitação] Sobre o quê?*

*Dra. Peri — Disse que se sentiu estranha enquanto fazia café na casa em que trabalha.*

*Meryem — Na casa do senhor Sinan.*

*Dra. Peri — Sim, na casa do senhor Sinan.*

*Meryem — Irmã, você é realmente boa nisso.*

*Dra. Peri — Como assim?*

*Meryem — Manipulando a conversa para falar sobre as coisas que você quer sem que as pessoas percebam. Você não estudou seis anos por nada.*

*[...]*

*Meryem — Posso voltar na próxima semana, irmã?*

*Dra. Peri — Você quer voltar, Meryem?*

*Meryem — Se você não se importa, eu gostaria de vir mais uma vez. Tudo bem, por você?*

*Dra. Peri — [aceno positivo com a cabeça]*

*Meryem — Eu gosto de anéis, irmã.*

*Dra. Peri — Anéis?*

*Meryem — Outro dia me perguntou se eu queria me casar, lembra?*

*Dra. Peri — Gosta de alianças?*

*Meryem — É, eu gosto da ideia. Não pode usá-las sem noivado ou festa de casamento. Em nossa comunidade não usamos, as pessoas fofocariam.*

*Dra. Peri — Vou esperar você na próxima semana.*

Perguntar para a doutora Peri quantos pacientes ela atende por dia, e, logo em seguida, complementar com um “Sei... Você ouviu... e depois fala”, nos remete às discussões de Orlandi (2007, p. 48), quando a autora afirma que o silêncio trabalha os limites das FDs, determinando, conseqüentemente, os

limites do dizer, ou seja, é preciso não dizer para poder dizer (ORLANDI, 2007, p. 48). Meryem manifesta silêncio por meio da linguagem ao considerarmos que a doutora Peri está inscrita numa formação discursiva diferente da FD de Meryem. Ou seja, após ouvir os pacientes, ela desloca o discurso, de modo tal que Meryem sente-se ouvida, quando, na verdade, os discursos são reproduzidos de outra formação discursiva.

Conforme já discutimos anteriormente, no decorrer de nossa pesquisa, e de acordo com Orlandi (2007), no discurso, o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo. Assim sendo, ao autorizar o sujeito a ocupar certos lugares, autorizamos certas posições. A doutora Peri autoriza Meryem a dizer o que diz, da forma que diz, quando ela se posiciona inteligentemente:

— *Manipulando a conversa para falar sobre as coisas que você quer sem que as pessoas percebam. Você não estudou seis anos por nada.*

Nesse aspecto, podemos considerar a noção de discurso social apresentada por Orlandi (2007), pois Meryem define o dizível em sua formação discursiva, e ao considerarmos o discurso social como consenso posto em funcionamento em um estado de formação social, podemos ver que ele recobre apenas um dos aspectos dos processos de significação. O discurso social é “já um efeito do já dito” (ORLANDI, 2007, p. 73). Portanto, Meryem percebe que, ao falar sobre assuntos aleatórios e assuntos do seu cotidiano, ou mesmo quando os silencia, os sentidos quando reproduzidos são deslocados e carregados de transformações outras, de sentidos outros possíveis, mas não ditos (ORLANDI, 2007, p. 74).

Nesse sentido validamos o posicionamento de Meryem com os apontamentos de Pêcheux (1997b). Há momentos de desidentificação com uma FD religiosa e patriarcal, observados no decorrer da série desenvolvidos pela personagem Meryem e, nesta análise, especialmente, quando ela manifesta diferentes tomadas de posição-sujeito. Como por exemplo, quando assume o desejo de estar noiva ou casar-se. Sua tomada de posição ao responder à pergunta da doutora Peri sobre gostar de anéis. A resposta afirmativa, supostamente, justifica seu desejo:

— *É, eu gosto da ideia. Não pode usá-las sem noivado ou festa de casamento. Em nossa comunidade não usamos, as pessoas fofocariam.*

Observamos que há desidentificação da personagem Meryem com a FD, a qual se inscrevia como mulher solteira envolvida em sua crença religiosa. No momento em que surge possibilidade de falar sobre seu desejo de se casar podemos registrar que essa desidentificação pode marcar sua inscrição em uma nova FD, ou seja, deslizar de uma FD para outra, como mulher apaixonada e livre para sentir e falar de seus sentimentos.

Pêcheux (1997b) explica ainda que o processo de desidentificação não substitui a FD dominante, uma vez que ela atua como a própria memória discursiva. Meryem, inicialmente, se identifica como uma voz feminina silenciada pela cultura, emoldurada pelos costumes de seu contexto social e pela fé. Posteriormente, manifesta desejos de emancipação e deseja anular a forma-sujeito dessa mulher inscrita numa rede de memórias cuja FD está filiada aos princípios culturais e patriarcais. Ou seja, podemos considerar que o movimento de desidentificação a uma FD na constituição da identidade da personagem Meryem se efetiva. Ela conquista, paulatinamente, certa liberdade com as sessões de terapia, associada ao fato dela conhecer Hilmi, jovem por quem demonstra interesse afetivo.

Para Pêcheux (1997b), essas tomadas de posição-sujeito correspondem às diferentes posições sociais que os indivíduos podem ocupar na sociedade. Elas são, ainda, fruto do funcionamento da interpelação ideológica contra si mesma em uma reapresentação da necessidade real na necessidade pensada (PÊCHEUX, 1997, p. 247).

Torna-se aqui necessário trazer para nossa discussão o conceito de identificação para a psicanálise, uma vez que pensar a constituição do sujeito nos remete ao fenômeno da identificação, formulado na construção freudiana desde o início dos estudos de Freud seguindo posteriormente em vários de seus textos e aprofundado por Lacan, precisamente no seminário IX, *A identificação* (LACAN, 2003).

É num percurso que Freud (2011) vai formulando a complexidade de seu conceito sobre identificação. Não cabendo nesta pesquisa um aprofundamento maior, necessitamos nos limitar ao nosso objetivo de pesquisa e manter-nos próximo a ele. Deste modo, encontramos no texto *Psicologia das Massas e a Análise do Eu e Outros Textos* (FREUD, 2011) algo muito relevante sobre um

aspecto importante para pensarmos o processo de identificação que a protagonista Meryem vivenciou. Freud se pergunta nesse texto sobre o modo como os grupos se formam e se influenciam mutuamente, chegando assim a encontrar conceitos que mais tarde iria se ater como a pulsão pela via do amor, sendo o que promove laços que ao mesmo tempo só se fornecem pela via da identificação. Meryem não está imune aos processos de identificação explorados por Freud (2011) e traz consigo, inevitavelmente, desde a identificação com seu grupo social e, posteriormente, com outras figuras privilegiadas por ela, esse amor que faz laço; trata-se de um sentimento que nos humaniza.

Freud (2011) aponta três fontes de identificação. A primeira refere-se ao processo de identificação que poderá seguir como uma ligação afetiva com o objeto; a segunda, ligada à ideia da incorporação ao pai mítico, ou como uma regressão mediante um traço; a terceira como “qualquer nova percepção de algo em comum” com alguns (FREUD, 2011, p. 49). Poderíamos, assim, pensar como via de identificação de Meryem a última concepção, levando em consideração o fato dela desejar ser uma mulher casada e seus desmaios constantes como sintoma inconsciente, resultado de seu conflito psíquico.

Lacan (2003), em sua obra *A Identificação*, livro IX, resgata o texto freudiano, a qual apresenta como sintoma a tosse de seu pai, um traço único, como nomeado por Lacan (2003, p. 35), o traço unário. O autor traz neste novo conceito uma forma diferente da abordada anteriormente, denominada de mítica, isto é, para Lacan (2003), a identificação seria uma referência a um Outro ao qual nos identificamos. Ela é identificação ao significante. O autor reitera que:

A fundação do um que constitui esse traço não está tomada em nenhuma parte a não ser em sua unicidade. Como tal, não podemos dizer dele outra coisa senão que ele é o que tem de comum todo significante, [de] ser sobretudo constituído como traço, [de] ter esse traço por suporte (LACAN, 2003, p. 35).

Adiante, complementa essa concepção:

É aqui que aparece a função, o valor do significante como tal; e é na própria medida em que é do sujeito que se trata, que temos que nos interrogar sobre a relação dessa identificação do sujeito como que é uma dimensão diferente de tudo o que é da ordem do aparecimento e do desaparecimento, a saber, o estatuto do significante (LACAN, 2003, p. 53).

Lacan (2003) segue a releitura de Freud trazendo o sujeito do significante, com estatuto do nome próprio, para falar da identificação. Ao se apropriar da linguagem de Saussure, diferenciando a função do *UM* unidade, para a *unicidade*, referindo-se a um traço puramente distintivo (LACAN, 2003, p. 75). Nesse sentido, a identificação ao traço distintivo aponta para uma falta, como repetição significante, na tentativa de restabelecer ou restaurar esse momento mítico no que ele tem de unicidade, como observado por Freud no jogo de *fort-da*. Ao explicar que não se trata de um *eu* finalizado, mas de um *eu* que se constitui, como faltoso (LACAN, 2003, p. 52).

Nesse ponto, percebemos que Meryem, diante de vir a ser, aos poucos vai se movimentando subjetivamente e alterando seu discurso, passando a indagar a doutora Peri de forma mais contundente e segura, bem diferente da forma como discursava no início do tratamento, trazendo em palavras uma admiração pela psicanalista. Assim verificamos nas palavras de Meryem quando verbaliza tal admiração:

— *Sei... Você ouve... e depois fala. [...] Você se lembra de tudo, né?... E ainda afirma: “Irmã, você é realmente boa nisso” [...] “Manipulando a conversa para falar sobre as coisas que você quer sem que as pessoas percebam. Você não estudou seis anos por nada.*

Meryem vai se apropriando de seu dizer num movimento de desidentificação de seus pares para uma possível identificação com a doutora Peri, passando inclusive a chamá-la de “irmã”.

As primeiras sessões de terapia ocorreram num clima de tensão e desconforto, evidenciado pelo silêncio e pela linguagem desconexa no diálogo proposto. Meryem, aos poucos, percebeu sua voz e seus sentimentos, bem como a possibilidade de ser vista e ouvida. Encontramos no diálogo entre Meryem e a doutora Peri, na última sessão, no episódio VIII, evidências desse crescimento emocional e intelectual.

Dra. Peri — *Está dizendo que a sua cunhada está melhor, não é?*

Meryem — *Ela está ótima! Pra começar, ela está falando agora. O que quer que tenha acontecido lá na cidade fez uma grande diferença. Antes eu sempre tinha que gritar com ela e ela não respondia. Agora ela fala, participa, faz trabalhos domésticos. Meu irmão está aliviado.*

Dra. Peri — *Então, talvez tenha sido bom ela fazer uma viagem assim. Pra ela, pra família, para você, para as crianças...*

Meryem — *[silêncio]*

Dra. Peri — *É um ato muito corajoso para ser apreciado.*

Meryem — *Você diz que ela é corajosa, eu digo que ela é louca. Então, é a mesma coisa.*

Dra. Peri — *Você acha que todo ato de coragem mostra insanidade?*

Meryem — *Você sabe que tem uma palavra pra isso? É imprudência. Isso que é, doutora. O que uma pessoa pode fazer com esse tipo de coragem?*

Dra. Peri — *Meryem, todos temos emoções que nós reprimimos e que não conseguimos compartilhar com nossos entes queridos. Emoções que não podemos experimentar ou falar abertamente. Mesmo com nós mesmos. Isso vale para... todos nós. O que pode levar a problemas de saúde. Todas as emoções reprimidas... Como posso dizer isso?... Da mesma maneira que a água sempre encontra uma rachadura em uma rocha, essas emoções encontrarão essas rachaduras em nossas vidas.*

Meryem — *Água? Como isso é da água?*

Dra. Peri — *Conhece a expressão: “A água sempre encontrará as rachaduras”?*

Meryem — *Conheço.*

Dra. Peri — *Nesse sentido, eu usei como exemplo.*

Meryem — *Eu entendi também.*

Dra. Peri — *Eu sei.*

Meryem — *Tava dizendo que quando reprime suas emoções... [trilha sonora]*

Dra. Peri — *Durante certos períodos de nossas vidas, podemos nos sentir presos emocionalmente, Meryem. Podemos não saber como expressar esses sentimentos. Todos nós, todos, por diferentes razões, reprimimos emoções em certos períodos de nossas vidas.*

*[som de roupa sendo estendida]*

Dra. Peri — *É como se todos os nossos sentimentos tivessem sido colocados em gaiolas e não quisessem ser soltos. E uma vasta inquietação cresce dentro de nós. E não apenas nossos relacionamentos com os outros, como também nossa saúde é afetada. Essas emoções são necessárias e úteis, Meryem. Precisamos nos permitir viver todos os nossos sentimentos e emoções.*

*[som de criança batendo no vidro do carro]*

Dra. Peri — *São as pontes que conectam você, eu, todos nós, a descobrir quem realmente somos e entender o que queremos.*

*[som de Sinan respiração pesado]*

Meryem — *Como você fala lindamente, irmã.*

Dra. Peri — *Reprimir nossas emoções cria um fardo... para nós mesmos. Às vezes, esse fardo emocional se torna tão pesado que não conseguimos suportar. E não conseguimos entender como isso afeta negativamente nossa saúde.*

Meryem — *Meus desmaios, né?*

Dra. Peri — *[riso]*

*[silêncio]*

Meryem — *Existe um cientista chamado Jung, irmã?*

[silêncio]

No decorrer da série, Meryem vai conquistando uma sensível desenvoltura para expressar sentimentos. Suas atitudes mais ativas são perceptíveis diante dos fatos, e observa-se uma mulher mais contestadora e assertiva. Em sua última sessão de análise, ela demonstrou sensibilidade e inteligência para emitir opinião e até mesmo fazer julgamentos de valor. Ao relatar o fato sobre a atitude da cunhada, a qual fez uma viagem sem avisar, caracterizando uma fuga de casa, e depois de alguns dias ela retornou aparentemente curada de sua “depressão”, Meryem observa que sua cunhada manifestava comportamento estranho há anos. A doutora Peri declara que a cunhada de Meryem teve uma atitude corajosa ao tentar resolver seus problemas, aparentemente depressivos. Meryem responde prontamente:

— *Você diz que ela é corajosa, eu digo que ela é louca. Então, é a mesma coisa.*

Orlandi (2007, p. 74) coloca que há uma relação sentido/discurso social que se estabelece de forma que signifique, o que é preciso dizer. Por exemplo, a psicóloga diz que a cunhada teve atitude corajosa, no entanto, Meryem ao dizer que é louca está dizendo que assim ouviu em casa, ou no contexto familiar, ou ainda, que não concorda com as atitudes de sua cunhada. No entanto, ela deixa claro que não quer discutir essa questão. E se posiciona:

— *Você sabe que tem uma palavra pra isso? É imprudência. Isso que é, doutora. O que uma pessoa pode fazer com esse tipo de coragem?*

Ao propormos essa análise, apontamos o discurso de Meryem diante de pontos de vista divergentes entre ela e a especialista, retomamos ao processo de sentidos que migram de acordo com as formações discursivas, ou seja, o sentido migra e se desloca intensamente de acordo com a história e com o estereótipo. Orlandi (2007, p. 83) explica que “o estereótipo se carrega (e carrega) de sentidos que migram da ordem de outros discursos”, portanto, Meryem fala por um discurso sedimentado pela religião, pelo discurso controlador familiar e patriarcal. Nesse aspecto, compreendendo a posição discursiva e imaginária a qual pertence, “o estereótipo é o lugar em que o sujeito

resiste, em que encontra um espaço para paradoxalmente, trabalhar sua diferença e seus outros sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 83).

O lugar discursivo que Meryem se inscreve, nesse recorte de diálogo, está no entremeio do lugar social, da forma e da posição-sujeito. Sendo assim, ela abriga, no seu interior diferentes e até contraditórias posições de sujeito. Ela se inscreve em determinado lugar discursivo, ao questionar a posição da doutora Peri, com relação as atitudes de sua cunhada, e se relaciona tanto com a forma-sujeito histórica e os saberes que ela abriga, quanto com a posição-sujeito. Dizendo de outro modo, ela se desloca da forma-sujeito (ordem da constituição do discurso) para a posição-sujeito (ordem da formulação do discurso).

A sequência desse discurso entre a doutora Peri e Meryem também nos aponta o quanto ela é incisiva quando contesta a posição discursiva da doutora Peri:

— *Você diz que ela é corajosa, eu digo que ela é louca.*

Compreendemos que ela assume a posição-sujeito de aceitação do discurso de seu contexto social para com as mulheres, no qual elas não deveriam tomar atitudes contrárias às impostas pelos maridos, ao seu protetor, ao seu princípio religioso, entre outros. Meryem incorpora o mesmo lugar discursivo pelo qual é hostilizada pela cultura patriarcal. No entanto, com as elucidações da psicóloga, ela consegue relacionar sentimentos aprisionados com os desmaios, bem como correlacionar a fuga de sua cunhada de casa, ou seja, de seus próprios ressentimentos, pois também se sentia sufocada. E, ao retornar para casa, segundo relato de Meryem, ela era praticamente outra pessoa. Meryem percebe que ambas estavam adoecidas emocionalmente. Nesse aspecto, seu discurso anterior, o de julgamento da atitude da cunhada, se entrecruza com o viés da categoria do lugar discursivo da forma-discurso quando exclama:

— *Meus desmaios, né?*

Consideramos pertinente destacar que essa sessão de terapia é de vital importância para Meryem, uma vez que a doutora Peri trabalha de maneira tal que retoma sentidos e resgata sentimentos ao dizer:

— *Durante certos períodos de nossas vidas, podemos nos sentir presos emocionalmente, Meryem. Podemos não saber como expressar esses*

*sentimentos. Todos nós, todos, por diferentes razões, reprimimos emoções em certos períodos de nossas vidas.*

Desta forma, ela consegue promover um questionamento e uma reflexão em Meryem, pois definir o certo/errado não é apenas um julgamento, uma opinião despretensiosa. É uma constatação, uma tomada de posição, um discurso resultado de algum lugar na formação discursiva, finalmente, um gesto de interpretação.

E para finalizar, a doutora Peri complementa:

*— Reprimir nossas emoções cria um fardo... para nós mesmos. Às vezes, esse fardo emocional se torna tão pesado que não conseguimos suportar. E não conseguimos entender como isso afeta negativamente nossa saúde.*

Meryem compreende e completa:

*— Meus desmaios, né?*

Ou seja: cada pessoa tem uma forma de manifestar seus sentimentos oprimidos, suas angústias e tristezas, e não é prudente julgar com base nos discursos cristalizados. Após alguns segundos ela pergunta:

*— Existe um cientista chamado Jung, irmã?*

Fechando a cena, o silêncio se instaura, mas desta vez com muitas vozes a serem ouvidas, dentro e fora de si mesma.

*Nenhum ser humano é capaz de esconder um segredo. Se a boca se cala, falam as pontas dos dedos.*

*(Sigmund Freud)*

## 11 IRONIA: PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO

Se é verdade que as palavras guardam os lugares por onde andaram, a própria palavra ironia também guarda sua história. E esta história tem um começo em *éiron*, que significa *perguntar*. Para discutir sobre ironia, Orlandi (2012) aponta os estudos de Sócrates sob o fundamento do método irônico, pela pergunta, instala-se no nível dos princípios do discurso enquanto seus interlocutores se alojam no interior das doutrinas fixadas. Sócrates pergunta pelo que ele sabe (ORLANDI, 2012, p. 37). A autora considera a ironia como ruptura no nível dos princípios, ou seja, do próprio estabelecimento dos processos de significação da linguagem. Acrescenta:

Pela ironia, questiona-se a natureza da linguagem, questiona-se a inserção no senso-comum, questiona-se o funcionamento da ideologia e a própria constituição da significação. E, ao questionar, põe-se em funcionamento mecanismos que impedem que a linguagem estacione e pare de significar. A ironia afirma o diferente (a polissemia) jogando sobre o mesmo (a paráfrase) e vice-versa. Expõe a indeterminação e a incompletude da linguagem e, por isso, deixa exposta a ilusão de que ao dizer estamos no irreduzível, no único, no definido. Ao fazer isso, ela nos mostra presos da vontade do mesmo. Creio que há formas desse desvelamento/exposição que, ao invés de apontar para o mesmo, apontam para o múltiplo: talvez a piada seja um bom lugar de observação dessas outras formas. De qualquer maneira, como conclusão ainda que provisória, gostaríamos de reafirmar que a ironia não é desvio e não é um sentido a mais. É um sentido diferente que se instaura porque as condições de significação do discurso irônico são diferentes de outros tipos, de outros funcionamentos do discurso (ORLANDI, 2012, p. 39).

A ironia é um fenômeno amplo que pressupõe um lugar de movimentação de saberes e sentidos, decorrentes da heterogeneidade inerente

à produtividade da ironia, que recai sobre a FD que interpela o sujeito ideologicamente. É da natureza da ironia romper com os processos de significação da linguagem, instaurando o questionamento acerca de sua natureza, do funcionamento da ideologia e da própria constituição da significação (ORLANDI, 2012).

Para a psicanálise, a questão do humor vai para além da concepção de um mecanismo de defesa, em que o cômico traz alívio a alguma realidade que o sujeito experiencia na presença de outro. É Freud (2017) quem traz o humor como portador de uma potência erótica e política singular, que vai de encontro com uma “transgressão autorizada”, quando passa a se dedicar à pesquisa dos fenômenos dos chistes (Witz) e o problema do humor como temáticas centrais em *Os chistes e a sua relação com o inconsciente* (2017) e em *O humor* (2017).

A discussão proposta para esses recortes ocorre nos diálogos entre Hilmi e Meryem. Hilmi é um jovem que surge no enredo para trabalhar com o hodja, auxiliando-o em algumas tarefas no dia a dia. No entanto, suas ideias diferem do pensamento patriarcal e religioso da liderança religiosa. Ele tem pensamentos contemporâneos e anseia provocar reflexões sobre as crenças existentes no contexto social, sobre a política, sobre o comportamento das pessoas, principalmente os mais jovens como ele. Lê muito, tem conhecimento e acesso as bibliotecas, bem como aos livros disponíveis para todos aqueles que se interessam por política, região, filosofia, psicologia e outros temas. Enfim, não está exclusivamente fidelizado aos dogmas da religião Islâmica e da cultura patriarcal.

Desde a primeira vez que viu Meryem, demonstrou certo interesse em conhecê-la, e procurou aproximar-se dela, ora de maneira casual, ora premeditada. Tiveram breves encontros, e neles Hilmi direcionava o diálogo para temas intrigantes e contestadores pela cultura patriarcal, procurando, de alguma forma, mostrar que o conhecimento é a base e alicerce para toda a humanidade. Ele evita apontar caminhos do certo/errado ou bom/ruim para seguir, pelo contrário, abre possibilidades de conhecer novos caminhos. Procura instigar Meryem à reflexão dos fatos que traz a discussão.

Um dos encontros premeditados ocorre quando Hilmi visita Meryem com o objetivo de convidar o irmão dela, Yasin, para um grupo de estudos que está

organizando na comunidade. Ele aparece na casa de Meryem sem avisá-la, no entanto, o verdadeiro objetivo da visita era vê-la e se aproximar dela. Nesse momento, trazemos para nossa discussão questões pertinentes à ironia, manifestada pela linguagem, evidenciando também uma forma de silêncio.

Nos recortes a seguir, observamos que Meryem manifesta certa ironia ao dialogar com Hilmi. Sobre essa ironia manifesta na linguagem, Orlandi (2012) afirma que pode ser usada para romper o estabelecido, ou para evitar que isso aconteça; para dar a palavra a outrem ou para impedi-lo de falar (ORLANDI, 2012, p. 37). No entanto, qualquer que seja sua finalidade prática, ela operará no nível do funcionamento da linguagem e de seus processos de significação.

O diálogo entre Hilmi e Meryem ocorre no episódio VI, como vemos a seguir:

Hilmi — *Aqueles que querem acreditar sempre encontram um caminho. Se você impedi-lo de fazer isso, ele vai reprimir seus sentimentos, e eles voltarão de outra forma. Uma manifestação que será muito pior. Em termos de reprimir sentimentos, quaisquer que sejam as emoções... Eu sou da opinião de que você deve se permitir experimentá-las. Nesse sentido, o nosso mundo espiritual é incrivelmente vasto. É muito rico. Nosso destino é vasto.*

Meryem — *[silêncio]*

Hilmi — *Agora... Eu não quero abordar e discutir assuntos confusos, mas... essas coisas... como eu posso colocar isso?... Nós precisamos pensar sobre elas. Quero dizer, nós estamos no ano de 2018.*

Meryem — *2019.*

Hilmi — *2019. É, então, estamos no ano de 2019. Poderíamos apenas viver e continuar, mas encontrar... significado... um significado para esta vida. Sem estar vinculado a pessoas, instituições, religiões... Pode ser tão útil... por muitas razões diferentes. E é realmente divertido também. Quero dizer, como colocar isso? É... Uma boa parte da vida é uma festa para quem pensa assim. A vida é uma festa. Então, é como se estivéssemos um nível acima. [silêncio] [movimento de encolher o pé no tapete]. É que... do que... estávamos falando?*

Hilmi — *Bem... Então... Como devemos fazer? Por favor, diga ao seu irmão, Yasin, que estamos convidando-o para os nossos bate-papos. E o meu nome é...*

Meryem — *Hilmi.*

Hilmi — *Tenha uma noite abençoada.*

*[som da porta sendo aberta]*

Meryem — *Você também.*

*[som da porta sendo fechada]*

*[som de insetos]*

Meryem — *Ele nem sabe em que ano estamos, então, fala toda essa bobagem. Eu sou uma idiota por não perceber. Em vez de falar: “Eu gosto de você”. Que homem feio.*

Observamos que Meryem — ao pensar e dizer para si que o rapaz não sabia sequer o ano corrente e que, por isso, estaria falando bobagens — expõe a indeterminação e a incompletude da linguagem, uma vez que não queria dizer o que disse. Meryem já havia percebido o interesse de Hilmi em conversar com ela, e recorre ao discurso irônico para silenciar o prazer de estar sendo vista por ele. Ela percebe sentimentos aflorando, ao mesmo tempo tenta silenciá-los:

— *Eu sou uma idiota por não perceber. Em vez de falar: “Eu gosto de você”. Que homem feio!*

Nesse aspecto, Orlandi (2012) salienta que “a ironia não depende da intenção do sujeito ou da sagacidade do sujeito e quando enunciados não intencionalmente podem sê-los na prática discursiva” (ORLANDI, 2012, p. 40).

Outra questão, ressaltada por Orlandi (2012), refere-se aos efeitos da ironia que são diferentes segundo aqueles que a praticam e seus lugares sociais. Para se verificar isto, basta analisar como é recebida por um superior a ironia de um seu subalterno:

Continua sendo ironia ou é categorizada como mera grosseria? Cabe perguntar-se: a ironia só tem graça quando é respeitada a hierarquia? Há lugares privilegiados para a ironia? Assim, podemos explorar de forma múltipla a relação da ironia com a construção do referente e *com os sujeitos, na perspectiva discursiva que leva em conta a relação com o senso-comum, com a cultura, com a história etc.* (ORLANDI, 2012, p.32).

Ao tomarmos essas considerações de Orlandi (2012) e direcionarmos para a atitude de Meryem com relação ao que pensa e ao que diz, ela mantém a relação com o senso comum e com a cultura e a história. Não usa da ironia para ser sarcástica ou menosprezar Hilmi. Ela sabe que, ao afirmar que ela é idiota, está silenciando sua astúcia e sabe também que ele não é um homem feio, na verdade, ela queria dizer outras palavras.

Orlandi (2012) também afirma que a ironia não tem a ver com a atitude pessoal e arbitrária do autor, mas com um estado de mundo que se revela. A autora ressalta, no entanto, “que não considera a existência de um estado de mundo irônico, já dado, e depois uma maneira de expressá-lo pela linguagem,

mas um estado de mundo que se diz irônico” (ORLANDI, 2012, p. 25). A ironia, em geral, não é apenas meio de se expressar. Ela constitui estados de mundo. Não há um conteúdo e uma expressão separados, assim como não há esta separação entre sujeito/linguagem/mundo. Constituem-se em suas relações, quando pensamos os processos de significação.

Hilmi e Meryem se encontraram ocasionalmente quando andavam por uma rua do bairro. Meryem seguia em direção ao ponto de ônibus e Hilmi andava a esmo.

Vejamos o recorte de diálogo entre eles no episódio VII:

Hilmi — [imitando o som do peru]  
[som de passos]  
Hilmi — Como vai? Que Alá a abençoe.  
Meryem — Obrigada. Como você está?  
Hilmi — Melhor agora que vi você. A senhorita.  
Meryem — Não precisa ser tão formal.  
Hilmi — Não preciso?  
Meryem — Não.  
[som de passos]  
Hilmi — Está indo pra lá?  
Meryem — Eu vou pegar um ônibus.  
Hilmi — Qual deles?  
Meryem — O primeiro ônibus que aparecer.  
Hilmi — Não. Que número? O número que fica na lateral.  
Meryem — 24.  
Hilmi — Entendi. Aquele que vem de Bozhane e desce a avenida Ayazaga, Besiktas e aí passa pela ponte.  
Meryem — Eu não sei o caminho. Isso é com o motorista.  
Hilmi — Claro. Se quiser, eu posso te acompanhar até o ponto de ônibus.  
[som de peru]  
Meryem — Você não tem que trabalhar?  
Hilmi — Tenho.  
Meryem — E...?  
Hilmi — Gosto da sua companhia.  
Meryem — Então, vamos. Não quero perder o ônibus.  
[som de passos]

[Enquanto eles caminham continuam conversando]

Hilmi — O que aquele tal de Jung diz é muito importante. Ele diz que a vida da pessoa tem duas partes. Ele diz que a primeira parte é um esforço para provar o próprio valor. Ele chama de “ego”, o que outras pessoas chamam de “eu”. Na verdade, para mim, as palavras não significam muita coisa. Já a outra parte, a segunda parte, ele diz que se a pessoa atingir mais ou menos a maturidade e conseguiu atingir o sucesso, aí ele diz que a pessoa passou a se conhecer. E as partes reprimidas da

personalidade da pessoa não fazem mais parte do destino dela. Essas coisas, agora, fazem parte da vida dela. É uma questão de confrontar consigo mesmo. Jung descreve isso como se fosse a sua sombra. Se conhecer, conhecer seu lado obscuro, que todos nós temos. Todos os humanos possuem. Você tem, eu tenho. Hodja também tem. Todo mundo tem. Políticos. Se eles enxergam o seu lado obscuro, cabe a nós enxergar. Vemos um político cedendo ao seu lado obscuro. Enxergamos o lado ruim de um político. Nós entendemos e reconhecemos. Fazemos escolha. [silêncio]. É isso.

Meryem — E onde foi que você leu isso?

Hilmi — Li? Não, eu... Eu não sei isso porque eu decorei. Isso é o que eu penso. Desculpe, Meryem, se eu falei demais.

Meryem — Não, eu me referi aos livros que você lê. Parece que você lê bastante. Enfim.

Hilmi — Há muitos recursos espalhados por aí. Acredita que cada município tem a sua própria biblioteca? Algumas grandes, outras pequenas. E, é claro que tem muito conteúdo na internet. Mas tudo isso, toda essa informação útil, as ideias importantes, informações para a humanidade, tudo isso passa como um trem carregado de carvão [imita o som de um trem] e ninguém se dá o trabalho de ver.

Meryem — Ainda bem que você viu. [...] Então, tá. Olha, o ônibus está vindo!

Hilmi — É, está vindo. [riso] Ele sai da principal e pega a avenida lateral para Dikili, passa pela estrada da ponte e passa até Kavacik. Fica um pouco lotado à tarde, mas o trânsito flui bem melhor. Depois que você chega a Mollatepe, de lá é só descida. Sem problema nenhum. [som do ônibus] [som da porta abrindo]

Meryem — Ah. [som da porta fechando]

Hilmi — [para si mesmo] O que você é? Aplicativo de trânsito? Parece que ela te pediu a direção.

Observamos que Meryem diz:

— *Eu não sei o caminho. Isso é com o motorista*

Ela não quis parecer mal-educada, ou demonstrar grosseria. Ela estava silenciando palavras outras e também não quis ser irônica. Desse modo, seu discurso não é uma atitude pessoal de imposição, seu discurso surgiu decorrente da relação de intimidade que estava surgindo entre eles, uma vez que ela deixa claro que quem deve saber o trajeto do ônibus é o motorista. Outro fato importante refere-se à formação discursiva de Meryem. Ela é mulher, não dirige, não lhe compete saber mais do que lhe é permitido saber. Seu ir e vir depende apenas da liberdade de se locomover, quer seja a pé ou de algum transporte.

Para Orlandi (2012), é possível estabelecer uma forma pela qual o sujeito marca sua posição em relação ao enunciado, ou ao pensamento do qual

faz eco e, conseqüentemente, em relação ao seu interlocutor. Quando Meryem diz que não conhece o caminho, e que isso é atribuição do motorista, trata-se de um eco que não tem como alvo Hilmi, mas a si mesmo — autoironia (ORLANDI, 2012, p. 28) — e estabelece uma relação reflexiva. O eco pode ter origem mais imediata ou mais longínqua. Alguns têm origem em enunciados atuais, outros, em pensamentos ou opiniões mais distantes. Em nossa perspectiva de análise, essa fala de Meryem compreende o contexto ideológico imediato. Dizendo de outro modo: Meryem está dizendo que pertence a uma formação ideológica e a uma formação discursiva que, ao silenciar ou recorrer da ironia, é possível dizer outra coisa. Hilmi entende esses enunciados, não se incomoda e não se repreende, insiste em acompanhá-la e ficar ao seu lado até o ponto de ônibus. Discutir outros assuntos, os quais julga importante, é mais interessante para conhecê-la melhor.

Outra questão que podemos observar aqui diz respeito ao chiste. Orlandi (2012, p. 32) “adverte que além de ver a ironia como tipo de discurso que traz à cena a relação entre diferentes estados de mundo, podemos vê-la como chiste”. Então, dizer que a ironia só é eficaz se (e quando) produz o prazer do jogo. Como chiste, como jogo de palavra, a ironia mostra que há um uso da linguagem que se volta para ela mesma.

Freud (2017) chama a atenção à utilização da ironia como recurso inconsciente, diferenciando-a do chiste uma vez que trazem na sua interlocução a apresentação pelo oposto, sendo conhecidos como chistes irônicos, que, de forma indireta, dizem, comunicam uma intenção: “sua natureza consiste em enunciar o oposto do que se quer comunicar ao outro, mas poupando-lhe a contradição ao lhe dar a entender” (FREUD, 2017, p. 148).

Em virtude dessa condição, a ironia pode não ser entendida.

A ironia só é utilizável quando o outro está preparado para ouvir o oposto, de modo que não lhe falte a inclinação a contradizer. Em virtude dessa condição, a ironia corre facilmente o risco de não ser entendida. Para a pessoa que a emprega, ela tem a vantagem de permitir contornar facilmente as dificuldades das expressões diretas, como, por exemplo, nas invectivas, no ouvinte ela desperta o prazer cômico, provavelmente por estimulá-lo a um esforço em contradizer que imediatamente é reconhecido como desnecessário (FREUD, 2017, p. 148).

Assim, a ironia comporta processos psíquicos sofisticados e vem cumprir um papel decisivo na relação do ego com a realidade e na produção de formas criativas de afirmação do ego em relação ao superego.

Outro recorte que consideramos relevante se passa no último episódio da série, o episódio VIII, quando Meryem procura Hodja para conversar e lá encontra Hilmi em seu lugar.

Meryem — O hodja não está?  
 Hilmi — [ficou assustado quando a viu] Meryem.  
 [som de passos]  
 Hilmi — Bem-vinda.  
 Meryem — Obrigada.  
 Hilmi — Nosso hodja foi embora.  
 Meryem — Como assim?  
 Hilmi — Trancou a casa. Ele me deixou a chave... só por precaução. Eu perguntei: “Hodja, quando volta, com a graça de Alá?”  
 [...]  
 Hilmi — Perdoe-me aquele dia, Meryem.  
 Meryem — Que dia?  
 Hilmi — Quando conversamos.  
 Meryem — E...?  
 Hilmi — Eu falei demais sobre como você vai daqui para lá. Quer dizer, o ônibus. Quando estávamos nos despedindo, você estava... entrando no ônibus, e eu falando sem parar. Eu não conseguia parar. Eu sinto muito.  
 Meryem — Você falou sem parar e é você que se sentiu mal?  
 [som de Meryem tirando um embrulho da bolsa]  
 Meryem — Aqui.  
 Hilmi — [silêncio]  
 Meryem — É um presente.  
 [som de presente sendo desembulhado]  
 Meryem — Incrível. Está sem palavras. [silêncio]  
 [som de passos]  
 [silêncio]  
 [som de animais]

Outro procedimento da ironia que podemos ilustrar, neste recorte de diálogo, de acordo com Orlandi (2012), está relacionado ao jogo dos domínios estereotipados dos conjuntos institucionalizados e organizados, que se situam no nível dos grandes modelos socioculturais de qualquer grupo social.

A ironia, ao se constituir, estabelece um conflito, ou pelo menos um paralelo, um mecanismo de comparação, com um modelo. Modelo que se situa em domínios variados como o dos tipos de discurso (religioso, jurídico, etc.), ou da autoridade constituída (poder, política, escola, igreja, exército etc.), ou com a

adversidade (morte, miséria, doença etc.), ou com necessidades materiais (órgãos e funções) etc. (ORLANDI, 2012, p. 32).

Observamos que Meryem — ao dizer: “*Você falou sem parar e é você que se sentiu mal*” — está remetendo a outros discursos: quem fala muito consegue expor sentimentos, opiniões, ou seja, tem lugar instituído e autorização para falar. Considerando também que ocupa um lugar, quer seja ideológico, social, institucional ou familiar que lhe permite falar assuntos diversos, uma vez que pertence a essa ou aquela formação social. Ela também diz para si: eu silencio minhas opiniões, meus sentimentos e meus desejos e adoeci. E você falou muito e se sentiu mal. A ironia, nesse caso, nos remete a sua eficácia, em se manter em estado latente e incompleto. Ela é um gesto de significação incompleto: estabelece a tensão entre todos os sentidos e nenhum, ela arrisca diluir-se no nada sem, no entanto, cumprir o risco da inefabilidade (ORLANDI, 2012, p. 38).

Orlandi (2012) afirma que na prática discursiva, quando as palavras constituem um determinado universo do dizer, há ironia. Ela não está no locutor, não está no ouvinte, não está no texto: está na relação que se estabelece entre os três. Mesmo o que não parece irônico, pode sê-lo; depende da relação estabelecida. Para sermos mais incisivos, diríamos que, na ironia, joga-se com a relação entre o estado de mundo tal como ele se apresenta já cristalizado, os discursos instituídos, o senso comum, e outros estados de mundo. Essa é uma característica básica da ironia (ORLANDI, 2012, p. 26). Meryem, ao se expressar assim, quer dizer que não é possível que alguém que fale sem parar pode se sentir mal, uma vez que os discursos instituídos pela religião e pela cultura tradicional autorizam o homem a falar indiscriminadamente, portanto, não poderia sentir-se mal. E, o oposto também, uma mulher, ao silenciar, também não pode sentir-se mal ou adoecer, uma vez que ela ocupa um lugar previamente instituído, e o silenciar compõe esse núcleo patriarcal. Meryem percebe que Hilmi está apaixonado e ficou sem palavras quando ela lhe deu um presente. O silenciamento dele é uma resposta aos sentimentos que ambos parecem sentir. Diferente do silenciamento emoldurado ao qual ela se inscreve ao longo da narrativa de toda a série *8 em Istambul*. Sua voz aos poucos foi encontrando passagem pelas frestas apontadas pela doutora Peri por meio da terapia.

## ABRINDO AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o momento de tecer algumas considerações sobre esse percurso que vivenciamos até aqui. Provavelmente, não serão os finais, uma vez que o silêncio, o silenciamento e os silenciadores continuarão a ressoar em nós, constantemente. Reconhecemos que foi necessária uma dose de coragem ao nos aventurarmos pela escuta do silêncio existente em uma série que se passa numa cidade de cultura muçulmana, cultura essa, à primeira vista, tão díspare da que vivenciamos no Brasil. Mesmo não tendo em nossa vertente cultural traços mensuráveis do Islamismo, não estamos imunes às mais diversas formas de silenciamento, (im)postas também pelo discurso religioso, social e cultural. Assim, depuramos que os silêncios são silêncios, independentemente da nacionalidade e da razão cultural que os impõem.

Apoiamo-nos em teóricos como Freud (1905), Lacan (1953), Pecheux (1997) e Orlandi (2007) e de suas importantes teorias para partirmos da premissa de que há diferentes formas e significações do silêncio e do silenciamento na voz feminina, quer seja pela formação religiosa, social e cultural, e para tanto consideramos, no decorrer da pesquisa, o lugar social que o sujeito ocupa para silenciar, ou também discursar. O sujeito, ao qual nos referimos nesta pesquisa, é o sujeito considerado pela AD, de acordo com Pêcheux (1997), o qual desliza entre discursos já-ditos e de seus lugares estabelecidos, bem como sua reprodução discursiva, e o sujeito para a psicanálise que é o sujeito inconsciente (Freud). Estes dois “sujeitos” estão assujeitados ao silêncio, tanto por fatores externos quanto fatores psíquicos do ser.

Nosso *corpus* de pesquisa se pautou na trama da série *8 em Istambul*, com foco central na protagonista, Meryem. Selecionamos recortes de cenas narrativas, as quais consideramos relevante analisar o posicionamento da personagem principal, baseando-nos na AD, tendo a psicanálise como método de análise e interpretação a qual favoreceu o olhar ao sujeito inconsciente. E assim pensar o lugar do silêncio na psicanálise, bem como na AD, observando que ele não possui um sentido próprio, mas sim aponta para os múltiplos sentidos.

O enredo de toda a série espelha o clima emocional decorrente de uma Turquia polarizada culturalmente, marcada por uma dualidade entre a tradição

religiosa e as contemporâneas. A série desliza por um drama lento, no qual as nuances femininas se sobressaem sob diferentes aspectos e nos convocam à reflexão sobre a inscrição do desejo feminino e o lugar de silenciamento instituído à mulher diante da cultura predominantemente patriarcal, representada pelo Islamismo. É neste cenário que as mulheres de Istambul vivenciam uma dualidade entre pertencer ao mundo contemporâneo e preservar a tradição muçulmana, contraste que a série explora muito sutilmente. Nessa perspectiva, pautamos o trabalho de Monshipouri (2004), autor que explicou que há preocupação entre mulheres muçulmanas que lutam em manter a integridade de sua cultura, ao mesmo tempo em que se mantêm receptivas a valores, ideias e instituições universais contemporâneas. Ele afirmou também que “as mulheres muçulmanas enfrentaram o grande desafio de promover a ‘modernidade’ e de ‘se tornar moderno’ sem, no entanto, perder a integridade de sua cultura” (MONSHIPOURI, 2004, p. 195), servindo como verdadeiros celeiros de uma memória cultural. Importante evidenciar que não pretendemos, de forma alguma, tecer qualquer tipo julgamento à cultura Islâmica, uma vez que compreendemos a cultura como uma construção histórica, religiosa, ideológica, assim como existente em qualquer outro país, inclusive nos ocidentais. Entendemos que Meryem é uma mulher silenciada em toda a trama narrativa da série, assim como, tantas outras Meryems também silenciadas, quer seja em países ocidentais ou não. Meryem é uma personagem cativante pela identificação que provoca.

Pelos gestos de interpretação em nossas análises, transitamos por discussões envoltas em discursos constituídos basicamente por três FDs: patriarcal, religiosa e cultural, nas quais encontramos a voz feminina silenciada. Desta forma notamos que, ao iniciar as sessões de terapia com a doutora Peri, Meryem apresentava muita dificuldade para se posicionar de maneira discursiva ativa e implicada, não sabia falar de si, dos desmaios, da vida cotidiana ou até mesmo das perspectivas diante da máxima freudiana do “falar livremente”. Suas falas sempre estavam direcionadas ao silêncio, ao desvio, à resistência, mantendo-se alienada diante de sua queixa. Por conseguinte, partimos dos pressupostos de Orlandi (2007) de que o silêncio, ou a falta dele, tem relação com sua origem e sua causa. A autora afirma que “quando se trata de silêncio,

nós não temos marcas formais, temos pistas, traços” (ORLANDI, 2007, p. 30). Essa leitura foi fundamental para nossas discussões, pois Meryem apresentava muitos traços desse silêncio, deixando transparecer sua inquietude ao perceber que poderia “aprender a falar” quando se deparou, nas sessões de psicoterapia, com seu próprio silêncio.

A análise do funcionamento das FDs que atravessam a personagem Meryem em *8 em Istambul* aponta para uma emancipação quanto à posição-sujeito, ao considerarmos as condições de produção do discurso na cultura patriarcal por meio de sua escuta em análise. Na série, após cada sessão com a psicanalista, ela se movimenta silenciosamente em seu contexto social, ora com o irmão, Yasin, ora com a psicanalista, e até mesmo com Hilmi, jovem que conhece e sente-se atraída, passando a ouvir sua voz, bem como manifestar anseios de liberdade emocional. Associado a essa movimentação, ela desliza entre seus discursos, via memória discursiva, entre formação religiosa, formação cultural e ideológica e um discurso mais libertador e contemporâneo. Uma análise desatenta e parcial da produção poderia sugerir que a personagem Meryem ocupa uma posição-sujeito feminina assujeitada, a considerar as vestimentas, o subemprego, a dependência familiar e, finalmente, a voz silenciada ecoando apenas um papel numa cultura patriarcal. No entanto, sob a ótica discursiva e psicanalítica, observamos que ela constrói sua identidade atravessada por diferentes FDs, que ora se identifica com sua posição de mulher solteira — que mora com o irmão e a família e é pautada por princípios religiosos —, ora se desidentifica e rompe com alguns aspectos da FD antes inscrita de forma inquestionável — e, por conseguinte, rompe com a forma-sujeito que organiza os saberes que a referida FD passa ao seu tempo, questiona alguns dos posicionamentos culturais, religiosos e patriarcais instituídos historicamente no âmago da voz feminina.

No atravessamento por várias FDs, o silenciamento de Meryem sugere que a construção de identidade não segue um fluxo contínuo, linear e estabilizado, já que as fronteiras das FDs são porosas e instáveis, viabilizam diferentes posições. Dessa forma, antes de seus desmaios e das sessões de análise, podemos dizer que ela estava em consenso com seu contexto social, histórico, religioso e cultural. Orlandi (2007, p. 26) questiona se o silêncio tem

aspecto cultural, e conclui que esse não é o único fator que evidencia o silêncio. As determinações políticas e históricas também são marcantes em sua existência. Meryem deixa transparecer sua fidelidade e compromisso com a tradição muçulmana, a cultura e a religião, enfim, com a história dela. No entanto, é importante ressaltar que ela não rompe em momento algum com seus costumes, quando se posiciona de forma diferente da habitual, frente aos que numa posição de poder a silenciavam, ela apenas inicia um processo de movimentação subjetiva que lhe permita viver em um espaço existencial mais confortável.

O percurso de análise da personagem Meryem com a doutora Peri é marcado por seus constantes desmaios, numa incidência da linguagem sobre o corpo — eis aí seu sintoma, como uma marca, seu corpo fala. O silêncio como significante nas palavras, expresso como marca no corpo, uma manifestação do real desse significante que Meryem deu dignidade.

No decorrer da narrativa dos oito episódios da série, acompanhamos o florescimento do discurso de Meryem, e nos tornamos espectadores desse “desabrochar” da personagem, assim como percebemos na posição de psicanalistas, em muitos processos de análise. É num percurso discursivo que se dá esse “desabrochar”, abrindo possibilidades de um novo posicionamento diante de suas questões. Fator esse que se amplia quando Meryem conhece Hilmi, jovem rapaz contemporâneo, que expressa conhecimento social, político e religioso, e anseia provocar reflexões por onde passa, ao falar de suas leituras. Diferentemente de Meryem, Hilmi fala insistentemente, se colocando em palavras para ser ouvido. Ele demonstra afeição e interesse por ela.

É nas interações sociais com doutora Peri e Hilmi que Meryem passa a observar uma nova possibilidade discursiva para si, revelando traços de sua identificação, observadas também por meio da pergunta que Meryem direciona à especialista: “*Existe um cientista chamado Jung, irmã?*”. É na função de analisar-se que Meryem tem para si um lugar de fala único, ao se ouvir passa a se fazer ouvida também.

Nossa experiência em se aventurar numa análise, sob o prisma da AD e da psicanálise, de uma série como a *8 em Istambul* utilizando das nuances do silenciamento feminino que ali se evidenciam, ressaltam a importância da arte

para a psicanálise, assim como para a cultura. Freud (1908; 1977) considerou a arte como uma aliada, e assim o é também para nós que aqui utilizamos da arte cinematográfica, para expor o mesmo que aferimos em nossa pesquisa social e clínica. Toda tentativa de análise pertence a um diferente encadeamento e está inserida em um contexto específico de sua teoria que merece ser reconhecida em sua abordagem particular. O desfilar de ângulos de visões diversas nos aponta para a riqueza que o diálogo entre AD e a psicanálise podem proporcionar, sem demandar uma visão definitiva, mas valorizando as diferenças e contradições que se pode explorar, dependendo de como somos colocados a ver.

Enfim, nossas palavras ao final de nossa caminhada de estudos parecem insuficientes quando nos referimos à demanda de questionamentos que o tema do silêncio requer. Inconclusas porque as vozes femininas silenciadas não podem ser categorizadas de modo algum e, muito menos, em lugar algum. Introdutória porque pretendemos avançar com essa “causa” de olhar para o silêncio como constitutivo de sentido, projetamos aqui alçar voo e não pretendemos voar solitariamente, convidamos para quem assim desejar, se impulsionar por essa vereda também.

## REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, L. **As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?:** reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto/2012.
- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- BARBOSA, F. C. I **Relatório de Islamofobia no Brasil** [livro eletrônico]. Vários Colaboradores - São Bernardo do Campo, SP: Ambigrama, 2022. Disponível em [https://www.ambigrama.com.br/files/ugd/ffe057\\_6fb8d4497c4748f8961c92a546c5b3fc.pdf](https://www.ambigrama.com.br/files/ugd/ffe057_6fb8d4497c4748f8961c92a546c5b3fc.pdf) Acesso em 18 nov. 2022
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo – Fatos e Mitos**. 4ª edição. Editora Difusão Europeia dos Livros, São Paulo, 1970.
- BELLINI, F. **Nasreddin Hodja – O Grande Mestre**. Disponível em <https://blog360.com.br/nasreddin-hodja-o-grande-mestre/> Acesso em 19 jun. 2022.
- BREUR, J.; FREUD, S. (1893-1895). Comunicação preliminar I: sobre mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. In: **Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. V. II, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- CAMARA, V. A. **O uso do véu na Turquia: uma análise das Políticas de Gênero à Luz da Construção da Identidade Nacional Turca**. Brasília. 2007.
- FERREIRA, F. C. B. **Entre arabescos, luas e tâmaras: performances islâmicas em São Paulo**. 2007. Tese (Pós-Graduação em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- FREUD, S. **Escritores Criativos e devaneios** vol. IX, Rio de Janeiro: Editora Imago. Trabalho original publicado em 1908. 1977.
- FREUD, S. **O infamiliar** [*Das Unheimliche*] seguido de O homem da Areia / E.T.A. Hoffmann (1856-1930). Tradução de Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares (O homem da areia, tradução de Romero Freitas). *Obras incompletas de Sigmund Freud*, 8. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 173-198.
- FREUD, S. **Obras completas vol. 7**. O chiste e sua relação com o inconsciente 1905. Companhia das letras. SP. 2017.
- FREUD, S. **Obras Completas Volume 15**. Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos (1920-1923). Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras. 2011.

FREUD, S. **Obras completas, volume 13**: Conferências introdutórias à psicanálise. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1916-1917. 2014.

FREUD, S. **Obras completas, volume 14** História de uma neurose infantil (o homem dos lobos), além do princípio do prazer e outros textos. Trad. Paulo Cesar de Souza.. São Paulo: Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1917.

FREUD, S. **Obras completas, volume 17** inibição, sintoma e Angustia, o Futuro de uma ilusão e outros textos. Trad. Paulo Cesar de Souza.. São Paulo: Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1926-1929.

FREUD, S. **Obras completas, volume 11**: Totem e Tabu, Contribuição à História do movimento psicanalítico. E Outros textos. (Paulo César de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1912-1914. 2012.

GADET, F.; PÊCHEUX, M.. **A língua inatingível**: O discurso na história da linguística. Campinas, SP: Editora RG, 2010.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007, p. 13-32.

HEIDGGER, M. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2003.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (Orgs). **Práticas Discursivas e Identitárias** . Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

KRISTEVA, J. A universalidade não seria a nossa própria estranheza? In: \_\_\_\_\_. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. Tirou ne?

LACAN, J. **Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise**. Relatório do Congresso de Roma, realizado no instituto Di Psicologia Della Università Di Roma. Em 26 e 27 de setembro de 1953.

LACAN, J. **O seminário – 01** - Os escritos técnicos de Freud. 1953-1954. Rio de Janeiro: Zahar. 1975

LACAN, J. **O seminário - 09** - A Identificação. 1961-1962. Trad. Ivan Correa e Marcos Bagno). Recife. Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

LACAN, J. **O seminário** - 11- os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar. 1985

LACAN, J. **O seminário** – 12 - Problemas cruciais para a psicanálise. 1964-1965 Recife: Centro de estudos freudianos do Recife. 2006

LACAN, J. **O seminário** – 14 - A lógica do fantasma.1966-1967. Recife: Centro de estudos freudianos do Recife. 2008

LACAN, J. **O seminário** - 16 - De um Outro ao outro. 1968-1969. Rio de Janeiro: Zahar. 2008

MONSHIPOURI, M. **O mundo muçulmano em uma era global**: a proteção dos direitos das mulheres. CONTEXTO INTERNACIONAL Rio de Janeiro, vol.26, n o 1, janeiro/junho 2004, pp.187-217. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cint/a/Zr4jTgYbFF43HxkC88WQBrL/?format=pdf&lang=p t> Acesso em 18 out. 2022.

NETFLIX. **Série 8 em Istambul**. Produtores: Ali Farkhonde, Erhan Ozogul, Nisan Ceren Gocen. 2020.

ORLANDI, E. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 4ª edição. São Paulo: Pontes, 2002.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. **Destrução e Construção do Sentido**: um estudo da ironia. Disponível em: [www.discursividade.cepad.net.br](http://www.discursividade.cepad.net.br) Edição n° 09 - Janeiro/2012 - Maio/2012 - ISSN - 1983-6740. Acesso em 20 jul. 2022.

ORLANDI, E. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª Ed., Campinas, SP. Pontes Editores, 2007b (*ebook online*).

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1997b.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F. HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1975.

PEREIRA, F. **Corpos em Protesto**: análise discursiva do movimento Femen. 2017. 161 f. Dissertação (Mestrado – Programa de pós-Graduação em letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017. Disponível em

[https://tede.unioeste.br/handle/tede/3051?locale=pt\\_BR](https://tede.unioeste.br/handle/tede/3051?locale=pt_BR) Acesso em 10 jun. 2022.

SAID, E. W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTIAGO, A. L. A ética do silêncio. **Curinga**: Ressonâncias da Interpretação. Escola Brasileira de Psicanálise. Local .1996

SCHAFER, R. M. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente - a paisagem sonora. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

## ANEXOS

### ANEXO A - EPISÓDIO I

#### Série “8 em Istambul” (Original Netflix Turquia)

*[som do piado dos pássaros e dos latidos do cachorro]*

*[som do tráfego da cidade e do transporte público]*

*[som do elevador e da música ambiente]*

*[som de passos, de chaves e do barulho da fechadura]*

*[som de água do chuveiro]*

*[som mais intenso da água do chuveiro e de um leve zumbido]*

*[som de louça sendo lavada]*

*[som de papel]*

*[som de suspiro, respiração pesada e da personagem desmaiando]*

#### **Um ano atrás**

*[silêncio]*

*Paciente – Eu tenho que fazer alguma coisa?*

*Psicóloga – Podemos conversar, se quiser... Você quer conversar?*

*Paciente – Sobre o quê?*

*Psicóloga – Sobre o que você quiser. Pode me falar sobre o que você quiser.*

*Paciente – Até quando?*

*Psicóloga – Como é que é?*

*Paciente – Eu vou buscar a filha do meu irmão na escola. O 24 passa por aqui?*

*Psicóloga – O 24?*

*Paciente – O ônibus.*

*Psicóloga – Eu não sei. Mas, quando você sair do prédio, tem um ponto de ônibus na praça.*

*Paciente – É... eu saltei lá, mas não perguntei. Se o 24 não passar lá, vou ter que ir andando até o Mecidiyeköy.*

*[silêncio]*

*Psicóloga – É... Ainda tem meia hora até o final da sua sessão. Se você quiser, podemos conversar.*

*Paciente – Sobre o quê?*

*Psicóloga – Sobre o que quiser, qualquer coisa que lhe venha à cabeça que queira me contar.*

*Paciente – A senhora Nuray lá da emergência lá da Policlínica me examinou, ela é médica. Ela disse que os meus exames estavam muito bons, mas que queria que eu viesse aqui, sabe? Ela me mandou aqui para falar com a senhora, por isso eu vim.*

*Psicóloga – Ok. Fico feliz que tenha vindo.*

*Paciente – É um prazer estar aqui.*

*Psicóloga – Meryem... É um belo nome.*

*Meryem – É a mãe de Jesus, da Virgem Maria. Significa “verdadeira crente”.*

*Psicóloga – É um nome muito bonito.*

*Meryem – É claro. Se o 24 não passar, posso pegar o micro-ônibus na rua de baixo.*

[silêncio]

Psicóloga – Por que procurou a senhora Nuray na Policlínica? Qual é o problema?

Meryem – Por causa desses desmaios.

Psicóloga – Pode me falar um pouco mais sobre isso?

Meryem – Bom, eu desmaiei.

Psicóloga – Quando?

Meryem – Fomos a Erzincan com os filhos do meu irmão mais velho para o casamento da minha prima. Essa foi a primeira vez que eu desmaiei.

Psicóloga – E quando foi isso?

Meryem – Depois do Ramadã.

Psicóloga – Nesse ano?

Meryem – Aconteceu outra vez esse ano, na festa de noivado do nosso vizinho. E, uma vez, desmaiei em casa enquanto via TV.

Psicóloga – Lembra o que estava assistindo?

Meryem – Estava assistindo Esra Erol.

Psicóloga – O programa sobre casamentos.

Meryem – Eu gosto muito da senhora Esra. Ela é muito simpática e também é muito bonita. Ela acabou de dar à luz. Ela nasceu pra ser mãe. Ela é uma mulher muito bonita. E a senhora também, louvado seja Deus. Ele lhe deu várias bençãos, adoro olhos escuros.

Psicóloga – MUITÍSSIMO obrigada. Você também é muito bonita.

Meryem – Alá seja louvado.

Psicóloga – Você lembra quais foram os exames que realizou, Meryem?

Meryem – Eles examinaram várias coisas. Não descobriram muito. Primeiro, eu fui ao hospital, eles me examinaram lá e disseram que iam fazer alguns exames comigo, e aí eu fui falar com a senhora Nuray. Então, depois, eu fui com a nossa vizinha, a senhora Sadiye. E a senhora Nuray disse pra ela que eu devia procurar a doutora Peri. Ela mencionou a senhora e depois falou comigo. Ela me indicou, mas eu disse que não tinha problema nenhum, graças a Deus.

Dra. Peri – Que tipo de problema?

Meryem – Tipo depressão.

Dra. Peri – Tipo o quê?

Meryem – Tipo depressão. A senhora Sadiye também procurou uma psicóloga, que nem a senhora, lá em Taksim, numa clínica particular, mas ela pagou muito caro. Ela perdeu o marido, ela não estava bem. O falecido senhor Mustafa. Era amigo do meu irmão mais velho. Tinha o mesmo nome do meu pai, eles trabalhavam juntos. Ah... A senhora sabe onde fica? É lá na Expotêtil, perto do aeroporto. Eles trabalhavam lá quando a serraria do meu irmão ainda estava aberta. Eles faziam... É.. barraquinhas... barraquinhas para feiras.

Dra. Peri – O seu irmão é carpinteiro?

Meryem – Ele é Comando.

Dra. Peri – Como assim?

Meryem – Ele serviu como Comando no Exército. Província de Van, em Erçis. Depois ele abriu um negócio com o senhor Mustafa. O meu irmão é uma pessoa muito versátil. E, quando o senhor Mustafa faleceu, meu irmão não conseguiu se manter, e o negócio faliu. Nós temos uma casa que herdamos do nosso avô, nós a mantivemos como era. Nós ainda moramos lá. E nós não temos mais nada. O meu irmão tem um amigo, eles serviram juntos nas forças armadas. Ele falou assim “Sim, vou te arrumar um trabalho, louvado seja”. Em Etiler tem um lugar chamado Up. Up é uma boate, agora meu irmão trabalha lá... como segurança. Ele sai

*para trabalhar tarde, chega de manhã, não é fácil. Ele tem dois filhos e a esposa dele está doente. Ele diz “Meryem, você devia ver como as pessoas são de verdade...”*

*Dra. Peri – A senhora Sadiye, sua vizinha, foi a um psicólogo, foi isso? Entendi direito?*

*Meryem – Foi ela quem me falou “Meryem, isso faz muito bem”, ela me motivou. Então, eu perguntei o Hodja...*

*Dra. Peri – Ao Hodja?*

*Meryem – É, nós temos um Hodja. O Hodja Ali Sadi é o nosso ancião, que Alá o proteja. Então, eu perguntei: “Hodja, os médicos sugeriram que eu me tratasse, isso é permitido pelo Islã?”. Ele respondeu: “Minha criança, já que os médicos a mandaram ir, vá e depois volte para me contar o que conversaram, palavra por palavra, e só aí eu vou lhe responder se é permitido ou não”. Dizem que ele é descendente do Profeta. Ele diz que não é verdade, mas...*

*Dra. Peri – Você trabalha, Meryem?*

*Meryem – Eu trabalhava numa confecção de roupas.*

*Dra. Peri – Você não trabalha mais?*

*Meryem – [hesitação] O senhor Sinan prefere assim também. Ele sempre bebe. Eu coloco dois dedos de café e, depois, água quente até o limite. Antes, eu colocava água assim que fervia e eu não sabia. Ele disse: “Meryem, vai queimar o café. Quando a água ferver, abra a chaleira pra deixar a água esfriar um minuto e depois pode colocar na prensa”.*

*Dra. Peri – Quem é o senhor Sinan?*

*Meryem – [silêncio longo] Ah... a senhora não acha que aqui está calor? Será que eu posso abrir a janela?*

*Dra. Peri – Claro, pode abrir. O tempo está bom.*

*[som de passos e da abertura da janela]*

*Meryem – Bismillah.*

*[silêncio]*

*Dra. Peri – Está trabalhando em algum lugar agora?*

*Meryem – Eu faço faxina. Eu trabalho em três lugares diferentes. Casas de pessoas de bem. Segunda, quarta e quinta. Fora isso eu fico em casa. Cuido da esposa do meu irmão mais velho, que está doente.*

*Dra. Peri – Qual a doença dela?*

*Meryem – Nós não sabemos. Não sabemos mesmo. Ela está sempre cansada, constantemente cansada. Não consegue fazer serviço de casa também. Ela acorda de manhã e volta pra cama ao meio dia. Mas louvado seja Alá. Hodja fez tant opor ela. Meu irmão sempre compra mel, ervas, melaço do herborista. Já tentamos de tudo, mas nada funciona.*

*Dra. Peri – Não levaram ao médico?*

*Meryem – O médico não tem como ajudar. Começou quando o negócio do meu irmão estava mal, aí ela piorou, tadinha. O nosso Hodja disse que não é algo para os médicos nem nada disso. Ela fuma também... e dentro de casa. Nem meu irmão faz isso. O Hodja disse que primeiro ela tem que parar de fumar para melhorar.*

*Dra. Peri – Meryem, por acaso você já falou com seu Hodja sobre seus desmaios?*

*Meryem – Claro, foi a primeira coisa que fizemos. Nós o procuramos. Meu irmão me levou quando eu desmaiei na festa de noivado do nosso vizinho, ele ficou preocupado. O Hodja disse pra ele me levar ao médico. Então, fomos a um hospital estadual.*

*Dra. Peri – Você estava falando de alguém chamado Sinan, Meryem. Eu poderia perguntar quem ele é?*

Meryem – [hesitação] Disse que o 24 não passa aqui, não é?

Dra. Peri – Não, eu não sei. Talvez passe. Quando sair do prédio, pode perguntar, se quiser. Você também disse que tem micro-ônibus na rua de baixo, você pode pegar um.

Meryem – Se o 24 não passar, eu pego. O meu irmão, ele fica bravo. Diz para eu não pegar micro-ônibus. Ele não fica bravo, mas diz pra eu não pegar. É que à noite os micro-ônibus ficam muito lotados.

Dra. Peri – Quer dizer que não é para colocar água fervendo no café. Eu também não sabia.

Meryem – É claro, o café queima.

Dra. Peri – Vou deixar de fazer isso agora.

Meryem – Pois é... Na verdade, como todos sabem, o melhor café é o turco, o nosso café, que eu preparo muito bem, cá entre nós, por exemplo, quando a minha cunhada faz café, ele não tem espuma e esfria. O meu irmão me dá o café sem ela ver e manda eu jogar fora e pede pra eu fazer café de verdade. [suspiro] Ela faz direitinho, não fica ruim, mas... esfria rápido e não tem espuma por cima; isso é o principal, o creme no iogurte...e a espuma no café. Eu fazia, para o senhor Sinan, se ele quisesse, o melhor café. [silêncio] Que horas são? O meu celular tá com pouca bateria e eu não quero me atrasar. Tenho que buscar a filha do meu irmão na escola, não posso deixar a criança esperando no portão.

Dra. Peri – Ainda temos tempo, Meryem... Mas, se você quiser, pode sair mais cedo. Podemos conversar semana que vem.

Meryem – Como assim semana que vem?

Dra. Peri – Vamos nos reencontrar semana que vem, ok? Por enquanto eu não vejo necessidade pra prescrever um remédio, mas gostaria que continuasse a terapia. Pode vir toda terça nesse horário, se você quiser.

Meryem – [suspiro surpreso] Bom, por enquanto, eu não posso garantir nada, agora é com o destino.

Dra. Peri – É claro, primeiro você vai falar com o seu Hodja, não é?

Meryem – Sim, eu vou falar com ele.

Dra. Peri – Hm... Escuta, Meryem, você sabe o que é melhor pra você e deve fazer o que lhe deixa à vontade, mas... eu tenho um pedido a fazer.

Meryem – É claro, sim, senhora, eu faço o que pedir.

Dra. Peri – Quando falar com seu Hodja... Eu te perguntei algumas vezes quem era o senhor Sinan, mas... parece que você não fica à vontade ao falar sobre isso, mas não tem pressa. Espero que venha semana que vem, gostaria muito de conversar com você de novo, ouvi-la de novo. Mas, se você quiser, antes de discutirmos esse assunto, não fale nada com seu Hodja, o que você acha?

Meryem – Que assunto?

Dra. Peri – Estou pedindo para não falar com seu Hodja sobre o senhor Sinan. Como eu disse, nós não temos pressa, mas, quando quiser falar sobre isso, falaremos. Fica entre nós duas, por enquanto. Hã? O que você acha?

Meryem – Não... É que... Não tem assunto, a senhora entendeu errado. Quando a senhora bebeu café, me veio à mente... e eu mencionei. Não tem nada para falar com meu Hodja. A senhora entendeu errado.

Dra. Peri – O senhor Sinan é alguém que você conhece bem?

Meryem – É claro que eu o conheço bem. Faço a cama dele, passo as calças e as camisas, me perdoe, mas lavo até as cuecas. Nenhuma daquelas mulheres faz isso. Elas nem limpam nada depois de comer. Uma delas esteve lá semana passada. Tenho vergonha de falar, mas Alá é testemunha. Ela tirou a calcinha e foi embora. Achei a calcinha dela

debaixo da cama. Em nome de Alá, o que é isso? Me diga a senhora. Eu só tenho o primário, sou ignorante, somos de uma área rural, nosso lugar não é aqui. Mas a senhora é bem educada e experiente, que tipo de mulher faz isso? Eu sei o que dizer pro nosso Hodja, a senhora não se preocupe. Só porque mencionei o senhor Sinan, a senhora me perguntou várias vezes, me deixando constrangida. Eu já disse à senhora que eu estou atrasada e que eu... tenho que... buscar a criança na escola... então, não faça a mesma pergunta várias vezes. A senhora disse que ia me ajudar. Eu só vim aqui para melhorar, não para fofocar. Quanto eu lhe devo por hoje?

[silêncio e início da trilha sonora]

[som de tráfego]

Dra. Peri – Aqui está.

Taxista – Obrigado.

Dra. Peri – De nada.

[som de tráfego]

Garçom – Olá, o que vai querer?

Dra. Peri – Olá, um café turco sem açúcar, por favor.

[som de tráfego e trilha sonora]

[passarinhos piando]

[som de galinhas cacarejando, barulho da porta sendo fechada]

Meryem – Esma! Lave-se primeiro.

Esma – Ah, qual é tia!

Meryem – Juro que eu vou contar para o seu pai. Anda, querida! Vai lavar as mãos, depois você pode assistir à TV. [suspiro de espanto]

[som da TV]

[som de oração sendo sussurrada pela cunhada de Meryem]

Meryem – Esma, quando a sua mãe terminar de orar, avise que eu saí, mas eu já volto, está bem?

Esma – Vai aonde?

Meryem – Eu já volto, mande o seu irmão vir para casa. [som da porta sendo aberta] Estou saindo agora.

[silêncio]

Dra. Peri – Pra mim tem sido muito difícil. E, hoje, foi muito complicado. Isso tinha que acontecer logo num dia... que tenho... consulta com você?

Psicóloga – Foi sua primeira... sessão?

Dra. Peri – Primeira. [silêncio] Se visse como ela estava assustada. Ela ficava olhando para as paredes, para os móveis, para mim. Olhava para os lados. Não disse uma palavra nos primeiros quinze, vinte minutos.

Psicóloga – E depois?

Dra. Peri – [suspiro] E aí ela começou pouco a pouco. Ela falou sobre um homem pra quem ela faz faxina. Aí é que está. O que ela está vivendo... Ela está apaixonada por este homem. Conversão histriônica. Um caso claro. Ela desviava e evitava todas as perguntas sobre ele. Aí ela me repreendeu e foi embora.

Psicóloga – Como você se sentiu?

Dra. Peri – Péssima. Como deveria me sentir.

Psicóloga – E o que foi? O que mais a incomodou?

Dra. Peri – Acho que foi a questão do Hodja dela. Ela tinha dito que ia falar com o Hodja dela, incrível. [suspiro] O que vamos fazer?

*[som de pássaros piando e de passos]*

Meryem – *Então, a situação é essa Hodja. Eu queria falar com o senhor e pedir um conselho.*

Hodja – *Venha comigo, Meryem.*

Hodja – *Olha só que beleza, Meryem. Vê do que o homem é capaz? Parece que foi cortada no ganho. Parece verdadeira, até a gotícula da pétala.*

Meryem – *Mashallah, Hodja.*

Hodja – *Isso vem de Taiwan, Meryem. Demora cinco dias para chegar lá de avião. Se quisesse ir lá, teria que se ajoelhar cinco vezes para orar no avião. Isso veio de alguma fábrica em Taiwan, veio até aqui no nosso vaso.*

Meryem – *Sim, Hodja.*

Hodja – *Segure isso, por favor. Agora quero que tente arrancar uma pétala. Pode arrancar!*

Meryem – *Ela não sai, Hodja.*

Hodja – *Não sai, é? Cheire. Veja se tem cheiro.*

Meryem – *Não tem, Hodja.*

Hodja – *Venha comigo, Meryem. E traga a flor com você.*

Dra. Peri – *Ela é inteligente. Fala muito, é muito bonita. Jovem. Ela tem um rosto perfeito, mas... Eu não... Não entendo. Eu ouço a moça, mas... Dentro de mim... É algo que não consigo me ver livre, que não consigo me libertar!*

Psicóloga – *Algo?*

Dra. Peri – *Raiva.*

Psicóloga – *Raiva?*

Dra. Peri – *Raiva. Raiva. Mesmo dizendo para você em voz alta, meu coração... Como posso dizer. Ai, é um sentimento estranho e inquietante dentro de mim. E, lá no fundo, em algum lugar... Não consigo controlar. Não consigo controlar esse meu sentimento. [silêncio] Sempre que uma mulher coberta senta diante de mim, eu sempre digo pra mim mesma: “Não seja ridícula, Peri. Você estudou durante tantos anos, o que isso? É discriminação. Marginalizar a pessoa? O que está fazendo? Você vai fazer isto? Está maluca? Isso é errado em vários sentidos, profissionalmente é totalmente errado. É errado a nível pessoal. Você é uma pessoa sem consideração e intolerante, desprovida de qualquer empatia. Não exerça essa profissão, então! Não faça isso! Não faça isso! Se não consegue resolver este problema, então, desista! Não atenda ninguém! Não atenda pacientes! Deixa pra lá.” Não... Não consigo me conter, entende? Esses pensamentos, de alguma forma, invadiram minha cabeça desde a infância. Claro, meus pais tem parte nisso. O verão chegava e... Os meus pais diziam que íamos para Londres, para Paris, as viagens de sempre. E uma mulher coberta era como um monstro para a minha mãe. Não importa onde íamos, se para Londres ou para Paris. Eu sei que soa horrível, mas... eu cresci vendo a minha mãe ter ódio disso. Ela reclamava até do lenço da moça que limpava nossa casa. Depois veio o Ensino Médio, no colégio de elite, mais tarde, faculdade nos Estados Unidos. Eu voltei... Ah... É um mundo diferente. E eles é que tem o poder. Eles... Eles são a maioria. Você e eu, dentro do nosso país, estamos vivendo num aquário. [silêncio]*

*[som de pássaros]*

Hodja – Segure isso aqui com a sua outra mão, Meryem. Agora, pode cheirar.

Meryem – [inspiração] É muito cheirosa, Hodja!

Hodja – Arranque uma pétala.

Meryem – É muito cheirosa, Hodja.

Hodja – Não, não, não, não. Veja se consegue arrancar uma pétala.

Meryem – Ah. [som da pétala sendo arrancada]

Hodja – Este é o mundo que você vê nos programas de TV e filmes, criança. E este é o mundo que Alá criou na Terra. Apodrece, vira adubo e retorna à terra. É muito cheiroso, mas tem espinhos também. É frágil, não tem como consertar. Envelhece, apodrece. Depois que você corta do galho, fica bravo com você. Se você tenta fazer carinho, quebra. Esta flor somos nós, igual a nós. Como você ou eu, seu irmão e a esposa dele. Viemos da terra e para ela voltaremos. Quem aceitar isso... viverá como esta flor abençoada. Saberá ser humilde, vai murchar, vai definhar. Mas os que são enganados pela outra, pensando que criaram um Paraíso na Terra, irão para o Inferno, na outra vida. A esposa do seu irmão é enganada por seu galho inquebrável e pétalas sem cheiro, achando que a gota de chuva é real.

[trilha sonora]

[som de uma criança brincando com um carrinho]

Esma – Mãe?

[silêncio]

Cunhada de Meryem – Venha aqui, meu amor. Vem!

Cunhada de Meryem – Ai, minha filha linda, onde é que tá seu irmão? Hm? Filha? Esma? Onde é que tá seu irmão? Você não vai responder? Responde, filha.

Hodja – Segure aqui.

Meryem – Melhor deixar aqui.

Hodja – Coloque isso aí. Mas coloque num vaso para que elas não murchem. E, assim, elas vão durar mais tempo. E, aí, você pode colocar uma daquelas pílulas pra não murchar.

Meryem – Tudo bem. Eu vou fazer isso, é uma boa ideia. E a flor é muito bonita.

Meryem – Louvado seja Alá mil vezes pela sua ajuda, Hodja, que Alá sempre esteja ao nosso lado.

Hodja – É...

Meryem – Amém. Eu tenho que ir, Hodja, está tarde. Meu irmão já vai chegar e as crianças estão sozinhas com a minha cunhada. Eu preciso colocar a mesa. Tenha uma boa noite, Hodja!

Hodja – Igualmente, minha filha. Meryem!

Meryem – Sim, Hodja.

Hodja – Você ia ver uma psicóloga. Como é que foi?

Meryem – Ainda não fui, Hodja. Mas assim que for, Inshallah, venho falar com o senhor.

Hodja – Inshallah.

Dra. Peri – Como essas pessoas se deixam influenciar por supostos homens sagrados e hodjas? São belas jovens na flor da idade. [silêncio] Ela tem um irmão maníaco que não a deixa em paz. Essa é uma situação

*muito ambivalente. Essas pessoas ficam enfeitiçadas, com esses hodjas. São homens sagrados e orações. É impossível você e eu entendermos essas coisas. É impossível. É como se vivêssemos num país... totalmente diferente dessas pessoas. Essas moças... não são como nós. Não aceito e não sei explicar isso! Olha... [silêncio] Ano passado, Elif e eu fomos para o Peru. Para o outro lado do mundo, eu não entendi nada do que eles diziam. Mas, com eles, eu me senti mais... sabe? Entende? Elif... conheceu uma xamã doida. Ela fazia um chá, e eu não conseguia tomar. Eu queria... E você tinha que ver, quanta beleza natural! Que cultura! Eu fiquei... Impressionada. Eu adorei. Simplesmente, adorei.*

*Psicóloga – Hm. Você mencionou poder. Estou interessada nisso, Peri. Você disse que eram eles que tinham poder. Que poder é esse? Ou no que você pensa quando diz isso? Podemos explorar um pouco isso?*

*Dra. Peri – Eu acho melhor não. A situação é clara. Estou vivendo uma contratransferência com ela. Melhor não continuar atendendo ela. Ela... Não vai voltar mesmo.*

*Psicóloga – Parece que sim.*

*Dra. Peri – Não é? [silêncio] Ela pode explicar tudo para o Hodja.*

*Psicóloga – [suspiro, seguido de silêncio]*

*Dra. Peri – Pode falar.*

*Psicóloga – Não sei o que ela vai dizer pro Hodja. Mas parece você fez tudo que pode para desencorajá-la a voltar. O que acha?*

*Dra. Peri – Será que nós podemos encerrar o assunto?*

*Psicóloga – Claro, vamos encerrar.*

*Dra. Peri – Vai atender mais pacientes?*

*Psicóloga – É... teria uma paciente depois de você, mas desmarcou.*

*Dra. Peri – Podemos sair, se você quiser. 'Tá com fome? Quer comer alguma coisa?*

*Psicóloga – Minha irmã está vindo. Estou esperando. Prometi a ela. Talvez semana que vem, o que acha?*

*Dra. Peri – Claro! Tudo bem. Combinado. Então... Eu já vou indo. Até semana que vem.*

*Psicóloga – Tchau.*

*[som de passos e da porta abrindo e, em seguida, fechando]*

*Psicóloga – [respiração pesada]*

*[som de passos]*

*Secretária – Falou com a doutora sobre a semana que vem? Eu posso marcar no mesmo horário.*

*Dra. Peri – Sim, por favor. Gulbin disse que a paciente cancelou, mas parece que ela veio, não é?*

*Secretária – Não, senhorita Peri, não é uma paciente, é a irmã dela.*

*[som de uma estação do rádio e do tráfego]*

*[mulher desliga o rádio]*

*Homem – Nós estávamos ouvindo.*

*Mulher – Nós?*

*Homem – O quê?*

*Mulher – Nós estávamos ouvindo? Agora você sabe o que eu estava ouvindo?*

*Homem – Eu mudo de estação, então.*

*Mulher – Não precisa, deixa assim.*

*Homem – Ah, qualé!*

*Mulher – Que é?*

Homem – Não estou dizendo nada!

Mulher – Que foi? Que foi?

Homem – Nada.

Mulher – Se quiser dizer alguma coisa, diga! [em turco]

Homem – Nada. Eu não estou dizendo nada.

Mulher – Como assim não ‘tá dizendo? Você falou!

Homem – Eu juro que eu não disse nada. O que foi que eu disse? Eu...

Eu não disse nada. Você... Você que está chateada. Então, eu vou ficar calado, tá? Vou ficar... Ah... De boca fechada, tá bom? [breve silêncio]

Falou com a Gulbin?

Mulher – [silêncio]

Homem – Gulan?

Gulan – [silêncio]

Gulbin – Não vou querer beber nada.

Homem – Vai ficar acordada a noite toda então, né?

Gulbin – Quer dizer que você bebe pra dormir?

Homem – [suspiro] Você ‘tá chateada. Ainda pensando naquela paciente?

Gulbin – [hesitação] Vá dormir. Não vou dormir aqui mesmo.

Homem – Vocês se metem com cada coisa doida.

Gulbin – Coisa?

Homem – Tô falando dos seus pacientes.

Gulbin – [silêncio] Acho que você devia ir dormir.

Homem – Eu vou mesmo.

[silêncio]

Gulbin – Ela só pensa no véu da moça. Ela que tá com um saco na cabeça e nem sabe disso. Na verdade, sabe sim. E essa é a pior parte. Ela é preconceituosa e sabe disso. [suspiro de indignação] Ela que tocou no assunto, ela entrou no assunto, se culpou e se perdoou, e, no final, ainda disse: “Vamos encerrar o assunto?”. Pronto. Previsível. [risada] Aí, começou a falar de peruanos e de xamãs. [risada]

Homem – Não vai ficar?

Gulbin – Melhor não. Quero dormir na minha casa.

Homem – [suspiro]

Gulbin – Hm. Quer que eu fique?

Homem – Hm.

Gulbin – Hm. [risada]

[som de movimentação e de beijo]

Gulbin – [suspiro]

[som de porta sendo aberta]

Gulbin – Alguém acabou de entrar! Acorda! Alguém entrou aqui!

Homem – Ah... Hoje é quarta-feira, não é?

Gulbin – Quem é?

[som de passos e de suspiro]

Homem – Bom dia, Meryem.

Meryem – Bom dia, senhor Sinan.

Sr. Sinan – Vai usar o banheiro agora?

Meryem – Não, senhor. Vou começar por lá!

Sr. Sinan – Meryem, tem uma pessoa aí. Dá pra fazer um cafezinho?

Meryem – Vou esquentar a água, senhor Sinan.

Sr. Sinan – ‘Tá bom, obrigado.

*[som de água fervendo]*  
*[música tocando]*

## ANEXO B - EPISÓDIO II

### Série “8 em Istambul” (Original Netflix Turquia)

*[música eletrônica tocando]*

Mulher – Olha, eu vim avisar que tem gente no banheiro fazendo baderna.

Segurança – Quê?

Mulher – Tem gente no banheiro fazendo baderna! *[gritando para ser ouvida acima do som da música eletrônica]*

*[risadas]*

*[som de chute, socos e gritos na porta e na parede da cabine do banheiro]*

*[som do segurança batendo na porta da cabine]*

Segurança – Com licença?

Mulher 1 – ‘Tá ocupado! *[risadas]*

Segurança – Isso não é permitido aqui.

Mulher 1 – Você nem tá vendo nada! *[risadas]*

Segurança – Senhora, por favor, saia do banheiro!

Mulher 1 – Mermão, vai se foder, por favor!

Segurança – Sem linguagem chula, senhora. Houve uma queixa. Esse é um comportamento inaceitável. Por favor, não cause problemas e saia do banheiro. *[silêncio]* Senhora?

Mulher 1 – Vai se foder, seu babaca!

*[som da porta sendo arrombada]*

Mulher 1 – Merda, não... Me deixa em paz, me deixa em paz, me deixa em paz... seu babaca. *[som de resistência]*

Segurança *[Nome: Yasin]* – Vamos, fora daqui, vamos!

*[som de trânsito]*

*[som da água da torneira correndo e de bochecho]*

*[som do galo e de murmúrios de oração]*

*[som de algo se quebrando]*

*[som de algo pingando]*

Yasin – Ruhiye! Ruhiye! Ei! Ei! Ruhiye! Ruhiye! Ah meu Deus do céu!

Meryem – Irmã!

Yasin – O que você fez?

Meryem – Irmã! O que você fez? O que você fez? O que você fez?

Yasin – Me ajuda aqui, me ajuda aqui, segura o pé dela, segura o pé dela, rápido!

Meryem – O que você fez?

Yasin – O que você fez, mulher? O que você fez?

Meryem – O que você fez com ela?

Yasin – Vamos, rápido! Vamos, vamos! Rápido!

*[som de movimentação e do toque do celular]*

Yasin – Alô?

Meryem – Irmão, o que aconteceu?

Yasin – Ainda ‘tô aguardando.

Meryem – Não disseram nada?

Yasin – Até agora não.

Meryem – Perguntou a eles, não foi?

Yasin – Ah já chega.  
[música começa a tocar]

[som de fogo, continua a música ao fundo]  
[som do isqueiro sendo aceso]  
[som de respiração pesada e motor de carro sendo ligado]  
[som de pássaros]  
[som de movimentação]

Yasin – O que você está fazendo?

Ruhiye – Eu só ia rezar.

Yasin – E como ia fazer isso?

Ruhiye – Como assim?

Yasin – Naquela direção? [silêncio] Você ‘tá ficando maluca?

Ruhiye – ‘Tá errado?

Yasin – Em que direção fica Meca?

Ruhiye – Qual direção?

Yasin – Você quer me deixar maluco? Meca é naquela direção! Você ‘tá de costas pra Meca! [tom irritadiço]

Ruhiye – É assim que eu faço.

Yasin – Ah, é assim que faz? Você devia se envergonhar! ‘Tá tudo errado!

[silêncio] O que você está olhando? Vire-se e reze! [tom raivoso]

Ruhiye – Eu vou... rezar direito.

Yasin – Quê?

Ruhiye – ‘Tá, agora eu vou rezar direito.

Yasin – Você vai acabar com tudo. Você vai acabar com tudo. É isso que você quer, não é? [tom choroso] [silêncio]

[som da porta sendo aberta]

Meryem – Irmão, o que aconteceu? Irmão? [som da árvore mexendo] O que está fazendo? Você está louco? Irmão?

Yasin – [respiração pesada]

Meryem – Irmão?

Yasin – [respiração pesada e, em seguida, barulho de mastigação]

Meryem – Hã, irmão, o que está fazendo?

Yasin – [respiração pesada]

Ruhiye – [respiração pesada e som de tapas]

Meryem – Irmã, pare! Ruhiye, pare!

Yasin – O que você está fazendo? Pare, Ruhiye, pare!

Meryem – Irmã, pare! Pare! Pare, por favor, eu imploro!

Yasin – Não faça isso, mulher!

Meryem – Pare, por favor, pare com isso! Não faça isso, não faça isso por favor, pare!

Yasin – Pare, as crianças estão aqui fora! Já mandei que pare isso, mulher!

Meryem – Por favor, pare! Pare com isso!

Yasin – As crianças estão aqui fora, o que você quer que elas achem disso? Pare com isso!

Meryem – Pare, por favor!

Yasin – Me ajuda aqui, Meryem!

Meryem – Irmão!

Yasin – Pare com isso! Eu já mandei você parar!

Meryem – Pare com isso, por favor! Pare, por favor!

Yasin – Se acalma! Ah!

[silêncio]

Instrutor de Yoga – Agora mudem para Savasana, pessoal!

[respiração pesada]

Mulher – Eu gosto mais dessa parte. E você? [silêncio] Você quer tomar um café depois? Meu nome é Melisa, e o seu?

Instrutor de Yoga – Silêncio. Vamos nos concentrar em nós mesmos e deixar nosso corpo relaxar completamente. Savasana.

Melisa – Amém...

Instrutor de Yoga – Melisa, por favor.

Melisa – Era só uma piada.

Instrutor de Yoga – Eu percebi.

Melisa – [respiração pesada e som de passos] Eu sinto muito!

Peri – Por quê?

Melisa – Sobre a aula. Eu espero não ter te distraído muito! [som de riso]

Peri – Não, não mesmo. Peri, é o meu nome.

Melisa – Com certeza!

Peri – Como assim!?

Melisa – Não sei! Você parece com uma Peri! Significa “fada” ou “sonho”.

Enfim, eu sou Melisa.

Peri – Prazer em conhecê-la. Seu nome também é lindo.

Melisa – Você gostaria de ser minha amiga? [silêncio] Ah, eu ‘tô parecendo uma psicopata, não é?

Peri – Não mesmo.

Melisa – Eu também não sou lésbica. Não me entenda errado.

Peri – Não, não mesmo.

Melisa – [som de risada] Talvez tenha me reconhecido. Isso estressa as pessoas.

Peri – Como assim? Eu não entendo. Eu deveria te reconhecer?

Melisa – Ah, não... Não é nada, não se preocupe, besteira! Vamos tomar café?

Peri – Ah, é que eu preciso voltar para a clínica...

Melisa – Ah, você é médica! Não me diga, deixe-me adivinhar... Você é dermatologista.

Peri – [som de riso] Não.

Melisa – Você é pediatra.

Peri – Eu sou psiquiatra.

Melisa – Uau.

Peri – Por quê?

Melisa – Eu não sei. Você... me surpreendeu.

Peri – Por quê? Eu não entendo.

Melisa – Nada. [breve silêncio] Você poderia ser Helin também.

Peri – Helin.

[som de risadas]

[som de ambulância]

Meryem – Quantos pacientes você atende, irmã?

Dra. Peri – Depende. Por que a pergunta?

Meryem – Você atende uns dez, por exemplo.

Dra. Peri – Na verdade não.

Meryem – Sei... Você ouve... e depois fala. A irmã Sadiye também foi se consultar, mas ela foi a um médico homem.

Dra. Peri – Você mencionou isso na semana passada.

Meryem – Você se lembra de tudo, né?

*Dra. Peri – O máximo possível, mas é claro que é difícil se lembrar de tudo.*

*Meryem – Difícil, seu trabalho é realmente difícil. Mas todo trabalho é difícil a sua maneira. Quantos tempo você estudou?*

*Dra. Peri – Seis anos.*

*Meryem – Que Alá lhe dê paciência, irmã! Estudou por seis anos! E não se tornou uma médica de verdade. Quero dizer, estudou por seis anos, e esses médicos, tipo cirurgiões, que fazem operações, devem estudar o quê? Dez anos?*

*Dra. Peri – Por que você pergunta isso? Por que você está tão curiosa?*

*Meryem – Deve ser muito difícil. Seu trabalho deve ser muito difícil, irmã. Muito difícil.*

*Dra. Peri – Meryem, você...*

*Meryem – Você sabe, até vender limões no mercado é difícil. Todo trabalho é difícil. Por exemplo, meu irmão... Ele vai trabalhar à meia noite e só volta de manhã...*

*Dra. Peri – Você ia falar com seu Hodja. Conseguiu falar com ele?*

*Meryem – [silêncio] Por que você acha que eu estou desmaiando assim, irmã?*

*Dra. Peri – Isso aconteceu de novo desde a última vez que nos vimos?*

*Meryem – Não, na verdade, pensei que talvez tenha sido bom eu ter vindo até você. Achei bom que a irmã Nuray tenha me falado sobre você.*

*Dra. Peri – Semana passada você ficou com raiva de mim. Ficou um pouco tensa. Você se lembra?*

*Meryem – Não, de jeito nenhum, irmã. Eu não estava com raiva.*

*Dra. Peri – Eu estou feliz que você tenha voltado.*

*Meryem – Eu ia perguntar uma coisa, irmã. Na... semana passada, eu... saí daqui... e, no dia seguinte, foi dia de limpeza no senhor Sinan.*

*Dra. Peri – Me lembro.*

*Meryem – Se lembra que conversamos sobre café, como o senhor Sinan também bebe do tipo prensado. É o jeito que você bebe.*

*Dra. Peri – Sim, eu lembro, sim.*

*Meryem – Ele me pediu para fazer, ele também tinha um convidado, e eu fiz o café. Enquanto estava fazendo...*

*Dra. Peri – Sim, enquanto você estava fazendo...*

*Meryem – Não sei, eu me senti um pouco estranha.*

*Dra. Peri – Estranha, como?*

*Meryem – Foi diferente. Eu me senti estranha. Poderia ser porque conversamos?*

*Dra. Peri – Sim, é possível. Você discutiu esse assunto com mais alguém?*

*Meryem – Irmã, está fazendo uma tempestade em copo d'água.*

*Dra. Peri – Não, eu quero dizer o café. Conversamos sobre o café, e você disse que não se deve derramar água quente imediatamente. Se não conversou isso com outra pessoa, é normal que tenha se lembrado disso naquele dia na limpeza da casa. Foi isso que eu quis dizer.*

*Meryem – Ah sim, o café. Não, não conversei com mais ninguém. E naquele dia a única razão que me veio à mente foi porque você também bebe.*

*Dra. Peri – Como se sentiu? Quer me contar mais sobre isso?*

*Meryem – [hesitação] Sobre o quê?*

*Dra. Peri – Disse que se sentiu estranha enquanto fazia café na casa em que trabalha.*

*Meryem – Na casa do senhor Sinan.*

*Dra. Peri – Sim, na casa do senhor Sinan.*

*Meryem – Irmã, você é realmente boa nisso.*

*Dra. Peri – Como assim?*

*Meryem – Manipulando a conversa para falar sobre as coisas que você quer sem que as pessoas percebam. Você não estudou por seis anos por nada.*

*Dra. Gulbin – Você ‘tá certa. Ela é inteligente.*

*Peri – Ela é sim.*

*Dra. Gulbin – Ela falou com o Hodja que mencionou na semana passada?*

*Meryem – Eu falei com ele. Minha cunhada não está bem. A esposa do meu irmão. Sempre conversamos com Hodja sobre isso. Ela tentou tirar a própria vida. Foi a terceira vez. Ela enlouqueceu completamente. Ela se curva para orar, mas... não sabe em que direção é a Meca. É difícil, sabe, é muito difícil de resolver. Ela não sabe ser grata, sabe, o meu irmão está em fragalhos, e as crianças estão percebendo agora. Ela não sai de casa, e, quando sai, nós a levamos ao Hodja. Uma vez o meu irmão a puxou pelo braço. Ela chorou, e ele soltou. [silêncio]*

*Peri – Uma depressão grave. Sinto por ela. Se preocupam com a ideia de que ela não agradece Alá. O que será que esse Hodja está dizendo a eles? Ela precisa ser hospitalizada e começar a medicação logo. Ela não está pronta pra terapia. O que será que está acontecendo naquela casa?*

*Dra. Gulbin – Ela contou ao Hodja sobre você? Ela disse a ele que está vendo você?*

*Meryem – Que horas são, irmã? Vou buscar a Esma, a filha do meu irmão, na escola, não posso me atrasar. Na semana passada, eu a deixei esperando no portão.*

*Dra. Peri – Você falou com o Hodja, e ele aprovou, não foi? Já que você voltou, é assim que eu entendo.*

*Meryem – [breve silêncio] Você é casada, irmã?*

*Dra. Peri – Não, Meryem. Você pretende se casar?*

*Meryem – Claro que eu quero. Quem não quer?*

*Peri – Eu. Eu não quero. Por um momento, eu pensei... E se eu dissesse: “Eu não quero me casar, Meryem. Estou fugindo”.*

*Dra. Gulbin – Está fugindo?*

*Peri – [risadas] Ai. Eu só disse isso, não que signifique algo. Eu queria provocá-la. Eu realmente queria falar isso pra ela, pra testar a contratransferência. Preciso deixá-la ir. Tenho que parar de vê-la imediatamente. Após essa segunda sessão, eu tive certeza disso.*

*Dra. Gulbin – Você disse a ela que não podia continuar?*

*Meryem – Posso voltar na próxima semana, irmã?*

*Dra. Peri – Você quer voltar, Meryem?*

*Meryem – Se você não se importa, eu gostaria de vir mais uma vez. Tudo bem por você?*

*Dra. Peri – [aceno de sim com a cabeça]*

*Meryem – Eu gosto de anéis, irmã.*

*Dra. Peri – Anéis?*

*Meryem – Perguntou se eu queria me casar, lembra?*

*Dra. Peri – Gosta de alianças?*

Meryem – *É, eu gosto da ideia. Não pode usá-las sem noivado ou festa de casamento. Em nossa comunidade não usamos, as pessoas fofocariam.*

Dra. Peri – *Vou esperar você na próxima semana.*

Meryem – *Você gosta de torta salgada, irmã?*

Dra. Gulbin – *Então você a verá na próxima semana também?*

Peri – *Sim, eu vou. Ela estava tão ansiosa. Eu não queria dissuadi-la. [silêncio] Vou indicar outra pessoa. Eu ia falar com o Can, mas provavelmente ela não ia querer por ele ser homem.*

Dra. Gulbin – *Talvez você precise lutar contra isso. Quer dizer, é claro, se você quiser resolver esse problema. Porque não é a primeira vez. Houve um outro caso no ano passado, não é? Conversamos. Era uma garota jovem como essa, toda coberta. Você parou de vê-la.*

Peri – *Terminamos a sessão, não é? Você deve ter outros pacientes, eu vou indo. Que horas são?*

Sinan – *Quase meia-noite. [música tocando ao fundo] Não vai ficar?*

Gulbin - *Não, não vou.*

Sinan – *Tem certeza?*

Gulbin – *A faxineira não vem amanhã de manhã, então?*

Sinan – *Deixa ela vir. Qual o problema? [risos] Hm?*

Gulbin – *Eu vou indo. [risos] O que ‘tá fazendo? Você é criança, ein?*

Sinan – *Aham.*

Gulbin – *Você é criança?*

[som de movimentação]

Gulbin – [suspiro pesado]

[som da luz sendo acesa e do chuveiro sendo ligado]

[som de passos]

[som de chaves]

Meryem – *Bom dia.*

Gulbin – *Qual o seu nome? Meu nome é Gulbin.*

Meryem – *Bom dia, irmã.*

[som de passos]

[trilha sonora]

[som de passos e de porta abrindo e fechando]

[som de movimentação enquanto Meryem troca de roupa e de passos]

[som de café sendo feito e de arrumação da casa]

[som da cafeteira]

Meryem - [som de espanto]

Sinan – *Opa, desculpa! Bom dia, Meryem!*

Meryem – *Gulbin! [som de espanto]*

Sinan – *Hã?*

Meryem – *A moça que... acabou de sair.*

Sinan – *Aham.*

Meryem – [suspiro]

[som de utensílios domésticos]

Yasin – [som de esforço físico] *Vamos lá! [som de esforço físico] Mais um pouco. [som de esforço físico]*

[som de pássaros e galinhas]

Esma – O que aconteceu com suas mãos?  
 Ruhiye – É só um machucadinho.  
 Esma – A senhora não se cortou, mãe?  
 Yasin – ‘Tá olhando o quê? Hein? Que que tá olhando? Vem! Vem, Ismail.  
 Eu vou continuar o treino com você. Você vai falar ou não vai? Você vai  
 falar ou não vai? Eu vou jogar você fora. Eu pego você assim, ó, e jogo  
 você lá nas galinhas.  
 Esma – Eu também quero! Eu também, papai!  
 Yasin – Vou jogar você nas galinhas!  
 Esma – Eu também, papai!  
 Yasin – Vem cá! Vem! Vem, garota! Vamos lá! Vamos, Esma! Esma! [som  
 de esforço físico] ‘Tá pesadinha.  
 Esma – Levanta a mamãe, papai! Levanta a mamãe!  
 Yasin – ‘Tá bom, peraí. [som de passos] Vem cá! Anda! Levanta. Vem,  
 que eu vou treinar com você também! Vem cá, venha! Vamos lá!  
 Ruhiye – Yasin, para! Para!  
 Yasin – Eu vou te levantar, olha só!  
 Ruhiye – Ai!  
 Yasin – Eu vou treinar com você.  
 Ruhiye – Não faz isso!  
 Yasin – Eita, nós... Vamos lá, hein! Olha só, garotada!  
 Ruhiye – [som de risada]  
 Yasin – Vou levantar! Vamos lá!  
 Ruhiye – Ai, Yasin! [som de risada e gritos alegres]  
 Yasin – Olha meu treinamento! Papai está fortão!  
 Meryem – O que está acontecendo?  
 Ruhiye – Ai! [som de riso]  
 Yasin – Não é nada não.  
 Esma – Papai, pega a tia, pega a tia também!  
 Yasin – Não, a tia eu não aguento não. Vai machucar minhas costas.  
 Meryem – Não, isso não é pra mim. Mas vão em frente e brinquem.  
 Yasin – A gente não ‘tava brincando não. Eu ‘tava treinando.  
 Meryem – Isso é tão legal, irmão! Que Alá mantenha seus espíritos  
 elevados.  
 Ruhiye – Seja bem-vinda.  
 Meryem – Olá, Ruhiye. Você está no jardim. Mashallah. Mashallah.  
 Queridos, estão brincando? Venha aqui, Ismail! Vem! Você está com  
 fome? Sua tia [som de beijo na cabeça] vai fazer um pouco de carne  
 moída pra você! Eu comprei pão fresco também. Entra logo! Vem, Esma,  
 você vai ficar com frio! Vem, vem, vem, vem! Entrem, vou fazer carne  
 moída pras crianças, querem também?  
 Yasin – Ah, eu vou querer sim.  
 Meryem – E você, irmã?  
 Ruhiye – [hesitação] Eu vou comer um pouco.  
 Yasin – Olha só que coisa boa!  
 Meryem – Não é possível! O céu vai desabar!  
 [som de galinhas]  
 Meryem – Irmã, venha descascar as cebolas! Venha me ajudar!  
 Yasin – Anda, vai lá descascar as cebolas! E vê se não chora! [suspiro]  
 Ruhiye – Yasin?  
 Yasin – Oi?  
 Ruhiye – [suspiro] É que eu queria ir.  
 Yasin – Aonde?  
 Ruhiye – Pra cidade.

Yasin – O que quer fazer lá?

Ruhiye – Eu só quero ir.

Yasin – Entendi, mas o que quer fazer lá? Isso que eu ‘tô perguntando.

[silêncio] Ruhiye... Eu fiz uma pergunta, por que não me responde?

Ruhiye? Você não disse que queria ir pra cidade? Ruhiye? Eu estou perguntando: o que vai fazer lá? Não ‘tô dizendo que não vamos. Não ‘tô com raiva, nem nada. Só ‘tô perguntando o que quer fazer lá. Responde!

[silêncio] Ruhiye! Quer me enlouquecer? Você começou com isso! ‘Tô tentando conversar. Por que não me responde? Eu te fiz uma pergunta e exijo uma resposta! [silêncio]

[som de porta sendo aberta]

Meryem – Qual o problema agora? Por que está assim?

Ruhiye – [suspiro]

Meryem – Ruhiye?

Ruhiye – [som de choro]

Meryem – Qual é o problema?

Ruhiye – Eu quero ir pra minha cidade.

Meryem – Quando as crianças estiverem de férias, vamos lá! O que vai fazer lá? Hein? Por que você quer ir? Me diz. Você disse que queria ir. Por favor, pode me falar. Ei, Ruhiye? [silêncio] Agora vejo porque meu irmão ficou chateado.

[som de passos]

[trilha sonora]

Ruhiye – Eu vou à cidade... ando até a estrada do micro-ônibus... eu pego o micro-ônibus pra ir até o cemitério... subo até o topo da colina e encontro o túmulo dele, cuspo nele. [suspiro]

Yasin – Quando vi o médico... senti muita dor. E eu pensei: “Agora ela se foi”. Achei que tivesse morrido. [silêncio] E pensei: “Agora ela se foi pra sempre”. [som de choro] Eu falei com o médico [respiração pesada], ele me dizia algo, mas eu não conseguia ouvi-lo. A voz dele... estava abafada com o som da TV do vizinho ao lado. Olhei pro rosto dele... E pensei: “Estou louco ou ele está sorrindo?”. Eu o ouvi dizendo... [voz embargada] “Você tem sorte...” [respiração pesada] “ela se recuperou. Ela perdeu muito sangue.” Ele disse: “Fizemos uma transfusão.” [respiração pesada] Olhei pra ele, e ele perguntou: “Você não está feliz?” [som de choro] E quando ele perguntou, eu quase disse “Não”, Hodja. Por favor, me ajude Hodja! [som de choro] Por favor, me mostre o caminho! [som de choro]

Hodja – Venha comigo. Venha, meu filho.

[som de movimentação e de passos]

Hodja – Muito bem. [suspiro] Segure na sua mão, Yasin. Cheire e veja se tem cheiro.

Mulher no filme [em turco] – O que aconteceu? [suspiro] As flores são boas, mas não tanto quanto você imagina. Onde você estava?

Homem no filme [em turco] – Onde você acha?

Mulher no filme [em turco] – Não sei.

Meryem – Esma, vamos assistir ao meu programa.

Esma – Ah não, tia.

Meryem – ‘Tá bom.

[som de porta sendo aberta]

Meryem – Irmão?

Yasin – O que estão fazendo?

Meryem – Estamos assistindo TV.

*Mulher no filme [em turco] - Há alguma razão para acreditar nisso?*

*[som de passos]*

*Yasin – Esma, já está tarde. Vai pra cama.*

*[som de movimentação e de passos]*

*Meryem – Ela estava assistindo.*

*Yasin – Já ‘tá muito tarde. Ruhiye já foi pra cama?*

*Meryem – Ela não se levantou. Está na cama desde que saiu.*

*Yasin – [suspiro]*

*Meryem – Por que não tira a jaqueta?*

*Yasin – [movimentação] Meryem, coloque isso na água.*

*Meryem – Que Alá o abençoe, irmão.*

*Yasin – Pendure a minha jaqueta também. ‘Tó.*

*[som de movimentação e de passos]*

*[som noturno e de cachorro latindo enquanto Meryem coloca as flores na água]*

*[som de passos]*

*[som do diálogo do filme, em turco]*

*Meryem – Irmão?*

*Yasin – Eu vou deitar.*

*[som do diálogo do filme, em turco]*

*[mudança de canal]*

*Mulher no programa – Ah, me desculpe novamente. Espero que não tire proveito disso. Vocês são todos iguais. Só se importam com dinheiro. Não perca o seu tempo. Não vai me comprar com esses truques baratos.*

*Homem no programa – Você está me confundindo com meu irmão, Senay. Não sou Gorkhan Ahan.*

*Mulher – Você roubou as terras do meu pai.*

*[mudança de cena para a casa de Sinan]*

*Mulher no programa – A minha mãe teve câncer. Ela teve câncer por sua culpa! [mudança de cena para a casa de Meryem]*

*Mulher no programa – Transformou os meus irmãos em escravos. Graças a você e a sua família. Você...*

*[mudança de cena para a casa de Sinan]*

*Mulher no programa – ... não carrega apenas um sobrenome.*

*Homem no programa – Você fica ainda mais linda com raiva.*

*Mulher no programa – Eu não entendo.*

*Homem no programa – Entenda de uma vez. Eu não ligo pra dinheiro, pra terras e nem pra família.*

*Sinan – [suspiro, engolindo em seco]*

*Melisa (no telefone) – Tudo bem?*

*Sinan – Não sei. Pensei em ligar pra você. Se eu ‘tiver incomodando, eu desligo.*

*Melisa – Não, isso não é necessário. Mas porque você me ligou?*

*Sinan – Eu deveria ir aí?*

*Melisa – Deveria ir mais devagar.*

*Sinan – Você quer vir? A faxineira veio hoje. Ela fez um monte de comida: doces, tortas... Você gosta de comer à noite. Tem um baseadinho também.*

*Melisa – [riso] Então ‘tá dizendo: “Venha, coma e depois vá pra casa”.*

*Sinan – Eu posso... satisfazer as suas necessidades.*

*Melisa – Hm. Você tem muita autoconfiança.*

*Sinan – Sempre.*

*Melisa – [suspiro] Eu não posso ir agora. Eu tô vendo um programa. De qualquer forma, termina no meio da noite. [suspiro] Então eu vou pra cama. Tenho que tá no set amanhã de manhã.*

*Sinan – Que programa que é?*

*Melisa – O meu. Aquele em que eu trabalho.*

*Sinan – Ah, é? Qual deles? Eu queria ver também.*

*Melisa – Não, é realmente estúpido. É um trabalho local.*

*Sinan – Como assim? Não entendi.*

*Melisa – Espectadores locais, da Anatólia, da favela... Mas esse tipo de coisas.*

*Sinan – Esquece isso. Pensa no dinheiro.*

*Melisa – Exatamente.*

*Sinan – E aí? O que me diz, você vem ou não?*

*Melisa – [riso] Tá bom, vou desligar.*

*[som do programa de fundo]*

*[som de passos e de travessa sendo aberta]*

*[som do programa de fundo]*

*[som da tampa da patente sendo levantada e de calça sendo aberta]*

*Sinan – [suspiros]*

*[som da gaveta com as roupas de Meryem sendo aberta]*

*Sinan – [som de inalação/cheirando o lenço de Meryem]*

## ANEXO C - EPISÓDIO III

### Série "8 em Istambul" (Original Netflix Turquia)

[som de pássaros]

Ruhiye – Assim que é bom, Yasin. Nós dois e mais ninguém.

[som de pássaros]

Ruhiye – Sem as crianças, sem a Meryem.

Yasin – Você disse só nós dois.

Ruhiye – Que Alá seja louvado. Que Alá o proteja.

Yasin – Não vai comer?

Ruhiye – Vou sim. Você primeiro. Quer que eu corte mais tomates? Tomate vai bem com carne.

Yasin – Então pode cortar.

[som de utensílios]

Yasin – Eu vou pegar mais um pouco de lenha. O fogo ‘tá apagando. ‘Tá esfriando. ‘Tá com frio?

Ruhiye – Não! Mas o seu casaco ‘tá na bolsa. Eu posso ir pegar, se quiser.

Yasin – Não precisa.

Ruhiye – É com você.

Yasin – Olha só. Eu vou lá pegar um pouco mais de lenha. E depois você me abraça. Assim você me aquece, e eu também te aqueço.

[som de risos]

[som de movimentação]

Ruhiye – [suspiro e riso]

[som de pássaros]

[som de carne assando]

[suspiro de Ruhiye]

[som de risada feminina]

Ruhiye – Yasin? É você, Yasin?

Yasin – [respiração ofegante]

Ruhiye – Yasin? Yasin? Por que não ‘tá respondendo? Yasin?

Yasin – ‘Tá muito frio. Podemos ir?

Ruhiye – Mas você não foi pegar a lenha?

Yasin – [respiração pesada]

Ruhiye – [acorda assustada, respiração ofegante] Yasin, Yasin! ‘Tá acordado? Eu ‘tô te chamando. Yasin? [som de choro] Por que não me responde?

Yasin – Não vou falar com você.

Ruhiye – O que foi?

Yasin – Não vou mais falar com você.

Ruhiye – Por quê?

Yasin – Quer saber por quê? Você me irrita, quase tenho que implorar para me dizer alguma coisa. Então, não vou mais falar com você.

[som de Yasin se levantando da cama]

Ruhiye – Mas eu ‘tô falando com você agora.

Yasin – Agora você ‘tá falando. E o que tem a dizer? “Yasin, Yasin, Yasin”?

Ruhiye – Bom... não é nada. Eu só ia dizer “Bom dia”.

Yasin – Ah claro. Você ia dizer “Bom dia”.

Ruhiye – *É. Eu só ia dizer “Bom dia”.*  
 Yasin – *Bom dia, Ruhiye. Que todas as manhãs sejam ensolaradas. Que coisa! Você não fala nada e quando fala...*  
 Ruhiye – *Eu sonhei com você, Yasin.*  
 Yasin – *Que bom. Que bom pra você.*  
 [som de movimentação, porta sendo aberta e massa sendo sovada]  
 Yasin – *‘Tá fazendo o quê?*  
 Meryem – *Bom dia pra você também, irmão.*  
 Yasin – *Não vai trabalhar hoje?*  
 Meryem – *Não.*  
 Yasin – *Então faz um chá para mim.*  
 Meryem – *Deixa em fusão por 5 minutos, depois eu sirvo.*  
 Yasin – *Você comprou pão?*  
 Meryem – *Ainda tem pão de ontem.*  
 Yasin – *Não comprou pão fresco?*  
 Meryem – *É que eu acordei, orei, dei café para as crianças e as mandei para a escola e não deu tempo.*  
 Yasin – *‘Tá fazendo o quê?*  
 Meryem – *Quer que eu vá comprar pão?*  
 Yasin – *‘Tá fazendo o quê?*  
 Meryem – *Nada! Eu estou fazendo torta salgada.*  
 Yasin – *Pra que duas bandejas? Agora de manhã. [silêncio] Meryem!*  
 Meryem – *Por que está tão nervoso hoje de manhã de novo?*  
 Yasin – *Eu não ‘tô nervoso.*  
 Meryem – *Você está gritando!*  
 Yasin – *Eu não ‘tô gritando. Você que não responde. Você não diz nada. Fiz uma pergunta, Meryem. Perguntei o que ‘tá fazendo, e você ficou olhando pra mim! Dorme com cães e acorda com pulgas. E aí vem a Ruhiye... e diz que sonhou comigo. Eu vou comprar pão. Põe a mesa.*

[som de pássaros]  
 [som de passos]  
 [som de cachorro atacando]  
 Yasin – *Ei! Solta! ‘Tá tudo bem?*  
 Mulher – *‘Tá tudo bem. Não foi nada.*  
 Yasin – *Ele te mordeu?*  
 Mulher – *Não, foi só um arranhão.*  
 Yasin – *Arranhão? ‘Tá sangrando.*  
 Mulher – [suspirando]  
 Yasin – *É melhor ir ao médico. Você mora por aqui?*  
 Mulher – [som de choro]  
 Yasin – *Não... Calma. Eu posso fazer alguma coisa? [silêncio] Espero que você melhore.*  
 [som de choro]  
 Yasin – *Você conhece a escola técnica?*  
 Mulher – *O quê?*  
 Yasin – *O hospital fica...*  
 [som de cachorro chorando]  
 Yasin – *Sai! Sai daqui! Tem um hospital. Fica atrás da escola. Você pode fazer um curativo, se quiser. Tem a farmácia também.*  
 Mulher – [som de choro]  
 Yasin – *Bom, então ‘tá. Espero que se recupere.*  
 [som de passos]  
 Yasin – [suspiro]

[som de passos]

Farmacêutico - *Sim, eu sei. Sim, o cartão é meu. Esse é o nome da minha esposa. Sim, ela que usou. Eu entendo. Você já me explicou isso. Isso está muito claro. Ligue uma outra hora.*

[som de movimentação]

Farmacêutico – *Melhor ir ao hospital. Até podemos cuidar aqui, mas é melhor um médico ver. Sabe onde fica a escola técnica?*

Yasin – *Sim, sabemos.*

[silêncio]

Yasin (no telefone) – *‘Tá preocupada com o quê?*

Meryem – *Você só saiu pra comprar pão.*

[som de movimentação de pessoas e de telefone tocando]

Meryem – *Irmão?*

Yasin – *O que ‘tá fazendo?*

Meryem – *O quê? Irmão, onde você está?*

Yasin – *Eu já ‘tô indo. Eu já ‘tô indo embora.*

[som de movimentação de pessoas]

Enfermeira – *Senhora Vildan.*

Yasin – *O farmacêutico falou ao telefone...*

Mulher – *Se quiser, pode ir...*

Yasin – *... por 10 minutos. [silêncio] Então, eu já vou indo. Melhoras pra você.*

Mulher – *Obrigada.*

[silêncio]

Yasin – *Eu te conheço de algum lugar? [silêncio] Tenha um bom dia, então.*

[som de movimentação de pessoas e de passos]

[oração em árabe]

[som de telefone tocando]

Mulher – *Mesude, ‘tá tocando.*

[oração em árabe]

Mesude – *Não estou enxergando direito.*

Mesude – [respiração ofegante]

Homem 1 – *Fora isso, é um ato de Deus. E, nós não podemos fazer muita coisa. Muitos dizem que a pessoa tem que progredir por si. Mas, de certa forma, a religião pode ser limitante. Pegue Jung, um cientista da Suíça, ele disse que o importante não é o Islão, o Antigo Testamento ou a Bíblia Sagrada. Ele disse que o importante é acreditar em uma presença superior. Isso é mais importante. Aliás, é uma questão de se tornar indivíduo. Mas, veja bem, não falo em individualização. Eu falo em se tornar...*

Homem 2 – *Um indivíduo.*

Homem 1 – *...um indivíduo. É uma coisa totalmente diferente chamada subconsciência social. É... Jung chama de coletivo. Então, de certa forma, todos compartilhamos esse inconsciente coletivo. Enfim, alguém... nasce na Turquia, ou, então, no Irã, ou... no Uruguai. Se essa pessoa quiser ter uma religião, ela pode ter. E, a religião que eles escolhem é diferente das outras? É claro que há diferentes costumes, cerimônias, orações, mas... [silêncio, observam Meryem passar]*

Homem 2 – É a irmã do comando.

Homem 1 – Quem?

Homem 2 – Conhece o Yasin?

Homem 1 – O cara alto?

Homem 2 – É.

[silêncio]

Homem 1 – Então... Onde nós... Estávamos... É... A questão do inconsciente coletivo. Seria um absurdo desconsiderar isso nesses tempos. Porque, no geral, todos nós... Você... você disse que ela é irmã de quem?

[trilha sonora]

Meryem – O que quer dizer, doutora?

Dra. Peri – Eu só estou dizendo para não levar para o lado pessoal, Meryem. Estou tentando explicar.

Meryem – Mas, na semana passada, a senhora disse que gostava. E a senhora teve tanta paciência em me ouvir. Que Alá a abençoe e a proteja.

Dra. Peri – Eu sinto muito. Aposto que deve estar delicioso. E você fez em grande quantidade.

Meryem – Eu achei que a senhora poderia levar para casa.

Dra. Peri – Qual o recheio?

Meryem – Carne moída. Carne moída, cebola, pimenta do reino e um pouco de passas.

Dra. Peri – Que beleza.

Meryem – Mas eu dourei as cebolas antes. Algumas pessoas colocam junto com a carne moída como recheio.

Dra. Peri – Na verdade, Meryem, não como carne. Sou vegetariana.

Meryem – Não acredito! [som de indignação] Se eu soubesse, fazia de queijo.

Dra. Peri – De qualquer jeito, eu não poderia aceitar, infelizmente. Você quer entrar?

[som de porta sendo aberta]

Dra. Peri – Entre, Meryem, por favor!

[som de passos]

Meryem – A senhora poderia comer com seus pacientes. Talvez eles fiquem com fome depois de esperar.

Dra. Peri – Você falou com seu Hodja, Meryem?

Meryem – Desculpe, de novo, senhora. Não sabia que não comia.

Dra. Peri – Por favor, Meryem, sou eu que peço desculpas. Sou muito grata, mas acredite quando eu digo que...

Meryem – Claro, isso a coloca numa situação difícil. Eu é que fui burra de não perguntar. Se soubesse que não comia carne, não faria.

Dra. Peri – Não é isso, Meryem...

Meryem – Mas enfim... Que Alá a abençoe. Desde que eu comecei a vir aqui, eu não desmaiei, nem nada assim. Mashllah. Na minha vizinhança, algumas pessoas diziam que existem psicólogos ruins. Ouvimos todo tipo de coisa. Graças à senhora, estou curada.

[silêncio]

Meryem – Castanho médio. Esse é o nome da cor do seu cabelo, não é?

Dra. Peri – Você está abusando, Meryem, constrangendo profundamente.

Dra. Gulbin – Mas você não disse isso pra ela, disse?

*Dra. Peri – Conseguiu falar com o seu Hodja, Meryem?*

*Meryem – A senhora pintou o cabelo?*

*Dra. Peri – Sim, Meryem, eu pinto.*

*Dra. Gulbin – Você disse que foi uma conversa histriônica. Ela também trabalha como faxineira para alguém. Conseguiu se aprofundar no assunto?*

*Peri – Mas é claro. Ela se abriu na sessão. Agora fala sobre isso o tempo todo. Fica totalmente à vontade.*

*Meryem – Eu preparei três pratos. Fiz com azeite, alho-poró, aipo e vagem. Fiz uns pãezinhos e bolo. Ele gosta de bolo de laranja. Eu fiz pra ele. Depois eu fiz carne moída para ele fazer um sanduíche. Nós comemos. É, o meu irmão come muito. É muito fácil de preparar, mas eu percebi que a carne tinha estragado de novo. A carne de cordeiro é muito delicada. Da próxima vez, eu vou comprar só carne comum, não vou misturar e vou pedir para o açougueiro tirar toda a gordura. Vamos ver se ele vai comer. Ele não tira da geladeira e ele... deixa tudo na geladeira, aí estraga. O leite vence, a comida estraga. Ele não joga fora, a Meryem vai vir aqui mesmo. Então, eu fiz o pão dele...*

*Dra. Peri – Então depois disso você...*

*Meryem – “Não precisa fazer”, ele diz. Mas ele come tudo. O bolo de laranja, por exemplo. Ele gosta muito. Eu fiz pela primeira vez no começo do verão. E, desde então, ele adora. Adora. E, se eu dobro a porção, aí ele não quer mais nada. Daí ele deixa o resto, mas sempre come o bolo.*

*Dra. Gulbin – Ela confia em você. Começou a transferência. Ela ‘tá estabelecendo um elo com você. Provavelmente não tem mais ninguém com quem possa compartilhar. A terapia abriu espaço pra pobrezinha. [silêncio] Ela confia em você.*

*Peri – [suspiro]*

*Meryem – Uma vez ele me disse: “Meryem, você podia vender esse bolo e ganhar uma fortuna”, e eu respondi: “Senhor Sinan...” [hesitação]*

*Dra. Peri – Meryem, não precisa esconder nada aqui. Continue, por favor. Estou ouvindo. O que você ia dizer?*

*Meryem – [silêncio] Eu ia dizer que “Eu não faço para vender. Eu faço porque o senhor gosta. Não é uma obrigação para mim, é um prazer. Eu não...”*

*[som da caneta passando no papel]*

*Meryem – O que a senhora está escrevendo nesse caderno?*

*Dra. Peri – Meryem, o que falamos aqui, fica aqui. Pode ter certeza disso.*

*Meryem – [suspiro]*

*Peri – Você está apaixonada. Você está amando. Deu um passo maior do que as pernas. Fugiu ao seu controle. Ele é como uma figura paterna, ou um irmão, para você, não importa o homem que você goste. Você encontrou seu animus, garota. ‘Tá perdida. Já era. [silêncio] Se ao menos eu pudesse dizer isso pra ela. [suspiro, riso]*

*Gulbin – “Já era”, se ao menos eu pudesse dizer isso pra ela. Eu diria que “Você deu um passo maior do que as pernas”. Eu diria: “Deixa a moça em paz”. Você ‘tá com inveja. Eu te conheço há 5 anos, e está sozinha há 5 anos. Você quer alguém na sua vida. Alguém para amar,*

para ser amada. Igual aquela moça, igual a todo mundo. Ela cobre a cabeça dela, mas você cobre sua mente. Tire a máscara e fale. Sua fascista enrustida.

Sinan – [suspiro] Ela ‘tá te deixando estressada.

Gulbin – Você está cansado?

Sinan – Não, nem um pouco.

Gulbin – Eu ‘tô falando demais. Me desculpa.

Sinan – Não, tranquilo, pode falar.

Gulbin – O que você tem feito? Diga. Eu já falo sempre.

Sinan – O que que você quer fazer?

Gulbin – Eu não sei. É sempre a mesma coisa.

Sinan – Como assim?

Gulbin – Eu falo, você não diz nada. A pessoa devia ter algo pra falar.

Sinan – Dizer o quê?

Gulbin – O que você tem feito? Eu só ‘tô perguntando.

Sinan – Nada de diferente. O drama aqui é seu.

Gulbin – O drama é meu?

Sinan – Você vai dormir aqui hoje?

Gulbin – [silêncio]

[som de música e de passos]

Peri – Onde você estava?

Melisa – Eu ‘tava no banheiro. Duas garotas me viram entrando e ficaram me esperando sair. Queriam tirar fotos comigo.

Peri – Queriam tirar fotos?

Melisa – É. Uma foto, um abraço, um beijo. É assim que acontece com os programas com público local. Se ao menos eu conseguisse uma série on-line decente.

Peri – Você já fez alguma peça?

Melisa – Trabalhei no grupo DOT dois anos. Você conhece?

Peri – É claro. Fica no Edifício Misir, não é mesmo?

Melisa – Ah. [risadas] Isso já foi há mil anos.

Homem – É, com licença, nós podemos tirar uma foto com você?

Melisa – É claro.

Mulher – Tira pra gente?

Peri – Sim, é claro.

Melisa – Desculpa por isso.

Mulher – Obrigada.

[som da foto sendo tirada]

Peri – Tirei duas.

Homem – Obrigado.

Mulher – Obrigada. Até logo.

[som de passos]

Melisa – Pronto. Você quer ouvir o que eu acho?

Peri – ‘Tô ouvindo.

Melisa – Acho que deveria ter aceitado a torta salgada. Coitadinha. Ela preparou só pra você. Ela só ‘tava tentando se conectar com você do jeito dela.

Peri – Ok, mas há limites que eu não posso cruzar com os pacientes. Isso não depende de mim. São regras básicas da terapia e da ética.

Melisa – Ai, fala sério! Se você está com medo, na minha opinião...

Peri – Com medo?

Melisa – Se você estava preocupada, que ela tivesse colocado algo na comida, era só jogar fora.

Peri – *Eu não tenho medo de nada. Por que eu teria medo, francamente?*  
 Melisa – *Olha só, eu só estou dizendo que as pessoas têm costumes. Você acha mesmo que essas pessoas têm uma escolha? Que ela vai se casar, que ela vai se formar, ou que vai ficar em casa e cuidar da mãe e do pai pra sempre? Mas a verdade é que, se ela fosse do seu círculo, tipo, alguém como eu, que você conheceu na aula de yoga, você a trataria da mesma forma?*

Peri – *Como assim, Melisa?*

Melisa – *Você entendeu o que eu quis dizer. As pessoas possuem uma origem social, uma cultura. E, se você quiser, mesmo, ter uma conexão com essa moça, se você quiser ter um relacionamento honesto com as pessoas, tem que permitir que elas sejam o que são, entende?*

Peri – *Melisa, por que você não...*

Melisa – *Resolveu me chamar pelo nome agora? Não precisa ficar estressada por isso.*

Peri – *Eu não estou estressada, por que ficaria? Melisa, você não está é me dando a chance de explicar.*

Melisa – *Não precisa me explicar nada...*

Peri – *Oh. [silêncio]*

*[som de notificação no celular]*

Melisa – *[suspiro] Bom, vou ter que ir embora daqui a pouco.*

Peri – *É claro. Eu pago a conta. A conta, por favor!*

Garçom – *Sim, senhora.*

Melisa – *Eu quero dizer uma coisa. Não fique chateada. No fundo, eu acho que você 'tá fugindo dessa moça. Ela 'tá provocando algo em você.*

Peri – *É mesmo? E o que é?*

Melisa – *Eu não sei. Alguma mulher da sua família é coberta?*

Peri – *Não.*

Melisa – *Talvez seja isso. Como são os seus pais?*

Peri – *São pessoas normais.*

Melisa – *O que é normal pra você?*

Jovem – *Oi, tudo bem? Podemos tirar uma foto com você?*

Melisa – *Oi, sim, é claro.*

Jovem – *Pode tirar pra gente?*

Melisa – *Ah, vocês duas podem ficar atrás de mim. Isso, assim. [som da foto sendo tirada] Está bom?*

Jovem – *Está ótimo. Obrigada!*

Melisa – *De nada.*

Peri – *Eu nunca assisti a sua série. Que dia passa?*

Melisa – *Deixa pra lá, pra que perder tempo.*

Peri – *Não, está tudo bem. Estou curiosa. Quero te ver na TV. É claro que não vou assistir à temporada inteira de uma série turca.*

*[som de movimentação]*

Gulbin – *[suspiro] [riso abafado]*

*[som de porta abrindo, celular sendo jogado no sofá]*

Gulbin – *Eu 'tô indo.*

Sinan – *'Tá bom.*

*[som de passos e coisas sendo pegas]*

Gulbin – *'Tá bom.*

Sinan – *Não vou insistir pra você ficar.*

Gulbin – *Mas eu iria mesmo assim. Mesmo que insistisse.*

Sinan – *Gulbin?*

Gulbin – *Hm?*

Sinan – Vai mesmo?

Gulbin – [riso abafado]

[som de movimentação e de passos]

Sinan – Então, até mais tarde.

[som de notificação no celular]

Sinan – O que é que foi agora?

Gulbin – Boa noite, Sinan.

Sinan – Igualmente.

[som de passos, de porta sendo aberta e de notificação]

[som do elevador]

[som de passos]

Gulbin – [riso abafado]

[som do alarme do carro sendo desligado]

[som de carros no estacionamento]

[som do alarme do carro sendo ligado]

[som de passos]

[som da campainha]

[som de passos]

[som da porta sendo aberta]

Sinan – Gulbin.

[som de passos apressados]

Sinan – Gulbin. Gulbin. Gulbin, só um minutinho. Espera um pouquinho, espera!

Gulbin – Não se preocupe, eu só vou pegar uma coisinha...

[som da porta do banheiro sendo aberta]

Sinan – Espera!

Melisa – [suspiro espantado]

Gulbin – [suspiro de espanto] Com licença.

[som de passos/pega a escova de dentes]

Melisa – O que foi isso?

Sinan – Gulbin, espera um pouco, deixa eu falar.

Gulbin – [silêncio] Bravo!

[som de passos]

[som da descarga]

[som da porta sendo fechada com força]

[som da trilha sonora do programa de TV]

Personagem feminina do programa – Não tenho mais nada pra falar com você.

[som de maçã sendo mastigada]

Personagem masculino do programa – Senay, por favor, me escute.

[som de ronco de Ruhiye]

[diálogos do programa ao fundo]

Meryem – Irmã?

Ruhiye – [silêncio]

Meryem – Irmã?

Ruhiye – [silêncio]

Meryem – Acorde. Vai dormir na cama.

[diálogos do programa ao fundo]

[som da maçã sendo mastigada]

[som de passos]

[som de ronco]

Yasin – Ruhiye.  
 Ruhiye – [silêncio]  
 Yasin – Ruhiye.  
 Ruhiye – [silêncio]  
 Yasin – Ruhiye, se quiser dormir, vai pra cama.  
 Ruhiye – [respiração pesada] Eu só cochilei.  
 Yasin – Só cochilou... Nunca fica acordada. Deixa pra lá. Anda, vai dormir. Vai dormir na cama, meu amor.  
 [trilha sonora do programa]  
 Ruhiye – Então ‘tá. Eu vou dormir.  
 Meryem – Durma bem, minha irmã. [diálogo do programa] O que ela disse?  
 Yasin – Eu sei lá.  
 [som de movimentação]  
 Meryem – Que negócio foi esse de “meu amor”?  
 Yasin – Quê?  
 Meryem – Nada. Quer chá?  
 Yasin – Não. [diálogo do programa] Não acredito que o cachorro mordeu aquela moça.  
 Meryem – Que cachorro?  
 Yasin – Um vira-lata.  
 Meryem – Mordeu quem?  
 Yasin – Uma moça foi mordida bem na minha frente.  
 Meryem – Alá! Quando isso aconteceu?  
 Yasin – Hoje de manhã.  
 Meryem – Quando foi comprar pão?  
 Yasin – É, foi quando fui comprar pão.  
 Meryem – Alá.  
 Yasin – Ele mordeu antes que eu pudesse enxotá-lo.  
 Meryem – Que moça é essa?  
 Yasin – Como é que eu vou saber? Uma moça que eu vi na rua.  
 Meryem – O que você fez?  
 Yasin – Como assim?  
 Meryem – O que houve com ela?  
 Yasin – Acho que tomou injeção, fez curativo.  
 Meryem – Na rua?!  
 Yasin – Não, né. No hospital.  
 Meryem – Então você foi com ela. Quantos anos ela tem? Ela era criança?  
 Yasin – Eu sei lá. Como é que eu vou saber? Pega chá pra mim.  
 Meryem – [som de movimentação acelerada] [murmúrio de incomodo] Eu levantei muito rápido.  
 Yasin – Meryem, quando você vai ao médico?  
 Meryem – Que médico?  
 Yasin – Como assim “Que médico”? O médico que te indicaram. Você marcou consulta?  
 Meryem – Eu já fui. Já fui várias vezes.  
 Yasin – Já foi? Você contou ao Hodja. Hein, Meryem? Eu te fiz uma pergunta.  
 Meryem – Ainda não contei.  
 Yasin – Ele perguntou?  
 Meryem – Perguntou sim.  
 Yasin – E o que você disse?  
 Meryem – Eu não disse nada.

Yasin – Você mentiu pro Hodja?  
 Meryem – Meu irmão...  
 Yasin – Você mentiu pro Hodja?  
 Meryem – Ah, irmão, é que...  
 Yasin – Para de falar “Irmão”. Eu te fiz uma pergunta! Você mentiu pro Hodja? Meryem, responde!  
 Meryem – Por favor, não diga nada pro Hodja. Eu imploro! Eu ia contar pra ele, mas não tive chance.

[música tocando ao fundo]

Sinan – E agora? ‘Tá tudo bem com a gente?  
 Melisa – Sempre estivemos bem.  
 Sinan – Hoje tem aquele bolo que você gosta. O de laranja.  
 Melisa – Hm! Então, vou lá pegar!  
 [som de passos]  
 [som do plástico sendo retirado da tija]  
 Sinan – [suspiro]  
 [som de passos]  
 [som de louça]  
 Sinan – Pode comer tudo.  
 Melisa – Por quê? Você não quer? Eu sempre como tudo.  
 Sinan – Pode comer. Eu não gosto.  
 Melisa – Então, diz pra faxineira que não é pra fazer. Sempre tem quando eu venho.  
 Sinan – [suspiro] Você vai dormir hoje aqui?  
 Melisa – Não faz essa cara!  
 Sinan – Que cara?  
 Melisa – Essa. Quando você pensa em sexo sempre faz cara de falso.  
 Sinan – Ai um Deus! Eu ‘tô fazendo isso?  
 Melisa – Eu não vou ficar.  
 Sinan – Por quê?  
 Melisa – Não sei. Aquela mulher entrou e saiu. Eu não gostei.  
 Sinan – Eu já disse, ela é maluca. É obcecada por mim. Agora que a gente se acertou?  
 Melisa – [riso] Você tá maluco. Nunca tivemos problema. Não se preocupa. Não te levo a sério o suficiente para termos problemas. Hm?

[música ao fundo]

[som de passos de dança]

[som da porta sendo aberta]

Mesude – [exclamação de susto]

Hayrunnisa – Mãe! Mãe!

Mesude – Você quase me matou de susto!

Hayrunnisa – Será que dá pra bater antes de entrar?

Mesude – Por que você estava pulando com a perna machucada? O que ia fazer se seu pai entrasse? Ele teria um ataque do coração!

Hayrunnisa – Ele não entra sem bater antes.

Mesude – Filha, eu bati, mas como é que você ia ouvir com essa coisa do Diabo nos ouvidos?

Hayrunnisa – O papai já foi dormir?

Mesude – Ele pegou no sono na frente da TV.

Hayrunnisa – Vocês não vão sair cedo amanhã? Ele tem que dormir na cama, se não vai acordar com dor nas costas.

Mesude – Deixa ele dormir por enquanto.

Hayrunnisa – Não seja boba.

Mesude – Espera, espera!

Hayrunnisa – Ele vai dirigir muito tempo amanhã. Precisa dormir bem.

Mesude – Espera um pouquinho, filha! Não o acorde.

Hayrunnisa – Por quê?

Mesude – Agora não. Espere um pouco. Eu vou dormir. Daqui a meia hora, acorda ele, manda ele pra cama... Pra eu poder dormir um pouco.

Hayrunnisa – É por que ele ronca? [riso]

Mesude – Parece uma trovoada. [suspiro] Depois que ele começa, vai até de manhã. Eu passo a noite em claro. [risos] Vai me ver daqui uma meia hora, se eu estiver dormindo, aí você acorda o seu pai.

Hayrunnisa – [riso] Está bem.

Mesude – ‘Tá bom. Alá te abençoe. Vem cá! [som de beijo] Não fique acordada até de manhã.

Hayrunnisa – Tá bom!

Mesude – Boa noite.

[som de movimentação]

Mesude – [suspiro] Ah, louvado seja Alá. [suspiro]

[som do abajur sendo apagado]

[som da noite – insetos e carros]

[som de passos]

[som de ronco]

Hodja Ali Sadi – Mesude.

[som de copo sendo cheio de água]

[som da água da torneira pingando]

Hayrunnisa – A mamãe foi dormir, pai.

[som da televisão]

Hodja Ali Sadi – Alá seja louvado. [silêncio] Aquele sujeito fez a casa com as próprias mãos. Olha, eu cochilei, acordei e ele já levantou o telhado. Ele diz que a melhor madeira é o carvalho. É muito cara, mas... É cara, mas é boa pra trabalhar. Sua mãe já foi dormir?

Hayrunnisa – Sim, acabou de ir.

Hodja Ali Sadi – É... vou deixar ela pegar no sono e depois eu vou.

Hayrunnisa – [riso]

Hodja Ali Sadi – Como foi que isso aí aconteceu?

Hayrunnisa – Só aconteceu, pai. Não é nada demais. Não se preocupe.

Hodja ali Sadi – E se o animal tiver raiva?

Hayrunnisa – Uma equipe de zoonoses foi lá. Achou o cachorro e o levou. Ele vai ficar em quarentena. Eles vão ligar se...

Hodja Ali Sadi – Se o quê?

Hayrunnisa – Se o cachorro tiver raiva.

Hodja Ali Sadi – [suspiro] A gente não devia ir amanhã com você desse jeito.

Hayrunnisa – Não, pai, nada disso. Vocês já planejaram tudo. Vão sim. Eu vou ficar bem.

Hodja Ali Sadi – [suspiro pesado] Como foi que você chegou ao hospital sozinha com essa perna aí?

Hayrunnisa – [silêncio]

Hodja Ali Sadi – Minha filha linda. Alguém rogou uma praga na minha filha. [suspiro pesado]

[som da televisão]

## ANEXO D - EPISÓDIO IV

### Série “8 em Istambul” (Original Netflix Turquia)

*[som de pássaros piando e cachorros latindo]*

*[som de passos]*

*[som de páginas sendo viradas]*

Meryem – *Eu estava procurando pelo Hodja Ali Sadi.*

Homem – *O Hodja... Ele partiu.*

Meryem – *Ele partiu?*

Homem – *Foi para a cidade dele.*

Meryem – *Pra a cidade dele?*

Homem – *Sim, para a cidade dele. Foi com a esposa. Ou ele já saiu, ou está prestes a sair. Você já checkou a casa dele? Vá até lá, se quiser.*

*Talvez ainda não tenha saído.*

Meryem – *Hm.*

Homem – *Se ele já foi embora, não voltará por duas semanas.*

Meryem – *Duas semanas?*

Homem – *Isso mesmo. Eles vão aproveitar o caminho da viagem. É o que sempre fazem.*

Meryem – *Ah, tá bom. Ele vai ficar por duas semanas.*

Homem – *Isso mesmo. É algo urgente?*

Meryem – *Não, nada urgente. Nada mesmo. Ok, obrigada, tenha um bom dia.*

Homem – *Você tem o celular dele?*

Meryem – *Tomara que não esteja em casa. Inshallah. [murmúrio para si mesma]*

Homem – *Se quiser, eu tenho.*

Meryem – *Eu tenho sim.*

*[trilha sonora]*

*[som de chave na fechadura e de porta sendo aberta]*

*[som de porta sendo fechada]*

*[som da casa sendo arrumada]*

*[som de passos]*

Melisa – *Bom dia!*

Meryem – *[silêncio]*

Meryem – *Então, eu pensei que eu estava sonhando ou enlouquecendo por assistir tanta TV.*

Dra. Peri – *Talvez apenas se parecesse com ela.*

Meryem – *Não, era ela. Eu estou lhe dizendo, doutora. Ouvi a voz dela.*

*Era ela mesmo. Era o retrato vivo da Senay. Parada na minha frente, vestindo só a camisa do homem.*

Dra. Peri – *Então, quer me dizer o que sentiu sobre isso?*

Meryem – *Não estou lhe dizendo agora, irmã? Dizem que você parece 10 quilos mais gordo na TV. Eu juro que era mentira. Ela era exatamente a mesma. A aparência dela era exatamente a mesma. Fiquei chocada. Era a Senay de verdade. Até a Senay de Minha Mãe e Minha Filha acabou entrando na minha vida.*

*Dra. Peri – Esse é o nome da série de TV?*

*Meryem – Não conhece Minha Mãe e Minha Filha, irmã? Ela é tão popular, e todo mundo a conhece. Era a Senay da série. A que veio da cidade. A louca que rejeitou Sinan Tuzcu na semana passada.*

*Dra. Peri – Eu não vejo a série. Não conheço ela.*

*Meryem – Senay é o nome da personagem. Estou dizendo Melisa Koral.*

*Dra. Peri – Melisa?*

*Meryem – Koral. Melisa Koral. Ela estava namorando Riza Kocaoglu. Aqueles olhos azuis. Não a Senay, mas Riza Kocaoglu. A Senay tem olhos escuros. Aqueles olhos...*

*Dra. Peri – [silêncio]*

*[som de passos]*

*[som do trânsito]*

*[som de passos]*

*[som da campainha]*

*[som de passos]*

*Canan – Ah, é você Peri.*

*Peri – Como você está, Canan?*

*Canan – Liguei pra você, mandei mensagem. Espero que tenha visto.*

*Peri – Ai. Eu não acredito nisso.*

*Canan – A doutora já foi embora. Apareceu uma emergência. Eu liguei pra você e te mandei mensagem.*

*Peri – Eu não olhei meu telefone. Estava no modo silencioso. O que foi? Nada sério, espero.*

*Canan – Bom, ela recebeu uma ligação, algumas horas atrás, e saiu correndo. Era sobre o irmão dela. Você sabia, certo?*

*Peri – O quê?*

*[som de objetos e móveis sendo jogados]*

*[som de janela sendo quebrada]*

*[som de passos]*

*Peri – Era a irmã dela, não era?*

*Canan – A irmã mais velha.*

*Peri – Ela está bem?*

*Canan – [suspiro assustado]*

*Peri – Você disse que ela recebeu uma ligação da irmã e foi embora.*

*Canan – Não. Eu ‘tava falando do irmão dela. Ela tem um irmão e ele é meio...*

*Peri – Meio o quê?*

*[som de carro]*

*[trilha sonora]*

*[som de galinha]*

*[som da trilha sonora]*

*[som de porta sendo aberta]*

*[som de passos]*

*[som de porta sendo fechada]*

*[som de incenso sendo aceso com isqueiro]*

*[som do celular sendo desbloqueado e, em seguida bloqueado]*

*[som de música de meditação]*

*Peri – [suspiro]*

*[som do celular sendo desbloqueado e da música sendo desligada]*

*[trilha sonora]*

*[som de celular tocando]*

*Peri – Gulbin?*

*Gulbin – Oi, Peri. Desculpa por não ter te respondido antes. Eu só consegui ligar agora.*

*Peri – Não se preocupe, querida, está tudo bem. Eu estava preocupada com você. Tudo bem aí?*

*Gulbin – Você testemunhou uma cena ruim no meu consultório, né? Eu falei com Canan. Por favor, me perdoa. Eu gostaria que isso nunca tivesse acontecido.*

*Peri – Não se preocupe, Gulbin. Está tudo bem. Não se preocupe.*

*Gulbin – Espero não ter atrapalhado sua agenda.*

*Peri – Não atrapalhou. Acabei de voltar para o hospital. Mas e você? Está tudo bem? Alguma coisa que eu possa fazer? A Canan não pode me contar muito. Ela só me disse que... que o seu irmão não está bem, não é?*

*Gulan – Ela devia vir aqui prestar contas disso. Ela não pode decidir nada sozinha.*

*Gulbin – Eu gostaria que ela não tivesse dito nada, mas... Enfim.*

*Peri – Então, nós... teremos uma sessão na próxima semana, não é?*

*Gulan – Ela devia vir aqui prestar conta disso.*

*Gulbin – Vamos falar sobre isso na próxima semana, ok? Mais uma vez, desculpa pelo o que aconteceu.*

*Peri – Vejo você então.*

*Gulbin – Até logo.*

*[som de cadeira sendo afastada e de passos]*

*Gulan – Vem cá! Quem você ‘tá pensando que é, ein? Como você faz algo assim sem nos consultar?*

*Gulbin – Já chega! Para de gritar!*

*Gulan – Então me responda!*

*Gulbin – Saia daqui! Eu não tenho que te responder!*

*Gulan – Quem te deu o direito de expulsar alguém daqui?!*

*[som de briga]*

*Civan – O que estão fazendo?*

*Gulan – Quem pensa que é?*

*Civan – Gulan! Gulan!*

*Gulan – Quem te deu o direito de expulsar alguém daqui?*

*Civan – Calma, por favor! Calma, pelo amor de Deus!*

*Gulan – Quem você pensa que é pra me expulsar?*

*Civan – Calma, Gulan! Calma! Chega!*

*Gulan – Quem é você pra me expulsar?*

*Civan – Calma, por favor, calma.*

*Gulbin – Fica calma.*

*Civan – Calma, por favor! Calma!*

*Gulan – Fica fora disso. Fica fora disso. Será que você não teme à Alá?*

*Gulbin – Não há necessidade. Você já teme por todos nós!*

*Gulan – Eu vou arrebentar a sua cara. Eu vou arrebentar você!*

*Civan – Calma! Gulan! Calma!*

*Gulan – Cala a boca!*

*Civan – Calma! Calma!*

*Gulan – Me solta!*

*Mãe [em turco] – Parem com isso, meninas. O que você quer de nós? Nós já temos problemas e não são poucos! Ele é seu irmão, mas é nosso filho. E vocês são nossos filhos. E ele também. A culpa é minha ou do seu pai? Não veem como seu pai está e como ele ficou? Isso é necessário? Seu pai está chorando. Precisam fazê-lo chorar? Qual é o problema de vocês? Parem com isso. Respeite Deus. Já chega!*

*Gulbin – ‘Tá bem, mãe. ‘Tá bom.*

*Mãe – [suspiro]*

*[movimentação]*

*Gulbin – Papai. [som de beijo] Papai.*

*Gulan [em turco] – Pai, estou fazendo de tudo pelo meu irmão. Devemos rejeitar nosso Deus e nossa crença por causa dela? Hã?*

*Gulbin – Que tipo de pessoa você é?*

*Gulan – Olha só?*

*Gulbin – Sério, que tipo de pessoa você é?*

*Gulan – Não basta ruir a própria vida? Ela não tem noção. Ela quer arrastar o meu irmão com ela!*

*Gulbin – É sério? [suspiro indignado]*

*Gulan – Eu vou deixar ela fazer isso, pai? Do que você ‘tá rindo?*

*Gulbin – Todo esse barulho por causa de 600 liras, né?*

*Gulan – Eu juro que vou bater em você.*

*Gulbin – E o dinheiro que você joga fora nas mesquitas e nos lugares religiosos? Hã? As consultas deles custariam 1000 liras, mas ele fez a gentileza de diminuir para 600. E eu disse que pagaria por isso. Eu disse!*

*Civan – Não, dissemos que cuidaríamos disso.*

*Gulan – Cala a boca, Civan!*

*Gulbin – Eu realmente tentei. Eu implorei ao médico que marcasse a consulta mais cedo. Se não ele... Ele só iria marcar para maio.*

*Gulan – Esqueça esse médico agora. Já deu ao garoto essa coisa do mal ou não, ein?*

*Gulbin – Eu sou terapeuta. Eu não fiz nada que eu não conhecesse ou tenha pesquisado. Pai, mãe! Eu realmente não fiz isso!*

*Gulan – Pois é, mãe. É sim. Ela já é sua parceira no crime com esse cérebro de minhoca.*

*Civan – Gulan!*

*Gulan – O que que é, Civan?*

*Civan – Você está sendo rude.*

*Gulan – Então, vai embora daqui. Vá embora, se você não gosta.*

*Civan – [suspiro]*

*Mãe [em turco] – Disseram pra colocar na tigela, misturar com manteiga e dar uma colher toda manhã em jejum. Eu tenho dado pra ele há três ou quatro dias. Pra ser sincera, ele está melhorando. Os tremores estão menos severos.*

*Gulan [em turco] – Mãe, você sabe o que está dizendo? Hã? O que está dizendo?*

*Gulbin [em turco] – Já chega! Deixe a mãe em paz. [para de falar em turco] Não tenho que lhe perguntar nada sobre isso. Você me pergunta? Você já me perguntou alguma coisa? Se importa com o que eu penso?*

*Gulan – Nós sabemos bem o que você pensa.*

*Gulbin – O que está querendo dizer?*

*Gulan – Nós sabemos.*

*Gulbin – O que isso significa?*

Gulan – Nós sabemos bem o que pensa! Sabemos bem!  
 Civan – Já chega.  
 Gulan – Não é verdade, Civan? [em turco] Mãe, pai, digam algo. Estou mentindo? Nós não sabemos?  
 Gulbin – O que você está dizendo? O quê?  
 Gulan – O que que foi? Você ‘tá desconfortável com isso?  
 Gulbin - Irmã!  
 Gulan – Não nos pergunte nada! Não nos pergunte nada! Nós não estudamos! Nós somos ignorantes!  
 Civan – ‘Tá bom. Chega!  
 Gulan – Você não se importa com o que pensamos.  
 Civan – Calma.  
 Gulan – O que que é? Não pergunte. Nunca pergunte nada!  
 Civan – [suspiro]  
 Mãe [em turco] – Deus... Santo Deus. Vá embora.  
 Gulan – Pergunte a quem não acredita em Alá como seus amigos.  
 [som de briga]  
 Civan – Gulbin! Tudo bem! Pare!  
 Gulbin – Você...  
 Civan – Gulbin! Gulbin! Para!  
 [som de briga]  
 Civan – Para! Parem!  
 [som de movimentação]  
 [som de passos]  
 Mãe – O que houve com meu filho?  
 Gulbin – Rezan. ‘Tá tudo bem, querido.  
 Rezan – [murmúrio enquanto se debate]  
 Gulan – Ai, meu querido, o que ‘tá acontecendo?  
 Rezan – [murmúrios enquanto se debate]  
 Gulbin – ‘Tá tudo bem. ‘Tá tudo bem.  
 Gulan – Ai, meu irmão querido. Hezan.  
 Gulbin – ‘Tá tudo bem.  
 Rezan – [murmúrios]  
 Gulbin – ‘Tá tudo bem, querido.  
 Gulan – O que que foi?  
 Rezan – [murmúrios tentando falar] Pa... pai.  
 Gulan – [suspiro]  
 Rezan – Papai...  
 Gulan – Civan! Civan! Traz o papai aqui! Ajuda! Traz o papai aqui.  
 Rezan – Papai...  
 Gulbin – Ela ‘tá vindo. Ele ‘tá chegando, meu amor.  
 Gulan – Ah, meu doce irmão.  
 Rezan – Papai. Papai.  
 Gulbin – ‘Tá tudo bem, meu amor. ‘Tá tudo bem, querido. Tudo bem. ‘Tá tudo bem.  
 Rezan – [movimentação intensa]  
 Pai – [começa a cantar em curdo]  
 Civan – Aqui. [volta com um instrumento musical]  
 Gulan – Civan, não seja ridículo.  
 Civan – ‘Tá.  
 Pai – [continua a cantar]  
 Rezan – [murmúrios]  
 Gulbin – Ah, meu querido. [som de beijo] Meu querido! Meu amor! Meu querido.

Pai – *‘Tá tudo bem, meu filho. ‘Tá tudo bem. Tudo bem, meu filho.*

Rezan – *[murmúrios]*

*[cantam em curdo]*

*[trilha sonora]*

Mesude – *Hm?*

*[trilha sonora]*

*[som de pássaros]*

*[som de telefone tocando]*

Hodja Ali – *Alô?*

Yasin – *Hodja, bom dia. É o Yasin, filho de Mustafa Doganci.*

Hodja – *Yasin! Como você está?*

Yasin – *Louvado seja Alá, Hodja! Eu... queria falar com o senhor. Eu lamento perturbá-lo.*

Hodja – *Não se preocupe, pode falar.*

Yasin – *Hodja, não é sobre mim. Na verdade, é a minha irmã que vai falar.*

Hodja – *Meryem?*

Yasin – *Isso.*

Hodja – *O que há de errado?*

Yasin – *Eu vou passar pra ela, Hodja. Ela pode te contar.*

Hodja – *Sim, passa pra ela.*

Yasin – *[suspiro]*

Meryem – *Hodja, desejo-lhe um dia agradável.*

Hodja – *O mesmo pra você. Vá em frente e me diga.*

Meryem – *Hodja, eu fui a uma psicóloga e... não tive a chance de lhe contar. E como eu não contei, o meu irmão... ele... pediu para ligar pra contarmos.*

Hodja – *E...?*

Meryem – *É só isso, Hodja.*

Hodja – *E, então, Meryem, me conta. Como foi? Você ficou satisfeita?*

Meryem – *Foi muito bom, Hodja.*

Hodja – *Como assim?*

Meryem – *Eu parei de desmaiar.*

Hodja – *Ela te deu remédios?*

Meryem – *Não, Hodja, só conversamos.*

Hodja – *Sobre o quê?*

Meryem – *Hodja, podemos conversar quando o senhor voltar, Inshallah?*

*Não quero tomar o seu tempo, durante a sua viagem.*

Hodja – *Então, devolva o telefone ao seu irmão.*

Meryem – *Sim, Hodja. Com todo o meu respeito. [para Yasin] Ele quer falar com você.*

Yasin – *Pode falar, Hodja.*

Hodja – *Yasin?*

Yasin – *Sim, pode falar.*

Hodja – *Sabe o electricista, amigo seu, que examinou meu carro?*

Yasin – *Hodja, um electricista?*

Hodja – *Seu amigo, do Mar Negro.*

Yasin – *O Nihat. O senhor quer dizer o Nihat, Hodja.*

Hodja – *É, eu acho que é esse. Ele podia nos atender aqui na estrada?*

*É que o meu carro quebrou e estamos parados aqui debaixo do viaduto.*

Yasin – *E o que quebrou?*

Hodja – *O sistema de aquecimento do carro. Não está funcionando. E parece que vai fazer frio à noite. E eu não conheço bem essa área... Eu*

dei uma olhada na bateria, essas coisas, mas parece que eu vou precisar de um eletricista. Você pode ligar pra ele?

Yasin – Eu vou ligar pro meu amigo agora mesmo.

Hodja – Obrigado, meu filho.

Yasin – Não tem de quê. Eu vou ligar pra ele agora mesmo. Eu vou ligar assim que desligar. Tenha um dia abençoado.

Meryem – O que ele está dizendo, irmão?

Yasin – Nihat, Nihat, Nihat...

Meryem – Quem?

Yasin – Meryem, abra a janela. ‘Tá muito quente aqui.

Meryem – A janela? O que o Hodja disse? Pra quem está ligando?

Yasin – Nihat. Você sabe quem é. O louro.

Meryem – De Rize?

Yasin – Esse.

Meryem – Por que você está ligando pra Nihat agora?

Yasin – É pro Hodja, não pra mim.

Meryem – Para o Hodja? Agora? Vou conversar com o Hodja quando ele voltar. O que Nihat vai fazer agora? Eu disse a ele que foi bom pra mim ver essa mulher. Não contei a ele porque achei que fosse ficar com raiva e fosse dizer para eu não ir. Juro por Alá que eu não podia contar a ele.

Yasin – Shh. Para de chorar, garota! Por que você ‘tá chorando? Ele não disse nada de você. O carro dele quebrou, e ele precisa de um eletricista.

Eles pararam no caminho e ele lembrou de Nihat.

Meryem – Ele não falou nada de mim?

Yasin – Fica calma. Isso não tem nada a ver com você. ‘Tá desligado. E agora? Como é que eu vou fazer para encontrá-lo?

Meryem – [sai apressada da sala murmurando] Teve o que merecia. Agora vai procurar o Nihat.

Yasin – O que você disse?

Meryem – Irmão.

Yasin – Meryem!

[som de passos]

Yasin – O que você disse?

Meryem – Irmão, eu estava estressada, saiu sem querer.

Yasin – Pro Inferno com seu estresse! Toma vergonha!

Meryem – Eu sinto muito.

Yasin – O quê?

Meryem – Eu sinto muito, irmão.

Yasin – Ah, claro. Continue e peça desculpas quantas vezes for. Quantas vezes isso aconteceu, ein? Há quantas semanas está agindo assim? Desde que começou a ver essa mulher, Meryem! Sempre irritada, de cara fechada e essa linguagem chula.

Meryem – Irmão. Alá, me perdoe. Deixa pra lá.

Yasin – Não. Agora acabou. Não vai ver mais essa mulher de novo.

Meryem – [suspiro]

Yasin – Não sei o que ‘tá aprontando. Você começou a agir de uma maneira diferente, Meryem. Tudo depois dessa mulher.

Meryem – Não tem nada a ver com ela.

Yasin – Tem. Tem tudo a ver com ela. ‘Tá decidido. Acabou o assunto. Você vai parar de vê-la. E, se tiver que desmaiar, que desmaie.

[som alto de vidro quebrando]

Meryem – Alá!

Yasin – Ruhiye!

[som de passos apressados]

*Ruhiye – [suspiro]*

*Yasin – O que foi que você fez? Por que você quebrou a janela?*

*Ruhiye – Mas eu não fiz nada, Yasin.*

*Yasin – Se ao menos houvesse alguém normal entre vocês. Apenas uma, pelo amor de Alá e do Profeta! Você acha que eu sou idiota, Ruhiye? Tentando me enganar? Você não quebrou, não é? Então, o que foi que aconteceu? Alguém lá fora jogou uma pedra?*

*Ruhiye – Sim, foi o que aconteceu.*

*Yasin – Ruhiye, você ‘tá me deixando maluco.*

*Ruhiye – Yasin, eu juro por Alá, foi o que aconteceu. Eu ‘tava só sentada aqui. Eu ia quebrar nozes pra você.*

*Yasin – Ia quebrar nozes?*

*Ruhiye – Sim. Eu ia quebrar nozes.*

*Yasin – Pra nós?*

*Ruhiye – Você comprou nozes frescas, lembra? Eu ia quebrar pra você.*

*Meryem – Ai, Alá, espero que não seja um mal sinal. [suspiro de espanto]*  
*[som de movimentação da pedra sendo pega do chão por Yasin]*

*[som de papel sendo desembulhado da pedra]*

*Meryem – Isso é um bilhete?*

*Yasin – Que que é isso?*

*Meryem – O que está escrito nele, irmão?*

*Yasin – Você viu quem jogou?*

*Ruhiye – Não. Eu ‘tava sentada aqui assim quando o vidro quebrou.*

*Yasin – Que droga é essa?*

*Meryem – Anda, irmão, vai.*

*Yasin – Isso não significa nada pra mim. “Espere só e você verá”. Toma.*  
*[silêncio]*

*Yasin – Quem foi... que jogou isso em plena luz do dia? As crianças estão no vizinho?*

*Meryem – Aham.*

*[som de passos apressados]*

*Meryem – Irmão, onde você vai?*

*Yasin – Eu vou pegar as crianças no vizinho. Não sai pro jardim.*

*Tranquem as portas e fiquem nos quartos. Não fique aqui!*

*[som de passos apressados]*

*Meryem – E se todos fôssemos para o vizinho? Irmão? Não seria melhor sair de casa?*

*[silêncio]*

*[som da porta sendo aberta]*

*[som de passos apressados]*

*Yasin – Ei!*

*[som de perseguição]*

*Yasin – Oh, tia? Viu quem passou correndo aqui? Viu pra onde ele foi?*

*Tia – Pra Câmara Municipal.*

*Yasin – Esquece, tia, pode ir.*

*[silêncio]*

*[som de animais]*

*[som da porta sendo aberta]*

*Yasin – Rápido, rápido. Entrem.*

*Meryem – Venham, primeiro um banho.*

*Yasin – Não. Leve eles pra cima. Esquece o banho.*

*Meryem – O que você fez, irmão?*

*Yasin – Como assim?*

*Meryem – Quero dizer, o que vamos fazer?*

Yasin – *Cadê a Ruhiye?*

Meryem – *Ela está lá em cima. Como mandou.*

Yasin – *'Tá bom. Suba também.*

Meryem – *E você?*

Yasin – *Alguém fugiu.*

Meryem – *Quem?*

Yasin – *Eu fui pra rua.*

Meryem – *E...?*

Yasin – *O covarde me viu e fugiu. Sem vergonha.*

Meryem – *Ai, sem vergonha.*

Yasin – *Deve ter confundido as casas.*

Meryem – *Confundido?*

Yasin – *Ele deve ter confundido as casas. Quem teria problema com a gente?*

Meryem – *Irmão, você brigou com alguém?*

Yasin – *Como assim?*

Meryem – *Eu não sei. Talvez tenha brigado com alguém.*

Yasin – *Com quem eu brigaria? Não teve nada disso. Ele só confundiu as casas. Quando me viu, se assustou e fugiu.*

Meryem – *Então, é isso que acha?*

Yasin – *É isso que eu acho.*

[som do celular tocando]

Yasin – *Ah.*

Meryem – *Irmão, quem é? O que estão dizendo?*

Yasin – *Fica calma. Espera um segundo. É o Hodja.*

Meryem – *O Hodja?*

Yasin – *Ele mandou uma mensagem perguntando se eu liguei pro eletricista. Íamos procurar o eletricista.*

Meryem – *Ai, por favor. Ele está longe e você que tem que encontrar um eletricista pra ele.*

Yasin – *Meryem!*

[som de vidro quebrando e de conversas ao longe]

[som de passos]

[som da porta do carro sendo aberta e do Hodja entrando]

[som da porta sendo fechada]

Hodja – *Eu disse... Sabe o filho do falecido Mustafa? Ele tem um amigo que é eletricista. Ele disse que ligaria imediatamente, mas ainda não respondeu. Você se lembra do Mustafa? Da Doganci Móveis? Ein, Mesude? Mesude? Mesude? Mesude? Mesude? Levante-se. Mesude, levante-se! Mesude? Mesude? Mesude, não, por favor, não faça isso comigo! Mesude? Mesude? Mesude? Mesude? [som da porta sendo aberta] Ei, ajudem! Venham aqui! Alguém vem aqui e ajude! Minha esposa desmaiou. Aconteceu alguma coisa. Eu não sei o que fazer. Mesude! Mesude! Mesude.*

Jovem – *Tio. Calma, tio. Calma, tio.*

[trilha sonora]

## ANEXO E - EPISÓDIO V

### Série “8 em Istambul” (Original Netflix Turquia)

*[som de madeira sendo encaixada]*

*[cântico em árabe]*

*[som de terra sendo jogada no caixão]*

*[som de passos]*

Senay (Melisa) *[em turco]* – Oi! Cheguei!

*[som de pássaros e de passos]*

Senay (Melisa) – Oi, eu ‘tô aqui, e você fez um ótimo trabalho. O ambiente ficou excelente. A única coisa que falta é você, Goksel Arhan!

Personagem masculino – Espero que esteja com fome.

Senay (Melisa) – Bem-vinda, Senay. Por favor, sente-se.

Senay (Melisa) – Eu não entendo, senhor Kenan. O que você está fazendo aqui?

Sr. Kenan – Senhor? Por que está me chamando de senhor agora? Sente-se.

Yasin – Eu conheço aquele cara. Ele é... Peraí, peraí, que eu vou lembrar. Ele é... Ele é o roteirista, não é? Como é que é o nome dele? Eu não me lembro. Os filmes dele são muito bons. Ele é um cara importante. Acho que é ator também. Qual é que é o nome dele mesmo, viu? Ai, ‘tá na ponta da língua. Você conhece ele, Meryem? Ein? Lembra do nome dele? Argh... Levent. Acho que é isso. Levent. É isso mesmo. Levent de quê?

Meryem – Por que ficou olhando pra filha do Hodja?

Yasin – Hã?

Meryem – Ficou olhando pra ela.

*[som do programa de TV ao fundo]*

Yasin – Que história é essa?

Meryem – Conhece a moça?

Yasin – Que moça?

Meryem – *[silêncio]*

Yasin – Por que ‘tá me olhando assim?

Meryem – *[silêncio]* Eu vou pegar chá...

Yasin – Então a moça era a filha do Hodja.

Meryem – *[silêncio]*

Yasin – Por que você não levanta e vai fazer chá? Eu ‘tô com fome também. A minha barriga ‘tá roncando. Faz alguma coisa para gente. Anda, Meryem. Cadê a Ruhiye?

Meryem – Ela foi dormir.

Yasin – Como se ficasse acordada.

Meryem – Ela disse que estava com dor de cabeça.

Yasin – E as crianças? Hm. Eu quero que faça as malas delas. Anda, vai!

Meryem – Fazer as malas?

Yasin – É. Pra dois ou três dias. Separe umas roupas pra mim também.

Meryem – Pra onde vai?

Yasin – Pra cidade.

Meryem – O quê?

Yasin – Pra cidade. Vamos pra cidade da Ruhiye. Ela disse que ‘tava querendo ir pra lá.

Meryem – Mas agora?

Yasin – Agora não. Parece que você não está me ouvindo.

Meryem – Como não estou te ouvindo?

Yasin – Ah, agora eu tenho certeza que você não tá me ouvindo. Nós vamos depois da prece matinal. Inshallah. E chegamos antes de anoitecer.

Meryem – De onde essa ideia veio?

Yasin – Não veio de lugar nenhum. Ela não disse que queria ir pra cidade dela?

Meryem – Ela disse que queria ir.

Yasin – Então, você me entendeu.

Meryem – Então... Está dizendo que vamos pra cidade.

Yasin – É o que estou dizendo.

Meryem – Pra cidade da Ruhiye?

Yasin – Isso mesmo.

Meryem – Agora? De repente?

Yasin – E desde quando eu disse agora, garota. Falei que vamos partir pela manhã.

Meryem – Não...

Yasin – Como assim “não”? Anda! Você não ia pegar chá? Anda. Não fica aí sentada, Meryem. O que que foi? Vai ficar aí me olhando?

Meryem – [silêncio, seguido de som de movimentação]

Yasin – Ah, meu Deus! [silêncio] A moça é filha do Hodja.

[som do relógio]

Hodja – [suspiro] Tente dormir um pouco. Vamos. Descanse um pouquinho. Vamos, minha filha, você tem que descansar. Descanse um pouco. [silêncio]

Hayrunnisa – Vende o carro, papai.

Hodja – Por quê? É a vontade de Alá, minha filha. Pra que culpar o carro? O médico disse que sua mãe morreu de hipotermia. Sua mãe tinha problema de coração. Minha filhinha querida. [suspiro]

Hayrunnisa – [choro descontrolado]

Hodja – Alá reservou o melhor lugar no Paraíso pra ela...

Hayrunnisa – A culpa foi minha.

Hodja – O quê? O que está dizendo, minha filha? Olhe pra mim. Olhe pra mim, minha filha.

Hayrunnisa – A culpa foi minha. [choro] O senhor disse “É melhor não irmos”.

Hodja – Quando?

Hayrunnisa – Quando o cachorro me mordeu.

Hodja – E...?

Hayrunnisa – E o senhor disse “É melhor não irmos”. Eu disse pra vocês irem. Se eu não tivesse insistido... [choro]

Hodja – [suspiro] Ah, minha filha querida. Amor da minha vida. Não se culpe dessa forma. Como pode pensar assim, filha?

Hayrunnisa – É verdade. [choro]

Hodja – [suspiro]

[silêncio]

[som de cachorro latindo]

[som da televisão]

Orhan – “A geração baby boomer, pessoas que nasceram entre 1944 e 1965, costurava as próprias calças, faziam meia sola dos sapatos, consertavam rádios quebrados, não só porque eram pobres, nem porque queriam poupar dinheiro. Fazendo isso, essas pessoas, elas estavam

*dando um importante exemplo para toda a geração seguinte. Aí, vieram as gerações X e Y, que sentiram que seus esforços eram provenientes da pobreza, mesquinha e desamparo. E não entenderam a mensagem. Aí, veio a geração Z com a promessa de uma geração ousada... em busca de mudança. Mas rapidamente eles cansaram e se entediaram. Essa nova geração é excessivamente frágil e preocupada com o que pode ganhar, e não o que pode dar. Parece que a geração que esqueceu como consertar as coisas terá dificuldades à frente. Este texto é para lembrar a uma nova geração gananciosa sobre aqueles que nasceram entre 1944 e 1965 e o seu grande legado”.*

*Feray – O que foi que você leu aí?*

*Orhan – Isso veio do Facebook. Sadi que me enviou. Alguém deve ter enviado pra ele.*

*Feray – Ele nunca tira os olhos do computador.*

*Orhan – Ele deve ter enviado do celular. É muito bom! Praticamente, resume tudo.*

*Feray – [silêncio]*

*Orhan – Ervas que evitam a degeneração óssea. Brócolis, que ajuda a combater a falta de ferro e minerais...*

*Feray – Orhan! Já chega! Para de ler.*

*Orhan – É... Posso ler em silêncio? Tenho permissão pra isso?*

*Feray – Não, não. Você não tem. Por que não vai lá conversar com a sua filha?*

*Orhan – Ela está no telefone.*

*Feray – Ela já desligou há horas.*

*Orhan – [silêncio] Ela te falou alguma coisa?*

*Feray – Hã?*

*Orhan – Ela te falou alguma coisa?*

*Feray – Disse: “Papai não devia vender a casa em Erdek”.*

*Orhan – Como assim? Estou vendendo por vender? Francamente, Feray.*

*Feray – Eu não sei mais nada. Ela vive falando da infância, das lembranças...*

*Orhan – Mas ela não foi lá nenhuma vez!*

*Feray – Eu não sei.*

*[som de passos]*

*Peri – É claro que não vamos assistir isso.*

*Orhan – Então, vamos assistir ao programa do Ozdil.*

*Peri – Pai, você já assistiu até dizer chega.*

*[som da televisão]*

*Feray – Gosto dessa moça.*

*[som da televisão]*

*Feray – Agora virou moda. Em tudo que é programa uma mulher tem que cobrir a cabeça.*

*[som de trovão]*

*[som do programa de TV]*

*[som de movimentação]*

*Yasin – Já fez as malas?*

*Meryem – Já fiz sim. Também separei uns pãezinhos. Você pode comer um, se quiser.*

*Yasin – Não. Eu não vou comer no meio da noite. Quando eu como à noite, eu... acordo cansado de manhã.*

*[som do programa de TV]*

*Meryem – Então, nós vamos mesmo?*

Yasin – O quê?

Meryem – Pra cidade.

Yasin – Como assim? É claro que vamos!

Meryem – Então ‘tá. Só perguntei.

Yasin – O que você ‘tá falando?

Meryem – Eu não ‘tô falando nada.

Yasin – Como assim você não ‘tá falando nada, Meryem? Vamos lá! [som da televisão sendo desligada] O que você quer dizer? Anda. Fala comigo. Eu ‘tô te perguntando. O que você quer dizer? Anda. O que você quer dizer?

Meryem – Mas eu não disse nada.

Yasin – Como assim? Você não disse uma coisa? Você não disse agora?

Meryem – Disse.

Yasin – Disse ou não disse?

Meryem – Eu disse.

Yasin – E aí?

Meryem – Eu só fiz uma pergunta! Eu... não quis dizer nada. Você decidiu de repente, e eu só queria saber o porquê.

Yasin – Como assim? O que está dizendo?

Meryem – Foi de repente. Você disse que íamos para a cidade. De onde você tirou essa ideia? Não é primavera, nem verão. No meio do inverno, num quartinho, com os parentes mal-humorados da Ruhiye.

Yasin – [silêncio] Que tipo de pessoa você se tornou? Eu fico me perguntando como é possível termos a mesma mãe. Não vê a minha situação? Não vê as dificuldades que eu enfrento?

Meryem – Por que enfrenta essas dificuldades?

Yasin – Não me responda. Não me responde. Fica calada, Meryem. Por que eu enfrento?! Por que você acha? O que eu vou fazer se ela se cortar de novo? Eu tenho dois filhos, Meryem. O que vou dizer pra eles? Que a mãe cometeu suicídio? Que ela fez as malas e foi embora? É isso que você quer que eu diga pros meus filhos?

Meryem – Alá me livre.

Yasin – Ela não para de falar na cidade. Então nós vamos lá. Ela vai visitar a cidade. Eu ‘tô fazendo de tudo pro humor dela melhorar. E você fica aí reclamando. Você estava reclamando... até dos parentes dela.

Meryem – Olha, tudo bem, irmão. Calma. Eu não devia ter aberto a minha boca.

Yasin – Mas você abriu, Meryem. Você abriu. Você ficou aí tagarelado com seu cérebro de passarinho e depois disse “Eu não devia ter dito nada”. Antes não tivesse.

[som da chuva]

Yasin – Eu vou dormir.

Meryem – Tenha uma boa noite.

Yasin – Boa noite, Meryem. Boa noite. Devia ir dormir também. Não fique acordada a noite toda.

[som de passos]

Meryem – Acha que eu sou idiota? Que não vi como olhou pra filha do Hodja?

[trilha sonora]

[som da chuva]

[som da porta sendo aberta]

[som de cachorros latindo]

[som da Ruhiye sentando na cama]

Yasin – Onde estava?

Ruhiye – Só fui ao banheiro.

Yasin – Vamos viajar amanhã. Vamos pra sua cidade pra você ficar feliz.

[silêncio]

[som da chuva]

Yasin – Ruhiye? Já 'tá dormindo?

Ruhiye – Não.

Yasin – Não o quê?

Ruhiye – Não 'tô dormindo.

Yasin – Ouvia o que eu disse? Vamos pra sua cidade. Depois da prece matinal.

Ruhiye – Louvado seja Alá. [voz chorosa]

Yasin – [senta na cama] Olha pra mim, olha pra mim. Ruhiye, olha pra mim.

Ruhiye – [choro]

Yasin – Por que 'tá chorando agora? Por que vamos pra sua cidade?

Ruhiye – Por que agora, Yasin?

Yasin – Você não disse que queria ir pra sua cidade? Hã?

Ruhiye – Aham. [suspiro]

Yasin – Está feliz, não é? 'Tá chorando de alegria? É isso, Ruhiye?

Ruhiye – [suspiro]

Yasin – [riso] Você chora o tempo todo. Com coisa ruim, com coisa boa. Você é doida. Doida. [riso] Agora chega. Não chora mais. Vai dormir. 'Tá pensando em quê? Ruhiye? [silêncio] Chega, 'tá? Você é muito complicada. No que está pensando? O que está passando pela sua cabeça? Sabe que eu queria poder entrar na sua cabeça, sentar lá e ver o que acontece. Saber o que pensa. [silêncio] O que será que está pensando agora? Ah, Ruhiye. Chega. Vamos dormir. Chega. Vamos viajar amanhã. [suspiro] Nós vamos viajar.

[som de movimentação]

Ruhiye – [suspiro] Eu 'tô aqui, Yasin. Onde você 'tá?

Yasin – Quê? [silêncio] Vamos dormir. Apaga a luz.

[som do abajur sendo apagado]

[trilha sonora]

[som do talher batendo no prato]

[trilha sonora]

Mulher 1 – Isso aqui é muito bonito.

Mulher 2 – Claro. Ele também... é bordado.

Mulher 1 – É, mas com certeza não fazem mais assim. Agora você só encontra em Tahtakale.

Mulher 2 – Tem igualzinho lá em Coco.

[som do talher batendo no prato]

Mulher 1 – Você sempre ouviu música estrangeira. [riso]

[som do notebook sendo fechado]

[som de alguém batendo na porta e a abrindo em seguida]

Mulher 3 – Hayrunnisa, os convidados já estão indo. Venha se despedir.

[som da porta sendo aberta e de passos]

[som de jogo de basquete]

[som de movimento]

Jovem (amiga de Hayrunnisa) – Ela 'tá aqui. A sua mãe. Ninguém pode tirá-la daí. Não permita, você entendeu? Se você quiser, fale com ela. Se você quiser chorar, ponha a mão aqui e chore. Ela vai te ouvir. Ela vai

chorar com você. Ela vai rir com você. Você vai ver. Você entende?  
Deixe-a falar com você. [suspiro]

[silêncio]

Hayrunnisa – Obrigada.

Jovem – ‘Tá doida? Eu entendo você. O pior são os sonhos. Você não quer dormir. Todas as manhãs eu acordava chorando. Mas acredite em mim. E não se esqueça disso: a sua mãe ‘tá aqui, sempre. Deixe ela ficar. Ela será como o vendo entrando pela sua janela. O pássaro cantando no peitoril. O que for. Você me entendeu. Ai, enfim... Eu sei... Que é fácil falar isso tudo, mas... nós estamos aqui pra te ajudar. [suspiro] A propósito... Você nunca liga. Se eu não te procuro, você nunca me procura.

Hayrunnisa – Mas é claro que não.

Jovem – Você teve muito medo naquela noite. Eu entendo.

Hayrunnisa – Como assim?

Jovem – Na boate. Quando aquele cretino arrebentou a porta... do banheiro. Aquele cretino desgraçado. Ai, estávamos melhor em Konya. Dizem que aqui é a cidade grande, mas parece cada vez menos.

Hayrunnisa – [exclamação de espanto]

Jovem – ‘Tá vendo só. Ficou marcado. Mas não se preocupa não, pode deixar comigo.

Hayrunnisa – Como assim?

Jovem – Eu vou acabar com a vida dele. Arrancar o bigode dele.

Hayrunnisa – O que vai fazer?

Jovem – Ah, você não faz ideia. Espere só e você verá. Ele vai se arrepender do dia em que nasceu. A irmã dele... vagabunda. Eu vou acabar com a família dele. Ele não perde por esperar. Ele me jogou contra a parede. Eu vou arrancar dente por dente por cada chute que ele nos deu. Não se preocupa ‘tá. Pode ficar tranquila. Quantas temporadas tem Game of Thrones? Ein?

Hayrunnisa – Oito.

Jovem – Eu vou dar início à nona. Espere só e você verá.

[som de trânsito]

Yasin – Meryem, me dá um pão.

Meryem – Está num pote aí na frente.

[som do pote sendo aberto]

Ruhiye – Hm.

Yasin – É bom, não é, Ruhiye?

Ruhiye – Hm?

Yasin – Estamos indo pra sua cidade.

Ruhiye – Ah, é claro.

Yasin – “É claro”? [suspiro] “É claro”. Sei. Deixo de trabalhar e pego a estrada. “É claro”. Seu coração apodreceu.

Meryem – Irmão.

Yasin – Não tem amor pra dar.

[som do trânsito]

[som de Ruhiye batendo a cabeça contra o vidro]

Yasin – O quê...?

Meryem – Ai...

Yasin – Ruhiye, o que está fazendo? Ruhiye, para com isso?

[som de Ruhiye batendo repetidas vezes a cabeça contra o vidro]

Meryem – Para com isso!

Yasin – Para com isso!

Meryem – Para com isso!  
 Yasin – Ruhiye, o que é isso? Ajuda aqui.  
 Meryem – O que está fazendo?  
 Yasin – Segura ela!  
 Meryem – O que está fazendo? Não! Não!  
 Yasin – Segura ela!  
 Meryem – Ruhiye! Por que está fazendo isso? As crianças estão aqui!  
 Yasin – Ruhiye, por que está fazendo isso?  
 Meryem – Pare! Pare!  
 Yasin – A gente vai bater!  
 Meryem – Pare! Pare com isso!  
 Yasin – Pare com isso. Ruhiye, você ‘tá doida?  
 [som de trânsito]  
 Yasin – O que você ‘tá pensando? Para de fazer isso! Fica calma.  
 Meryem – Não, Ruhiye, as crianças estão aqui atrás! Para!  
 Yasin – Segura ela! Segura ela!  
 Meryem – Por favor, para!  
 Yasin – Meryem, segura ela!  
 Meryem – Nós vamos bater o carro, Ruhiye! Para, por favor, para! Pare com isso! Por favor, pare!  
 Yasin – Para de fazer isso!  
 Meryem – Pare com isso, Ruhiye!  
 [som do carro derrapando]  
 Yasin – Segure ela.  
 Meryem – Você tem que parar o carro., irmão.  
 Yasin – Eu já ‘tô encostando o carro. Eu já ‘tô encostando.  
 Meryem – Pare! Pare o carro. Por favor...  
 [som de movimentação intensa]  
 [som do carro estacionando]  
 Meryem – Ai... Calma, ‘tá tudo bem. Tudo bem. Tudo bem. Sh, sh, ‘tá tudo bem.  
 Yasin – [respiração pesada]  
 Ruhiye – [respiração pesada]  
 [som da porta sendo aberta]  
 Yasin – [respiração pesada]  
 Ruhiye – [respiração ofegante]  
 Meryem – Me deixe passar. Preciso sair um instante. Vou lá pra frente. Só um instante. Eu já volto.  
 [som do rádio sendo ligado e de música tocando]  
 Meryem – Vamos lá. Vamos dançar um pouquinho. Vai, irmã! Irmão, vamos dançar um pouco. Vamos relaxar um pouco. Levanta! Vamos, vamos dançar. Vamos, vamos dançar. Levanta. Levanta daí.  
 Yasin – Que que é isso?  
 Meryem – Levanta, vamos.  
 Yasin – Que que você ‘tá fazendo, Meryem?  
 Meryem – Como é que o papai fazia? Você costumava imitá-lo, não é? Você levantava os braços, assim. Lembra, lembra como era?  
 [som do cigarro sendo aceso por Ruhiye]  
 Meryem – Irmão, eu lhe imploro, por favor! Por favor!  
 [som do trânsito]  
 Yasin – [suspiro] Eu vou voltar.  
 Meryem – O que... o que foi? O que está fazendo? O que está havendo?  
 Yasin – Você ‘tá me sacaneando?  
 Meryem – Está chateado comigo?

Yasin – ‘Tô. ‘Tô chateado sim.

[som de relógio]

[som de passos]

[som da porta sendo aberta brutalmente]

[som dos sapatos sendo tirados]

[som de passos]

[som da televisão]

[silêncio]

[som da porta sendo aberta]

Yasin – Cadê sua bolsa?

Ruhiye – O quê?

Yasin – Sua bolsa. Onde é que ela ‘tá?

Ruhiye – Por quê?

Yasin – Só me diz onde é que está a sua bolsa.

[som de Yasin mexendo na bolsa e pegando a carteira de cigarro]

[som da boca do fogão sendo acesa]

[som do cigarro sendo aceso]

[som de passos e de movimentação]

Yasin – [expira]

Meryem – Irmão, você está fumando?

Yasin – Não. Parece que eu ‘tô fumando daí?

Meryem – Mas você tinha parado.

Yasin – Me dá um tempo, Meryem.

Meryem – Eu ia preparar um caldo de carne para as crianças. A Esma está febril.

Yasin – Quantos graus?

Meryem – Uns 37graus. Não é nada sério. Ela está amuada. Ficaram cansados por viajar e depois voltar.

Yasin – Então, faz. Faz logo. ‘Tá esperando o quê? Faz logo.

Meryem – Maltrata as pessoas e depois elas ficam chocadas. [segurando o choro]

Yasin – Me perdoe, Meryem. ‘Tá tudo claro agora.

Meryem – Não, irmão. Não precisa se desculpar. Não precisa fazer isso.

Yasin – Já chega. Acabou. Cheguei no meu limite. No limite.

Meryem – Quer que eu prepare um chá pra você, irmão?

Yasin – No limite.

Meryem – Como assim?

[silêncio]

Yasin – [chorando] ‘Tá tudo bem. Obrigado, Meryem.

[trilha sonora]

[som de passos]

Hodja – [respiração pesada]

Hayrunnisa – Pai? [silêncio] Papai?

Hayrunnisa – [respiração pesada]

Hayrunnisa – Papai?

Hodja – [choro] Mesude. Mesude, pra onde você foi, Mesude?

Hodja – Mesude. [choro]

Hayrunnisa – Papai.

## ANEXO F - EPISÓDIO VI

### Série “8 em Istambul” (Original Netflix Turquia)

*[som de pássaros]*

*[som da luz do poste apagando]*

*[som de galo cantando]*

*[som de passos]*

Meryem – *Irmão? [silêncio] Irmão. Irmão, levanta!*

Yasin – *O que houve?*

Meryem – *É a Ruhiye.*

*[som de movimentação abrupta]*

Yasin – *O que ela fez?*

Meryem – *Ela foi embora.*

Yasin – *O que quer dizer?*

Meryem – *A Ruhiye. Olhei em todos os lugares: no andar de cima, no jardim. Ela se foi.*

Yasin – *O que você está dizendo?*

Meryem – *Eu juro por Alá.*

Yasin – *Meryem, que história é essa?*

Meryem – *Meu irmão, estou dizendo: ela se foi.*

Yasin – *E as crianças?*

Meryem – *Esma? Esma.*

*[som de passos]*

Esma – *Papai.*

Yasin – *E Ismail?*

Meryem – *[silêncio, balança a cabeça negativamente]*

*[silêncio]*

Dra. Peri – *Você tem alguma ideia de pra onde ela pode ter ido, Meryem?*

Meryem – *Pra onde ela pode ter ido? Não há pra onde ela ir. Onde ela pode ir?*

Dra. Peri – *Você foi à polícia?*

Meryem – *O meu irmão disse que estava indo para a delegacia. [som de choro] Saí de casa dizendo que estava indo verificar nos hospitais.*

Dra. Peri – *E você verificou nos hospitais?*

Meryem – *Não. Eu não queria que o meu irmão ficasse bravo. Ele não sabe que eu vim aqui. Ele proibiu. Eu não deveria vir aqui novamente.*

Dra. Peri – *Por quê?*

Meryem – *É... Eu sei que Alá está lá em cima vendo e eu tenho medo que você possa dizer que eu estou bem, doutora, e me diga que eu não posso mais voltar aqui.*

Dra. Peri – *Como assim?*

Meryem – *É que eu me sinto bem vindo aqui, sabe? Nós conversamos e... conversamos bem. E você realmente houve as pessoas. Às vezes acho que fico falando sem parar diante da pobre mulher e que vou enlouquecer a cabeça da Dra. Peri.*

Dra. Peri – *Claro que não vai, Meryem. Esse é o meu trabalho.*

Meryem – *[silêncio] Isso também é verdade, visto que é seu trabalho, não é? [silêncio] Eu saio, e alguém entra, o que mais devo esperar? [silêncio]*

*Podemos terminar mais cedo hoje, irmã?*

Dra. Peri – *O que há de errado?*

Meryem – *Eu estou um pouco inquieta agora.*

*Dra. Peri – Podemos falar sobre isso, se quiser conversar.*

*Meryem – É que isso não é realmente uma conversa, irmã. Eu conto tudo...*

*Dra. Peri – Meryem, eu...*

*Meryem – A Ruhiye está sumida, meu irmão arrasado, e eu estou aqui. Então, com sua permissão, eu vou embora.*

*[silêncio]*

*[som de choro]*

*Meryem – Lhe desejo tudo de bom. Louvado seja. Tenha um bom dia de trabalho.*

*[som da porta batendo]*

*[silêncio]*

*[som de passos]*

*[som da porta sendo aberta e, em seguida, fechada]*

*[som de passos e de vozes]*

*Dra. Peri – Meryem? Meryem? [silêncio] Ah, desculpe. [suspira]*

*[som de vozes]*

*[som de passos]*

*Dra. Peri – Meryem.*

*Meryem – Sim, doutora.*

*Dra. Peri – Eu vi você aqui e resolvi falar algo. Quero muito te dizer uma coisa.*

*Meryem – E o que seria?*

*Dra. Peri – Então, se quiser trazer alguma comida novamente...*

*Meryem – Comida?*

*Dra. Peri – Lembra quando você trouxe salgados, e eu não aceitei por causa das regras?*

*Meryem – Sim, eu lembro.*

*Dra. Peri – Se você tiver vontade... de preparar algo outra vez e quiser trazer aqui... claro, se não for muita coisa, eu adoraria experimentar. De verdade. Mas seria melhor se não tivesse carne.*

*Meryem – Ah. Vejo então.*

*Dra. Peri – Pode ser.*

*Meryem – Irmã, eu... Você sabe do meu irmão. Eu vim aqui e nem o meu irmão, nem o Hodja sabem disso. E você conhece a situação lá em casa. Alguém tem que cuidar das crianças. Então, não posso prometer que virei na próxima semana. Eu virei, se puder. Mas acho... Acho que vai ser bem difícil.*

*Dra. Peri – Estarei esperando você, Hazal.*

*Meryem – Hazal?*

*Dra. Peri – Ah, Hazal... Eu não sei porque falei Hazal, Meryem. Meryem, por favor, me perdoe. Eu fiquei confusa por um segundo.*

*Meryem – Não, irmã, está tudo bem. Eu espero que tenha um bom dia.*

*[som de choro]*

*Peri – [voz chorosa] Ai não posso fazer isso. Esses sentimentos que estão dentro de mim. [choro, respiração pesada] Eu já estou cansada. Eu estou muito exausta e cansada... de ficar naquele consultório o dia todo. Eu não aguento. Eu 'tô muito cansada de voltar pra minha casa sozinha. Cansada demais de cuidar pra não envelhecer. Cansada de ir constantemente à academia ou às aulas de Yoga como uma louca. Estou cansada. Cansada de ser intimidada por uma garota fraca. Escutou o que eu acabei de dizer? Por que... por que eu disse isso? O nome dela é Meryem. E eu sei. Não esqueci, não confundi. Mas é que saiu da minha*

boca. Por quê? Alguma coisa está me pressionando. Como se alguém tivesse colocado o punho no meu rosto e estivesse me pressionando. Eu 'tô muita cansada de fingir ser outra pessoa. De fingir ter sentimentos que eu não tenho. Eu 'tô muito cansada. Eu 'tô cansada de ir a lugares ridículos só pra conhecer um cara decente. Só pra voltar pra casa fedendo, só pra ter que acordar todas as manhãs sozinha. Chega! Eu 'tô cheia! E também 'tô cheia da sua profissão e do seu glúten. [choro, respiração pesada] Eu sinto muito. [respiração pesada]

Dra. Gulbin – Peri?

Peri – Sim?

Dra. Gulbin – Querida... É que você entrou assim, e eu não consegui nem falar. Mas temos que conversar. O que você diz?

Peri – [respiração pesada] Sobre o quê?

Dra. Gulbin – Sobre o que você viu no outro dia.

Peri – Qual dia?

Dra. Gulbin – Quando a minha irmã veio aqui. O dia em que você a conheceu.

Peri – [silêncio]

Dra. Gulbin – Você se lembra o que conversamos quando começamos? Que nos conhecermos poderia ser um problema? Que eu poderia não ser a melhor supervisora pra você? Eu pensei sobre isso depois da última vez que nos vimos. Ainda mais depois do que houve.

Peri – [silêncio] 'Tá dizendo que devemos parar.

Dra. Gulbin – Acho que é a coisa certa a se fazer.

Peri – É isso que você está realmente me dizendo agora.

Dra. Gulbin – Você se lembra... como conversamos isso? Eu senti que devia te dizer isso antes de continuarmos. Acredite, eu pensei sobre isso. Eu acho que seria muito mais saudável você continuar com outra pessoa. Podemos ir a algum lugar e conversar sobre isso como amigas...

[resmungo]

Peri – Há 2 anos.

Dra. Gulbin – O quê?

Peri – Nós conversamos.

Dra. Gulbin – Sim, antes de iniciarmos as sessões.

Peri – E agora você quer parar com tudo?

Dra. Gulbin – [silêncio]

Peri – Justo agora?

Dra. Gulbin – [silêncio] É o que eu 'tô dizendo. Vamos encerrar as nossas sessões. E, se quiser, no final de semana... Não conheço os seus planos, mas... se tiver tudo bem pra você... podemos ir em algum lugar, tomar um café ou comer alguma coisa. O que você acha?

Peri – 'Tá bom. Eu já entendi.

Dra. Gulbin – Peri, por favor.

Peri – Claro, querida. Eu só preciso... sair e tomar um ar fresco.

Dra. Gulbin – Você poderia ficar um pouco?

Peri – Não, não posso.

[som de passos]

[som da porta sendo aberta e, em seguida, fechada]

Dra. Gulbin – [suspiro]

[som de pássaros]

[som de carro sendo ligado]

[som da porta sendo aberta e fechada]

Meryem – Irmão?

[som da televisão]

Meryem – Irmão?

[som de passos]

Meryem – Irmão.

[som de passos]

Yasin – Descobriu alguma coisa? Não. [suspiro] É como se um buraco tivesse se aberto na terra e sugado a maluca.

Meryem – Não diga isso. Como pode falar assim?

Yasin – Eu procurei em todo o bairro, verifiquei a estrada, perguntei aos comerciantes, eu fui à mesquita, fui a todo lugar, mas ninguém a viu. Como essa mulher simplesmente some? [silêncio]

Meryem – O que a polícia disse?

Yasin – Colheram as digitais.

Meryem – Sério? Por quê?

Yasin – Como é que eu vou saber? Eles fizeram isso pra saber se mais alguém esteve na casa.

Meryem – Irmão? Tenho medo de dizer, porque pode ficar com raiva.

Yasin – Dizer o quê?

Meryem – Você não brigou com ninguém, não foi? E jogaram uma pedra na janela. Escreveram: “Espere só e você verá”. Nós achamos que confundiram a casa, mas... Agora, a Ruhiye.

Yasin – Dei o papel pra polícia. Vão investigar.

[som de alguém batendo na porta]

Meryem – É ela! Ela voltou.

[som de passos]

[silêncio]

[som da televisão]

[som de colher batendo contra a xícara]

[som da televisão]

Hodja – Quando Hilmi me contou, pedi à minha filha que me trouxesse aqui para saber como vocês estavam.

Meryem – Louvado seja Alá, Hodja.

Hodja – A Hayrunnisa estava estudando em Konya, mas... Ela veio ficar comigo por uns seis meses, certo, filha?

Meryem – Minhas condolências, irmã.

Hayrunnisa – Obrigada.

[som da televisão]

[som da televisão sendo desligada]

[silêncio]

Yasin – Hodja, muito obrigado por vir aqui. Sabemos que é um momento muito difícil para o senhor. Não queremos lhe dar trabalho.

Hodja – Não, Yasin, não é trabalho. Nós ainda pegamos um pouco de ar fresco pelo caminho.

Meryem – Hodja, posso fazer um pouco café para o senhor.

Yasin – Deve estar com fome, Hodja.

Meryem – Eu posso acender o forno bem rápido.

Hodja – Não, fique aqui, não há necessidade. O chá está ótimo. Então, me diga, o que aconteceu? Ela saiu ontem à noite?

Yasin – Ontem à noite.

Hodja – E ela levou a criança? O mais novo?

Yasin – Levou o meu filho.

Hilmi – Ele está com ela com certeza?

Yasin – É claro que está.

Meryem – Inshallah.

Hilmi – Sim. Inshallah.

[silêncio]

Yasin – Inshallah.

[trilha sonora]

[som de carro]

[som de movimentação]

[som de porta sendo fechada]

[som de Ruhiye batendo na porta]

[som da porta sendo aberta]

Ruhiye – [riso] Está linda segurando o bebê. [silêncio] Eles mudaram o nome da cidade. [som do bebê resmungando] Como você ‘tá, Semiha?

Semiha – Isso é brincadeira? Vem bater na minha porta depois de todos esses anos? Esá brincando?

Ruhiye – Semiha...

Semiha – ‘Tá zombando de mim? [silêncio] É seu filho?

Ruhiye – De quem mais seria?

Semiha – O que você quer, Ruhiye?

Ruhiye – Eu não quero nada. Eu vim até a cidade e...

Semiha – Resolveu parar e me ver?

Ruhiye – Por que ‘tá com raiva de mim?

Semiha – [silêncio]

Ruhiye – Eu vou lá na pedreira. Íamos lá quando éramos crianças. Ia perguntar se quer ir comigo.

Semiha – Só pode estar zombando de mim.

Ruhiye – Eu não ‘tô zombando de você. Por que faria isso? Não vai me convidar pra entrar? Eu vim até aqui com o meu filho. Não vai me oferecer água? Hã? [silêncio] Semiha!

[som de passos]

[som de animais]

[som de passos]

[som da porta sendo fechada]

[silêncio]

Semiha – O que vai fazer na pedreira? [silêncio] Eu não vou. Você também não deveria ir. Por que isso agora? Depois de tantos anos. Por que você veio aqui? Olhe pra mim!

Ruhiye – Eu não ‘tô bem, Semiha.

Semiha – Como assim?

Ruhiye – Eu ‘tô assustada.

Semiha – Não me diga que você está doente.

Ruhiye – Não, nada disso.

Semiha – O que é então?

Ruhiye – Eu ‘tô enlouquecendo, Semiha.

Semiha – Do que está falando?

Ruhiye – Quando eu soube que ele morreu...

Semiha – Quem? [silêncio] Quem morreu?

Ruhiye – Você sabe. Faz dois anos. Yasin veio aqui pra vender a terra.

Semiha – Quem é Yasin?

Ruhiye – Meu marido.

Semiha – Ah.

Ruhiye – Os negócios dele estavam ruins. Então, ele vendeu o que pôde, coitado. Quando ele sugeriu que vendêssemos a minha terra, eu falei: “Vá em frente. Faz o que quiser. Só paga as dívidas, é o mais importante”. Aí ele veio aqui. Se lembra do olival do papai? Ele vendeu.

Semiha – E...?

Ruhiye – Sabia que eu contei a ele. Quando nos conhecemos.

Semiha – Eu não quero ouvir.

Ruhiye – Você sabe do que eu ‘tô falando. Que não era mais virgem...

Semiha – Cala a boca.

Ruhiye – ... e ele perguntou sobre ele. Quando ele veio aqui, disse que ia encontrá-lo e ia acabar com ele. Os aldeões disseram que ele ‘tava morto.

Semiha – O que você quer de mim, Ruhiye?

Ruhiye – Eu não quero nada. Eu ‘tô falando que eu não ‘tô bem. Não consigo lidar com isso. Não consigo tirar isso da cabeça. Desde que eu soube que ele morreu. No começo, eu fiquei aliviada. Eu disse: “O bastardo ‘ta morto, que queime no inferno”. Depois de mais ou menos uma semana, comecei a sentir esse peso horrível. Como se enormes pedras estivessem aqui no meu peito. [suspiro] Eu não consigo. Começa na minha cabeça e... é como se eu fosse embora e outra pessoa viesse. As crianças entendem agora. Eu durmo o dia todo. Então, eu decidi vir pra cá. Eu saí de casa, e o meu marido nem sabe. Eu só contei pra minha filha Esma, pra ela não se preocupar. E eu avisei a ela pra não contar ao pai, pra que ele não viesse atrás de mim. Ele já tem alguém. Eu sei. Ele mudou. O olhar dele. Ele ama outra pessoa. Outra noite, ele ‘tava fumando. Ele não fumava há anos. [voz chorosa] Eu falei: “Não vai acabar bem. Ou eu vou acabar ficando louca ou eles me expulsam de lá”. Ele insistiu pra irmos pra cá. Pegamos a estrada, mas voltamos. Eu pensei que ele fosse me trazer para a cidade e fosse me deixar aqui. [som da manga da blusa sendo erguida]

Semiha – [suspiro de espanto]

Ruhiye – Eu tenho que cuidar disso, Semiha. Eu não ‘tô sã. A minha família ‘ta desmoronando. Eu mal encontrei coragem pra chegar aqui. Eu ‘tô implorando, vai comigo.

Semiha – Pra onde?

Ruhiye – Pra pedreira!

Semiha – E o que vamos fazer lá, Ruhiye?

Ruhiye – Eu não sei. Eu não sei. Eu só pensei que talvez...

Semiha – O quê? Vai o quê?

Ruhiye – Eu pensei que isso poderia sair da minha cabeça. Sei lá. Se nós formos lá agora, sabe, nessa idade. Quem sabe? Só não me deixa ir lá sozinha, por favor. Vem e segura a minha mão, como você fez naquela época. O que me diz? [silêncio] Todo mundo ‘ta ficando louco por causa disso, eu acho. Nós guardamos isso por todos esses anos. Você contou a alguém? [silêncio] [suspiro] Lembra daquele velho louco de Bayramiç? Que ficava passeando pela praça, com uma panela de bronze na cabeça, lembra? Eu vou acabar como ele, Semiha. [silêncio]

Semiha – Ele não está morto. Ele está vivo.

Ruhiye – Sério? Como pode? O homem devia ter uns oitenta anos naquela época.

Semiha – Não ele. [silêncio] Volte para casa, Ruhiye. Não vá para a pedreira. O que vai acontecer, se você for? Se você se importa comigo, esqueça esse problema. Esqueça. Quando você era criança, estava sempre procurando problemas. Não faça isso. [silêncio]

[trilha sonora]

[som de cachorro latindo e de insetos]

Hilmi – Aqueles que querem acreditar sempre encontram um caminho. Se você impedi-lo de fazer isso, ele vai reprimir seus sentimentos, e eles

voltarão de outra forma. Uma manifestação que será muito pior. Em termos de reprimir sentimentos, quaisquer que sejam as emoções... Eu sou da opinião de que você deve se permitir experimentá-las. Nesse sentido, o nosso mundo espiritual é incrivelmente vasto. É muito rico. Nosso destino é vasto.

Meryem – [silêncio]

Hilmi – Agora... Eu não quero abordar e discutir assuntos confusos, mas... essas coisas... como eu posso colocar isso?... Nós precisamos pensar sobre elas. Quero dizer, nós estamos no ano de 2018.

Meryem – 2019.

Hilmi – 2019. É, então, estamos no ano de 2019. Poderíamos apenas viver e continuar, mas encontrar... significado... um significado para esta vida. Sem estar vinculado a pessoas, instituições, religiões... Pode ser tão útil... por muitas razões diferentes. E é realmente divertido também. Quero dizer, como colocar isso? É... Uma boa parte da vida é uma festa para quem pensa assim. A vida é uma festa. Então, é como se estivéssemos um nível acima. [silêncio] [movimento de encolher o pé no tapete] É que... do que... estávamos falando? Ah, eu falava sobre o café. Ah, é muito bom assim. Muito bom. Sempre fazemos quando temos convidados em casa. Às vezes, as crianças tomam na mesquita. Mas eu nunca provei nada assim.

Meryem – Estou feliz por ter gostado.

Hilmi – Ah, muito obrigado.

Meryem – Então, agora tem o seu guarda-chuva.

Hilmi – Ah, eu tinha esquecido.

Meryem – Somos todos humanos.

Hilmi – Você disse muito bem. A senhorita.

Meryem – Ah.

Hilmi – Bem... Então... Como devemos fazer? Por favor, diga ao seu irmão, Yasin, que o estamos convidando para os nossos bate-papos. E o meu nome é...

Meryem – Hilmi.

Hilmi – Hilmi. Está certo. Então, muito obrigado pelo café, novamente. É... teve tanto trabalho.

Meryem – Ah, não, de modo algum.

Hilmi – Que Deus lhe conceda paciência.

Meryem – Para todos nós. Inshallah.

Hilmi – Para a sua cunhada também. Estamos orando para o melhor resultado.

Meryem – Inshallah.

Hilmi – Não negligencie as suas orações, nem se atrase para orar. Se for orar duas horas, precisa orar duas horas para sua cunhada também.

Meryem – Está bem, então.

Hilmi – Ainda fabricam esta marca de chocolate? A senhorita fez isso? [silêncio] Quando nós éramos crianças, sempre... [silêncio] Está bem, então.

Meryem – Por aqui.

[som de movimentação]

Hilmi – Tem uma calçadeira?

Meryem – Ah, deixa eu procurar.

Hilmi – Não precisa então. Está tudo bem.

[som de movimentação]

Hilmi – Tenha uma noite abençoada.

[som da porta sendo aberta]

Meryem – Você também.

Hilmi – Talvez eu devesse fazer uma oração de proteção para as crianças.

Meryem – Não, não tem necessidade. Tenha uma boa noite.

[som da porta sendo fechada]

[som de insetos]

Meryem – Ele nem sabe em que ano estamos, então, fala toda essa bobagem. Eu sou uma idiota por não perceber. Em vez de falar: “Eu gosto de você”. Que homem feio.

[trilha sonora]

[som de passos na escada]

[som da porta sendo fechada]

Hodja – [suspiro]

[som do abajur sendo aceso]

[trilha sonora]

[som de pássaros]

[som de trânsito]

[silêncio]

[som da porta sendo fechada]

[som de passos]

[silêncio]

Meryem – [suspiro]

Sinan – [suspiro]

[silêncio]

Sinan – Meryem. [suspiro]

[som de água fervendo]

[som de portas do armário batendo]

Meryem – [suspiro] Irmão, isso é totalmente inapropriado.

Yasin – É só... É só mandar mensagem e dizer que você está doente. O que eu posso fazer? Eu tenho que ir à delegacia, e você precisa ficar em casa, caso ela volte.

Meryem – Esse é o meu trabalho. Não é como se eu estivesse indo passear.

Yasin – Eu disse que você estava saindo pra passear. Você me ouviu dizer isso? Responde a minha pergunta.

Meryem – ‘Tá bom, irmão. Você sempre me sufoca. Eu não consigo respirar. Esmá!

[som de passos]

Yasin – Pra que a água fervendo?

Meryem – Eu vou tomar um banho na pia. Eu vou fazer um chá, ora, o que mais?

[som de movimentação]

Yasin – Olha o que o Hodja fez.

Meryem – O quê?

Yasin – Como ele... veio nos ver ontem depois de saber. Pessoas sagradas são assim.

Meryem – Certamente, que Alá olhe por esses homens santos.

Yasin – Somos servos amados do grande Alá, Meryem. Veja, esse homem... veio aqui quando ainda está de luto pela sua esposa, que morreu há menos de uma semana, para perguntar pela Ruhiye. Sabe o

que ele me disse? Ele colocou a mão aqui, e meu ombro começou a tremer. Eu juro por Alá. Eu... eu não sei. Havia essa energia. Eu me senti muito aliviado. Tão confortado. E ele só me tocou. [silêncio] E disse pra manter meu coração forte, não deixar de orar. E eu ia dizer que estava disposto a fazer qualquer coisa por ele. [silêncio]  
[som de Meryem preparando o chá]

[som de pássaros]

[som de murmúrios de oração]

[som de animais]

[som de passos]

Hilmi – Hodja, os meninos vão pedir pão pita. Gostaria de alguma coisa?

Hodja – [suspiro]

Hilmi – Hodja, minhas desculpas, eu não percebi.

Hodja – Tudo bem, mas o pão seria muito pesado pra mim. Eu já tomei uma sopa que a menina do curso trouxe, então... Não vou comer mais nada. Só vou comer à noite. Vou dar uma volta e tomar ar fresco.

Hilmi – Eu posso ir junto, se quiser.

Hodja - Não, coma o seu kebab que eu volto em breve, ‘tá bom?

Hilmi – Eu posso pedir kebab, se quiser.

Hodja – Não, já comi. ‘Tá bem, então.

[som de animais]

[som de passos]

Hilmi – [suspiro]

[som de animais]

[som de passos]

[som da porta do carro sendo aberta, do Hodja entrando e, em seguida, fechando a porta]

Hodja – [suspiro]

[música]

Sinan – [respiração pesada de esforço físico]

[som de Sinan correndo na esteira]

[som de garrafa de água sendo aberta]

Sinan – [respiração pesada]

[música]

Mulher 1 – Então, você terminou?

Gulbin – Mas é claro. Aquilo não ia a lugar nenhum. Não, não ia.

Mulher 2 – Então o cara era muito idiota?

Mulher 1 – Muito idiota.

[risos]

Gulbin – Poxa, não fala assim.

Mulher 1 – Mas não era isso mesmo? Eu sabia que vocês ‘tavam saindo, mas...

Gulbin – Não, eu não poderia me importar menos. Mas é rude falar pelas costas do cara. [risos]

Mulher 1 – Focar um pouco não faz mal a ninguém.

Mulher 2 – O nome dele é Sinan, não é?

Gulbin – Sinan.

Mulher 1 – E ele só ouvia sem falar nada?

Gulbin – É, ele é assim. Eu compartilhava coisa com ele, todo tipo de coisa, e ele ouvia como um idiota. [risos] O sexo... ok. Só era ruim quando eu ficava com preguiça de ir pra casa depois. Toda manhã eu acordava

*pensando: "O que que eu tô fazendo com esse cara que não tem nada para dizer?". O cara fica sem assunto depois de algumas palavras. É triste. [risos] Mas ele tem um olhar de "Eu vou te comer", e faz isso o tempo todo.*

*Mulher 2 – Mostra como ele fazia, vai.*

*Mulher 1 – Mostra.*

*Gulbin – Não posso.*

*Mulher 2 – Mostra!*

*Gulbin – Espera. [risos]*

*Mulher 2 – Isso é horrível.*

*[risos]*

*Gulbin – E, ele fazia isso com a mão. Um convite pra transar. [risos]*

*[trilha sonora]*

*[som de trânsito]*

*[trilha sonora/ Yasino reconhece a jovem da boate, amiga de Hayrunnisa, no ônibus]*

*[som de louça sendo limpa]*

*[trilha sonora]*

*[som de movimentação]*

*Hodja – [suspiro] [levanta-se da cama]*

*[som da porta sendo aberta]*

*[som da porta sendo fechada]*

*Hayrunissa – Papai?*

*[som da louça sendo limpa]*

*[celular vibrando]*

*[silêncio]*

*[som da porta sendo aberta]*

*[som de passos]*

*[som de cachorro latindo]*

*[som de passos]*

*Jovem – Como é que você tá?*

*Hayrunnisa – Bem e você?*

*Jovem – Bem.*

*Hayrunnisa – Eu vim quando vi a mensagem.*

*Jovem – Ótimo.*

*Harynussia – [espanto]*

*[som de passos]*

*[trilha sonora]*

*[silêncio]*

*Yasin – [som de briga]*

*Jovem – Cachorro!*

*Yasin – Meninas! Cadê a Ruhiye?*

*Jovem – [som de esforço]*

*Yasin – Cadê ela? [som de resistência] Eu fiz alguma coisa ruim? Cadê ela? Você sabe onde ela tá? Ruhiye! [jovem resistindo]*

*Hayrunnisa – [respiração pesada]*

*Yasin – [respiração pesada]*

*[som da jovem correndo]*

*[trilha sonora]*

## ANEXO G - EPISÓDIO VII

### Série “8 em Istambul” (Original Netflix Turquia)

*[som de trânsito]*

*[silêncio]*

Yasin – *[som de frustração]* Eu não merecia isso.

Meryem – *Aquela garota.*

Yasin – *Exatamente, Meryem. Aquela garota é filha do Hodja.*

Meryem – *Estou falando da que fugiu.*

Yasin – *Ela só fugiu.*

Meryem – *A filha do Hodja não sabe sobre ela?*

Yasin – *[suspiro]* Ela não disse nada. Ela ‘tava tremendo feito vara verde. Ela não disse nada. Nem me encarou. O Hodja disse que a filha dele nunca mentiria e, se ela mentisse, ele saberia. Então, se é isso que o Hodja diz, Meryem...

Meryem – *Mas é claro que ele disse.*

Yasin – *Será que todas essas situações foram ao acaso? O que aconteceu? O que a garota quer? Onde ‘tá a Ruhiye? Por que eu estou aqui? A garota me esfaqueou na perna, eu juro, pensei que fosse morrer, Meryem! Só pra você ter uma ideia, eu estava prontinho para fazer a minha oração final.*

Meryem – *Vira essa boca pra lá. Que Deus o proteja. Para de falar assim.*

Yasin – *[silêncio]*

Meryem – *Então, não vamos falar com a polícia?*

Yasin – *Meryem. [silêncio] E o que nós... vamos dizer? Que a filha do Hodja... Enfim, o que acha que eu devo fazer? ‘Tô aceitando sugestões. [silêncio] Nosso ancião é um homem sagrado. Acabou de perder a esposa, e ele é funcionário público.*

Meryem – *Ele é aposentado.*

Yasin – *Tudo isso nos últimos dois meses. Nós já vimos de tudo. Vou te contar. O último mês... os últimos dois meses foram difíceis. Olha pra mim. [silêncio] Quando paguei minhas dívidas... pensei que ficaria tudo bem. Mas aí a Ruhiye some, o meu filho some. E quando ele estava aqui eu não sabia, mas agora... agora eu sinto tanta falta dele. [choro] Me deixe abraçá-lo mais uma vez. Vê-lo saudável, ‘tá bom? Ele nem precisa falar, nem vou forçá-lo. Alá tire a minha vida se eu forçá-lo. Ele vai falar quando ele quiser. Sempre que ele quiser. [silêncio] Só quando ele quiser. [silêncio] [suspiro] O que você ‘tava dizendo?*

Meryem – *O quê?*

Yasin – *Disse que o Hodja é aposentado. O que quis dizer com isso?*

Meryem – *Não quis dizer nada, irmão.*

Yasin – *Como assim não quis dizer nada? Você não disse uma coisa? Eu disse que ele era funcionário público.*

Meryem – *E se ele souber de alguma coisa e estiver escondendo?*

Yasin – *Quem? O Hodja?*

Meryem – *Eu não sei. Mas você disse que a garota falou que ela jogou a pedra. E a Ruhiye...*

Yasin – *Ela disse que não sabe de nada.*

Meryem – *Quem? A filha do Hodja?*

Yasin – *Não, a garota que fugiu.*

Meryem – *O que ela disse?*

Yasin – *Eu perguntei: “O que vocês duas estão fazendo?” e aí me aproximei. A... expressão dela mudou. Ela disse: “Como é que eu vou saber da sua mulher?”. E aí ela me xingou e eu bati nela. Foi isso. Ela xingou a minha família, e, no final, eu dei um belo de um tabefe. E ela caiu no chão. [silêncio] E aí do nada ela deu um pulo e me esfaqueou na perna. Eu nem vi o que aconteceu. [silêncio] Eu não faço ideia. [silêncio]*

*[som de movimentação]*

*Hayrunnisa – [suspiros]*

*[som do fone de ouvido sendo colocado]*

*[som da música do fone de ouvido]*

*Hodja – Hayrunnisa? [silêncio/som da música do fone] Hayrunnisa?*

*[silêncio/som da música do fone] Filha? [batendo na porta/som da música do fone] Hayrunnisa.*

*Hayrunnisa - [exclamação assustada]*

*Hodja – Hayrunnisa, o que que é isso? Por que está agindo desse jeito?*

*[silêncio] Está assustando seu pai.*

*Hayrunnisa – Estava ouvindo música, pai.*

*Hodja – Que tipo de música é?*

*Hayrunnisa – Música estrangeira.*

*Hodja – Que música estrangeira? Você entende o que eles falam? Filha, e se eles... e se eles estiverem xingando, filha?*

*Hayrunnisa – Então eu xingo eles de volta, papai.*

*Hodja – Quê?*

*Hayrunnisa – [silêncio]*

*Hodja – Não me assuste. Ainda estamos de luto. [voz embargada seguida de choro]*

*Hodja – Então eu digo pra sua mãe, no meu sonho... Eu disse pra Mesude: “Estamos indo para a cidade. Vamos visitar os túmulos. Vamos trazer água da nascente. E vamos comer carne em Ayibogan. [voz embargada de choro] Mas aí você me abandona no meio da viagem. É isso que acontece”. Ela sorriu, achando que eu estava brincando. [leve riso] Ela riu. Eu disse: “Não tem graça, Mesude”. Mas ela riu. Você lembra como a sua mãe ria daquele cara... aquele cara com a testa enorme. Eu não consigo lembrar o nome dele.*

*Hayrunnisa – Engin Gunaydin.*

*Hodja – Isso, Engin Gunaydin. Isso. Ela ria como se risse dele. E aí eu começo a rir também. Rimos até o amanhecer. Rimos até nos cansar.*

*[suspiro] E aí eu quase perco as orações. Acredite, não tenho vontade... de acordar. Eu tenho vontade de ficar no mundo dos sonhos... como se fosse roupa pendurada no varal. [suspiro, voz embargada] Nos nossos sonhos sempre imaginamos como... é a vida após a morte. Agora, na minha idade, deixo minha imaginação me levar. Sempre encaramos a vida após a morte como a Terra dos Sonhos. Um local para onde iremos. [suspiro] Mas agora que a sua mãe... como eu posso dizer... [suspiro] Eu não sei como dizer. [silêncio]*

*Hayrunnisa – Por que o senhor foi dormir no seu trailer, papai?*

*Hodja – Lá é confortável.*

*Hayrunnisa – Como assim?*

*Hodja – De certa forma, me sinto bem lá. Mas se você... me pedisse para explicar, eu não conseguiria.*

*Hayrunnisa – Consigo imaginar.*

*Hodja – O que, filha? [silêncio] Filha?*

Hayrunnisa – *Eu vou voltar pra Konya, pai. Falei com o Departamento Estudantil.*

Hodja – *Quando? Quando você falou com eles?*

Hayrunnisa – *A mamãe ainda ‘tava viva.*

Hodja – *Que surpresa. Por que não me contou sobre isso, filha? Não podia falar sobre isso com o seu pai?*

Hayrunnisa – *Mas é claro que sim, pai.*

Hodja – *Quer dizer que você vai abandonar o seu pai, é isso? Hayrunnisa?*

Hayrunnisa – *Papai.*

Hodja – *Sim.*

Hayrunnisa – *[hesitação] Também devia ir.*

Hodja – *Para onde? [silêncio] Para onde eu posso ir?*

Hayrunnisa – *[som de choro]*

Hodja – *[suspiro]*

*[trilha sonora]*

*[som de animais]*

*[som de sino e de ovelhas]*

*[som do relinchar do cavalo e da vaca mugindo]*

*[som de louça sendo lavada]*

Senhora – *Avise quando estiver com fome, querido.*

Ismail – *[silêncio]*

*[som da louça sendo lavada]*

*[som de passos]*

*[som de animais/do campo]*

*[som do vento]*

*[trilha sonora]*

*[som de trem]*

*[som de pássaros]*

Rezan – *[murmúrios e movimentação intensa]*

Gulan – *Que dia papai e mamãe voltam?*

Gulbin – *Disseram que voltam na sexta.*

Gulan – *E se ele estiver assim pela maconha que você deu.*

Gulbin – *Minha irmã, não seja ridícula, por favor.*

Gulan – *Ele nunca teve isso antes. Já viu ele agitando tanto a cabeça?*

Gulbin – *Já passamos por isso centenas de vezes. O médico disse que é porque ele é quadriplégico.*

Gulan – *Isso é o que ele diz, mas...*

Gulbin – *É o que ele diz? É o que ele diz, mas o quê? Não tem mais, nem meio mais. Você ‘tá variando?*

Gulan – *Fala mais baixo.*

Gulbin – *Não me obrigue a gritar, então!*

Gulan – *Você sabe que eu tenho vontade de arrebentar a sua cara com aquela cadeira?*

Gulbin – *Arrebenta, se você for se sentir melhor.*

Gulan – *Você usa essa porcaria na sua casa?*

Gulbin – *Olha, isso já chega. Vamos mudar de assunto.*

Guulan – *Hã. Como foi que você ficou assim?*

Gulbin – *[riso debochado] Assim como? Olha pra você. Me deixe em paz. Me esquece, ‘tá? Você ‘tá maluca? [silêncio]*

Gulan – Hm. Hm. Nunca vai conseguir ter um homem. Que é? 'Tô mentindo? Você não sabe conviver com as pessoas. Sempre tem argumento, algo pra dizer. Sobre tudo. E aí o homem vai embora. Por que alguém ficaria com você? Na sua idade, fica ouvindo oss problema das pessoas. Doutora, né? Hm. A Conhecedora dos Humanos. Você sabe tudo, não é? Diz o que é certo e o que é errado, o que pode e o que não pode. Sempre com a última palavra. Se continuar afastando as pessoas, as outras pessoas vão fazer a mesmíssima coisa com você. E aí você vai viver totalmente sozinha! Só Deus sabe o que você faz mais na vida. Pratica esporte, faz natação, sei lá mais o quê. [risos] Olha, nem pensar, nem pensar. [resmungo em turco] [movimentação] Me dá o isqueiro.

Gulbin – [silêncio] [movimentação abrupta] Sua doente. Você ficou maluca? [movimentação de briga]

Gulan – O que você 'tá fazendo?

Gulbin – Você é uma demente!

Gulan – Eu vou esmagar sua cara!

Gulbin – Você é uma doente!

Gulan – Eu vou acabar com você, agora!

[som de briga]

Gulan – Quem você 'tá pensando que é? Hein?

Gulbin – Quem eu penso que sou? Quem você pensa que é?

Gulan – Quem 'tá pensando que é, criatura?!

Gulbin – Quem você pensa que é? Você é doente!

Gulan – Eu vou acabar com você!

Gulbin – Você é doente!

Gulan – É agora que eu vou acabar com você!

Gulbin – Você é doente!

Rezan – [murmúrios e movimentação]

Gulbin – Irmã. Irmã, por favor, pode soltar meu cabelo? [suspiro] Gulan...

[suspiro] Gulan, solta o meu cabelo, por favor! Gulan. [suspiro] Gulan, solta o meu cabelo. Droga! [respiração pesada]

[silêncio]

Gulbin – [choro] Eu não sei... quem deu um chute na barriga da minha mãe quando ela 'tava grávida há 35 anos... mas alguém ainda chuta até hoje. Quem nos arrastou lá do nosso vilarejo até aqui há 35 anos. Os nomes mudam, os rostos mudam, mas alguém ainda 'tá sendo chutado. E você, minha irmã, a filha daquela mulher, que levou chutes há 35 anos, irmã daquela pobre criança que está naquele quarto... hoje você 'tá beijando os pés daqueles que estão chutando agora. Como você não consegue ver? Você não entende. Como pode ser tão surda e cega. Como isso aconteceu com a minha irmã? Como ela se transformou nisso? [choro] Você não entende. Não entende como eles nos puseram uma contra a outra. [choro] Irmã. Minha querida irmã. [choro] Gulan. [silêncio]

Gulan – [oração em turco]

Gulbin – [risada] Amém.

Gulan – [oração em turco]

Gulbin – Amém. Amém. Amém. Amém. O que 'tá fazendo, Gulan? O que 'tá fazendo? O que 'tá fazendo?

Gulan – [oração em turco - mais alto]

Gulbin – Já chega. Já chega. Já chega. [som de almofada sendo jogada contra Gulan] Já chega. Já chega!

Gulan – [oração em turco - sussurrada] [som da almofada sendo jogada contra Gulbin]  
[silêncio]

[som de insetos/de campo]

Homem – Ruhiye?

Ruhiye – [assustada] [grito de medo]

[som de passos]

[som de arma sendo colocada no chão]

Homem – Pegue. Puxe o gatilho e encontrará paz para nós dois. O que aconteceu há 20 anos... Éramos ignorantes, cometemos um erro. O que eu posso fazer agora? Me diga, por favor. Eu tenho dois filhos, um ainda é um bebê. Atira em mim, e eu vou deixar esse mundo como o desgraçado que sou. Puxe o gatilho. Eu seria um miserável se eu fugisse. Nós éramos crianças. Eu tinha acabado de deixar a minha cidade. Pessoas me contaram sobre um lugar. Eu vi coisas que eu nunca vi antes. Eu não... consegui me controlar. Mas Alá me castigou. Me deu... o que eu merecia. Mas, com certeza, hoje eu não faria de maneira alguma o que eu fiz. Cometemos um erro, éramos crianças. Me humilhou diante de todo o vilarejo. Eu me vinguei do seu marido? [silêncio] Você quebrou o meu braço. Não consigo mais levantá-lo. Perdi o movimento do pé. Eu não consigo mais correr. Não consigo ir para os vinhedos ou para os olivais. Eu não consigo trabalhar. Veja o estado do meu rosto. Por que você ainda volta aqui, Ruhiye? O que você quer? Por que veio até aqui? Seu marido me espancou com um bastão em praça pública. Isso não foi o suficiente. Arrebentou meu rosto. Arrebentou com o meu rosto e com meu nome. Não foi suficiente?

Ruhiye – Yasin. [silêncio] O Yasin fez isso?

Homem – Ele me disse que tinha terras e queria que eu ajudasse a vendê-las. Ele me levou até as montanhas e durante horas me interrogou. Eu falei: “Se vai me espancar, me espanque aqui, por favor! Não me leva para o vilarejo. Eu beijarei os seus pés!”. Mas ele estacionou bem no meio da praça. [silêncio] Na escola, xingam a minha filha. Chamam de “filha do perverso”. Eu orei na Mesquita e vim até aqui. Pegue a arma, puxe o gatilho, me mate. [movimento de se ajoelhar]

Ruhiye – Não.

Homem – O quê?

Ruhiye – Nós éramos crianças. Você não. [silêncio]

Homem – [suspiro]

Ruhiye – [som de passos]

[trilha sonora]

Homem – [som de choro]

[silêncio]

Sinan – [suspiro] [puxa a descarga] [zíper sendo fechado]

[som de vozes de crianças]

[silêncio]

Sinan – Como isso aconteceu, mãe?

Mãe de Sinan – [respiração pesada]

Sinan – Hm?

Mãe de Sinan – O que você sabe, hein? O que você sabe das coisas, filho?

Sinan – Do que que você ‘tá falando, mãe?

Mãe de Sinan – Muitas outras coisas aconteceram.

*Sinan – Ah, 'tá bom. O que aconteceu, mãe?*

*Mãe de Sinan – Beba seu chá. Não me obrigue a falar disso.*

*Sinan – Fala, mãe. Fala. Em vez de ficar fazendo essa cara, pode falar. Fala à vontade, fala!*

*Mãe de Sinan – O rapaz disse: “Ligue para avisá-lo”. Ele disse que... Isso não é normal. Eu liguei porque ele insistiu.*

*Sinan – Que rapaz é esse?*

*Mãe de Sinan – Ercan.*

*Sinan – Quem é Ercan, mãe?*

*Mãe de Sinan – O filho do vizinho. O filho dele é Ercan. O filho do vizinho.*

*Sinan – O que que o filho do vizinho disse?*

*Mãe de Sinan – Para ligar pra você e avisar.*

*Sinan – Me avisar. Sobre a sua queda? Se o filho do vizinho não insistisse, você não teria ligado.*

*Mãe de Sinan – E, se não fosse o filho do vizinho, eu teria morrido aqui. Sem ninguém saber.*

*Sinan – Mamãe, a gente... A gente já conversou sobre isso. Por que que você insiste nisso? Eu vim. Por que que você 'tá agindo assim?*

*Mãe de Sinan – [suspiro/choro] O seu falecido pai dizia...*

*Sinan – [voz debochada] O que que o meu pai dizia?*

*Mãe de Sinan – [silêncio]*

*Sinan – Oh, mãe? [silêncio] Você começa a droga da frase e não termina? O que que é? Que que o papai dizia? Fala, logo! O que que ele dizia? Eu vim pra cá pra ouvir o que você tem a dizer. Fala logo, pô, fala! Eu vim aqui. Agora você fica com essa cara... com essa cara de merda e não fala nada?*

*Mãe de Sinan – Agora você me desrespeita! Parabéns, filho. Parabéns. Meus parabéns.*

*Sinan – Mãe, por favor, para com isso.*

*Mãe de Sinan – Mal agradecido. Quando tem problema, corre pra cá me pedindo ajuda.*

*Sinan – Mãe, você me ligou, e eu vim.*

*Mãe de Sinan – Eu não conseguia levantar dessa cadeira, mas o Ercan insistiu que ligasse. Só Deus sabe. O rapaz disse: “Mãe, você precisa ligar pra ele. Ele precisa saber”.*

*Sinan – O filho do vizinho? Ele te chama de mãe? O filho do vizinho?*

*Mãe de Sinan – Você fala demais. Não tem vergonha de humilhar sua mãe? Você me chama de tudo quanto é nome. Dei à luz a um cão ingrato. Dou comida, dou carinho, e, mesmo assim, ele vem e me morde. Seu falecido pai... [voz de choro]*

*Sinan – Que se dane meu falecido pai! E o Ercan também.*

*Mãe de Sinan – Vai querer me bater também? Então vem pra se sentir melhor.*

*[som de passos]*

*Sinan – [suspiros]*

*Mãe de Sinan – Eu temperei carne moída. Tira da geladeira, esquenta e não me faça levantar. [silêncio] Fiz pra você. Está me ouvindo?*

*[som da geladeira sendo aberta]*

*Sinan – [suspiro]*

*[som da geladeira sendo fechada, de uma garrafa de refrigerante sendo aberta, de um copo sendo enchido, da garrafa sendo tampada]*

*Mãe de Sinan – Está esquentando? Sinan? [silêncio]*

*[som de passos e de esforço físico]*

*[silêncio]*

Sinan – ‘Tá melhor?

Mãe de Sinan – Estou, filho, estou.

Sinan – [suspiro]

Mãe de Sinan – O que foi, meu filho?

Sinan – Desculpa, mãe. [choro] Por te maltratar. [choro]

Mãe de Sinan – Não tem nada acontecendo na sua vida?

Sinan – Hm? O quê?

Mãe de Sinan – Sei lá. Não conheceu ninguém? [silêncio] Os anos passam muito depressa. Filho, o tempo passa e não volta mais. Meu filho, eu sempre rezo por você. Eu peço a Alá: “Por favor, dê ao meu filho um bom trabalho e uma boa parceira”. Sei que não é meu destino ter netos e não vou viver por muito mais tempo. Mas peço: “Alá, não deixe meu filho sozinho nesse mundo. Que ele tenha uma linda família. Um lar. Tenha filhos”. Só queria que achasse uma boa moça.

Sinan – Ah, meu Deus.

Mãe de Sinan – Ah, você se irrita tão fácil. Não se irrite assim, Sinan.

Sinan – Mãe, por favor, para com isso, vai descansar ‘tá. Eu ‘tô pedindo por favor. Por favor. Eu vou ficar no outro quarto. Me chama se precisar de alguma coisa.

Mãe de Sinan – Comeu a carne moída?

Sinan – Eu não gosto de carne moída, mãe. Meu falecido pai gosta. Gostava.

Mãe de Sinan – O Ercan também gosta.

Enfermeira – Melhoras para o senhor.

Yasin – Eu vou receber alta?

Enfermeira – Provavelmente.

Yasin – Obrigado.

[som de movimentação e da porta sendo fechada]

[silêncio]

[som do celular tocando]

Yasin – Alô?

Ruhiye – Yasin?

Yasin – Ruhiye?

Ruhiye – Sou eu.

Yasin – Ruhiye, eu ‘tô ficando sem bateria. Cadê o meu filho?

Ruhiye – Eu ‘tô ligando pra você não se preocupar.

Yasin – Você ‘tá maluca? Como que eu não vou me preocupar? Cadê o meu filho? Onde você ‘tá?

Ruhiye – Ele ‘tá comigo. Nós estamos bem. Não se preocupe. Nós estamos bem. Não precisa se preocupar. E, se Alá quiser, nós vamos voltar.

Yasin – De onde? Voltar de onde? Alô?

Ruhiye – Yasin? Alô?

Yasin – Alô? Porcaria, eu não acredito que essa porcaria de bateria tinha que acabar agora!

Ruhiye – A ligação caiu. [som do telefone sendo posto no gancho] Eu devo alguma coisa para o senhor?

Senhor – Não, não precisa.

Ruhiye – Louvado seja Alá. Sabe informar quando parte o ônibus para Çanakkale?

Senhor – Ele parte de uma em uma hora.

Ruhiye – *Ismail! Vamos voltar pra casa, filho. Está com saudade da sua irmã? Saudade do papai também? A tia também deve 'tá preocupada. Você 'tá com saudade dela? [riso] O senhor disse de hora em hora?*

Senhor – *De uma em uma hora.*

Ruhiye – *Hm.*

*[som de conversas]*

*[silêncio]*

*[som do trânsito ao longe]*

*[som de passos]*

*[silêncio enquanto Dra. Peri aguarda Meryem]*

*[som de gaivotas]*

*[som de aspirador de pó]*

*[som de casa sendo limpa]*

*[som de aspirador de pó]*

Faxineira – *[suspiro]*

*[som de passos]*

*[som de gaivota]*

Faxineira – *A senhora quer que eu troque a roupa de cama do quarto de hóspedes?*

Feray – *Que quarto?*

Faxineira – *Aquele quarto que é lá perto do banheiro social.*

Feray – *Lá não é o quarto de hóspedes. É o quarto da minha filha.*

Faxineira – *Ah. Quer que eu troque a roupa de cama?*

Feray – *Sim, pode trocar.*

*[som de gaivotas]*

*[som de passos]*

*[som de mar]*

*[som de peru]*

Hilmi – *[imitando o som do peru]*

*[som de passos]*

Hilmi – *Como vai? Que Alá a abençoe.*

Meryem – *Obrigada. Como você está?*

Hilmi – *Melhor agora que vi você. A senhorita.*

Meryem – *Não precisa ser tão formal.*

Hilmi – *Não preciso?*

Meryem – *Não.*

*[som de passos]*

Hilmi – *Está indo pra lá?*

Meryem – *Eu vou pegar um ônibus.*

Hilmi – *Qual deles?*

Meryem – *O primeiro ônibus que aparecer.*

Hilmi – *Não. Que número? O número que fica na lateral.*

Meryem – *24.*

Hilmi – *Entendi. Aquele que vem de Bozhane e desce a avenida Ayazaga, Besiktas e aí passa pea ponte.*

Meryem – *Eu não sei o caminho. Isso é com o motorista.*

Hilmi – *Claro. Se quiser, eu posso te acompanhar até o ponto de ônibus.*

*[som de peru]*

Meryem – *Você não tem que trabalhar?*

Hilmi – *Tenho.*

Meryem – *E...?*

Hilmi – Gosto da sua companhia.

Meryem – Então, vamos. Não quero perder o ônibus.

[som de passos]

[som de álbum de fotos sendo folheado]

Feray – [suspiro]

[som do mar e de gaivotas]

[som de celular tocando]

Peri – Alô, mãe?

Feray – Peri?

Peri – Sim, mãe.

Feray – Está ocupada?

Peri – Mãe, eu estou no hospital trabalhando ainda.

Feray – Eu posso ligar depois então.

Peri – Mãe, pode falar, estou ouvindo.

Feray – Eu estava olhando algumas fotografias.

Peri – Que fotografias?

Feray – Nós tiramos tantas fotos, Peri. Itália, Portugal, lá da casa em Erdek. Eu mandei a faxineira limpar o armário. E aí, quando ela tirou os álbuns, resolvi dar uma olhada. Ah, você nem imagina os lugares em que eu estive. Eu posso enviar pra você. Têm umas fotos lindas aqui.

Peri – ‘Tá eu sei, mãe.

Feray – Escuta.

Peri – Sim, o quê?

Feray – Eu preciso te dizer uma coisa.

Peri – Pode falar, mãe.

Feray – Você estava muito triste quando estive aqui outra noite. Você está melhor?

Peri – Eu estou bem, mãe.

Feray – Peri, o que houve com... você sabe.

Peri – Com o que, mãe?

Feray – Ah, qual é o nome dele?

Peri – Dele quem, mãe?

Feray – Daquele advogado. Aquele com quem você jantou.

Peri – Mãe, por que tocar nesse assunto agora?

Feray – Ah, porque veio à minha mente.

Peri – ‘Tava vendo as minhas fotos de infância e isso veio à sua mente?

Feray – Enfim, esquece que eu perguntei, ‘tá. [para a faxineira] Hazal! Venha aqui pegar a xícara.

Peri – ‘Tá falando comigo, mãe?

Feray – Não, estava falando com Hazal.

Peri – O nome dela não é Hazal. É Reside. Hazal era a anterior.

Feray – ‘Tá bom. Reside. Então, como eu estava falando...

Peri – Mãe, desculpa, mas eu tenho que desligar. Minha paciente chegou.

[silêncio]

Peri – [respiração profunda]

Hilmi – O que aquele tal de Jung diz é muito importante. Ele diz que a vida da pessoa tem duas partes. Ele diz que a primeira parte é um esforço para provar o próprio valor. Ele chama de “ego”, o que outras pessoas chamam de “eu”. Na verdade, para mim, as palavras não significam muita coisa. Já a outra parte, a segunda parte, ele diz que se a pessoa atingir mais ou menos a maturidade e conseguiu atingir o sucesso, aí ele diz que a pessoa passou a se conhecer. E as partes reprimidas da personalidade

da pessoa não fazem mais parte do destino dela. Essas coisas, agora, fazem parte da vida dela. É uma questão de confrontar consigo mesmo. Jung descreve isso como se fosse a sua sombra. Se conhecer, conhecer seu lado obscuro, que todos nós temos. Todos os humanos possuem. Você tem, eu tenho. Hodja também tem. Todo mundo tem. Políticos. Se eles enxergam o seu lado obscuro, cabe a nós enxergar. Vemos um político cedendo ao seu lado obscuro. Enxergamos o lado ruim de um político. Nós entendemos e reconhecemos. Fazemos escolha. [silêncio] É isso.

Meryem – E onde foi que você leu isso?

Hilmi – Li? Não, eu... Eu não sei isso porque eu decorei. Isso é o que eu penso. Desculpe, Meryem, se eu falei demais.

Meryem – Não, eu me referi aos livros que você lê. Parece que você lê bastante. Enfim.

Hilmi – Há muitos recursos espalhados por aí. Acredita que cada município tem a sua própria biblioteca? Algumas grandes, outras pequenas. E, é claro que tem muito conteúdo na internet. Mas tudo isso, toda essa informação útil, as ideias importantes, informações para a humanidade, tudo isso passa como um trem carregado de carvão [imita o som de um trem] e ninguém se dá o trabalho de ver.

Meryem – Ainda bem que você viu.

Hilmi – Eu faço o que posso. É claro, é impossível ler a respeito de tudo.

Meryem – De qualquer forma, não precisa.

Hilmi – Claro, tudo tem... [silêncio] Desculpe. Não precisa... [silêncio] Então, 'tá. Boa viagem para você. Tenha um bom dia.

Meryem – Obrigada. Igualmente.

[som de passos]

[som de Meryem mexendo na bolsa]

[som de passos apressados]

Hilmi – Eu fiz uma coisa para você. Não é nada demais. É um presente.

Meryem – Presente?

Hilmi – Um presentinho. Se quiser aceitar.

Meryem – Ah.

Hilmi – Um presente.

Meryem – Obrigada. Não precisava ter o trabalho.

Hilmi – Não foi nada. Trabalho nenhum.

Meryem – Então, 'tá. Olha, o ônibus está vindo!

Hilmi – É, está vindo. [riso] Ele sai da principal e pega a avenida lateral para Dikili, passa pela estrada da ponte e passa até Kavacik. Fica um pouco lotado à tarde, mas o trânsito flui bem melhor. Depois que você chega a Mollatepe, de lá é só decida. Sem problema nenhum. [som do ônibus] [som da porta abrindo]

Meryem – Ah. [som da porta fechando]

Hilmi – [para si mesmo] O que você é? Aplicativo de trânsito? Parece que ela te pediu a direção.

[trilha sonora]

[som de porta sendo trancada]

Meryem – Doutora! A minha cunhada apareceu, doutora! Ainda não a vimos pessoalmente, mas ela ligou no telefone do meu irmão. Espero que esteja tudo bem, Inshallah. [silêncio] Doutora? Se estiver saindo, não quero atrapalhar.

Dra. Peri – [começa a chorar]

*Meryem – Doutora, o que foi? O que houve?*

*Dra. Peri – [choro]*

*[som de passos]*

*Ismail – Mamãe.*

*Ruhiye – Filho? Ismail! Pode falar. Meu filho! Fala comigo!*

*Ismail – Onde nós vamos? Não vamos voltar pra casa?*

*Ruhiye – Nós vamos voltar sim. Vamos voltar. Mas, antes, vamos dar tchau pra tia Semiha. Depois vamos pegar o ônibus. Hã? Ainda temos tempo, filho! Ai, você tem uma voz linda. [suspiro alegre] Ah, meu menino.*

*[som de beijos] Tagarelano que nem um papagaio, hã? Meu filho papagaio! Vamos! Vamos! Vem cá. Filhote lindo da mamãe. Hã!*

*[trilha sonora]*

## ANEXO H - EPISÓDIO VIII

### Série “8 em Istambul” (Original Netflix Turquia)

*[som de bombom sendo comido]*

*[silêncio]*

*[som do alumínio que o envolvia sendo alisado]*

Ruhiye – Menina!

Meryem – Ai, que isso! Que susto!

Ruhiye – *[risos]* Calma, garota! Não se assusta. *[risos]*

Meryem – Irmã?

Ruhiye – Cadê a Esmã?

Meryem – Irmã, onde você está?

Ruhiye – Eu ‘tô bem aqui, Meryem. O garoto ‘tá com fome. Tem alguma coisa na geladeira? Alguma coisa pra dar pra ele? *[som de Ruhiye mexendo na bolsa]* Pera um segundo. *[som de um pacote sendo retirado da bolsa]* Eu trouxe isso para você, Meryem.

Meryem – Isso... é para mim?

Ruhiye – Vai. Abre.

*[pacote sendo desembulhado]*

Ruhiye – Eu sei que você adora coisas bordadas, né?

Meryem – Eu gostei...

*[som da geladeira sendo aberta]*

Meryem – Posso perguntar pra onde foi, irmã?

Ruhiye – *[silêncio]*

*[som de tigelas sendo colocadas na pia]*

Meryem – Ela se virou e foi embora. Sem dizer uma palavra. Eu juro, é louca. Não é uma pessoa normal. Ela é uma pessoa, não uma pessoa má. Mas ela não é uma pessoa normal, sabe? *[silêncio]* Quando eu penso nisso, ela não é normal. O que ela fez nos últimos dois anos... Esqueça de mim, esqueça do meu irmão... O que ela causou a si mesma. Mas e as crianças? Ela levou o Ismail com ela. Pela estrada. Pra qualquer lugar. Parece que ela não tinha medo, ela ‘tava sozinha. Enfim, ela não é normal.

Dra. Peri – Mas está dizendo que a sua cunhada está melhor, não é?

Meryem – Ela está ótima! Pra começar, ela está falando agora. O que quer que tenha acontecido na cidade fez uma grande diferença. Antes eu sempre tinha que gritar com ela e ela não respondia. Agora ela fala, participa, faz trabalhos domésticos. Meu irmão está aliviado. As crianças parecem mais felizes. O Ismail está falando! Falando sem parar. Na verdade, o diabinho podia falar o tempo todo.

Dra. Peri – Então, talvez tenha sido bom ela fazer uma viagem assim. Pra ela, pra família, pra você, pra as crianças...

Meryem – *[silêncio]*

Dra. Peri – É um ato muito corajoso para ser apreciado.

Meryem – Você diz que ela é corajosa, eu digo que ela é louca. Então, é a mesma coisa.

Dra. Peri – Você acha que todo ato de coragem mostra insanidade?

Meryem – Você sabe que tem uma palavra pra isso? É imprudência. Isso que é, doutora. O que uma pessoa pode fazer com esse tipo de coragem?

Dra. Peri – Meryem, todos temos emoções que nós reprimimos e que não conseguimos compartilhar com nossos entes queridos. Emoções que não podemos experimentar ou falar abertamente. Mesmo com nós mesmos. Isso vale para... todos nós. O que pode levar a problemas de saúde. Todas as emoções reprimidas... Como posso dizer isso?... Da mesma maneira que a água sempre encontra uma rachadura em uma rocha, essas emoções encontrarão essas rachaduras em nossas vidas.

Meryem – Água? Como isso é da água?

Dra. Peri – Conhece a expressão: “A água sempre encontrará as rachaduras...”?

Meryem – Conheço.

Dra. Peri – Nesse sentido, eu usei como exemplo.

Meryem – Eu entendi também.

Dra. Peri – Eu sei.

Meryem – ‘Tava dizendo que quando reprime suas emoções...

[trilha sonora]

Dra. Peri – Durante certos períodos de nossas vidas, podemos nos sentir presos emocionalmente, Meryem. Podemos não saber como expressar esses sentimentos. Todos nós, todos, por diferentes razões, reprimimos emoções em certos períodos de nossas vidas.

[som de roupa sendo estendida]

Dra. Peri – É como se todos os nossos sentimentos tivessem sido colocados em gaiolas e não quisessem ser soltos. E uma vasta inquietação cresce dentro de nós. E não apenas nossos relacionamentos com os outros, como também nossa saúde é afetada. Essas emoções são necessárias e úteis, Meryem. Precisamos nos permitir viver todos os nossos sentimentos e emoções.

[som de criança batendo no vidro do carro]

Dra. Peri – São as pontes que conectam você, eu, todos nós, a descobrir quem realmente somos e entender o que queremos.

[som de Sinan respiração pesado]

Meryem – Como você fala lindamente, irmã.

Dra. Peri – Reprimir nossas emoções cria um fardo... para nós mesmos. Às vezes, esse fardo emocional se torna tão pesado que não conseguimos suportar. E não conseguimos entender como isso afeta negativamente nossa saúde.

Meryem – Meus desmaios, né?

Dra. Peri – [riso]

[silêncio]

Meryem – Existe um cientista chamado Jung, irmã?

[silêncio]

Yasin – Fala “papai”! Fala “papai”!

Ismail – [som de risos] Papai.

[som de respiração pesada de esforço físico]

Yasin – Fala de novo.

Ismail – Papai. Papai.

Yasin – De novo.

Ismail – Papai. Papai. [risos]

Yasin – Alá seja louvado! Olha o meu filho!

Ismail – ‘Tá me fazendo cócegas, para! [risos] Para, papai!

Yasin – Agora eu vou fazer coceguinha em você.

Ismail – [risos]

Yasin – Coceguinha! Olha só, olha só!

Ismail – [risos]

Yasin – Ah, coceguinha! Ai. Cansei. [respiração pesada e risos de Ismail]

Ruhiye – Ismail! Oi, meu amor! Vai lá ver o que a sua irmã ‘tá fazendo.

Yasin – [som de esforço físico]

Ruhiye – Vem aqui. [som de beijo] Vai. [riso] Isso dói? Levantar ele assim? Não deve se esforçar muito.

Yasin – Não, eu ‘tô bem. Não é a primeira vez que levo um golpe.

Ruhiye – Então, conseguiram encontrar a garota? O que a polícia disse?

Yasin – Vão ver as câmeras de segurança. Eles vão procurá-la. Uma hora eles acham.

Ruhiye – Eu quero te perguntar uma coisa.

Yasin – Pergunta.

Ruhiye – Mas não fica com raiva.

Yasin – Vai falar uma coisa que vai me dar raiva?

Ruhiye – [assente positivamente com a cabeça]

Yasin – Por Alá. Anda, pergunta!

Ruhiye – [silêncio] Você... Por que você disse que ele morreu?

Yasin – [silêncio]

Ruhiye – Quando você foi à cidade... pra vender a terra... você voltou... e disse que ele morreu. Você ‘tá bravo?

Yasin – O que deveria ter dito? Eu queria que você parasse de pensar naquilo.

Ruhiye – [silêncio] Você disse pra eu não ficar triste?

Yasin – Você viu aquele cara? Hã?

Ruhiye – [silêncio]

Yasin – Acho que essa é a parte em que fico com raiva, não é, Ruhiye?

Ruhiye – Casou comigo quando eu ‘tava naquele estado. Eu falei sobre a situação. Você se lembra o que me disse?

Yasin – [silêncio]

Ruhiye – Estávamos na casa da minha cunhada, na sacada. Você ‘tava fumando, e depois trocamos votos. Nenhum de nós tinha mais ninguém. Você perguntou se eu fumava e me entregou o maço. Eu disse que fumo quando eu ‘tô estressada. Você disse que... normalmente não comprava maços e...

Yasin – Fumo quando eu ‘tô nervoso.

Ruhiye – Você lembra, não é?

Yasin – [suspiro]

Ruhiye – [voz chorosa] Eu ‘tava com tanto medo, eu te contei e meu coração quase saiu do peito. Você me olhou daquele jeito... Eu nunca vou esquecer isso. Eu nunca vou. Quando você foi embora por um tempo, você costumava ir às festas com o falecido Mustafa. Você foi a Antep uma vez, trabalhar. Nós ainda nem tínhamos o Ismail, você consegue se lembrar disso? Sempre que eu sentia sua falta... Aquele olhar... Você disse: “Enquanto o seu coração for puro...”. Você disse que amava o meu coração. Você disse que precisava do meu coração. [choro]

Yasin – Para, por favor, não chore. Não chore. Só diga o que quer dizer.

Ruhiye – Não, eu não ‘tô chorando por nada de ruim.

Yasin – Ah, para lá, Ruhiye. Fale, mas fale sem chorar. Você tem que aprender a falar sem chorar. Não há motivo para chorar agora.

Ruhiye – [suspiro]

Yasin – Eu ‘tô chorando? Se houver motivo pra chorar, diga e vamos chorar juntos. [silêncio] Eu chorei quando o negócio deu errado? Chorei

quando tivemos que vender o que tínhamos? Chorei quando a minha linda esposa enlouqueceu? Se tiver motivo pra chorar, diz, e a gente chora junto. Não podemos ter um momento de paz nessa vida, Ruhiye, nessa curta vida? Meu pai dizia que você só tem paz na sepultura. É assim? Se for, eu não quero mais saber de viver. Eu 'tô te perguntando: tem alguma necessidade disso? Se tiver, me diz! Eu não consigo suportar ver lágrimas nos seus olhos, Ruhiye. Você já 'tá seca por dentro, chega de lágrimas. Louvado seja Alá. Temos dois filhos. Eles são saudáveis e inteligentes. E o nosso filho já 'tá falando. Eles estão pagando bem por esse trabalho noturno. É temporário, eu não vou ser segurança pelo resto da minha vida. E, quando as coisas melhorarem, eu vou abrir a minha oficina. Vou pendurar a placa do meu falecido pai na porta. Eu juro, vai ser muito legal. E Meryem vai encontrar um cara legal pra se casar.

Ruhiye – Inshallah.

Yasin – Graças a Alá, nós não temos problemas.

Ruhiye – É...

Yasin – Mas se nós tivermos...

Ruhiye – Não temos...

Yasin – ... então, por favor, me diga!

Ruhiye – ... desde que vocês esteja ao meu lado.

Yasin – Mulher, eu 'tô com você. Há sete anos. Na sacada da sua cunhada, eu decidi carregar minha cruz. [voz chorosa] Enxuguei as suas lágrimas, apaguei meu cigarro, e fizemos nossos votos e trocamos alianças. Desde então eu estive ao seu lado. Foi você que se fechou nos últimos dois anos. Você guarda sua própria dor. Você... Você não consegue extravasar por algum motivo. Quando você vai superar isso? Já 'tá na hora. É uma pena pra nós, pras crianças, mas, acima de tudo, pra você. Não faça isso, olhos escuros, não faça. [silêncio] [suspiro]

Ruhiye – [suspiro] Quer uma massagem?

Yasin – Sério?

Ruhiye – É claro! Vem aqui, vem! [suspiro]

[trilha sonora]

Yasin – [choro]

Melisa – Ficou boa?

Mulher 1 – Obrigada.

Melisa – De nada.

Mulher 2 – Você poderia tirar uma com a gente também?

Melisa – Claro.

Mulher 2 – Obrigada!

Melisa – Não foi nada. [para Peri] E aí?

Peri – Estou bem. E você?

Melisa – Fiquei surpresa por você ligar.

Peri – Por quê?

Melisa – As coisas ficaram meio tensas da última vez. Achei que não quisesse me encontrar.

Peri – [riso] Que vergonha.

Melisa – E aí, o que aconteceu com aquela garota?

Peri – Qual garota?

Melisa – A sua... paciente.

Peri – A Meryem.

Melisa – O nome dela é Meryem? Você nunca me disse antes. Ela levou salgados pra você?

Peri – Eu não deveria divulgar o nome dela. O que eu estou fazendo agora não é certo.

Melisa – Olha só, eu cometo os meus maiores medos quando ‘tô tentando fazer a coisa certa. Eu não me incomodo com essas coisas. Se eu estou certa ou errada, dane-se! Se está tudo bem com ela, se foi criada uma conexão, ótimo! No final, não era tudo isso que você queria?

Peri – Aham. Criamos uma conexão. Eu tive que me esforçar, mas conseguimos.

Melisa – [riso]

Peri – E sobre o que você disse na outra noite, eu quero agradecer. E fiquei um pouco assustada quando enviei a mensagem pra você.

Melisa – Por quê?

Peri – Eu não sei. Não sabia como você reagiria.

Melisa – E como eu reagiria? Diria: “Você é louca”?

Peri – E como você está? Está tudo bem?

Melisa – Tudo bem. A audiência da série está ruim. Vão encerrar a série daqui a um ou dois episódios. Daí eu caio fora.

Peri – Para onde?

Melisa – Talvez pras montanhas. Um hotel em Tuncel. Um lugar onde eu possa relaxar. Talvez Kas, eu ainda não decidi.

Peri – Você vai sozinha?

Melisa – Sim, vou. Se eu for pro Kas, vou encontrar amigos lá. Ou talvez eu vá pra Gumusluk. Tenho meu amigo Nejat em Gumusluk. Quero dizer, ele é um amigo e, você sabe, talvez eu apreça lá. [risos] Vamos ver. Só preciso terminar essa série. Antigamente uma série continuava se fosse boa. E agora as ruins são apreciadas pelo público. Eu entrei nessa pensando em um roteiro de merda, então as pessoas vão adorar, vou poder economizar um dinheiro. Mas a audiência caiu. [silêncio] Oi? Você ‘tá aí?

Peri – Ah, me desculpe!

Melisa – Só ‘tô contando porque perguntou.

Peri – Desculpe mesmo. Eu vi a série, a propósito.

Melisa – Hm. É mesmo.

Peri – Como você disse a série é um pouquinho... Mas você é ótima. Mesmo! Fiquei impressionada. E todo mundo parece que gosta.

Melisa – Eu estou dizendo, quanto pior, maior a audiência.

Peri – Não, estou dizendo de você, não da série. Quero dizer, você é uma atriz muito boa. As pessoas gostam do seu trabalho. E, quando digo que te conheço, elas acham o máximo.

Melisa – [riso] É sério isso?

Peri – Sério, claro! É verdade!

Melisa – [risos]

Peri – É sério!

[trilha sonora]

[som de porta sendo aberta]

[som da gaveta sendo aberta]

[silêncio]

[Sinan cheirando e chorando com o lenço de Meryem]

Sinan – [choro]

[trilha sonora]

[som de talheres]

[som de uma refeição sendo feita]

Hayrunnisa – O senhor quer mais chá, pai?

Hodja – Não, filha, já chega. Você está pronta? As malas estão feitas, filha?

Hayrunnisa – Estou pronta.

Hodja – Ótimo. A que horas o seu ônibus sai?

Hayrunnisa – Ainda tenho tempo. Ele sai às onze.

Hodja – Então está bem. É, então, está bem. Está bem, então. Me liga quando chegar lá?

Hayrunnisa – Claro! Como que eu ia esquecer.

Hodja – Liga pra mim, querida. Ligue. Então, está bem.

[som de talheres]

Hodja – [suspiro] ‘Tá bem.

[som de porta sendo aberta]

Hodja – Hayrunnisa, você está pronta? [silêncio] Filha, vamos nos atrasar! Vamos pegar trânsito.

[som de passos]

Hodja – O que houve, filha? Vamos lá, está pronta?

Hayrunnisa – Estou pronta, pai.

Hodja – Vamos lá, nós vamos sair, está pronta pra sair de casa?

Hayrunnisa – [silêncio] [suspiro] Estou pronta pra sair de casa, papai.

[sem o lenço cobrindo a cabeça/os cabelos]

[silêncio/trilha sonora]

[som do ônibus saindo]

Meryem – O Hodja não está?

Hilmi – [assustado] Meryem.

[som de passos]

Hilmi – Bem-vinda.

Meryem – Obrigada.

Hilmi – Nosso Hodja foi embora.

Meryem – Como assim?

Hilmi – Trancou a casa. Ele me deixou a chave... só por precaução. Eu perguntei: “Hodja, quando volta, com a graça de Alá?”.

Meryem – E aí?

Hilmi – Eu juro que não entendi. Ele apenas disse: “A paz esteja com você, filho”.

Meryem – Ah, por Alá, o Hodja.

Hilmi – Hodja...

Meryem – Hodja Ali Sadi.

Hilmi – Hodja Ali Sadi. Foi hoje pela manhã.

Meryem – Inshallah. Tudo ficará bem.

Hilmi – Você estava... procurando por ele?

Meryem – Não, só estava perguntando. [silêncio]

Hilmi – Perdoe-me aquele dia, Meryem.

Meryem – Que dia?

Hilmi – Quando conversamos.

Meryem – E...?

Hilmi – Eu falei demais sobre como você vai daqui para lá. Quer dizer, o ônibus. Quando estávamos nos despedindo, você estava... entrando no ônibus, e eu falando sem parar. Eu não conseguia parar. Eu sinto muito.

Meryem – Você falou sem parar e é você que se sentiu mal?

Hilmi – [riso] Isso mesmo. E eu tinha acabado de lhe dar um presente. Eu fiquei muito zangado comigo mesmo. Eu deveria ter dado a você e saído. E eu falei e falei tudo que vinha à minha mente. Apenas saí falando.

Meryem – Eu ia tocar nesse assunto.

Hilmi – Qual assunto?

Meryem – Você falou do presente que me deu.

Hilmi – Ah, Meryem... Se... Se eu a deixei desconfortável... Eu...

Meryem – Não é nada disso.

Hilmi – Meryem, acredite, eu nunca... Por favor, não devolva... Oh céus...

Não faça isso. Eu estou tão envergonhado. Desculpe.

[som de Meryem tirando um embrulho da bolsa]

Meryem – Aqui.

Hilmi – [silêncio]

Meryem – É um presente.

[som de presente sendo desembulhado]

Meryem – Incrível. Está sem palavras. [silêncio]

[som de passos]

[silêncio]

[som de animais]

[som de água]

[som de animais]

[silêncio]

[som de passos]

[som de fogo]

[som de algo sendo riscado]

[som de carro]

Homem – [saudação em turco]

Hodja – [saudação em turco]

Homem – Eu estava procurando o parque.

Hodja – O parque é mais pra cima.

Homem – Acho que acabei me perdendo.

Hodja – Você devia ter pego a estrada de cascalho. Está bem longe daqui.

Homem – Ah, que droga! Como posso chegar lá a partir daqui?

Hodja – Vai ter que voltar e seguir a placa. Lá no início da estrada.

Homem – Obrigado, e aproveite a sua comida.

Hodja – Por favor, vamos comer junto, se você não estiver com pressa.

Homem – Não, obrigado, eu estou satisfeito.

Hodja – Eu acabei de fazer um chá. Aceita?

Homem – Eu não recusaria um chá. Esqueci de trazer água e minha boca está seca.

Hodja – Ótimo, irmão. Estacione o carro e venha comigo.

[som do carro]

Hodja – Você bebe com açúcar?

Homem – Não.

[som da porta sendo fechada]

Homem – Que carro lega.

Hodja – Eu trouxe da Alemanha em 1942. Cuido dele melhor do que de mim mesmo.

Homem – É muito legal.

Hodja – Você gosta forte?

Homem – Apenas normal.

Hodja – Não, obrigado, eu não fumo. Nunca fumei.

*Homem – Então eu também não vou fumar. As crianças estão sempre me dizendo para parar de fumar, mas como eu vou fazer isso? Eu não consigo. Você deve ter filhos, não é?*

*Hodja – Eu tenho uma filha.*

*Homem – Ah, Alá abençoe.*

*Hodja – Amém. Que Alá abençoe a todos. Ela está estudando Economia em Konya. Eu tenho uma foto dela. Essa aqui do lado é a mãe dela.*

*Homem – Bela família.*

*Hodja – A perdemos no ano passado.*

*Homem – Minhas condolências.*

*Hodja – Muito obrigado.*

*Homem – Que Alá abençoe você e sua filha. Também perdi minha primeira esposa. Faz 10 anos. Ela teve um problema nas veias. Ela fez uma cirurgia, e eles resolveram o problema. Mas aí ela teve uma embolia, e nós a perdemos.*

*Hodja – Que Alá lhe conceda paz.*

*Homem – Sua filha e a mãe dela tem os mesmos olhos.*

*Hodja – Não, os olhos... Sim... Na época, uma médica nos deu a ideia. Minha esposa não estava engravidando. Ela tinha problemas de saúde. Então adotamos minha filha. Adotamos. A médica disse: “Os olhos de sua esposa são azuis, por isso pode ser mais fácil se você escolher uma criança com os olhos azuis também. Assim, a criança nunca suspeitará de nada, não é?”*

*Homem – Entendi. Qual a idade dela?*

*Hodja – Vai fazer 23 anos em março.*

*Homem – E ela sabe disso?*

*Hodja – Não, ela não sabe. Quando ela completou 18 anos, minha mulher e eu discutimos se contaríamos ou não. Mas, na hora, eu não consegui. Eu não consegui, então, ficou tudo como estava. Mas ela é minha filha. Ela é adotada, mas nunca a vimos assim. É, então, se ela fosse minha própria filha, não sei se a amaria tanto. [silêncio] [suspiro] [trilha sonora]*

*[som de trânsito]*

*[som do elevador, das suas portas sendo abertas, da trilha sonora, das portas abrindo]*

*[som de passos]*

*[som da bolsa sendo remexida]*

*[som de chaves]*

*[som da porta sendo aberta e fechada]*

*[som de passos]*

*[som dos calçados sendo trocados]*

*[som do armário sendo fechado]*

*[som da porta sendo aberta, mas está trancada]*

*[som do chuveiro]*

*[som da louça sendo lavada]*

*[som das coisas sendo guardadas]*

*[som de passos]*

*[silêncio]*

*[som da bolsa sendo aberta]*

*[som de um bombom sendo pego e desembulhado]*

*[som de uma caixinha com um anel de noivado sendo aberta e fechada]*

*Meryem – [suspiro assustado] [desmaia]*

*[som da porta sendo aberta e fechada]*

*Sinan – Meryem? Meryem! Meryem! Meryem? Meryem? Ai meu Deus.*

*[som de passos apressados]*

*[som da porta sendo aberta]*

*Meryem – [suspiro] [mexe no embrulho de alumínio] [respiração pesada]*

*[suspiro de felicidade enquanto olha para o anel e, em seguida, para a câmera]*

*[trilha sonora]*